



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Joana Rita Pereira Ramos

O PEREGRINO EM SICÓ  
APOIOS NA ROTA CARMELITA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Adelino Manuel dos Santos Gonçalves  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2023



# O PEREGRINO EM SICÓ

APOIOS NA ROTA CARMELITA

Joana Rita Pereira Ramos

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientação do Professor Adelino Gonçalves

Departamento de Arquitetura - FCTUC | Julho de 2023



FACULDADE DE  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

DARQ



Universidade  
de Coimbra  
Faculdade de Ciências e Tecnologia



PA TRI NO NICO  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Petróleo  
do Instituto de Engenharia de Energia e Ambiente  
do Departamento de Engenharia de Energia e Ambiente  
da Universidade de Coimbra

O presente trabalho segue a norma bibliográfica APA (American Psychological Association) 7ª edição. Para uma melhor compreensão do projeto, propõe-se o acompanhamento da leitura com os desenhos presentes em anexo.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio e sacrifício que tornou possível a concretização deste sonho, em especial à minha mãe.

Às minhas amigas, companheiras de estudos e de estágios, pelas memórias, partilhas e conselhos que guardarei para sempre!

À Rita, por ser o exemplo a seguir desde que entrei no D'Arq e pelo apoio incondicional.

Aos meus avós e restante família, por serem o meu maior suporte.

Ao Professor Adelino Gonçalves, pela orientação e incentivo constantes.

Ao Nina pelas palavras reconfortantes e soluções mágicas.

A todos o meu eterno agradecimento!





## RESUMO

Devido ao despovoamento, o espaço português tem vindo a padecer ao longo das últimas décadas. Intensificaram-se as assimetrias no território nacional: é notório o desenvolvimento do litoral, povoado e jovem, enquanto o interior apresenta degradação e elevado número de áreas de baixa densidade populacional. A partir da crescente consciencialização para a necessidade de desenvolvimento destas áreas, existe a necessidade de criar estratégias que valorizem e reforcem a integração territorial de núcleos urbanos no espaço rural, surgindo, por isso, ensaios, como este, que caracterizam estes territórios e propõem soluções para evitar a sua desvitalização.

O problema científico tratado tem em vista o desenvolvimento da região de Sicó. Partindo de um Plano Integrado de Intervenção, a Terras de Sicó - Associação de Desenvolvimento - traça uma estratégia que visa o reforço da atratividade do seu território de ação através da criação da Rede de Aldeias de Calcário [RAC]: Ariques (Alvaiázere), Chanca (Penela), Casmilo (Condeixa), Granja (Ansião), Poios (Pombal) e Pombalinho (Soure). Trata-se de um território de baixa densidade, com muitos e pequenos núcleos desprovidos de serviços de proximidade, mas onde se preservam saberes e tradições com valor social e cultural. Para as aldeias da RAC defende-se afirmação da centralidade do rural e a criação de um projeto de urbanidade que enalteça o valor dos habitantes, as necessidades de cada aldeia e futuros residentes, e que valorize ainda o património construído vernáculo de Sicó.

Como forma de integrar as aldeias da RAC na região, esta dissertação assenta numa estratégia de apoio ao peregrino em Sicó no sentido de valorizar uma das rotas locais, a Rota Carmelita, que se inicia junto do memorial da Irmã Lúcia, no Carmelo em Coimbra, passando por três das aldeias da RAC – Rabaçal, Granja e Ariques – e termina em Fátima. A proposta procura potenciar as relações existentes entre as aldeias, ao mesmo tempo que pretende responder às necessidades dos peregrinos durante a sua jornada.

Desta forma, são definidos programas de investimento dedicados ao apoio aos peregrinos nesta Rota e que se materializam em construções em duas das aldeias em estudo: Ariques e Granja. Estas construções pretendem ser exemplo de boas práticas de construção nestas áreas enquanto valorizam a arquitetura vernacular da região.

### **Palavras-chave:**

Paisagem Cultural, Arquitetura Vernacular, Peregrinação, Rota Carmelita, Rede de Aldeias de Calcário



## ABSTRACT

The Portuguese rural space has been decaying over the last few decades. The signs of depopulation have consequently intensified the asymmetries in the national territory: the coast is more developed, industrialized, populated and younger; meanwhile the interior has increasingly more areas of low population density. Based on the growing awareness of the need to develop strategies that value and reinforce the territorial integration of urban centres in rural areas, essays such as this one arise, which result from the problematization of low density territories and provide strategies to prevent their devitalization.

The scientific problem addressed aims the development of the region of Sicó. Based on an Integrated Intervention Plan, the “Terra de Sicó”, a local development association, planned a strategy, which intends to strengthen the attractiveness of its territory of action through the creation of the “Rede de Aldeias de Calcário” [RAC- Limestone Villages Network]: Ariques (Alvaiázere), Chanca (Penela), Casmilo (Condeixa), Granja (Ansião), Poios (Pombal) and Pombalinho (Soure). This is a territory of low density, with many small villages are deprived of proximity services, but where knowledge and traditions with social and cultural value are preserved. For these RAC villages is stated the affirmation of the rural centrality and the creation of an urban project that enhances the value of the inhabitants, takes care of the needs of each village, as well as future residents, and also values the vernacular built heritage of Sicó.

In order to integrate the RAC villages in the region, this dissertation is based on a premise to support the pilgrims in Sicó and aims to value one of the local routes, the “Rota Carmelita”. This route begins near the memorial of Sister Lúcia, in Carmelo Coimbra, passing through three of the villages of the RAC – Rabaçal, Granja and Ariques – and ends in Fátima. The proposal seeks to enhance a unique feature of the territory – the existing relationships between the villages – while aiming to meet the needs of pilgrims during their journey.

Hence, investment programs dedicated to support pilgrims are defined, while considering their needs along the route. They are also materialized in constructions in two of the villages under study: Ariques and Granja. These constructions are good examples of constructions’ good practises since they value the vernacular architecture of the region.

### Keywords:

Cultural Landscape, Architecture Vernacular, Pilgrimage, Rota Carmelita, Limestone Villages Network



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
I. PROBLEMA	35
Espaço rural: despovoamento e incapacidade de transformação	37
Viver e (re)visitar o rural: políticas e programas	43
O turismo e as peregrinações a locais de culto	51
II. CONTEXTO	55
Sicó: território, valores e comunidade	57
Rede de Aldeias de Calcário	71
Arquitetura vernacular de Sicó	77
Rota de peregrinação enquanto fator de desenvolvimento em Sicó	91
III. PROPOSTA	105
Aldeias de Calcário: uma visão e uma proposta de desenvolvimento	107
Ariques	119
Ariques Integra - Plano de Ação	127
Complexo Abrigo Carmelita	135
Granja	153
Cohousing e Coworking - Plano de Ação	157
Unidade de cuidados de saúde de Granja	161
Capela de Nossa Senhora da Orada	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
ÍNDICE DE FIGURAS	187
ANEXOS	197



## LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

ACF	Associação de Caminhos de Fátima
ADCM	Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego
ADSICÓ	Associação de Desenvolvimento Terras de Sicó
ARU	Área de Reabilitação Urbana
CCDRC	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Centro
DARQ	Departamento de Arquitetura
DOP	Denominação de Origem Protegida
EAV	Equipamento de Apoio à Visitação
FCTUC	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
ICOMOS	Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios
MIA	Mestrado Integrado em Arquitetura
ORU	Operação de Reabilitação Urbana
PDR	Plano de Desenvolvimento Regional
PNPOT	Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território
PNCT	Programa Nacional para a Coesão Territorial
PVI	Programa de Valorização do Interior
RAC	Rede de Aldeias de Calcário
UC	Universidade de Coimbra
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



Rua  
Castelo



# INTRODUÇÃO

“É necessário prosseguir uma intervenção que assuma a centralidade do rural, recuperando algumas das realidades sociais e económicas que ainda o caracterizam, procurando a sua afirmação numa estratégia de desenvolvimento, renovada e renovadora, e contrariando as adversidades.”

(ANIMAR, 2013, p. 12)



A presente dissertação insere-se no conjunto de teses elaboradas no âmbito da iniciativa *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* um projeto-ação que congrega a Universidade de Coimbra [UC], através do Departamento de Arquitetura da FCTUC (DARQ), e a Terras de Sicó, Associação de Desenvolvimento [Terras de Sicó], em torno de um Protocolo de Colaboração Institucional celebrado entre ambas as partes em junho de 2020.

No âmbito desta iniciativa, pretende-se cumprir o objetivo previsto no Protocolo<sup>1</sup> e a “realização de atividades em domínios de interesse comum que produzam indicadores de investigação, desenvolvimento e inovação (I&DI) nas temáticas do Ordenamento do Território, Urbanismo, Arquitetura, Construção e História”. Entre essas atividades contam-se os trabalhos desenvolvidos em torno da Rede de Aldeias de Calcário, um projeto de valorização turística criado pela Terras de Sicó em 2019, inicialmente pelo conjunto de estudantes do Mestrado Integrado em Arquitetura [MIA] no contexto da disciplina de Atelier de Projeto IIC, no ano letivo 2020/2021, e seguidamente enriquecida com as propostas do conjunto de estudantes de Atelier de Projeto ID (2021/2022) e Atelier de Projeto IID (2022/2023).

Dada a natureza do referido Protocolo e as partes que envolve, esta ação reúne, além da UC e a Terras de Sicó, várias entidades públicas. Desde logo as Câmaras Municipais de Alvaiázere, Ansião, Condeixa, Penela, Pombal e Soure, que são parceiros da Terras de Sicó em virtude de a sua área de atuação intersestar o território destes seis municípios. A estas entidades somam-se outras, cujo envolvimento na iniciativa *De volta ao rural* se deve à pertinência do seu foco da sua atuação para os trabalhos desenvolvidos, nomeadamente as Juntas de Freguesia relativas à Rede de Aldeias de Calcário, o Museu Monográfico de Conimbriga, a Rede de Castelos e Muralhas do Mondego, entre outras.

Os trabalhos desenvolvidos, sob coordenação do Professor Doutor Adelino Gonçalves, contam ainda com o envolvimento de vários docentes e investigadores da Universidade de Coimbra [UC] e estudantes do Mestrado em Reabilitação Urbana Integrada da Universidade de Coimbra, e apostam num pensamento crítico de desenvolvimento dos territórios de baixa densidade do interior, tendo o maciço de Sicó como caso de estudo.

Em Portugal, o interior tem vindo a sofrer há décadas com a falta de investimento e da criação de políticas adequadas ao território que consigam reverter ou, pelo menos, minimizar os efeitos nocivos da migração para os centros urbanos e para o estrangeiro. Esta falta de capacidade de fazer face aos problemas do interior reflete-se, pois, no declínio demográfico e todos os seus impactos, nomeadamente no abandono de muito do parque edificado, sobretudo habitacional, no abandono de terrenos e na desvalorização da agricultura, com consequências preocupantes, como as vagas de incêndios em grandes áreas de floresta.

---

<sup>1</sup> Em anexo, uma cópia do Protocolo.



Mas além deste tipo de prejuízos decorrentes do despovoamento do interior, merece ainda especial referência outro tipo de perdas: a de património(s), saberes e tradições, que parece esvaziar o “espaço rural” de argumentos diferenciadores do “espaço urbano”, importantes para o seu próprio desenvolvimento.

Nas últimas décadas o problema do interior intensificou-se “...com o encerramento de serviços, isto é, com a descapitalização dos lugares e aldeias” (ANIMAR *et al.*, 2013, p. 13). A organização de serviços de interesse coletivo, desde a saúde, à educação e à ação social, foi reorientada no sentido da sua concentração nos centros urbanos mais próximos, tornando mais viável a fixação de pessoas nos espaços urbanos e mais difícil nos restantes.

Todos estes fatores influenciaram no passado e continuam a influenciar no presente, a forma como se encara o rural. As áreas rurais são tidas como aquelas caracterizadas pela baixa densidade populacional e que comumente se associam às atividades agrícolas ou agropecuárias, como se não existisse qualquer outro tipo de atividade económica. Além disso, são conotadas como envelhecidas e estagnadas em termos culturais.

No fundo, o rural é correntemente reconhecido como toda a área que existe para além dos limites das grandes áreas metropolitanas e cidades, baseada numa relação de oposição entre este e o espaço urbano. Porém, os espaços rurais e os espaços urbanos não podem hoje ser lidos separadamente, sendo fundamental compreender e desenvolver as dinâmicas de complementaridade entre ambas as realidades.

Em Portugal, na década de 1980, começaram a ser desenvolvidas ações que, com o objetivo de revitalizar as áreas rurais do interior, pretendiam alterar o paradigma do seu desenvolvimento. Para João Ferrão (2000, p. 47), corresponde à “invenção do mundo rural não agrícola” com a atribuição de um novo significado ao rural através da atribuição de valores socioculturais associados à defesa do ambiente e da valorização do(s) património(s) das aldeias, essencialmente como forma de atrair visitantes.

No entanto, as medidas tomadas seguindo este rumo de “turistificação” não obtiveram os resultados desejados, não sendo capazes de atrair novos moradores ou de convencer os jovens a voltarem à terra.

Com este enquadramento, a reflexão desta dissertação surge no âmbito da crescente consciencialização para a necessidade de estratégias que valorizem e reforcem a integração territorial de núcleos urbanos no espaço rural, de modo a fixar e atrair novos moradores para estas áreas de baixa densidade.

Posto isto, surgem ensaios, como este, que resultam da problematização dos territórios de baixa densidade e preveem estratégias para fazerem face à sua desvitalização, baseadas numa “visão holística e integrada do território, para melhor definir as ações e projetos a levar a cabo para atenuar as disparidades entre regiões” (Gonçalves, 2021).



A iniciativa *De volta ao rural*, que serve de mote para esta dissertação, tem como território de ação o maciço de Sicó e um conjunto amplo de objetivos, entre os quais o objetivo central que consiste na criação de propostas de intervenção no espaço físico e no quadro socioeconómico de um conjunto de aldeias que compõe a Rede de Aldeias de Calcário.

Para cada uma das aldeias foi traçada uma estratégia de desenvolvimento através de Planos de Ação e que vem densificar as propostas do grupo de estudantes da turma de Atelier de Projeto IIC (2020/2021), baseadas numa visão do maciço de Sicó como uma cidade-região, ou seja, numa perceção em rede do sistema urbano de Sicó, proposta pelo mesmo grupo.

Para a Rede de Aldeias de Calcário foi delineada uma estratégia global, intitulada *Aldeias de Calcário: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência*, visando o reforço da atratividade das aldeias para a visitaçao e fixaçao de pessoas. Por sua vez, foram elaborados para cada aldeia, os referidos Planos de Ação, que preveem a instalaçao de novos programas funcionais e requalificaçao do sistema de espaço público, com o intuito de reforçar a urbanidade do sistema urbano de Sicó.

Seguindo os princípios já mencionados para esta região, a presente dissertação analisa como podem as estratégias de apoio ao peregrino contribuir para a valorização de pequenos núcleos em espaço rural e, desse modo, para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade. Com base nessa análise, é feita uma proposta plural para o caso do maciço de Sicó, que incide em duas aldeias da Rede de Aldeias de Calcário e se traduz em projetos com diferentes valências e programas relacionados com a peregrinação em Sicó.

Contudo, existem outros aglomerados de baixa densidade igualmente atravessados por outras rotas, nomeadamente turísticas, mas os benefícios que proporcionam não têm impedido a sua progressiva desvitalização. Então, podem os Caminhos de peregrinação contribuir para o aumento da atratividade do território? Em particular, pode a Rota Carmelita contribuir para a valorização de Sicó? Como?

Com estas preocupações, são propostos apoios ao peregrino na Rota Carmelita, a partir da vontade de desenvolver as aldeias de Ariques e Granja e dar conforto aos peregrinos que por aqui passam. Os respetivos projetos seguem, como diretrizes fundamentais, as ideias de “integração” e de “reflexão” inerentes ao caminhar e posicionam-se como motor de desenvolvimento desta Rota, enquanto pretendem igualmente valorizar a paisagem cultural de Sicó e reforçar a atratividade das Terras de Sicó.

Deste exercício resultam propostas que estimam as interações entre o homem e o natural, e que pretendem ser exemplo de boas práticas de construção nestas áreas, com a preocupação da valorização da arquitetura vernacular e da melhoria da qualidade global do espaço físico de pequenos núcleos em espaço rural ou agroflorestal. Com base na convicção de esta qualidade e o património construído vernacular se contarem entre as principais forças destes lugares, acredita-se



Figura 1. Reconhecimento do território - Ariques, 2021. Joana Ramos ©



que podem ser o elemento de ligação entre o passado e o futuro, e contribuir para a valorização destes pequenos e médios aglomerados em espaço rural.

## Estrutura

Esta dissertação organiza-se em três partes, antecedidas por uma introdução e concluída com as considerações finais. A primeira parte do corpo da tese – PROBLEMA – é dedicada à discussão do(s) problema(s) e desafios do rural, nomeadamente o despovoamento, a degradação do parque edificado e o envelhecimento da população. Portanto, aqui é apresentado o Problema tratado, que diz respeito à fragilidade dos territórios de baixa densidade, identificando a incapacidade de medidas de política para minimizar os danos ao longo do século XX, em virtude da sua natureza *top-down*.

Deste modo, esta parte também expõe a necessidade de essas mesmas medidas de política deverem basear-se nas características dos lugares, ou seja, serem *bottom-up* e tirarem partido de recursos endógenos e de outros fatores distintivos, como são os casos das rotas pedestres, nomeadamente os caminhos de peregrinação.

Assim, esta parte é composta por três capítulos, com o primeiro dedicado aos problemas do espaço rural e a incapacidade de se regenerar. Por sua vez, o segundo capítulo intitulado *viver e (re)visitar o rural: políticas* trata os programas de desenvolvimento criados no território de forma a torná-lo apelativo a quem nele habita e quem o quer visitar. Por fim, o terceiro capítulo aborda as rotas de peregrinação e a forma como contribuíram e contribuem para o desenvolvimento dos lugares.

A segunda parte concentra-se na apresentação do – CONTEXTO – ao qual é dedicada a dissertação e sintetiza a informação crítica relativa às forças e fraquezas do território do maciço de Sicó. Esta parte é igualmente dividida em três capítulos, com o primeiro a explorar as características das terras de Sicó, sumariando as suas forças, desde o(s) seu(s) património(s) natural e cultural, até às comunidades da sua rede de aldeias, fundamentais para a compreensão do território e da proposta. O segundo capítulo é dedicado à Rede de Aldeias de Calcário, analisando o seu nível de integração no território, as suas fraquezas e as suas forças abordando, claro a arquitetura vernacular construída em pedra calcária, e que torna singular a construção das terras de Sicó. O terceiro capítulo analisa as rotas de peregrinação existentes em Sicó e indaga como estas podem contribuir para o desenvolvimento deste território.

Por fim, a terceira e última parte – PROPOSTA – defende uma resposta para os problemas do território, justificando a pertinência do projeto, e divide-se também em três capítulos. O primeiro explica a estratégia global para a Rede de Aldeias de Calcário [RAC], enquanto o segundo e terceiro capítulos são dedicados às aldeias que integram a estratégia proposta de apoio ao peregrino, Ariques e Granja, apresentando para cada uma delas o respetivo Plano de Ação e os



Figura 2. Peregrinos na Rota Carmelita. Percurso entre Condeixa-a-Nova - Rabaçal.  
Fonte: <https://caminhosdefatima.com/caminhos/rota-carmelita>

projetos propostos.

Deste modo, esta parte apresenta de forma detalhada a estratégia individual, que parte de uma análise do território como um todo e que se baseia na valorização da Rota Carmelita, entendida como um recurso para o desenvolvimento integrado da região. Para isso, são propostos programas de apoio ao caminhante nestas duas aldeias que são atravessadas pela Rota Carmelita, programas que podem servir também a comunidade local e outros visitantes.

O segundo capítulo dedica-se à aldeia de Ariques e desenrola-se em dois subcapítulos. O primeiro explica o Plano de Ação, o qual estabelece o conceito “**integrar**” como palavra-chave das propostas para a aldeia, e o segundo apresenta o projeto do Abrigo Carmelita, um complexo multifuncional de apoio ao peregrino em Ariques. Este segundo subcapítulo faz uma análise do contexto e apresenta o projeto do complexo, que prevê a construção de edifícios novos e a reabilitação de edificado existente para serviços de receção e administração, ambos com a preocupação de intervir de uma forma sensível aos valores de conjunto que emergem da arquitetura tradicional.

No fundo, esta é uma das grandes premissas da intervenção no território e que é comum à aldeia de Granja, apresentada no terceiro capítulo desta parte, seguindo a mesma ordem de ideias do capítulo anterior. Inicialmente, é apresentado o Plano de Ação da aldeia, com o mote *Cohousing e Coworking*, e de seguida as propostas da Unidade de Cuidados Básicos de Saúde de Granja e a intervenção na Capela de Nossa Senhora da Orada, respeitantes à valorização da Rota Carmelita aqui proposta.

Com base na leitura do contexto, a estratégia de apoio ao peregrino em Sicó defendida nesta dissertação, procura responder a questões dos territórios de baixa densidade através da arquitetura. Por um lado, criando estruturas de apoio ao peregrino sediadas em Ariques e em Granja, e que pretendem contribuir para a valorização do território e da marca calcário, por outro, potenciando relações entre as aldeias e o sistema urbano de que fazem parte, criando urbanidade no espaço rural.

## Método

A realização da presente dissertação decorreu de uma série de trabalhos e atividades de modo a **compreender** criticamente o território, **refletir** sobre o Problema e o contexto propostos pela iniciativa De volta ao rural, **propor** soluções que densifiquem e valorizem o seu território de ação e, por último, **discutir** as propostas com representantes da Terras de Sicó e das Câmaras Municipais parceiras da associação, com moradores das aldeias e com docentes e investigadores da Universidade de Coimbra e outras instituições de ensino superior:

O primeiro contacto com os problemas do território, em particular do maciço de Sicó, teve lugar com a apresentação do tema de Seminário de Investigação<sup>2</sup>, homónimo da iniciativa de

<sup>2</sup> O programa referente ao tema encontra-se detalhado em anexo.



Figura 3. Entrevistas ao Sr. Joaquim, morador da Chanca. 2021. Gonçalo Pereira ©

investigação já referida *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* em junho de 2021. Nos anos letivos 2021/2022 e 2022/2023, durante o desenvolvimento dos trabalhos, foram realizadas em simultâneo várias atividades que contribuíram significativamente para a resposta de projeto arquitetónico apresentado nesta dissertação. Neste sentido, foi desde logo seguido um método para **conhecer** o território, nomeadamente com pesquisas sobre o meio rural e a sua evolução, como forma de identificar pontos fortes e fragilidades. Assim, ao longo dos dois anos foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Campos de estudo e visita ao maciço de Sicó e às aldeias de calcário, de 29 de setembro a 3 de outubro de 2021. Visita às seis aldeias da RAC, Ariques, Casmilo, Chanca, Granja, Poios e Pombalinho e ainda o Rabaçal. Durante essa semana perceberam-se as vivências de cada aldeia, os serviços que nelas existem, as características do seu edificado e dos espaços não edificado, bem como o que estava em falta. Foram feitas entrevistas a pessoas de todas as aldeias, importantes para identificar os valores locais, e recolheu-se informação que contribuiu para aprofundar a caracterização das aldeias, tendo ainda havido encontros com a associação de desenvolvimento, Terras de Sicó.

- Participação nos Seminários intitulados Conhecer os recursos e valores de Sicó e Projetar o território e paisagem de Sicó, realizados no Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, com os quais foi possível estabelecer contacto com atores deste território e com os desafios do desenvolvimento territorial. As personalidades convidadas no primeiro destes Seminários partilharam as suas visões sobre as terras de Sicó e permitiram conhecer características únicas deste território relativas às várias áreas do saber como as tradições, a geografia, história, arquitetura, biologia, bem como os projetos previstos para o desenvolvimento da área em estudo. Por sua vez, no segundo Seminário foram partilhadas as noções de coesão territorial, as abordagens LEADER para o desenvolvimento de estratégias a nível rural, bem como a dimensão cultural, natural e paisagística da Paisagem Protegida de Sicó. Por fim, ainda foram discutidos os programas de reabilitação urbana nas Aldeias de Calcário- Desafios e Propostas num contexto de integração territorial.

- Recolha da informação com base nos levantamentos fotográficos e nas entrevistas a pessoas que vivem nas aldeias que contribuíram para melhor caracterização das aldeias.

- Pesquisa bibliográfica sobre Sicó e as aldeias, bastante importante para a compreensão e justificação da proposta

- Concretização de inquéritos aos peregrinos e aos serviços de apoio aos caminhantes existentes no território de modo a perceber a viabilidade e pertinência do programa proposto.

- Por fim, a conferência do Professor Raimundo, intitulada *Da Serra da Lousã às Montanhas de Abruzzo: Conhecer e Valorizar a Construção Vernácula*, dedicada a aldeias de Xisto e à aldeia de Campotosto, em Itália. Esta conferência, inserida no programa Ciclo de Conferências de Seminário



Figura 4. Visita à Unidade de Fisioterapia da Santa Casa de Penela, 2022. Joana Ramos ©

de Investigação do Mestrado Integrado em Arquitetura, teve lugar nas aulas teóricas da disciplina de Seminário de Investigação, lecionadas pela Professora Doutora Carolina Coelho que incentivou cada turma de Atelier de Projeto a organizar uma conferência.

**Refletir**, diz respeito ao conjunto de trabalhos realizados com o objetivo de construir uma percepção crítica das terras de Sicó e das aldeias da RAC, com a qual se analisou as relações entre as aldeias e entre estas e o sistema urbano da região. A análise do território teve em conta a rede de infraestruturas, o acesso a serviços de interesse coletivo, o património natural e construído, entre outros elementos fundamentais para a compreensão do nível de integração das aldeias da RAC, nomeadamente os trilhos e rotas de peregrinação que atravessam o território.

Depois desta análise, foi possível construir uma percepção crítica do território e discutir as conclusões que daí se retiram, inclusivamente, pela:

- Realização de painéis de síntese da análise do território e das aldeias da RAC, nos quais estão mapeadas e representadas, no primeiro caso, as redes viária e ferroviária, as distâncias das aldeias da RAC a equipamentos e serviços de interesse coletivo (ensino, saúde, ação social e comércio) e o(s) património(s) natural e construído, e no segundo caso uma análise do edificado – usos dos solos, qualidade arquitetónica e estado de conservação–, das áreas não edificadas e das condicionantes estabelecidas em Planos Municipais de Ordenamento do Território<sup>3</sup>. Deste modo, foi possível compreender as características de cada aldeia, nomeadamente as suas relações com todo o sistema urbano de Sicó, bem como a nível da arquitetura e organização do seu edificado, e pontos de interesse no espaço público.
- Contacto com espaços de alojamento para peregrinos e espaços de reabilitação física e fisioterapia em meio rural, que permitiu entender melhor os programas funcionais e as condições a ter em conta num projeto de este tipo de espaços. Para este efeito foram visitados vários alojamentos na região de Sicó e a Unidade de fisioterapia da Santa Casa da Misericórdia de Penela.
- Discussão da informação analisada sobre as aldeias e sobre as possíveis propostas de programa a implementar no território e aldeias, com membros das Câmaras Municipais, associações e agentes ativos no território.

---

<sup>3</sup> A análise dos Planos Municipais de ordenamento do território encontra-se sintetizada em anexo.



Figura 5. Sessão de apresentação dos trabalhos. 2023. Adelino Gonçalves ©



**Propor**, um conjunto de trabalhos com os quais, consoante a reflexão feita sobre o território de Sicó, as soluções e respostas aos principais problemas passam para o papel. Num primeiro momento, com uma estratégia de turma para a RAC e depois com uma estratégia para cada uma das aldeias. Realizou-se um Plano de Ação para cada aldeia, surgindo, para as sete aldeias em estudo, propostas pertinentes, discutidas com as Câmaras Municipais e as aldeias. Cada estudante definiu posteriormente o seu tema de projeto e qual aldeia seria melhor para o desenvolver, tendo por base a estratégia global. Assim, tomando por exemplo a aldeia de Ariques, o Plano de Ação e os painéis sobre a visão geral para a aldeia foram elaborados em conjunto com a colega Giulia Campos e, ao mesmo tempo, foram desenvolvidos os desenhos, as maquetes e os painéis da estratégia individual de apoio ao peregrino em Sicó.

Finalmente, o momento de divulgar e **discutir**, apresentando as propostas aos representantes das Terras de Sicó, das Câmaras Municipais parceiras da associação, bem como moradores das aldeias. Ainda durante o desenvolvimento dos trabalhos foram realizadas várias sessões críticas que contaram com a presença de entidades relacionadas com o tema ou com relação de proximidade com a área em estudo, como o técnico Rui Fernandes da Câmara de Soure e a vereadora Teresa Pedrosa, para além dos professores Guilherme Vaz, Luís Miguel Correia, Margarida Relvão, Vitor Mestre e Raimundo Mendes da Silva que fizeram a sua apreciação tendo em atenção a arquitetura, imagem e segurança dos edifícios.



# I. PROBLEMA

“A aproximação às reais necessidades das populações em situação de carência socioeconômica e/ou em simultâneo, alojadas em zonas de fortes condicionalismos de enquadramento urbano e infraestrutural deficitário não podem continuar a ser secundarizadas em função dessa condição.”

(Mestre & Aleixo, 2015, p.73)



Figura 6. Edifício devoluto. Chanca. 2021. Adelino Gonçalves ©

## Espaço rural: despovoamento e incapacidade de transformação

“Os espaços rurais nunca foram demograficamente homogêneos – em Portugal ou em qualquer outro país.” (Ferrão, 2018, p. 13)

A heterogeneidade do território deve-se a diversos motivos, uns decorrentes das características do suporte físico do território, com tudo o que compõe esse suporte, outros decorrentes das necessidades do *homem* (das comunidades para se instalarem e fixarem). Além disso, essa heterogeneidade modifica-se ao longo do tempo. Assim, como sugere João Ferrão (2018), importa conhecer as razões para essa mudança de forma a perspetivar o que deve ser feito ou o que é possível fazer, na tentativa de fazer face a efeitos indesejados ou prejudiciais do tipo da ocupação do território.

Entre esses efeitos, conta-se o processo de despovoamento das áreas rurais e todas as suas consequências, nomeadamente a desvitalização, abandono e degradação do edificado de muitos núcleos em espaço rural.

Os espaços rurais, e urbanos ainda são muitas vezes encarados como realidades opostas. Porém, são áreas que estabelecem entre si relações de complementaridade e simbiose. Para melhor compreender os motivos que conduzem às diferentes interpretações destas relações, é fundamental conhecer os conceitos de *rural* e *urbano*, e as realidades e características associadas a cada um destes mundos.

De acordo com João Ferrão (2000, p. 46), os espaços rurais são historicamente organizados em torno de quatro **caraterísticas principais**:

- i) **A produção de alimentos como principal função;**
- ii) **Agricultura como atividade económica dominante;**
- iii) **A família camponesa como grupo social predominante;**
- iv) **Um tipo de paisagem** que traduz um equilíbrio entre o natural e a intervenção humana.

Por sua vez, os espaços urbanos são habitualmente associados a grandes centros, “cidades compactas, de limites precisos” (Domingues, 1994) que, pela diversidade de atividades económicas que integram e são responsáveis pela criação de emprego, se tornam mais atrativas para as pessoas que procuram garantir o seu futuro e melhores condições de vida.

Deste modo, a realidade do mundo rural em relação ao mundo urbano é encarada como naturalmente oposta, mas varia ao longo dos tempos. Ainda com João Ferrão (2000), é possível defender a existência de fases distintas na evolução da relação entre os espaços rurais e os espaços urbanos.



Por um lado, a velha oposição “campo/cidade”, tendo em conta as realidades distintas dos dois mundos, desde o ponto de vista das suas funções, atividades, grupos sociais e da paisagem. Trata-se do “mundo rural secular” claramente oposto ao mundo urbano, segundo João Ferrão (2000, 46) e esta oposição é associada a uma “relação de natureza simbiótica: campo e cidade são complementares e mantêm um relacionamento aparentemente estável num contexto marcado pelo equilíbrio e pela harmonia do conjunto” (Ferrão, 2000, p. 46).

Por outro, emerge com a revolução industrial, que veio alterar esta noção de complementaridade entre rural e urbano, pois o crescimento e intensificação da sociedade urbana trouxe condicionantes para o futuro mundo rural. De facto, o processo de expansão e modernização das áreas urbanas traçou a descentralização económica, social e simbólica do rural, acentuando as desigualdades entre os dois mundos e ainda contribuiu para a intensificação do atraso e decadência dos espaços rurais, comparativamente com a realidade dos espaços urbanos. Assim, o rural passou a ser o principal fornecedor de “mão-de-obra desqualificada e barata” (Ferrão, 2000, p. 46) para as atividades económicas das cidades, que passaram a ser vistas como símbolo de progresso e como “polos de prestação de serviços pessoais e sociais” (Ferrão, 2000, p. 46).

Em Portugal, o processo de industrialização foi tardio e concentrou-se na fachada atlântica, sobretudo nas principais cidades do litoral, intensificando-se como a área de melhores oportunidades de vida. Assim, a progressiva litoralização do país colocou o interior numa posição frágil, dada a incapacidade de integração que se foi instalando, com as dificuldades económicas, o encerramento de serviços, a descredibilização dos valores culturais e o envelhecimento da população.

Na primeira metade do século XX, Portugal era fortemente marcado pelo ambiente rural e agropastoril, mas esta realidade dissipou-se a partir de meados da segunda metade do século e intensificou-se muito desde a adesão de Portugal à União Europeia, em 1985. Embora lenta e tardia em relação aos restantes países da Europa, a industrialização e infraestruturação do país promoveu grandes alterações económicas, sociais e políticas, decisivas para a sua modernização. Assim, o território nacional revela hoje os efeitos da aplicação desproporcional de forças ao litoral e ao interior; que, por um lado, explicam o crescimento dos espaços urbanos e, por outro lado, o contributo para a desvalorização dos espaços rurais, progressivamente transformados em “espaços adormecidos”.

Mas é importante ter em conta que logo que os sinais de êxodo rural se começaram a tornar claros, foram criadas medidas para tentar estancar essa sangria populacional, embora sem sucesso. Foi esse o caso da criação de uma Junta de Colonização Interna<sup>4</sup> no âmbito do Ministério da Agricultura, em 1936. Por essa altura, as tentativas de fixação da população não sortiram os efeitos desejados e não conseguiram contrariar os efeitos negativos do despovoamento do rural e o

---

<sup>4</sup> A Junta de Colonização Interna foi um serviço do Ministério da Agricultura criado em 1936, com o Decreto n.º 20207, de 16 de novembro, com a missão de estudar e solucionar os problemas agrários do país. Entre as suas atividades contou-se a criação de Casais Agrícolas e Colónias Agrícolas.





abandono da população jovem para os núcleos urbanos de maiores dimensões, ou mesmo para o estrangeiro.

Ora a mudança do espaço rural iniciada nas primeiras décadas do século XX, importante do ponto de vista do desenvolvimento e da modernização do país, despertou a terceira fase. Criou uma “nova dicotomia pós rural/urbano”, que dividiu o rural em duas realidades distintas – moderno e tradicional – que deflete a relação de oposição entre o urbano e o rural, e configura as áreas rurais como uma realidade com um papel mais ativo nos principais centros urbanos.

Por fim, na década de 1980 assiste-se à criação de uma nova realidade, que João Ferrão designa “o mundo rural não agrícola”. É, pois, a quarta fase, na qual se rompe com a principal conceção associada ao mundo rural, em que “a sua principal função não tem de ser necessariamente a produção de alimentos e a atividade predominante pode não ser agrícola” (Ferrão, 2000, p. 47).

Neste contexto, surge a valorização dos espaços rurais a partir do património e, por essa via, a sua turistificação. O mundo rural passa a ser olhado com um meio que “é diverso, é multifuncional, é produtivo, é inovador, é competitivo e apresenta uma capacidade atrativa que potencia, numa relação de complementaridade, a do espaço urbano que o integra na sua área de influência” (Santos & Cunha, 2008, p. 2).

Pois bem, é este o momento que (ainda) estamos a viver, um ponto de viragem em que o “rural” já não é um sinónimo exclusivo de “agricultura”, mas uma realidade que inclui uma grande diversidade de atividades e oportunidades que justificam a necessidade de se (re) pensar como integrar estas áreas no futuro. O “mundo rural não-agrícola” inicialmente criado por associação à defesa do ambiente e do património, pode ser perspetivado como uma parte integrante de sistemas urbanos compostos, tanto por núcleos urbanos em espaço rural, como centro urbanos maiores, ou como sugere Álvaro Domingues (1994) surgirá uma cidade-nebulosa de limites indefinidos. Como tal, como parte integrantes de sistemas urbanos, o futuro dos núcleos urbanos em espaço rural não pode ser pensado de forma estática, mas antes de forma relacional, ou seja, dinâmica. Estes não “constituem, por isso, recetáculos de soluções normalizadas e completamente transferíveis para todas as situações” (Domingues, 1994).

Em síntese, como o mostra a realidade atual destes territórios, apesar dos esforços e das estratégias adotadas ao longo do tempo para combater as assimetrias do território, não tiveram os resultados esperados. O “esbatimento ou mesmo a eventual superação das (tradicionais) dicotomias e o fim da deslocação em massa para o litoral urbanizado” não foram suficientes, até agora, para “inverter a desertificação de muitas áreas do interior do país” (Machado & Costa, 1998, p. 21), por isso, é importante discutir o método para resolver o problema.

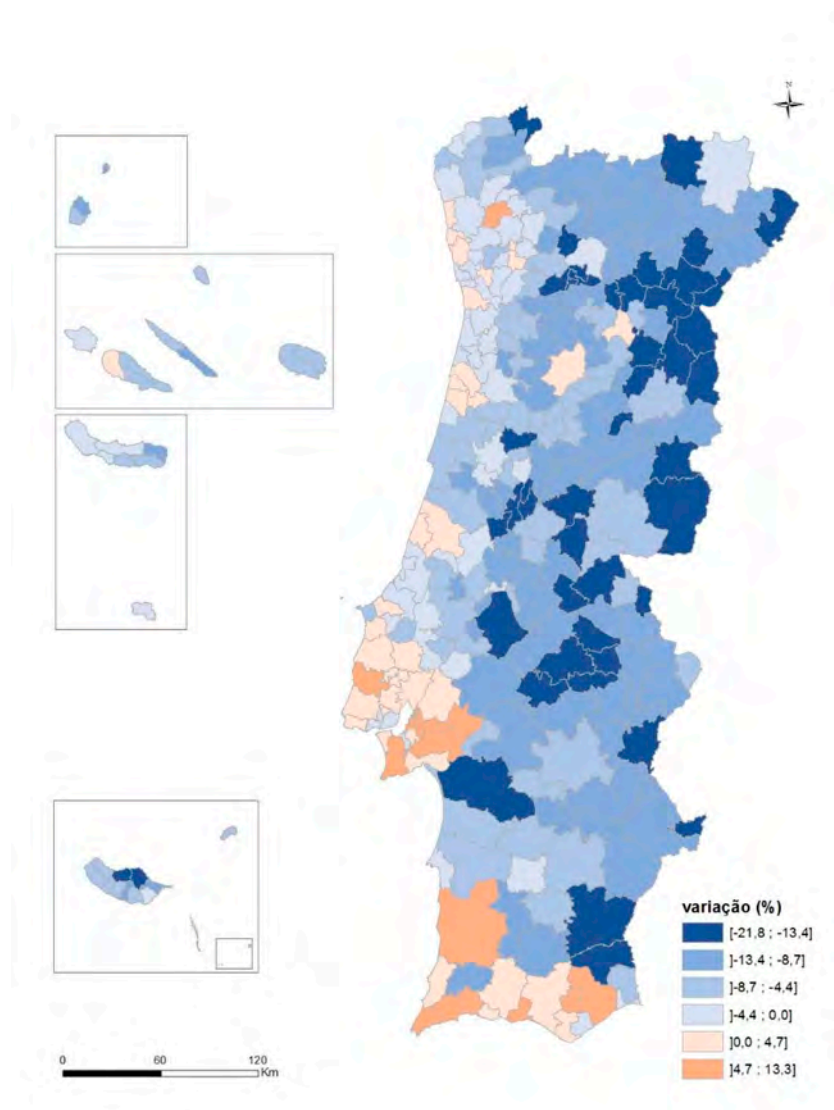


Figura 7. Mapa da variação de população por concelho em Portugal entre 2011-2021. Fonte: INE.

## Viver e (re)visitar o rural: políticas e programas

A valorização do litoral em detrimento do interior intensificou-se a partir da década de 1950, e como mostra a Figura 9, a realidade atual e as estratégias de desenvolvimento para o desenvolvimento do rural revelaram-se infrutíferas. Uma das primeiras iniciativas no sentido de desenvolver o espaço rural foi a referida Junta de Colonização Interna, no âmbito do Ministério da Agricultura, que através da valorização da agricultura tinha o objetivo fixar população e reorganizar a propriedade agrícola. Da ação deste organismo resultou a criação de Colónias Agrícolas que previam a proteção do ambiente, o aumento da produtividade e a transformação dos trabalhadores agrícolas em pequenos proprietários através da intervenção nos terrenos baldios, grandes propriedades de sequeiro do Sul e terrenos do Estado.

Entre os anos 1960 e 1970 emerge no contexto da União Europeia a preocupação com o problema dos espaços rurais, ou seja, intensifica-se uma consciencialização para o problema das assimetrias entre as áreas litorais e as áreas rurais, com estas marcadas por uma população maioritariamente idosa, empobrecida e desanimada, e aquelas marcadas por uma população jovem e dinâmica. Perante estas assimetrias, foram desde então desenvolvidas políticas de apoio ao desenvolvimento das áreas do interior, onde emerge a ideia de que o património as poderia “salvar”.

Mais tarde, na década de 1990, já com Portugal como membro da União Europeia, são preparados programas para fazer face a problemas económicos, sociais e ambientais das zonas rurais europeias, como a Iniciativa LEADER. A abordagem nela defendida visa o desenvolvimento de ações que procurem responder às consequências do êxodo rural que, seguindo medidas estruturais, reforcem o investimento público e chamem o investimento privado para fortalecer as áreas rurais. Desta forma, pretende-se ajudar as comunidades locais a identificar e aproveitar os seus próprios recursos e potenciais, incluindo o financiamento de projetos de infraestrutura turística, a criação de rotas turísticas, a formação de redes de cooperação entre empresas e organizações locais, a melhoria da qualidade dos serviços turísticos e a preservação e promoção do património cultural e natural das comunidades rurais.

Assim, no decorrer desta Iniciativa, um dos objetivos consistiu em trabalhar o território em rede, assumindo um compromisso de cooperação e estimulando a partilha de experiências e de soluções para os mesmos problemas. Deste modo, a importância da iniciativa LEADER foi notória e teve consequências positivas nos seus territórios de ação, na medida em que incentivou a formação e qualificação do mercado de trabalho, preparando-o para responder às novas exigências funcionais geradas no âmbito do Programa.

Os problemas do território resultantes da marginalização do interior estão há muito identificados e as tentativas para lhes fazer face também existem há muito. Além das já referidas, levadas a cabo na primeira metade do século XX, merecem relevo outras iniciativas de intervenção continuada



Figura 8. Aldeias Históricas de Portugal. Sortelha. 2022. Joana Ramos ©

em algumas zonas do país a partir da década de 1990, das quais se destacam o programa das “Aldeias Históricas”<sup>5</sup> (1995) e alguns comparáveis, como as “Aldeias do Côa” (1999), as “Aldeias do Xisto” (2000), as “Aldeias do Douro Vinhateiro” (2001), as “Aldeias de Água” (2002), as “Aldeias do Algarve” (2003) e as “Aldeias de Montanha” (2013).

Ainda que não o identifiquem como um objetivo específico, os planos de revitalização destes programas procuram afirmar a “centralidade do rural” tirando partido dos valores e recursos existentes em cada lugar, incluindo, naturalmente, humanos. Para tal, os planos preveem a melhoria das condições de vida dos habitantes, a modernização dos equipamentos de apoio e o desenvolvimento das aldeias a partir do turismo, “o eixo de intervenção mais privilegiado pelas políticas e estratégias de desenvolvimento rural.” (Pais & Gomes, 2008, p. 15; citando Moreno, 1999).

Desta forma, o programa de referência nacional, o Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal, procurou alterar o rumo de uma região, a Beira Interior, através de uma experiência piloto, com estratégia de abordagem *top-down*.

O programa “Aldeias Históricas de Portugal – Beira Interior” foi integrado num dos programas operacionais do Plano de Desenvolvimento Regional [PDR], o programa de “Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional”. Assim, apostando na valorização de patrimónios em espaço rural, criaram-se redes temáticas, como é exemplo o Programa das Aldeias Históricas (1994-2006), que é uma intervenção de matriz turística e patrimonial, no interior da Região Centro do país, que pretende criar uma imagem forte e homogénea. Esta rede é formada por doze aldeias beirãs, Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha e Trancoso, e tem por base o desenvolvimento integrado do espaço rural com o território envolvente, valorizando os recursos das aldeias e atribuindo novas funções a territórios rurais.

Nesse sentido, de modo a proporcionar um desenvolvimento equilibrado, foi instalado em cada aldeia um gabinete local constituído por equipas interdisciplinares, através da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Centro [CCDR-C], responsáveis por desenvolver os projetos para cada aldeia que não ferissem a sua identidade, o seu património, antes o valorizassem.

As intervenções previstas no âmbito do Programa diziam respeito a cuidados urbanísticos, à criação de equipamentos de apoio turístico e realização de atividade de animação para o público externo. Porém, dadas as fragilidades que se continuam a verificar nestas aldeias, é possível concluir que os resultados efetivos do Programa terão ficado aquém dos esperado, na medida em que não garantem a sustentabilidade destes lugares, ou seja, sem outras atividades além do turismo, não se conseguiu cumprir o objetivo de atrair e fixar moradores.

---

<sup>5</sup> Estabelecido com o Despacho Normativo n.º 2/95, de 11 de janeiro, que aprova o Regulamento da Intervenção «Aldeias Históricas de Portugal - Beira Interior».



Figura 9. Aldeias de Xisto de Portugal. Gondramaz 2022. Joana Ramos ©

Em linha com os objetivos do Programa das Aldeias Históricas, foi criado na região centro o Programa das Aldeias do Xisto [PAX], uma iniciativa dedicada ao território de 21 concelhos do centro de Portugal e procurou organizá-lo em redes, dando origem à Rede das Aldeias do Xisto, à Rede de Praias Fluviais e à Rede Caminhos do Xisto.

A Rede das Aldeias do Xisto, um projeto que é atualmente constituído por 27 aldeias distribuídas pelo interior da Região Centro, entre a Serra da Lousã, a Serra do Açor, a bacia do Rio Zêzere e o rio Tejo. Esta rede tem como objetivos preservar e promover a paisagem cultural<sup>6</sup> centro interior; valorizar o património arquitetónico construído; dinamizar o tecido socioeconómico; e renovar as artes e ofícios da região. Contudo, também aqui, à semelhança do que acontece nas Aldeias Históricas, as preocupações estão mais direcionadas para o turismo.

Assim, as estratégias de desenvolvimento são criadas com base nas expectativas dos visitantes, direcionando toda a atenção para os turistas e o modo como estes vão olhar para estes espaços. As aldeias são transformadas em lugares recriados, a partir de um rural ficcionado e surgem “não lugares ou lugares vazios de dinâmicas, tanto no que diz respeito às suas velhas funções, como às suas novas vocações” (Reis, 2012). Convencem-se os poucos habitantes das aldeias a “viver ao sabor do turismo”, proporcionando uma relação de dependência desta atividade e da qual, no fim de contas, resultam reduzidos ganhos económicos e sociais para as próprias aldeias.

Assim, apesar dos esforços já empreendidos, o declínio destas áreas do interior continua a existir e em alguns casos agravou-se. O problema exige, por isso, “abordagens inovadoras, tanto no que diz respeito às soluções, como no que diz respeito ao método para a sua operacionalização” (Gonçalves, 2020). Posto isto, ao longo da última década, foram desenvolvidos programas de política assentes em estratégias que, procurando fazer face aos desequilíbrios da “litoralização”, promovem a coesão territorial, a valorização e o desenvolvimento das áreas rurais, nomeadamente o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território<sup>7</sup> [PNPOT], o Programa Nacional para a Coesão Territorial<sup>8</sup> [PNCT] e o Programa de Valorização do Interior<sup>9</sup> [PVI].

Na verdade, estes dois últimos, fruto do trabalho desenvolvido pela Unidade de Missão para a Valorização do Interior, concretizações orientações de política de ordenamento estabelecidas no PNPOT. Assim, o PNCT previa um conjunto de medidas que rompessem com o paradigma, pretendendo evoluir no sentido de uma gestão do território com base nas ideias de complementaridade e partilha, deixando as visões bipartidas *rural vs urbano*. Do mesmo jeito, a

---

<sup>6</sup> O conceito de paisagem cultural surgiu em 1992, pela UNESCO, sendo este um marco no conceito de património. Entende-se por paisagem cultural, paisagens que relacionem o natural com as atividades do Homem, estabelecendo relações entre o natural e as pessoas, paisagens que evoluem com a sociedade, tendo sempre influências internas e externas, onde a ocupação do homem, as tradições e o que resulta delas influenciam a paisagem.

<sup>7</sup> Programa aprovado com a Lei n.º 58, DR n.º 170, Série I (04/09/2007), pp. 6126-6181, revisto com a Lei n.º 99/2019, DR n.º 170, Série I (05/09/2019), pp.3-267.

<sup>8</sup> Programa aprovado com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 72/2016, DR n.º 226, Série I (24/11/2016), pp.4154-4190.

<sup>9</sup> Programa aprovado com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 116/2018, DR n.º 172, Série I (06/09/2018), 4452-4466, revisto com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 18/2020, DR n.º 62, 1ª Série (27/03/2020), pp. 16-32.





estratégia traçada pelo PNCT tinha por base cinco eixos de ação governamental que defendiam um território interior: **+coeso**, promovendo a inclusão social, a melhor relação entre rural e urbano e propondo novos serviços; **+competitivo**, potenciando novas estratégias de valorização dos seus recursos; **+sustentável**, integrando a paisagem, os recursos endógenos, o património natural e cultural em benefício de uma maior sustentabilidade; **+conectado**, potenciando os relacionamentos entre as bases produtivas litoral-interior; e **+colaborativo**, valorizando as lideranças locais e a capacitação institucional, difundindo plataformas de diálogo e de cocriação.

Em 2018, houve a necessidade de adicionar medidas a integrar o PNCT e passou a designar-se PVI, criado nesse mesmo ano e revisto em 2020. Neste sentido, de modo a promover o desenvolvimento dos territórios do interior e contrariando a tendência de desertificação das últimas décadas, foram definidos quatro eixos estratégicos de intervenção, numa lógica de transversalidade e inter-relação em termos de impacto territorial: 1) Valorizar os Recursos Endógenos e a Capacidade Empresarial do Interior; 2) Promover a Cooperação Transfronteiriça para Internacionalização de Bens e Serviços; 3) Captar Investimentos e Fixar Pessoas no Interior; 4) Tornar os Territórios do Interior mais competitivos. Há, por isso, uma tendência para criar novas estratégias de intervenção que tem em atenção as necessidades do interior.

Em suma, se as abordagens ao espaço rural nas últimas décadas se revelaram ineficazes, porque se acreditava na “fórmula mágica” da turistificação, as abordagens defendidas nos últimos anos ao nível de programas de políticas, promovem visões integradas e diversificadas, sensíveis às especificidades dos lugares.

Se antes se olhava o território como uma realidade homogénea e não se tinham em conta as suas irregularidades, agora defendem-se abordagens que exigem políticas e estratégias adequadas aos seus valores e sensíveis às necessidades de cada lugar.

Assim, as iniciativas em rede criadas no interior são agora o espelho da inovação e revelam-se motivos para articular os problemas e desafios territoriais. As novas abordagens políticas *bottom-up*, assentes na discussão dos valores culturais como construção social, realizada com as pessoas e para as pessoas.



Figura 10. Sinalização do caminho de Fátima e de Santiago de Compostela. 2023. Joana Ramos ©

## ○ turismo e as peregrinações a locais de culto

O turismo é uma atividade-chave do desenvolvimento de muitos países e regiões, e pode corresponder a diferentes tipos de procura, nomeadamente para cumprir objetivos culturais, religiosos ou lazer. Porém, independentemente dos objetivos e atividades associadas, o turismo pode resultar em benefícios para a economia de cada país, região ou lugar.

Daí, a procura de turistas ou viajantes ser um objetivo de muitos lugares, embora os impactos locais não sejam garantidos *a priori*.

Em termos gerais, a presente dissertação defende que para proporcionar o desenvolvimento de local através de atividades relacionadas com a visitação, é importante investir nos valores e recursos naturais, históricos, culturais ou patrimoniais dos lugares, ou seja, defende que uma estratégia de desenvolvimento baseada na visitação deve ancorar-se numa leitura crítica das aptidões do território. Assim, defende-se um princípio de política que implica trabalhar *com* o território – diferente de trabalhar *para* o território –, tirando partido das especificidades dos lugares, a partir das quais se podem encontrar motivos diferenciadores para criar estratégias de desenvolvimento.

O território em estudo nesta dissertação, o maciço Sicó, possui várias características que o diferenciam. É exemplo disso a paisagem cársica resultante da sua formação, com fenómenos geomorfológicos com as conhecidas Buracas do Casmilo ou o canhão fluvio-cársicos de Poios, que são motivo para a prática de escalada. Na verdade, em Sicó, as atividades de desporto na natureza são um elemento diferenciador e muito procurado, e permite a imersão no território de forma ativa, atraindo praticantes de todo o país e internacionais.

Mas, além deste tipo de características, cada lugar ou região pode ter outro tipo de características específicas relacionadas com o suporte físico do território, aparentemente invisíveis, mas igualmente muito importantes ou com potencial para ancorar o seu desenvolvimento. É o caso das rotas de peregrinação, que “podem ser aproveitadas de forma turística, pois nelas se conjugam expressões de arte e cultura popular” (Torre et al. p. 12), mas nem sempre entendidas como tal.

Pois bem, atualmente assiste-se a uma crescente valorização dos caminhos de peregrinação, o que permite considerar que, apesar de estar relacionado com os lugares de culto, o ato de peregrinar “não é uma manifestação exclusivamente religiosa” (Silva, 2004, p. 337) e pode trazer benefícios aos lugares e comunidades por onde passam esses itinerários.

Em Portugal, os caminhos de peregrinação de maior relevância são os que ligam a Santiago de Compostela e Fátima, caminhos coincidentes em alguns troços.



A peregrinação está presente em todas as culturas e se no passado contribuíram para a construção de uma identidade de determinadas regiões, agora “é oportuno refletir sobre o papel que podem desempenhar [...] num contexto completamente diferente a nível social, político e religioso” (Silva, 2004, p. 347).

Em jeito de conclusão, parte-se de uma ideia de planear o território a partir de uma perspetiva integrada, isto é, de modo a produzir maiores benefícios e/ou multiplicar benefícios em cooperação com o que nele existe. Assim, neste trabalho reforça-se a ideia de que se deve trabalhar com o território, reforçando que se devem pensar estratégias com base nas características e forças do mesmo para melhorar e reforçar a qualidade das atividades e serviços do mesmo.



## II. CONTEXTO

“Necessitamos urgentemente de mudar de políticas em contexto urbano e rural, precisamos de ser uma sociedade mais justa e equitativa onde as desigualdades se minorizam por via de projetos inclusivos. Ao pensar projetos e ações do interesse dos cidadãos certamente que quem nos visita também beneficiará, uma vez que a cidadania quando se efetiva na sua plenitude não diferencia nacionalidade, porque o bem comum e a cultura não têm fronteiras, são universais.”

(Mestre & Aleixo, 2015, p. 74)





## Sicó: território, valores e comunidade

A Serra de Sicó é uma elevação de Portugal continental que se situa na Beira Litoral. A serra dá nome a todo um maciço, o Maciço de Sicó, e abrange seis municípios: Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela, Pombal e Soure.

As terras de Sicó, apesar de se encontrarem mais próximas do litoral, sofrem há muito com o movimento emigratório, processo que se verifica desde o final do século XIX (Silva, 2011) e que se intensificou a partir da década de 1950 e perdura, traduzindo-se numa diminuição populacional expressiva, no envelhecimento demográfico, no abandono de atividades tradicionais. Como consequência, muito do edificado das aldeias e pequenos lugares encontra-se abandonado e degradado, os saberes e tradições associados às relações intracomunitárias podem perder-se, acentuando a desvitalização desta região.

Embora este seja um território “rico em Patrimónios” (Silva, 2011, p. m), naturais e culturais, é também um território com fracas dinâmicas sociais e económicas que afetam significativamente as condições específicas de atratividade local, condicionando a fixação dos atuais e futuros moradores. De acordo com os Censos 2021, cinco dos seis municípios das terras de Sicó apresentam decréscimo populacional, sendo o município de Alvaiázere o mais afetado e, por outro lado, Condeixa, o município mais próximo de Coimbra, o único que apresenta um aumento populacional, ainda que pouco significativo.

Nesta dissertação pretende-se intervir nas aldeias da RAC de forma a contribuir com soluções para contrariar os efeitos negativos da migração. Posto isto, numa primeira fase de análise e reconhecimento do território, partiu-se de uma observação atenta e crítica das terras de Sicó, com especial atenção para estas aldeias, e respetiva articulação com o território envolvente, passando depois para a segunda fase do trabalho em que se sistematizou a estratégia.

Com este estudo pretendeu-se avaliar as aptidões das aldeias da RAC, seja para realizar programas que interessem àqueles que nelas residem ou àqueles que nelas permanecem temporariamente. Por isso, teve em atenção as suas relações com o sistema urbano de Sicó e com as redes infraestruturais, e com serviços de interesse coletivo fundamentais como a saúde, a educação, a ação social e o comércio

Concluiu-se que as aldeias da RAC se encontram todas a uma distância pouco significativa das suas sedes de concelho, distando entre cinco e quinze minutos de automóvel, e entre vinte a cinquenta minutos das sedes de distrito mais próximas, Coimbra e Leiria. Contudo, a maioria dos habitantes destas aldeias não possui meios próprios de transporte, estando dependentes da existência de meios de transporte que, no caso de algumas aldeias desta rede, não existem, pelo menos com horários regulares.



Figura 11. Buracas do Casmilo. 2019.Viver o Mundo ©

A aproximação a centros de saúde, a farmácias, a escolas, a serviços de ação social bem como o acesso ao comércio de bens essenciais é vital para o bem-estar das comunidades e para a fixação de novos moradores.

Considerando as sete aldeias em estudo, Chanca (Penela), Casmilo (Condeixa), Rabaçal (Penela) e Pombalinho (Soure) são as que apresentam uma melhor relação de proximidade com estes serviços, localizados maioritariamente nas suas sedes de concelho ou sedes de concelho mais próximas. No caso de Pombalinho, dada a proximidade com Rabaçal, os moradores preferem deslocar-se a esta aldeia do concelho de Penela, que tem alguns serviços deste tipo e encontra-se mais próxima que Soure.

Contudo, analisando as restantes aldeias, Ariques, Granja e Poios, é possível constatar que, de modo geral, a distância temporal a serviços públicos e/ou de interesse coletivo é curta. Aliás, Poios destaca-se das restantes aldeias de calcário “pelo facto de ser uma “aldeia” habitada” (TERRITÓRIO XXI, 2020) e por ser a que tem maior número de jovens. Neste sentido, a posição das aldeias no território pode ter influência na atratividade das mesmas, embora nos últimos tempos o espaço rural tenha despertado outros interesses e se tenha tornado mais apelativo pelo(s) património(s) que encerram.

Sicó possui características geográficas, ambientais e culturais singulares, oferecendo interesses excecionais com os quais “hoje se tenta construir uma imagem de Sicó capaz de promover desenvolvimento, gerar alguma riqueza e fixar as populações jovens” (Cunha, 2003, p. 9) Entre estas características, sobressaem os vários patrimónios - geomorfológico, biológico - fauna e flora, gastronómico, arqueológico-, as rotas pedestres e a comunidade.

### **Património geomorfológico**

O património geomorfológico do Maciço de Sicó, território resultante de um processo de formação que se destaca pela grande diversidade de formas e relevos, onde “...a paisagem cársica se manifesta com toda a sua espetacularidade” (Cunha, 2003, p. 3). Aqui, é possível testemunhar vários fenómenos de relevância patrimonial como o Geossítio do Vale das Buracas do Casmilo (Figura 11) e os Canhões Cársicos do Vale dos Mouros e do Vale do Poio Novo.

Deste património geomorfológico fazem parte os campos de lapiás, formações típicas de regiões cársicas, que “estão geralmente associados a processos erosivos dos calcários do Jurássico médio que, por serem mais duros, espessos, mas também mais solúveis, originam com muita frequência estas geoformas cársicas de superfície” (Silva, 2011, p. 187). O Campo de lapiás do Casmilo e o Campo de lapiás da Serra de Sicó são os mais relevantes. O primeiro por ser um dos mais bonitos do Maciço e, por isso, o mais apreciado pelos turistas e também pelos grupos aos quais este tema interessa particularmente, e o segundo, é reconhecido pela forma piramidal.



Figura 12. Produtos endógenos das terras de Sicó. 2022. Joana Ramos ©

## **Património Biológico - Fauna e Flora**

Os territórios caracterizados por rochas calcárias têm uma biodiversidade rica, tanto no que respeita à flora como à fauna. As regiões cársicas são geralmente associadas à escassez de água à superfície, graças à permeabilidade dos solos, dada a rápida absorção da rocha que drena a água pelas fissuras do calcário até ao subsolo. Assim, a fauna e flora deste território estão aptas para enfrentar ambientes secos e pedregosos.

A fauna e a flora da região, embora tenham sido, substancialmente, afetadas pelo desenvolvimento das civilizações, conservam ainda hoje, espécies características da vegetação mediterrânea como as graciosas flores silvestres, as orquídeas e ainda como o carvalho cerquinho, salvaguardado pelo Parque Ecológico Intermunicipal de Algarinho (Penela) – Gramatinha (Ansião) – Ariques (Alvaiázere). Mas também existem outras espécies resistente às intempéries climáticas e aos declives vertiginosos como o sobreiro, a azinheira, a oliveira, entre outros.

Ainda no que diz respeito à fauna, importa referir que para além dos animais que encontramos um pouco por todo o território, existe em Sicó a maior colónia de Morcegos-de-Peluche do país.

## **Património gastronómico e produtos endógenos**

Os produtos endógenos são igualmente potenciadores do desenvolvimento da área em estudo, uma vez que são elementos tradicionais e que ao longo dos anos têm vindo a deixar uma marca identitária nas terras de Sicó.

Esta é uma região que se dedica essencialmente a atividades do setor primário. No Vale do Rabaçal os solos possuem condições favoráveis ao cultivo de oliveiras e vinhas, mas além do vinho e do azeite de Sicó, existem muitos outros produtos de excelência, muitos deles com Denominação de Origem Protegida [DOP]. O exemplo mais relevante do Queijo Rabaçal, um dos produtos que constrói a imagem da região, é confeccionado com o leite de cabra e de ovelha ao qual se adicionam duas ervas características da região, a «*Chenopodium ambrosioides* L.», comumente chamada de erva de Santa Maria, e a «*Capsella bursa-pastoris*», erva do bom pastor rica em propriedades medicinais.

O mel, produto de alta qualidade e sabor único, sempre esteve presente na vida do homem e começou por ser colhido diretamente dos enxames nas cavidades das árvores. Mais tarde, com a inovação das técnicas de apicultura começou-se a extrair o mel dos enxames nos cortiços.

Noutros tempos, o mel, foi um produto bastante utilizado na doçaria e também para fins medicinais, uma vez que contém propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias. Hoje, é um dos produtos mais reconhecidos tanto a nível nacional quanto no mercado internacional, e constitui “uma importante mais-valia na rentabilização das explorações e contribuindo deste modo, para a fixação das populações locais.” (Silva, 2011, p. 366). Em Sicó, são vários os produtores de mel,



Figura 13. Villae de Conímbriga. 2023. Joana Ramos ©

que cuidam dos enxames, preparam as colmeias, centrifugam e filtram o mel para, por fim, o apresentarem ao consumidor com o seu sabor e cheiro característicos.

### **Património arqueológico**

Este território retrata séculos de ocupação, desde o período de ocupação Romana na Península Ibérica à Idade Média e “sabemos com alguma segurança que as Terras de Sicó foram ‘palco’ da vida de muitos homens e mulheres [...], aqui deixaram testemunhos das suas vidas e das suas mortes.” (Silva, 2011, p. 237).

A presença romana em Sicó deixou um legado expressivo, incluindo algumas *Villae* ainda existentes. Conímbriga, cidade com algumas peripécias, teve um final diferente de muitas outras, a partir do final do século V iniciou o processo de despovoamento e abandono que perdurou até ao século XX, momento em que foi redescoberta e musealizada.

Estima-se que existam cerca de duas dezenas de *Villae*, assim como outros vestígios arqueológicos, mas apenas duas estão suficientemente escavadas para se tornarem objeto de estudo e visita: a *Villae* do Rabaçal e de Santiago da Guarda.

A *Villa* Romana do Rabaçal, conjunto de ruínas de uma propriedade romana do século IV d.C, deve ser compreendida tendo em conta a posição estratégica onde foi construída. Implantada junto a uma das rotas comerciais da época possibilita a participação nas migrações e intercâmbios de produtos e também tira partido dos bio e geo recursos do local, como água e calcário.

Também nos dias de hoje é possível conhecer as ruínas arqueológicas da *Villa* Romana de Santiago da Guarda sob as construções que se lhe sobrepuseram: a torre medieval e o Paço dos Condes do Castelo Melhor, construído por volta do século XVI.

Hoje, estas *Villae* recorrendo a imagens lúdico-educativas fornecem uma visão da vida que se fazia na região durante o período romano e são uma importante atração turística em Sicó, ainda que Conímbriga, dentro do panorama arqueológico, seja o “ex-libris” cultural da região, um marco do turismo cultural em Portugal.

Em 1131, D.Afonso Henriques aclama a cidade de Coimbra como capital do reino e num período de reconquista Cristã da Península Ibérica intensificam-se os ataques e avança-se em direção ao sul. Assim, como forma de proteger as populações e defender os territórios dos ataques dos invasores construiu-se a linha defensiva do Mondego, cujos vestígios perduram até aos dias de hoje. Embora, não assumam a importância defensiva de outros tempos, as muralhas e castelos são parte do património histórico de Sicó.

Em suma, acredita-se que a implementação de medidas políticas e a valorização dos valores e patrimónios de Sicó é fundamental para preservar a história, a cultura e a identidade dos

# GR 26 GRANDE ROTA DAS TERRAS DE SICÓ

Lands of Sicó Great Route Concelho de Pombal

**ROTA - TERRAS DE SICÓ**

**LEGENDA**

**Contactos Úteis / Useful Contacts**

**Normas de Conduta / Code of conduct**

**Onde comer / Places to eat**

**Onde ficar / Places to stay**

## 111 Km

### Caminho de FATIMA

O Vale do Rabaçal sempre a profundamente impressionante, acompanhando-se na paisagem sobre fozes pelo caminho de Penela. Com a configuração de uma banheira e um plano lateral de Sicó, este vale sempre acompanhado de uma rota que ligava Lisboa a Braga, um itinerário comercial importante durante séculos, utilizado à época do monarca Afonso I e substituído como transporte pedestre na peregrinação a Santiago de Compostela. Foi esta via que fez do Rabaçal o vale do caminho de Santiago de 1852.

The Rabaçal Valley, extensive and profoundly impressive, accompanies us on this Route through the municipality of Penela. With a configuration of a bath and side of the Sicó valley, this valley was crossed by the Roman road that linked Lisbon with Braga, a key communications route for centuries, used during the period of the Christian monarch and as a pedestrian path in the pilgrimage to Santiago de Compostela. It was this road that made Rabaçal a town and head of the municipality until March 1852.

**Passagem a partir do Miradouro de Chãos**  
(contemplar desde este Chãos a paisagem)

**Receita tradicional / Traditional recipe**

**Património Histórico / Historical heritage**

**Património Religioso / Religious heritage**

**Rabaçal > Ansião / 20 km / 12,5 Mi / +360 m**

**COMPARAÇÃO**

**CONDIÇÕES DE PEGADA**

Figura 14. Placares de informação sobre a Grande Rota 26 e da Rota Carmelita. 2023. Joana Ramos ©



lugares, e também permite fazer face aos desequilíbrios territoriais provocados pela “litoralização” e pela sobrevalorização dos centros urbanos que convertem as regiões do interior em espaços despovoados, envelhecidos e empobrecidos.

## Rotas

A paisagem natural de Sicó permite a realização de várias atividades ao ar livre e ao longo dos últimos anos foi criada uma numerosa e diversificada oferta de rotas que proporcionam a descoberta do território. Estas rotas organizam-se em duas categorias: percursos pedestres e peregrinações, e desportos de natureza, na qual se insere o BTT e a escalada. Contudo, existem outras atividades que, embora não se enquadrem nestas duas categorias, são motivos de atração do território, como são os caso do parapente, do geocaching, do rapel, entre outras.

As rotas pedestres, o motivo da maior deslocação de pessoas, pode ter um papel preponderante no que diz respeito ao desenvolvimento do território e, por isso, foram criadas várias rotas das quais se destacam a **Grande Rota 26**, que concentra outras, entre as quais: a rota da tauromaquia, do azeite, do carvalho cerquinho, do lapiás, do paleolítico, do queijo Rabaçal, do vinho e dos moinhos de vento e ainda a **Rota Carmelita**.

Todas estas rotas, por se dirigirem a diferentes públicos-alvo, constituem uma atração da área em estudo. Contudo, encerram um potencial que pode ser mais explorado, nomeadamente dando resposta a diferentes necessidades decorrentes das atividades que lhes estão associadas ou que podem ser implementadas. Através de investimento e criação de diferentes serviços e/ou equipamentos de apoio, este recurso poderá reforçar o conhecimento do território e, mais importante, desenvolver o seu sistema urbano, incluindo a sua rede de aldeias.

## Comunidade

A ideia pré-concebida que surge dos espaços rurais é associada ao espaço vazio, pobre em serviços, envelhecido, no qual as pessoas vivem essencialmente da agricultura e sem esperança no futuro. Em Sicó, mas também em muitos territórios do interior do país, a realidade não é esta e ajuda a desconstruir o binómio *rural / urbano* que se foi construindo ao longo dos tempos.

Mas quem mora em Sicó?

É certo que há quem escolha partir, mas também há quem escolha ficar. Há quem aqui more desde sempre, há quem tenha migrado para mais tarde regressar “à terra que os viu nascer”, há quem esteja pronto a sair e há quem não se imagine a viver noutra lugar. Na visita de campo realizada no ano letivo 2021/2022, foi possível perceber que os habitantes das aldeias de Sicó



Figura 15. Entrevista em Pombalinho. 2021. Gonçalo Pereira ©

possuem uma grande variedade de perspetivas sobre a vida no campo. Nesse seguimento, surgiu a oportunidade de falarmos com os moradores da RAC, desde a Catarina, jovem de 18 anos de Poios, ao senhor Joaquim, de 92 anos de Chanca, e ouvir as suas preocupações, convicções e experiências sobre o que é viver no rural.

As reduzidas relações estabelecidas entre estas áreas e outros lugares do território afetam a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas. Como já referido, este impacto verifica-se um pouco por todas as aldeias e é o reflexo da falta de investimento, espelhada na falta de atividades e na falta de serviços, alimentando o sentimento de insegurança e incerteza no futuro. Contudo, embora se sinta também o forte sentimento de insatisfação, prevalece a vontade de desenvolver estes lugares, tal como indicou Adélia, moradora da aldeia de Pombalinho, que quer ver a sua aldeia crescer:

É necessário desconstruir a ideia de atraso associada ao rural, materializada, principalmente, na ideia de pessoas pouco instruídas e pelo estilo de vida baseado nas tarefas primárias, principalmente relacionadas com as atividades agropecuárias e agricultura. Hoje em dia, quem vive no rural, estuda ou trabalha nas sedes de concelho ou cidades próximas, mas a maioria são já reformados.

Porque gostam de viver aqui?

Nos lugares pequenos de Sicó, onde existem “três ou quatro famílias”, como lembrou Cláudia Santos, historiadora da Câmara Municipal de Ansião, todos conseguem expor as vantagens e desvantagens de morar aqui. Uma das vantagens por ela apontada contrasta com a realidade dos centros urbanos e está relacionada com o facto de nestes espaços todos se conhecerem e conhecerem as rotinas de cada um. Desse modo, testemunha-se um sentido de comunidade e interajuda que é vivido e preservado. Por outro lado, quem gosta de viver aqui presa o contacto com a natureza e a relativa proximidade aos grandes centros. Sílvia, moradora da aldeia da Chanca, comenta que todos os dias faz um percurso de 30 minutos de carro até ao seu local de trabalho, em Coimbra, e no fim do dia não há nada que lhe dê mais prazer que regressar à paz da sua aldeia.

O que os leva a sair?

Muitas vezes, quem sai da terra que os viu crescer, parte em busca de emprego, melhores condições de vida e melhores oportunidades. O difícil acesso aos serviços básicos condiciona a vivência em áreas rurais, por isso, os moradores deslocam-se para lugares mais desenvolvidos, como as sedes de concelho, cidades ou mesmo para outros países.



Figura 16. Entrevista em Poios. 2021. Adelino Gonçalves ©

O que existe nos espaços rurais que atrai os novos moradores?

Depois da pandemia muitas pessoas puseram em perspectiva a possibilidade de se refugiar por aqui. Celeste, que procurava um estilo de vida mais desacelerado, é um desses casos e é agora uma habitante da aldeia de Pombalinho.

Em suma, quem regressa ou visita uma primeira vez estes lugares, procura “voltar a casa” ou a um lugar “no meio do nada”, “onde a vida é pacata, calma, sem a confusão e correria da cidade” (António, recente morador de Sicó). Por sua vez, quem aqui mora há mais tempo, tudo faz para não abandonar o seu lugar:



Figura 17. Localização das aldeias da RAC. Joana Ramos ©

## Rede de Aldeias de Calcário

No interior, são muitos os municípios que procuram valorizar os seus atributos, tanto para atraírem turistas, como para fixarem a população. Neste capítulo aborda-se uma das estratégias criadas no território de ação da iniciativa *De volta ao rural* e outras medidas que visam o seu desenvolvimento.

De forma a promover o desenvolvimento de Sicó, nomeadamente, através da criação de novas atividades sociais e económicas, foi criada em 1995 uma associação de desenvolvimento local, a Terras de Sicó, uma Associação de Desenvolvimento de direitos privados, sem fins lucrativos que tem organizado iniciativas próprias de apoio a novos projetos em cooperação com outras entidades de âmbito local, regional, nacional e internacional.

Neste momento, a Terras de Sicó, em parceria com os 6 municípios que rodeiam a serra de Sicó, tem em desenvolvimento vários projetos de intervenção que procuram reforçar a atratividade turística da região através da sua paisagem cultural, nomeadamente a classificação do maciço de Sicó como Área de Paisagem Protegida, a inscrição da arte de construção de muros em pedra seca na Lista de Património Cultural Imaterial da Humanidade e a Rede de Aldeias de Calcário.

Apostando no(s) património(s), na biodiversidade, nos produtos endógenos e em características locais e inovação, foi criado em 2019, a partir da vontade de criar novas dinâmicas no território e de projetar os seus valores, um Plano Integrado de Intervenção denominado Rede de Aldeias de Calcário: 6 Aldeias, 12 Experiências<sup>10</sup>, no âmbito do Valorizar – Programa de Apoio à Valorização e Qualificação do Destino<sup>11</sup>, que enquadra uma linha específica de financiamento público, a Linha de Apoio à Valorização Turística do Interior<sup>12</sup>.

O Plano da Rede de Aldeias de Calcário [RAC], centrado na promoção de produtos e conteúdos turísticos com ações organizadas em função de diferentes tipos de objetivos, abrange 6 aldeias, uma de cada município associado da Terras de Sicó: Ariques (Alvaiázere), Casmilo (Condeixa-a-Nova), Chanca (Penela), Granja (Ansião), Poios (Pombal) e Pombalinho (Soure).

Com o objetivo global de projetar Sicó para o exterior com base no turismo, porém, como nos diz Carlos Silva (2011, p. n), “o turismo não é certamente a fórmula mágica que trará, só por si, a redenção económica para o ressurgimento das Terras de Sicó, mas é um elemento com uma importância inestimável”. Por isso, além de valorizar os produtos endógenos e promover o território enquanto destino turístico, a Associação tem apostado também na capacitação dos recursos humanos e inovação, bem como na cooperação territorial e transnacional.

---

<sup>10</sup> O Plano Integrado de Intervenção da Rede de Aldeias de Calcário (2019) criado pela Associação Terras de Sicó, integra apenas 6 aldeias, uma de cada município parceiro desta associação de desenvolvimento: Ariques (Alvaiázere), Chanca (Penela), Casmilo (Condeixa-a-Nova), Granja (Ansião), Poios (Pombal) e Pombalinho (Soure). Porém, durante os trabalhos de Atelier de Projeto IID e de Seminário, foi integrada a aldeia de Rabaçal (Penela).

<sup>11</sup> Programa aprovado com o Despacho Normativo nº9/2016, DR nº208, Série II (28/10/2016), pp.32314-32316.

<sup>12</sup> Linha de financiamento aprovada com o Despacho Normativo nº16/2016, DR nº250, Série II (30/12/2016), pp.37753-37754.





Então, a RAC está inserida numa estratégia de desenvolvimento que, entre outros projetos, se concentra em dois processos de valorização da paisagem cultural em curso, um que diz respeito à classificação do maciço de Sicó como uma Área de Paisagem Protegida Regional, e outro que visa a inscrição da arte de construção de muros em pedra seca na lista de património cultural e imaterial da humanidade da UNESCO.

Como já foi dito anteriormente, são diversos os produtos turísticos e as atividades de lazer e cultura da região. Por isso, é “fundamental reforçar a atratividade dos lugares, por via da criação e/ou melhoria da divulgação das forças do território, porém, as suas fraquezas- que existem e são variadas – não são debeladas apenas com a divulgação das forças e a garantia de serviços que assegurem a visitação turística.” (Gonçalves, 2022).

Os impactos do turismo nas aldeias da Rede poderão criar benefícios, porém é desejável que se criem projetos dos quais resultem alterações positivas na demografia, na melhoria das condições de vida das populações e na qualidade do ambiente construído, nomeadamente através da requalificação de espaço público e da reabilitação e/ou construção nas aldeias.

Numa tentativa de envolver os proprietários das habitações locais e de atrair novos moradores, a Terras de Sicó e os municípios, através da empresa Território XXI<sup>13</sup>, promovem a reabilitação urbana nas seis aldeias da rede. Para tal, foi criada uma estratégia de reabilitação que integra diretrizes no campo da proteção e preservação do carácter identitário das aldeias, e é desenvolvida em Áreas de Reabilitação Urbana [ARU] e Operações de Reabilitação Urbana [ORU] de cada aldeia<sup>14</sup>.

Com o objetivo de densificar esta estratégia de reabilitação, os estudantes participantes na iniciativa *De volta ao rural* elaboraram uma estratégia de desenvolvimento integrado para a RAC, à qual se juntou a aldeia do Rabaçal no início dos trabalhos e a pedido da Câmara Municipal de Penela.

A proposta defendida pelos estudantes tem por base os objetivos da estratégia que visa o reforço da atratividade das aldeias, a valorização das pessoas e dos produtos e recursos endógenos. Esta estratégia considera que as Aldeias de Calcário podem tornar-se Polos Multifuncionais, Aglutinadores Sociais e Centros de Saber e Experiência, e segue os seguintes eixos estratégicos de intervenção:

- I. Criar sinergias e promover a multifuncionalidade;
- II. Reforçar e capacitar o associativismo;
- III. Valorizar o espaço público;
- IV. Potenciar a sustentabilidade e o bem-estar da comunidade;

---

<sup>13</sup> A Território XXI é uma empresa de consultoria técnica que presta serviços nos domínios do planeamento, ordenamento do território, ambiente e paisagismo que se encontra a desenvolver uma estratégia de reabilitação das aldeias da RAC e que partilhou com os estudantes que se encontram a desenvolver as suas teses no âmbito da iniciativa *De Volta ao Rural...*, os estudos de caracterização de cada aldeia.

<sup>14</sup> As ARU e as ORU estão a ser desenvolvidas no âmbito do Regime Jurídico de Reabilitação Urbana, Aprovado com o Decreto-Lei n.º 307/2009 de 23 de outubro e alterado com a Lei n.º 32/2012, de 14 de agosto.



- V. Valorizar os patrimónios cultural e natural;
- VI. Desenvolver o turismo.

Em suma, esta proposta pretende reforçar a atratividade e a autoestima das aldeias da RAC através da valorização e preservação do património natural, cultural e construído característico da região.



Figura 18. Edifício em Chanca, exemplificativo das alvenarias de pedra seca típicas da arquitetura vernacular de Sicó. Chanca. 2023. Joana Ramos ©

## Arquitetura vernacular de Sicó

Um território, os seus atributos e a comunidade são característicos de cada região e estão relacionados com a geografia. Sicó, território em estudo, possui diversos patrimónios que devem ser alvo de preservação, mas também podem ajudar a responder aos problemas que enfrenta, antes referidos. Neste capítulo é feita uma caracterização da arquitetura vernacular de Sicó e uma reflexão sobre as novas intervenções nas aldeias da Rede.

O homem sentiu desde sempre necessidade de procurar refúgio para se proteger, seja dos animais selvagens ou das condições atmosféricas. Inicialmente, procurava abrigo em cavernas e grutas naturais e, mais tarde, começou a construir os seus próprios abrigos. Com o tempo, recorrendo a técnicas construtivas mais elaboradas, surgem as construções em pedra e madeira, que obrigam a soluções mais aperfeiçoadas.

Cada região desenvolveu a sua própria arquitetura, as suas próprias técnicas de construção adaptando-se às condições geográficas, climáticas e aos materiais disponíveis no local. A arquitetura vernacular “termo anglo-saxónico para designar a arquitetura construída pelo povo e para o povo” (Fernandes, 2019), é também uma definição oposta à arquitetura planeada por um autor. Aquela surge de forma espontânea, aparentemente irregular, mas com uma lógica própria, para responder às exigências do homem, nomeadamente, nas questões de segurança e proteção contra as intempéries. Este tipo de arquitetura destaca-se pela sua simplicidade, sendo o resultado genuíno da conjugação da resposta às necessidades básicas com as técnicas de construção tradicionais, que utilizam muitas vezes de forma pragmática os recursos e materiais disponíveis.

Para João Leal (2011, p. 70), a arquitetura vernacular, comumente apelidada de arquitetura popular, tradicional e regional, é construída pelo povo, “o seu autor coletivo”, sem o auxílio de arquitetos. Em contrapartida, a “popular architecture”, para os anglo-saxónicos, é aquela que chamamos de autor ou planificada, que apesar de estar associada ao povo é indireta, pois é construída a partir de uma interpretação externa, como refere Maria Fernandes (2019, p. 62). Trata-se de uma arquitetura planeada, desenhada e construída por outros que têm interpretações e vontades diferentes das gentes locais e que, por isso, apesar de utilizar materiais locais, é apenas uma tentativa de aproximação.

Em Portugal, em meados do século XX, desenvolveram-se estudos sobre a arquitetura vernacular e dessas investigações distinguem-se quatro momentos cruciais para o conhecimento desta arquitetura: o Inquérito à Habitação Rural; o Movimento da Casa Portuguesa; o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal e as investigações coordenadas por Ernesto Veiga de Oliveira.

O Inquérito à Habitação Rural, promovido pelo Senado da Universidade Técnica de Lisboa nas décadas de 30 e 40 do século XX, foi realizado por um grupo de engenheiros agrónomos, entre os quais se contavam Lima Basto, Henrique de Barros e Castro Caldas. Este inquérito defendia

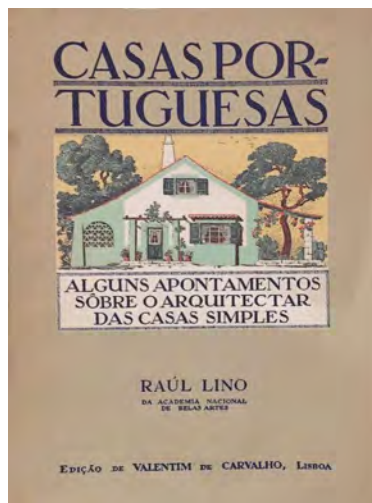


Figura 19. Capa do livro Casas Portuguesas de Raúl Lino.

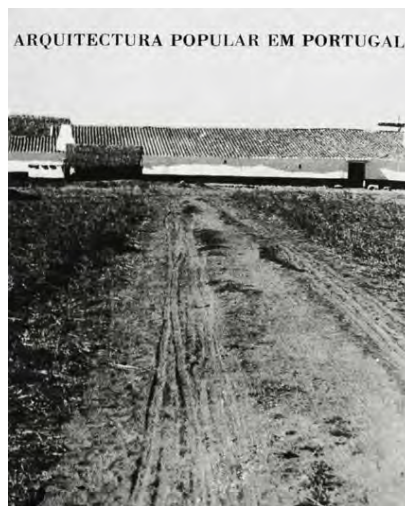


Figura 20 e 21. Capas do livro Arquitetura Popular em Portugal (volume 1 e 2).

“a habitação rural como uma variável importante na produtividade e na organização racional das explorações agrícolas e como um fator fundamental para a melhoria do nível de vida das populações rurais e para o desenvolvimento agrícola do país.” (Leal, 2000).

Tendo em vista o desenvolvimento da agricultura em Portugal, o Inquérito pretendia fazer um levantamento da composição e condições socioeconómicas da unidade de habitação dos camponeses portugueses e a relação desta com a prática agrícola associada. Esta “identificação precisa, minuciosa, quase obsessiva, dos modos de habitar nos campos portugueses” (Leal, 2019) permitiu conhecer a realidade do público-alvo e traçar medidas ajustadas tendo em vista o melhoramento das suas condições.

A partir de 80 casos de estudo procedeu-se ao levantamento completo de casas populares portuguesas que permitiu detalhar desde características gerais, como a sua localização, ao aspeto exterior, aos materiais utilizados na construção, até a aspetos mais específicos como, por exemplo, as condições de acesso à água e saneamento ou a indicação das medidas exatas de cada divisão interior da casa. Por fim, inventariava o recheio da casa onde se apontavam os móveis, os utensílios de cozinha e os têxteis e acessórios de uso doméstico.

O Movimento da Casa Portuguesa, defendido entre as décadas de 1940 e 50, e o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, que teve lugar nas duas décadas seguintes, foram os dois momentos mais importantes na pesquisa sobre a arquitetura popular em Portugal, embora com visões diferentes. O primeiro movimento, originado com contributos de Raul Lino, embora tenha integrado outras personalidades, defendia “a existência de um tipo específico de habitação popular que seria caracteristicamente português- designado justamente por casa portuguesa- e a defesa e institucionalização de um formulário arquitetónico- adequado às exigências da vida moderna” (Leal, 2019, p. 6).

Por seu lado, o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, contou com o apoio de arquitetos, entre os quais se encontravam Fernando Távora, Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira. Neste Inquérito defendia a existência de várias arquiteturas, vários estilos, decorrentes dos contextos nos quais estão inseridas, por isso, “era proposta uma radiografia da arquitetura popular portuguesa interessada, entre outros objetivos, em sublinhar a sua diversidade regional” (Leal, 2009, p. 8).

Os dois últimos movimentos defendiam, assim, visões diferentes, o Movimento da Casa Portuguesa procura definir, no singular, uma “casa-tipo”, tipicamente portuguesa, que seja exemplo da arquitetura popular em Portugal, enquanto o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal reconhece que não existe apenas um exemplo, e que a habitação é variável de região para região, tanto nas soluções arquitetónicas, como nas suas características formais de organização do espaço. Portanto, o Inquérito não pretendia definir um modelo ou um “programa estilístico” (Leal, 2009, p. 8), como o caso da Casa Portuguesa, e teve um papel fundamental no que diz respeito à promoção do diálogo entre a arquitetura moderna e a arquitetura vernacular.



Figura 22. Exemplo típico de padieira em triângulo. Chanca. 2021. Joana Ramos ©



Mais tarde, entre 1950 e 1970, foi elaborado o estudo etnográfico e antropológico da arquitetura tradicional portuguesa, realizado por antropólogos do Museu Nacional de Etnologia coordenados por Ernesto Veiga de Oliveira. Este estudo incidiu em três temas principais e começou com o levantamento da cultura e técnicas tradicionais do mundo rural português e rapidamente alargou os seus objetivos.

O primeiro consiste na análise de um conjunto de tipologias habitacionais (urbanas e rurais) no Porto ou em áreas próximas. O segundo relata os estudos monográficos de formas de arquitetura popular de natureza precária dos materiais de construção e do aspeto transitório da ocupação humana. Por último, um conjunto de trabalhos que sintetizam as várias tipologias habitacionais populares em todo o país.

Em síntese, estas quatro formas diferentes de olhar a arquitetura popular, embora com perspetivas diferentes, colaboraram no mesmo sentido de valorizar a cultura local e contribuíram para uma consciencialização da importância de preservar a arquitetura popular. Estes estudos resultaram num impacto significativo no campo da arquitetura popular em Portugal, pois contribuíram para a sua compreensão como fenómeno cultural e social, e a partir deles surgiram iniciativas que defendiam a proteção do património que representava.

Porém, apesar de toda a pesquisa e dos estudos realizados no século XX, não existe informação relativa à arquitetura vernacular de Sicó nestes Inquéritos. Deste modo, a iniciativa *De volta ao rural* e as dissertações que nela têm sido desenvolvidas, pretendem adensar o conhecimento da arquitetura vernacular de Sicó e propor ações que a valorizem.

Pois bem, a arquitetura popular de Sicó possui características singulares e a sua valorização pode contribuir para o reforço da identidade local. Como em qualquer lugar, as condições do território influenciaram a forma de construir e de habitar. A predominância da rocha calcária levou à construção de uma arquitetura vernacular que reside, atualmente, em grande parte da região e que despoleta interesse por parte de vários públicos.

As construções vernaculares, além de revelarem conhecimento e saberes-fazer, têm o poder de nos transportar para o imaginário, mas “Porquê este fascínio com estes fragmentos do passado? [...] Recordação cujas ruínas transformam em conhecimento – ou melhor, reconhecimento – de um lugar, de modos de fazer, um ofício, uma linguagem.” (Ustároz, 1997).

Em Sicó, como sugeriu Carlos Silva numa das suas palestras, existem paisagens com as quais é fácil ficarmos fascinados, igual a uma criança no Portugal dos Pequenitos. Mas também as múltiplas soluções construtivas, construídas à base de pedra calcária e madeira, são excelentes indicadores do pragmatismo com que o homem se adaptou ao meio, caracterizado pelos solos fracos, territórios acidentados e pedregosos, e pela ação dos agentes climatéricos. No passado, como refere Joana Ferreira (2020), a necessidade de confrontar um programa com um lugar, obrigou o homem, mesmo sem dominar o conceito de energia térmica, nem conhecer as leis da



Figura 23. Muros de pedra seca. Chanca. 2021. Joana Ramos ©



Figura 24. Cunhal com pedras triangulares. Pombalinho. 2021. Joana Ramos ©

termodinâmica, a construir por via sensorial e empírica edifícios eficientes, tendo em atenção o clima, a forma e os materiais de construção.

Em todas as aldeias e terrenos envolventes existem exemplos de estruturas que denunciam a relação simbiótica entre o homem e a natureza, como os muros de pedra seca, os abrigos dos pastores, os sistemas de captação e armazenamento de água, as eiras, os lagares e os moinhos. Os muros de pedra seca eram construídos com pedra calcária de diversas formas e dimensões. Eles eram erguidos pelo homem conforme as suas necessidades, com o intuito de libertar os terrenos para cultivo, sendo construídos para delimitar as propriedades e circunscrever os animais, que permitiram o enriquecimento dos solos. Estes muros, aparentemente construídos de forma pouco cuidada e sem qualquer critério de seleção das pedras que os constituem, revelam, a partir de um olhar mais atento, “que os seus construtores se socorrem de algumas técnicas com vista à sua consolidação estrutural, que permite que muitos deles ainda se mantenham de pé” (Marques, 2021).

Os muros são executados sobre trincheira escavada, limpa e de camada resistente, não profunda. Apesar de existirem exemplos que contêm pedras similares em toda a altura do muro, de modo a obter maior estabilidade, verifica-se uma tendência de ligeira inclinação das pedras para o interior, com o embasamento formado pelas pedras de maiores dimensões e mais resistentes e os elementos mais planos e de menores dimensões são colocadas no coroamento do muro, geralmente mais estreito que a base.

Estas construções de grande diversidade estética (Figuras 23) não recorrem a nenhum tipo de argamassa ou aglutinante no seu assentamento, e estão dependentes da qualidade da mão de obra disponível, das características do ambiente e das pedras existentes bem como das técnicas e tecnologias disponíveis, por isso, é necessário escolher criteriosamente as pedras que nele encaixem de modo a obter um bom travamento. Este critério de seleção é também visível nos cunhais, zonas de maior fragilidade, onde é frequente existirem pedras de forma triangulada que acompanham o cunhal (Figura 24).

Dada a natureza do solo cársico, a escassez de água à superfície levou o homem a construir sistemas que garantissem o armazenamento, como poços, cisternas e respetivos sistemas de canalização. Estes procedimentos simples e engenhosos que visam o armazenamento de água usam, entre outras soluções, a telha canudo assente em declive desde o ponto de recolha até às cisternas ou poços que foram determinantes na fixação das populações e possuem um grande valor cultural e patrimonial.

Um exemplo de construções que têm esse carácter cultural e patrimonial são as eiras e as casas de eira que assumiam “um papel bivalente: simultaneamente laboral e de encontro social.” (Martins J., 2001). Estas construções de piso térreo não ultrapassam os três metros de altura, e procuravam uma implantação arejada e com bastante exposição solar, pois serviam para malhar, secar e guardar os cereais. Por se tratar de edifícios menos relevantes, são construídas com alvenarias de

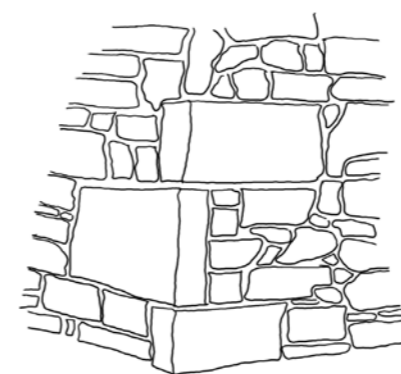


Figura 25. Colocação das pedras dos cunhais ao cutelo. 2022. Joana Ramos ©



Figura 26. Colocação das pedras dos cunhais à meia vez. 2022. Joana Ramos ©



Figura 27. Padieiras: a) Com elemento horizontal de pedra; b) Com elemento horizontal de madeira; c) Em triângulo; d) Em arco. 2021. Joana Ramos ©

pedra à vista e possuem telhados de duas águas com estrutura simples em madeira, revestido com telha cerâmica. Em contrapartida, os edifícios de habitação desta região são, normalmente, caiados tanto pelo interior como pelo exterior; com reboco de cal. As habitações surgem sempre associadas a espaços de cultivo e a soluções de captação de água, essenciais para a subsistência, nomeadamente com reservatórios sob escadas no caso de habitações de dois pisos.

As visitas ao território permitiram identificar algumas destas características, nomeadamente, o uso dos materiais existentes no meio, como já foi referido, e as técnicas de emparelhamento da pedra. À semelhança de alguns casos de muros de pedra seca a disposição das pedras é feita tendo “em conta um perfeito encaixe entre elas evitando vazios e alinhamento de juntas” (Marques, 2021).

As paredes das habitações, geralmente construções de planta quadrada ou retangular, caracterizam-se pela razoável resistência à compressão que depende também da utilização ou não de travamento dos panos de parede. Esta técnica construtiva implica que após a primeira fiada, seja executada a segunda de forma que a primeira fique perfeitamente travada, quer nos cunhais quer nas intersecções entre planos. A construção de cunhais é variada e a aplicação da pedra pode ser ao cutelo e à meia vez, como testemunham as figuras 25 e 26.

A necessidade de abrir vãos nas paredes de alvenaria sem comprometer a estabilidade do conjunto da alvenaria, conduziu à criação de soluções de reforço. Nestes vãos, as padieiras, elementos horizontais colocados sobre as ombreiras, são construídas de forma a suportarem as cargas da parede de alvenaria e de forma a travarem as forças das ombreiras, pedras colocadas na vertical nas laterais do vão. Deste jeito, e no caso de vãos de maior largura, em Sicó as padieiras eram reforçadas recorrendo a elementos horizontais paralelos à padieira, elementos dispostos em triângulo ou em arco abatido (Figura 27).

As casas eram construídas com a fachada principal “virada para a rua ou virada para vertentes favoráveis onde possa usufruir de exposição solar; com maior frequência para Este ou Sudeste.” (Marques, 2021), apresentam geralmente, planta quadrangular ou retangular, e possuem um ou dois pisos. Nas casas de piso térreo surgem anexos, uma estratégia para proteger as paredes da habitação da exposição solar; no verão, e do vento, no inverno.

A organização das casas de dois pisos é também estratégica, na medida em que o calor gerado pelos animais no piso térreo subia e mantinha quente o andar superior, onde viviam as famílias. No interior, no piso térreo, utilizava-se a madeira para as paredes interiores não estruturais, que eram em tabique, e para os pavimentos interiores em soalho. O acesso à habitação é independente do piso térreo, sendo feito exclusivamente pelo exterior por uma escada de pedra, perpendicular ou adossada a uma das fachadas, ou, noutros casos, por uma escada de madeira exterior coberta. É comum existir um patamar, que é terraço ou alpendre e pode servir de reservatório de águas pluviais simultaneamente, junto à entrada da habitação. Estes elementos são bastante típicos na arquitetura vernacular de Sicó, além de contribuírem para a harmonia do desenho da casa, funcionam como espaços de transição, permitindo controlar a temperatura.



Figura 28. Ruína de dois pisos. Chanca. 2022. Joana Ramos ©



Figuras 29, 30 e 31. Construções novas em Poios. 2023. Joana Ramos ©



Figuras 32, 33 e 34. Condomínio privado em Chanca. 2021. Adelino Gonçalves ©



Figura 35, 36 e 37. Exemplos de opções construtivas com impacto negativo. 2022. Joana Ramos ©

No piso superior existiam os quartos, a sala e a cozinha, denunciada pela presença da chaminé num canto da divisão. A cozinha, o elemento de transição interior e o exterior, é também espaço de reunião da família, que se juntava em torno da lareira. O fogo era o que permite garantir uma temperatura confortável na habitação, além do calor animal, proveniente do piso térreo. Também nos alçados simples se nota a preocupação com o conforto no interior da habitação, pois apresenta aberturas pontuais de pequenas dimensões para preservar o calor no interior.

As construções que existem em todas as aldeias da RAC são modelos de inteligência na gestão racional dos recursos e de adaptação aos lugares e podem dar pistas para a forma como se pode intervir neste território, bem como transmitir ensinamentos de como construir de forma mais sustentável. Rudofsky, na mesma linha de pensamento, já defendia há mais de seis décadas, que “A beleza desta arquitetura há muito foi descartada como acidental, mas hoje devemos ser capazes de reconhecê-lo como o resultado de raro bom senso no tratamento de problemas práticos.” (Rudofsky, 1964, p. 15).

Contudo, com o acesso a novos materiais e a partir de exemplos que se importaram de outros lugares, crescem nestas aldeias construções que resultam de uma “mistura de culturas, e um desejo de ostentação” e “totalmente descontextualizados do lugar e descaracterizadores da paisagem” (Monteiro, 2017).

Na aldeia de Poios, por exemplo, os edifícios recentes, entendidos pelos seus autores como exemplos de modernidade, contrastam enormemente com a envolvente. (Figuras 30 e 31). Também na aldeia da Chanca, um condomínio privado localizado no seu limite nascente (Figuras 35, 36 e 37) resulta numa intervenção que perturba e afeta a harmonia do lugar. Quando se pensa numa aldeia vivida pressupõe-se a ideia de convívio, de partilha, e esta construção completamente isolada retira a essência e impede quem ali mora de ter a experiência de viver no rural na sua plenitude.

Posto isto, as construções contemporâneas nestas aldeias não têm beneficiado a arquitetura vernacular e conduzem a uma descaraterização e perda de identidade arquitetónica local. Atualmente, com avanços tecnológicos e novas técnicas de construção, e até a produção de novos materiais, continua a ser possível resgatar a arquitetura popular, trazendo-a para o presente como forma de valorizar uma tradição em perda. Assim, como sugere Tatiana Castanhas citando Indira Gandhi (1980), deve existir um equilíbrio entre a arquitetura tradicional e a arquitetura corrente, pois, “são precisas novas técnicas, mas é preciso também conservar as antigas, que reúnem os conhecimentos acumulados pelos habitantes, desde há séculos [...] mas é preciso adaptar e melhorar o foi adquirido” (Castanhas, 2020, p. 18).



Figura 38. Edifício em processo de reabilitação- Chanca. 2023. Joana Ramos ©



Deste modo, e num contexto em que a questão da reabilitação do edificado adquiriu finalmente protagonismo, é pertinente defender-se a valorização do património construído vernacular. Neste sentido, importa conhecer criticamente este património, para impedir que se atue no território de forma a prejudicar o legado que nos foi deixado. No caso de Sicó, são exemplos a evitar, a construção de paredes forradas a pedra que ridicularizam as alvenarias ou o uso de revestimentos cerâmicos em paredes e muros, para dar a imagem de alvenaria de pedra (Figura 35), ou ainda outras opções como a remoção do reboco para deixar a alvenaria de calcário aparente (Figura 38).

Não significa isto que a via acertada é a reprodução das soluções vernaculares. Significa antes que as opções de construção não devem ser apenas baseadas em critérios formais e estéticos, nem deve ser focada apenas no tradicional ou no moderno, pois existe a possibilidade de caminhar por uma terceira via. É possível a combinação de respostas a necessidades contemporâneas e com o uso de soluções construtivas atuais, com o ambiente construído das aldeias, ou seja, sem perder o respeito pela história e tradições locais.

Por fim, a autenticidade e o valor cultural da arquitetura vernácula de Sicó, torna imperativa a reabilitação deste património e esta dissertação pretende mostrar, por via de boas práticas, soluções para a valorização da arquitetura vernacular de Sicó, ou seja, como se pode intervir hoje nestes lugares, sem prejuízo da identidade dos mesmos.



Figura 39. Peregrinos no Caminho. Ariques. 2022. Joana Ramos ©

## Rota de peregrinação enquanto fator de desenvolvimento em Sicó

Uma das estratégias mais implementadas para contrariar o efeito da litoralização assenta na promoção turística das regiões do interior. As medidas que dão corpo a estas estratégias valorizam a cultura, a história e os patrimónios locais, no entanto, é importante ter em conta que existem diferentes motivações para a visitação. Elas podem pautar-se, por exemplo, por atividades de lazer e/ou culturais, contacto com o património natural ou por experiências de partilha de saberes-fazer. Existem ainda outras atividades que podem ser dominadas por objetivos específicos, mas podem permitir qualquer uma destas atividades. Este é o caso da peregrinação, em que o objetivo de chegar a um lugar sagrado se faz percorrendo por vezes grandes áreas do território em contato direto com todos os lugares atravessados.

Neste caso, os peregrinos podem vivenciar experiências vinculadas aos lugares de maneiras diferentes e, assim, a experiência de peregrinar ser enriquecida com outros sentidos, permeando conceitos e padrões associados a religiões, com outras culturas. De facto, cada vez mais turistas e peregrinos, de diversas origens e culturas, procuram experiências alternativas e muitas rotas. Apesar do vínculo a motivações religiosas, são também vistas como forma de mobilidade mais rica, pelas experiências que proporcionam.

Ora, uma vez que trabalho assenta numa proposta de valorização da Rota Carmelita com vista a criar espaços de apoio aos peregrinos, é particularmente importante perceber como é que estas estratégias têm sido implementadas em Sicó, nomeadamente que ofertas de alojamento existem na região, bem como e se há necessidade de novas infraestruturas e serviços de apoio à peregrinação.

Este trabalho defende uma proposta para a Rota Carmelita, rota que tem Fátima como destino e atravessa o território de Sicó desde Coimbra, mais precisamente desde o Carmelo de Santa Teresa. Trata-se de uma proposta que defende este duplo valor de uma rota de peregrinação, e é feita com o objetivo de criar múltiplos impactos no desenvolvimento do território que a rota atravessa.

No maciço de Sicó, esta rota coincide em alguns troços com o Caminho Central do Caminho de Santiago, que é um caminho de peregrinação muito importante e frequentado, por isso, aqui analisado.

O Caminho de Santiago atrai peregrinos de todo o mundo, que caminham ao longo de centenas de quilómetros para chegar à Catedral de Santiago de Compostela, na Galícia, em Espanha. Estes caminhos surgiram da devoção ao apóstolo Tiago, devido à alegada descoberta no século IX de um túmulo que se diz pertencer ao apóstolo. Esta descoberta do suposto túmulo do Santo alterou radicalmente a pequena povoação de origem romana, no noroeste da Península Ibérica, e desde cedo começaram a aparecer peregrinos de várias origens, espoletando assim a projeção internacional do lugar.



Figura 40. Dornes. 2021. Joana Ramos ©

Assim, de acordo com Ana Mendes (2009), Afonso II mandou construir uma pequena igreja para assinalar a descoberta e, mais tarde, Afonso III ampliou-a, transformando a pequena igreja numa grande basílica capaz de acolher fiéis de toda a Europa. Em 1078, no reinado de D. Afonso IV, é finalmente iniciada a construção da catedral, contudo, apenas na idade média se começou a registar uma grande afluência de peregrinos a Compostela (Mendes, 2009, p.1-7).

Os peregrinos traçavam novas estratégias para chegar ao destino mais rapidamente, no entanto, seguiam muitas vezes os caminhos já traçados tendo por base as rotas comerciais, bem como as vias romanas e medievais que, apesar do significado religioso, permitiam cumprir diferentes objetivos e contactos entre culturas.

Ora, ao longo dos anos foram sendo construídos equipamentos e criados serviços de apoio ao caminho, como hospitais, pontes, igrejas e cemitérios, e foram surgindo novos núcleos populacionais, traduzindo-se num “legado histórico e artístico tão importante que ainda hoje é impossível avaliá-lo” (Torre, 2010, p.19).

Naturalmente, são caminhos que têm impacto naqueles que os percorrem por serem uma evidência de fé, mas também de superação, por se tratar de uma jornada desafiadora e uma oportunidade de reflexão e introspeção. Mas o Caminho de Santiago também tem impacto significativo na economia local dos lugares que atravessa, traduzido no aumento da procura nos serviços na região, ou seja, contribui para a valorização dos lugares por onde passa.

Por sua vez, em Portugal, a devoção a Maria, manifesta-se na construção de igrejas e capelas que pontuam o território. Na região Centro surgiram, ainda na Idade Média, os primeiros Santuários, um em Dornes, em sinal de devoção à Nossa Senhora do Pranto e o outro, situado no Sítio da Nazaré, em honra de Nossa Senhora da Nazaré.

Dornes, no distrito de Santarém, é uma aldeia situada numa pequena península do Rio Zêzere e foi distinguida como uma das maravilhas de Portugal<sup>15</sup>, na categoria de aldeias ribeirinhas. Esta aldeia foi transformada num polo de atração turística destacando-se pelas paisagens deslumbrantes, pelo seu património histórico e monumental, do qual se evidenciam a Igreja de Nossa Senhora do Pranto, mandada erguer pela rainha Santa Isabel em 1285, e a Torre de Dornes, a misteriosa e primeira torre Pentagonal Templária em Portugal, ex-líbris da região (Alves, 2019).

Esta é uma região que se renova e transforma todos os anos. Entre a Páscoa e setembro, quarenta e três paróquias fazem uma peregrinação ao Santuário da Nossa Senhora do Pranto (Freitas, 2019), potenciando o desenvolvimento económico da região e proporcionando dinâmicas na comunidade, permitindo o encontro entre locais e visitantes em torno de uma celebração ou devoção comum.

---

<sup>15</sup> As 7 Maravilhas de Portugal ativas desde 2007, foram criadas com o propósito de divulgar e comunicar os valores positivos de uma Identidade Nacional forte – causas nacionais reconhecidas.



Figura 41. Percurso da Rota Carmelita, Condeixa. 2023. Joana Ramos ©

Por último, o exemplo de Fátima, que antes de se transformar a partir da questão religiosa, era um local comum dedicado essencialmente às atividades do setor terciário, tendo-se reinventando e constituindo hoje o local de peregrinação mais significativo em Portugal, ao qual acorrem peregrinos de todo o mundo.

As rotas de peregrinação podem, assim, ter um impacto positivo no desenvolvimento de uma região e este pode manifestar-se de maneiras diferentes. Desde logo no reforço da atratividade de um lugar, pois a valorização das rotas com serviços de apoio inovadores ou a melhoria global das condições do caminhar podem refletir-se num maior número de visitantes que, como dito antes, podem fazer os caminhos com base em diferentes motivações.

Desse modo, este reforço de atratividade pode refletir-se na economia local, por exemplo, com o aumento da procura de alojamento e de diferentes tipos de serviços, nomeadamente de restauração, saúde ou o comércio local em termos gerais. Mas além destes impactos, ainda é plausível que ocorram outros associados ao facto destes caminhos terem segmentos que frequentemente percorrem locais históricos e sítios culturais importantes, podendo assim contribuir para a sua preservação.

A **Rota Carmelita** é um destes casos e é um percurso de 111 km que atravessa os concelhos de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Penela, Ansião, Alvaiázere e Ourém. Neste território, os caminhantes percorrem caminhos pedonais afastados dos grandes eixos rodoviários, permitindo um maior conforto e contacto com a natureza. Na realidade, alguns troços coincidem com estradas com uma carga de tráfego automóvel considerável, sobretudo no troço entre Coimbra e Condeixa-a-Nova. Porém, a sul desta vila, a rota caracteriza-se por atravessar áreas rurais e agroflorestais e é igualmente usada por praticantes de desporto da natureza, nomeadamente ciclismo.

Este percurso foi o *leitmotiv* para o desenvolvimento da proposta apresentada. Numa grande extensão do centro de Portugal, entre Coimbra e o Santuário de Fátima, a Rota Carmelita coincide com o Caminho de Santiago e o Caminho de Fátima. Inspira-se na vida e obra da Irmã Lúcia, uma das três crianças que alegadamente viram a aparição de Nossa Senhora de Fátima, e foi desenvolvida a partir de 2010 em jeito de preparação para a chegada do Papa Bento XVI a Portugal.

Como se sabe, a Irmã Lúcia ingressou no Carmelo de Santa Teresa em Coimbra em 1947 e aí viveu até à sua morte em 2005. Assim, simbolicamente, o percurso da rota começa junto do memorial da Irmã Lúcia, no Carmelo e termina em Fátima. Embora tenha começado a ser preparada a partir de 2010, a Rota Carmelita foi apenas posta em prática a partir de 2019, através de um projeto da agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas do Mondego, gerido em parceria pela ACF-Associação Caminhos de Fátima.



Figura 42. O caminho em Santiago de Ariques. 2023. Joana Ramos ©



No plano de desenvolvimento da Rota, foi tido em conta por todas as agências de desenvolvimento em campo, que existem em muitas aldeias e lugares do maciço de Sicó pontos atrativos históricos e/ou naturais. Por isso, foi pensada e colocada em prática uma estratégia por diferentes atores do território, que visa a estruturação, desenvolvimento e promoção adequadas a cada segmento do caminho.

Nos últimos anos, a Rota Carmelita tem vindo a ser valorizada pelos municípios dos diferentes concelhos atravessados e ganho, conseqüentemente, destaque. A Associação de Caminhos de Fátima<sup>16</sup>[ACF], por exemplo, tem vindo a fazer um importante trabalho, procurando dotar de melhores condições de segurança os caminhos que levam milhares de peregrinos até ao Santuário de Fátima, embora procurando também dinamizar estes percursos do ponto de vista turístico e cultural, nomeadamente com o contato com os patrimónios de Sicó.

Atualmente, segundo o Presidente da Câmara Municipal de Pombal, Pedro Pimpão (2022), o “trabalho passa precisamente pela identificação de todos os atrativos e sua incorporação na estratégia de comunicação”. Também Catarina Louro (2022), vereadora do município de Leiria, defende que a importância da Rota Carmelita para a região é “clara como a água”.

Na realidade, os Caminhos de Fátima, entre os quais se encontra a Rota Carmelita, são hoje uma grande preocupação que os autarcas, em conjunto com a ACF, têm vindo a demonstrar na procura de meios para garantir melhores condições de segurança para os peregrinos. Desse modo, tem existido por parte dos vários municípios um esforço grande no que diz respeito à manutenção dos caminhos e respetiva sinalética e à sua promoção. (Correia, 2022)

Os municípios e outras entidades envolvem-se para acautelar que nos momentos de maior fluxo de peregrinos sejam garantidos postos de apoio, haja reforço das medidas de segurança, acompanhamento e todas as condições necessárias para conferir dignidade a quem faz esta caminhada de esforço e devoção.

No entanto, como ressalva, Pedro Pimpão (2022) refere que “é necessário também proporcionar outro tipo de oferta, com condições de segurança e fruição que correspondam a cada um dos peregrinos ou caminhantes que, em qualquer momento do ano, pretendam fazer este percurso” (Correia, 2022).

Com a análise do território e das rotas de peregrinação, foi possível perceber que durante o percurso os peregrinos apenas têm acesso a cuidados de saúde, com carácter permanente, nos núcleos urbanos de maiores dimensões. Por isso, a Associação de Caminhos de Fátima e a Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas do Mondego, traçaram uma estratégia para proporcionar este tipo de apoio fora desses núcleos. Como os caminhos percorridos são muitas vezes de difícil acesso, apostou-se em unidades móveis que acompanham os peregrinos em

<sup>16</sup> A Associação Caminhos de Fátima é uma instituição que tem como objetivos principais o fomento e a defesa dos Caminhos de Fátima em todas as suas dimensões, o apoio a peregrinos e caminhantes dos Caminhos de Fátima, e a defesa e promoção do património cultural e natural dos percursos.



Figura 43. Rota pedestre no Casmilo. 2022. Joana Ramos ©



Figura 44. Albergue "O Bonito", Rabaçal. 2023. Joana Ramos ©



Figura 45. Albergue "Adega Típica", Ansião. 2023. Joana Ramos ©



Figura 46. Alojamento "Ansiturismo", Ansião. 2023. Joana Ramos ©

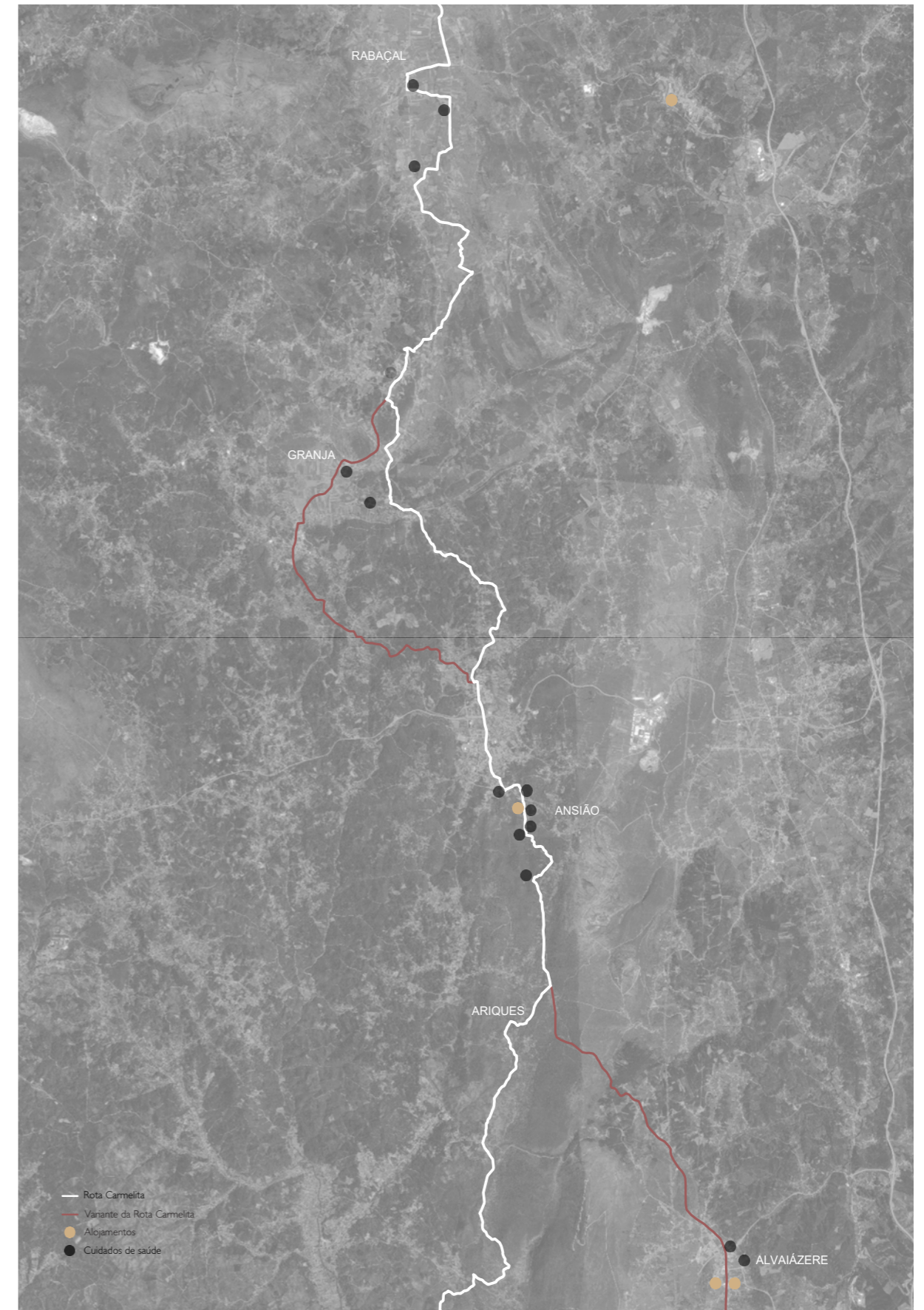


Figura 47. Localização de serviços de apoio aos peregrinos na Rota Carmelita. Joana Ramos ©

pontos estratégicos, como é possível consultar no Folheto que indica a localização das viaturas de apoio ao peregrino nos Caminhos de Fátima que se encontra em anexo.

Posto isto, e tendo em conta que falamos de um território de baixa densidade, onde existem pequenos aglomerados desprovidos de serviços essenciais e distantes dos mais próximos, mas ao mesmo tempo com atrativos arquitetónicos, históricos e naturais, é pertinente a intervenção na Rota Carmelita com ações adequadas a cada segmento do caminho, que reforcem a sua qualidade em termos globais e promovam os lugares que atravessa.

Porém, os desafios que se colocam a este respeito são grandes, pois não deixa de ser verdade que existem aglomerados igualmente atravessados por rotas de património cultural e/ou natural e caminhos de peregrinação, mas os benefícios que daí advêm não têm impedido a sua desvitalização. Então, como poderá a Rota Carmelita ver reforçados os seus contributos para reverter a progressiva desvitalização do território?

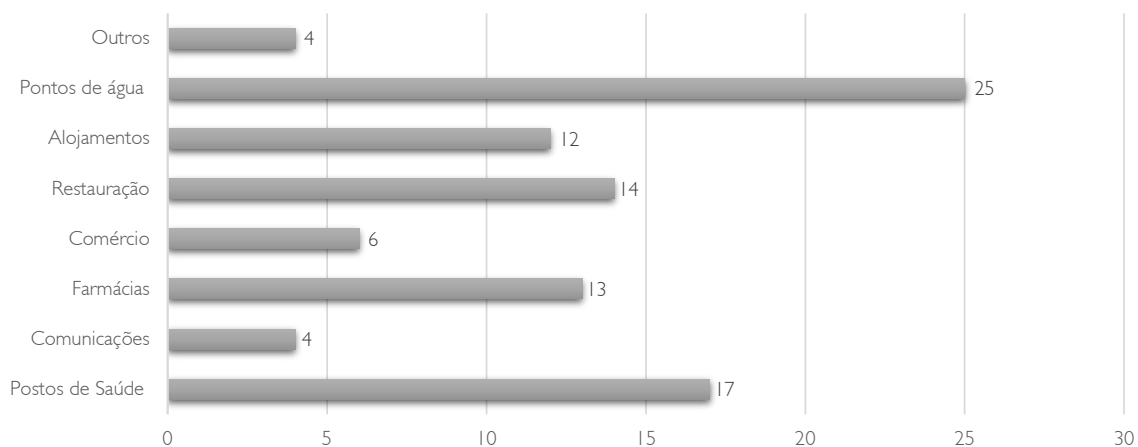
A Rota Carmelita atravessa três aldeias da RAC, Rabaçal, Granja e Ariques. Este trabalho foca-se no peregrino e nas suas necessidades, sem esquecer a população residente de Sicó, sendo diretamente intervencionadas as aldeias de Granja e Ariques. Do ponto de vista económico e dependendo das atividades e serviços que forem criados ao longo do percurso, além de se impulsionar o setor do turismo, podem ser criadas oportunidades de emprego e negócios, especialmente em áreas rurais. Este tipo de impactos decorrentes do investimento na valorização da Rota Carmelita, podem ajudar a combater o despovoamento do maciço de Sicó e, ao mesmo tempo, promover as tradições locais e a cultura.

Como forma de sustentar a hipótese de que a inclusão de novos projetos na Rota Carmelita pode constituir uma oportunidade de desenvolvimento e afirmação do turismo local, recorreu-se a uma análise e recolha de dados por intermédio de questionários. Foram elaborados dois inquéritos: o primeiro dirigido aos peregrinos e o segundo dirigido às diferentes ofertas de alojamento existentes na região.

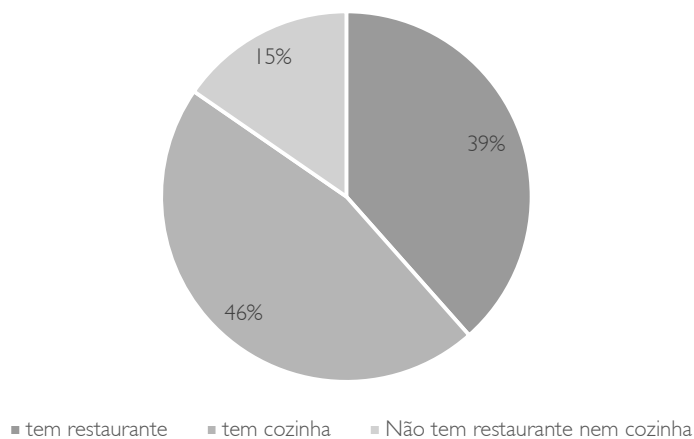
O primeiro permitiu traçar um perfil dos peregrinos em Sicó, assim como das atividades em espaço rural por eles procuradas, bem como a sua perceção em relação aos serviços de apoio ao caminhante em Sicó.

Este instrumento de análise foi aplicado: i) nos albergues para peregrinos mais próximos da Rota Carmelita; ii) em locais estratégicos de passagem de peregrinos. Neste processo, foram distribuídos sessenta e cinco inquéritos, dos quais quinze dirigidos apenas aos agentes turísticos e albergues próximos da Rota Carmelita, tendo sido obtidos 13 inquéritos preenchidos. Dos cinquenta dirigidos ao peregrino, obtiveram-se 32.

De acordo com a sua experiência, qual ou quais serviços acha pertinente existir ao longo do percurso?



Comodidades de alimentação



Se já ficou acomodado em Sicó em peregrinação, que comodidades sente falta no(s) alojamento(s) onde pernitoiu?

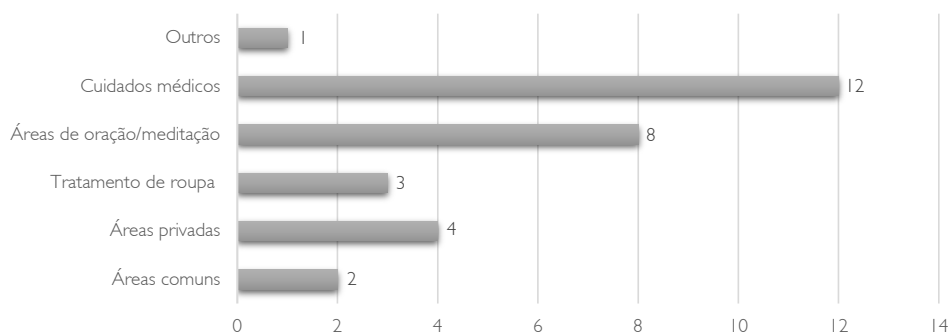


Figura 48. Gráficos de análise após recolha de respostas nos inquéritos aos peregrinos. Joana Ramos ©

Na passagem dos peregrinos em Sicó, são muitas as adversidades que enfrentam, nomeadamente a existência de poucos serviços ao longo do percurso. Posto isto, e com o intuito de perceber qual ou quais serviços pertinentes ao longo do percurso da Rota Carmelita em Sicó, de acordo com a experiência do peregrino.

Uma das ilações que se retira dos inquéritos respondidos quer por peregrinos, quer pelos serviços, diz respeito ao período de maior incidência de caminhantes nesta região. Embora existam peregrinos ao longo do ano, é entre os meses de abril e outubro que se verifica o maior fluxo/ cruzamento de peregrinos nos caminhos de Fátima ou com rumo a Santiago de Compostela.

Além disso, ainda foi possível perceber que ao longo do caminho existem características a melhorar; por exemplo, grande maioria dos inquiridos (78,1%) respondeu que seria conveniente existir mais pontos de água ao longo do caminho. Em seguida, surgem com maior percentagem a possibilidade de existirem mais postos de saúde (53,1%), restaurantes (43,8%) e farmácias (40,6%). Contudo, (12,5%) dos inquiridos indicou ainda a pertinência de existirem ao longo do caminho zonas de piquenique, passeios e maior sinalização para os peões, oficinas de bicicletas, postos de massagem e, por fim, a pertinência de existirem locais próprios para descanso diurno dos peregrinos.

Uma parte significativa destes (93,8%) respondeu de forma negativa à questão “Tem conhecimento da existência de serviços de apoio médico e para alojamento do peregrino entre o Rabaçal e Ariques?”

Por outro lado, e do ponto de vista dos espaços de apoio aos peregrinos, através do inquérito, foi possível concluir que os estabelecimentos de apoio ao peregrino procuram responder às necessidades básicas de um caminhante, pelo que todos integram alojamento. Porém, nem todos oferecem as valências procuradas pelos caminhantes, por exemplo, em termos de alimentação e comodidades. Dos estabelecimentos inquiridos apenas cinco possuem restaurante, seis possuem uma cozinha partilhada e dois não possuem qualquer uma das soluções, apenas tiram partido da existência de restauração nas imediações. Por outro lado, a maioria dos albergues interpelados possuem 2 pisos, mas apenas um possui elevador ou equipamento mecânicos de apoio à mobilidade condicionada, sendo que os peregrinos, após um dia de caminhada, têm de subir escadas até aos quartos.

No que concerne à perspetiva do caminhante em relação aos alojamentos em que pernitou em Sicó, foram recolhidas 21 respostas, sendo que os restantes inquiridos não pernitarão na região. Assim, a partir das respostas recolhidas (57,1%) indicou que sente falta de cuidados médicos, (38,1%) aponta para a falta de áreas de oração e meditação, (19%) gostaria de ter áreas mais privadas, enquanto que (14,3%) e (9,5%) gostaria de encontrar áreas para tratamento de roupa e áreas comuns, respetivamente.



Figura 49. Troço da Rota partilhado com o tráfego automóvel. Condeixa. 2023. Joana Ramos ©

Em suma, através dos dados recolhidos por via de questionário aplicados aos serviços e aos peregrinos, permite retirar algumas conclusões, por exemplo, a Rota Carmelita e o Caminho de Santiago em Sicó constituem um vetor de desenvolvimento e uma incontestável oportunidade para o futuro da região. Posto isto, e de modo a capacitar a Rota Carmelita é necessário desenvolver programas que ofereçam os cuidados que os caminhantes necessitam, nomeadamente, na área da saúde e segurança.

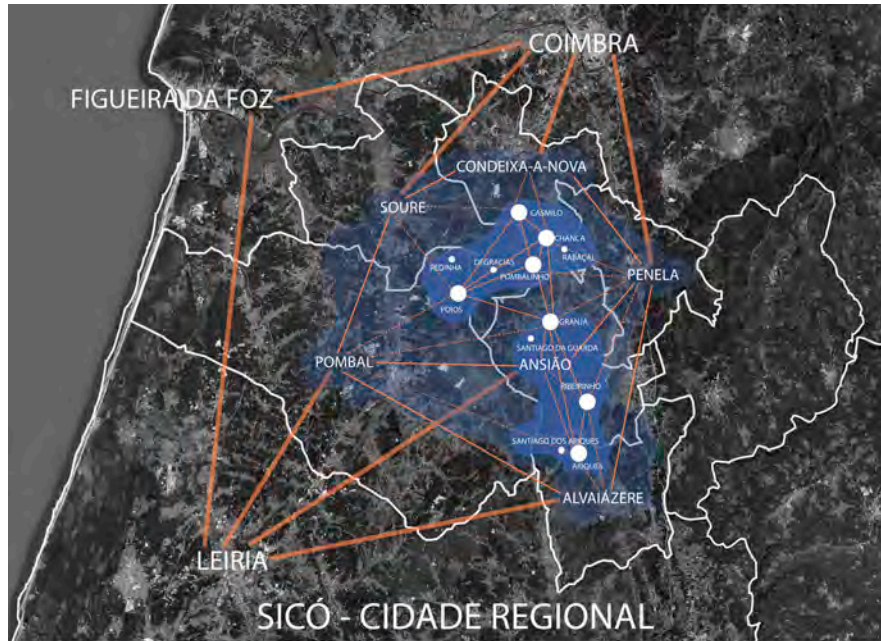




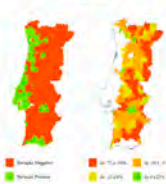
### III. PROPOSTA

“I started out trying to create buildings that would sparkle like isolated jewels”; “Now I want them to connect, to form a new kind of landscape, to flow together with contemporary cities and the lives of their peoples.”

Zaha Hadid (1950-2016)



VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1960 - 2011



**PROBLEMA**

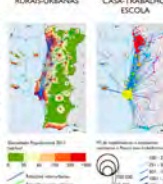
A industrialização de Portugal tardou, mas há muito que se instalou o movimento da população do campo para as cidades e para o exterior. Ele intensificou-se a partir da década de 1950 e agravou-se o desequilíbrio entre o interior e o litoral. Hoje temos um país dividido, com o litoral a prosperar e o interior despovoado e com:

- Falta de investimento no Setor Primário;
- Falta de Pessoas;
- Falta de Serviços;
- Baixa Autoestima das populações.

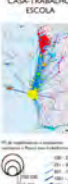
**CONCEITO**

A Cidade Regional assena nas ligações entre múltiplos polos urbanos e os fluxos entre eles, revestem-se de extrema importância. A Cidade Regional vai além das divisões administrativas e não tem um limite fixo. A rede de comunicações que ela implica integra o movimento de pessoas, de serviços, de bens, de investimento e de conhecimento. O objetivo da Cidade Regional é a coesão socioterritorial, essencial para a sustentabilidade do território.

**RELAÇÕES INTERURBANAS E RURAIS-URBANAS**



**POLARIDADES E REDES DE FLUXOS CASA-TRABALHO ESCOLA**



EIXOS ESTRATÉGICOS DE INTERVENÇÃO					
Criar sinergias e promover a multifuncionalidade	Reforçar e capacitar o associativismo	Valorizar o espaço público	Potenciar a sustentabilidade e o bem estar da população	Valorizar o património cultural e natural	Desenvolver o turismo
OBJETIVOS ESTRATÉGICOS					
Promover o agriturismo Promover o empreendedorismo agrícola	Reabilitar e requalificar as instalações das associações existentes	Promover investigação aplicada e direcionada à valorização da biodiversidade	Ordenar o estacionamento móvel	Reabilitação de edifícios e valorização de outros elementos consuetudinários identitários que melhor representem a marca aldeias de calcário	Reforçar os apoios ao turismo e desportos de natureza

Com a Cidade Regional Sico, as aldeias têm um crescimento contínuo e sustentável e veem reforçada a sua atratividade, valorizando o(s) património(s), as pessoas e os saberes.

Figura 50. Visão e estratégia para a RAC- Aldeias de Calcário - Polos de Multifuncionalidade, Aglutinadores Sociais, Centros de Saber e Experiência. Janeiro, 2021

## Aldeias de Calcário: uma visão e uma proposta de desenvolvimento

Na reflexão feita nas partes anteriores sobre o papel dos caminhos de peregrinação no desenvolvimento dos lugares e das comunidades, demonstrou-se que estes podem contribuir para o desenvolvimento das regiões que atravessam e assim auxiliar o combate à desvitalização do território.

Nas estratégias de valorização pensadas para Sicó nas últimas décadas, sobressaem as que se dedicam à valorização turística do território, socorrendo-se dos valores associados ao património histórico e à paisagem natural, e direcionando a atenção para as estadias de curta e média duração.

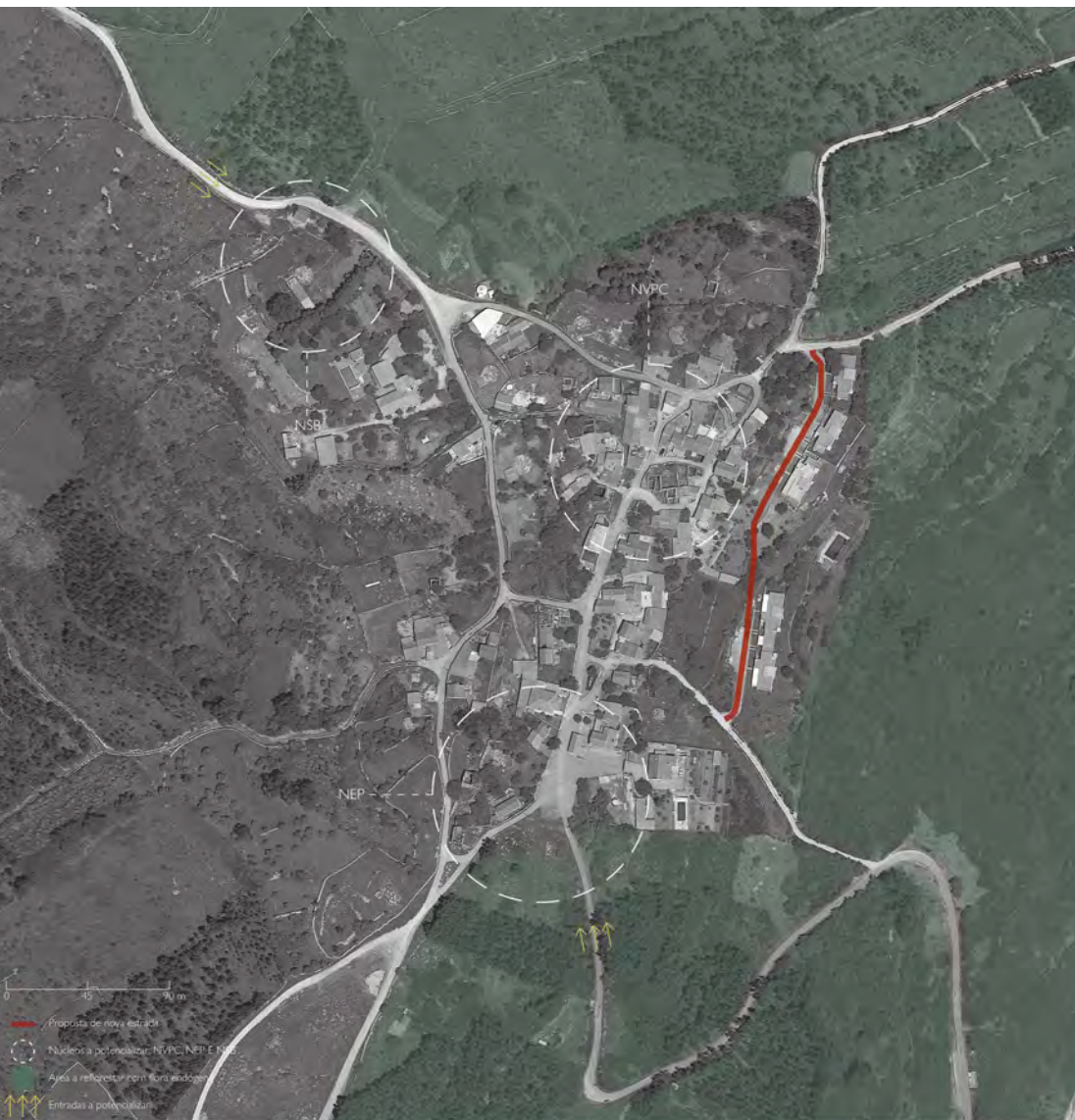
Posto isto, a proposta que se defende nesta dissertação visa a valorização da Rota Carmelita, entendida como um recurso para o desenvolvimento integrado da região. Tal como no caso dos Caminhos de Santiago, também em Sicó, através dos caminhos de espiritualidade que atravessam a região, bem como de outros que existem e se dirigem à valorização de patrimónios, podem ser implementadas estratégias que apoiem o peregrino e o visitante, enriquecendo as experiências e contribuindo para o desenvolvimento deste território.

A proposta aqui defendida, centrada na Rota Carmelita, materializa-se com a criação de apoios ao peregrino, embora as soluções possam servir outro tipo de visitantes ou a comunidade de Sicó em termos gerais.

Estes apoios concretizam-se em duas das seis aldeias que constituem a RAC, Ariques e Granja. Na primeira, é proposto o Abrigo Carmelita, que é um complexo que integra diferentes valências além do alojamento; na segunda é proposta uma pequena unidade permanente de Cuidados Básicos de Saúde, bem como um intervenção na capela da Senhora da Orada, local de culto que integra, além da Rota Carmelita, o Caminho de Santiago.

Esta proposta vem densificar a estratégia e os trabalhos desenvolvidos para a Rede de Aldeias de Calcário no âmbito da linha de investigação aplicada *De volta ao rural ou como reforçar a coesão territorial?* Trata-se de uma linha de investigação que se encontra em desenvolvimento desde 2020 e que resultou de um Protocolo de Colaboração Institucional entre a Terras de Sicó, Associação de Desenvolvimento e a Universidade de Coimbra, através do Departamento de Arquitetura, com vista ao cumprimento de diferentes objetivos que contribuam para a valorização desta região.

A estratégia para a RAC foi então inicialmente desenvolvida pelo conjunto de estudantes de Atelier de Projeto IIC (2020/2021) e seguidamente enriquecida com as propostas do conjunto de estudantes de Atelier de Projeto ID (2021/2022) e Atelier de Projeto IID (2022/2023). Ela assenta numa leitura integrada do território sensível às suas fragilidades e forças, como o património construído e o património natural, mas também às aptidões providenciadas pelo suporte físico do território e pelas infraestruturas, serviços e equipamentos de interesse coletivo nele instalados.



# CHANCA

## PAISAGEM, CULTURA E PATRIMÓNIO

### OBJETIVOS

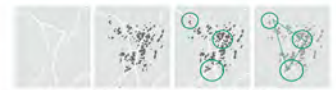
Reconhecendo os valores do património natural e cultural da paisagem em que a aldeia de Chanca se insere, as ações que se pretende levar a cabo com este Plano de Ação destinam-se sobretudo à valorização deste território e dos seus recursos, incluindo, naturalmente, as pessoas. Procura-se, por isso, estimular e reforçar a autoestima da aldeia, tornando-a mais dinâmica e mais unitária, fortalecendo assim o sentido de comunidade.

A valorização das paisagens que a aldeia nos oferece e a requalificação do espaço físico são também propostas importantes do Plano de Ação que visa, assim, tornar Chanca um centro de valorização da paisagem cultural de Sicó. Com o objetivo de projetar a aldeia para o exterior, o Plano de Ação integra ainda a proposta de instalação de um centro de acolhimento e de tratamento de doentes de Alzheimer, como uma solução arquitetónica que contribui para a valorização do património construído vernacular de Sicó e a requalificação do espaço físico da aldeia.

### ESTRATÉGIA

Além da requalificação de espaços públicos da aldeia, as intervenções propostas neste Plano de Ação estão concentradas em três setores que serão potencializados com diferentes programas:

1. O NEP (Núcleo de Espaço Público) - setor importante de chegada à aldeia, a sul, e com potencial para se tornar num espaço de convívio e lazer da comunidade;
2. O NVPC (Núcleo de Valorização da Paisagem Cultural) - onde se pretende sensibilizar para os valores da Paisagem Cultural de Sicó;
3. O NSB (Núcleo de Saúde e Bem-Estar) - programa que requalificará a entrada noroeste na aldeia e integra um equipamento centro de saúde e bem-estar mental.



Esquema da Estratégia de Intervenção - NSB, NVPC E NEP

### INTERVENÇÕES

De forma a requalificar os percursos de entrada em Chanca, propõe-se a reforestação da zona nascente da aldeia, com flora endógena, acompanhando sobretudo o percurso desde o vale do Rabazal. Com o mesmo objetivo, para os percursos que chegam a aldeia, atualmente em terra batida, propõe-se que sejam pavimentados, com asfaltado e/ou calçada, permitindo uma circulação mais confortável.

Com o objetivo de melhorar também as condições de acesso e mobilidade dentro da aldeia, os sentidos de circulação automóvel são redefinidos.



Estado atual dos pavimentos  
— Asfalto — Terra batida



NEP  
Núcleo de Espaço Público

NVPC  
Núcleo de Valorização da Paisagem Cultural

NSB  
Núcleo de Saúde e Bem-estar

Figuras 51. Plano de Ação da aldeia de Chanca. 2023

Como visão de futuro para as Aldeias de Calcário, a estratégia defende que se tornem Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais e Centros de Saber e Experiência.

Por fim, para a implementação desta estratégia, cada uma das aldeias é dotada de um Plano de Ação que integra um conjunto de projetos estruturantes que visam o reforço da sua atratividade para fixar pessoas, através da qualificação do seu espaço físico e instalação de atividades geradoras de emprego.

Como dito antes, elaborou-se um Plano de Ação para cada uma das aldeias, elaborados por grupo de trabalho de 2 a 3 estudantes que, sempre em articulação com os demais, traçaram propostas com o objetivo de criar sinergias na rede urbana de Sicó, como previsto na estratégia geral, desde logo entre as próprias aldeias da RAC.

Cada aldeia recebe uma proposta e projeto diferenciado de modo a suprimir algumas das suas necessidades e, por outro lado, acrescentando valor, reforçando a identidade de cada uma. Deste modo, para todas as aldeias são feitas propostas que visam qualificar o ambiente construído, nomeadamente com a requalificação do sistema de espaço público e a reabilitação de edifícios devolutos. Em comum, também é proposta para cada aldeia a criação de um centro de identidade, isto é, um setor onde se concentram a maior parte das dinâmicas sociais de cada aldeia.

Nas aldeias de Chanca e de Poios, os Planos de Ação apostam em diferentes projetos estruturantes que têm em comum o objetivo da valorização turística de Sicó e da capacitação, tanto de visitantes como da comunidade local. No caso de Chanca, além de um programa de Alojamento Local, o Plano de Ação ambiciona tornar a pequena comunidade da aldeia um ator da valorização e divulgação da paisagem cultural de Sicó. Com este objetivo, é proposta a criação de um pequeno centro comunitário, associado a umas Oficinas de Queijo e uma loja de produtos endógenos. No fundo, todo um conjunto de espaços que permitem a valorização dos saber-fazer, enquanto promovem a integração da comunidade local com o visitante.

Por sua vez, Poios no Mundo, o Plano de Ação da aldeia do concelho de Pombal pertencente a esta rede, integra uma solução de turismo de base comunitária e a instalação de uma comunidade de aprendizagem, ou seja, um polo de ensino alternativo. No primeiro caso, o património rural e os saberes fazer associados são o mote do modelo de turismo previsto, e que tem como principal ator a Estrela Poiense, ou seja, a associação local. Assim, propõe que as soluções de alojamento turístico se concretizem com a reabilitação de um conjunto significativo de casas de eira, e que o turista seja envolvido em atividades agrícolas. Por sua vez, a comunidade de aprendizagem inspira-se num polo já existente no Rabaçal, a Comunidade de Aprendizagem das Cerejeiras, e pretende afirmar Poios no contexto local como uma alternativa qualificada do ensino no espaço rural.

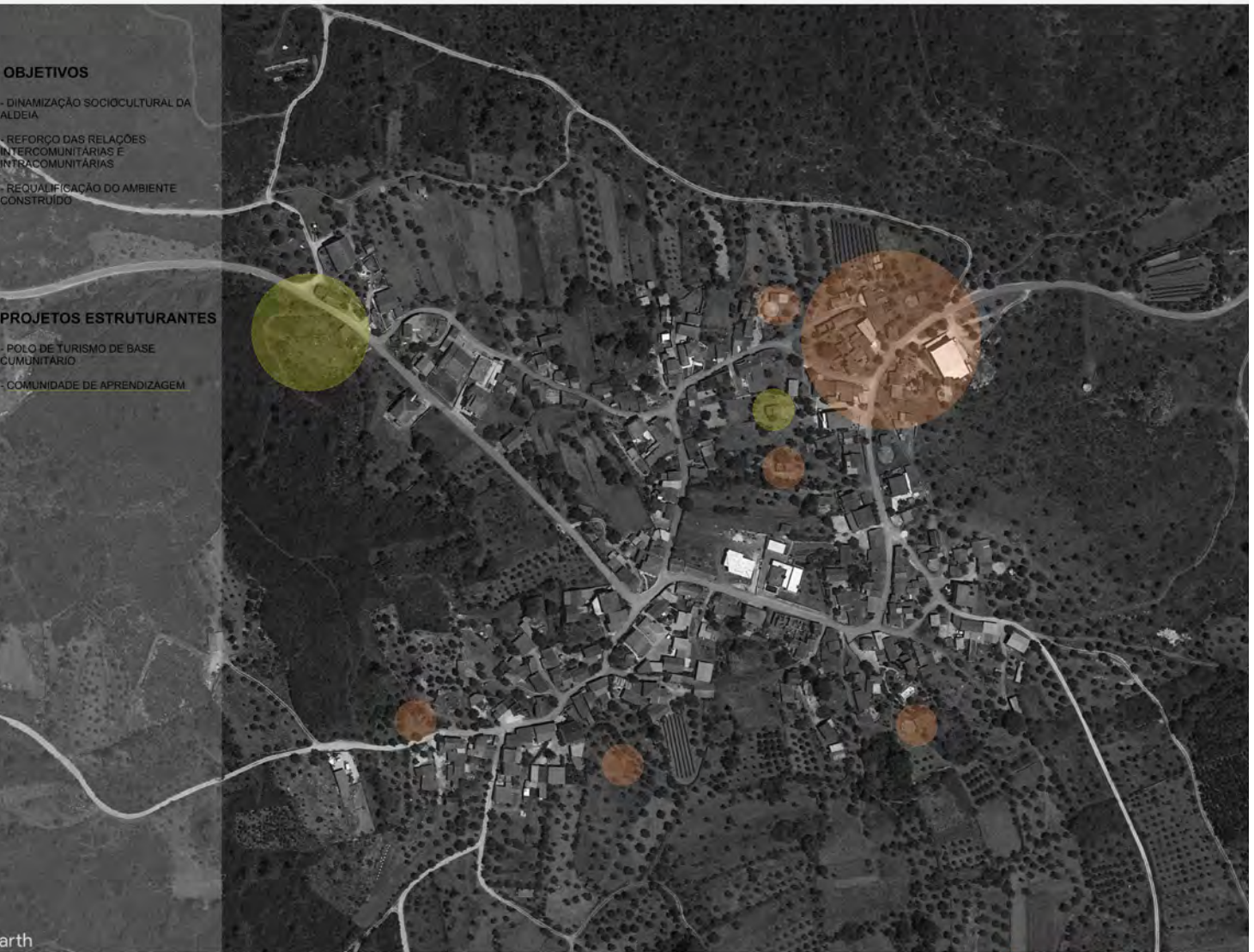
# POIOS NO MUNDO

Poios no Mundo visa um plano de ação que tem como principais objetivos a valorização do património vernáculo construído e a fixação de pessoas na aldeia.

O projeto urbano passa por propostas de requalificação do espaço público, valorizando o uso do peão em detrimento do automóvel e a instalação de atividades e serviços que fixem pessoas na aldeia: uma Comunidade de aprendizagem e um Polo de Turismo de base Comunitária. Deste modo, Poios passará a ser novo sentido de trabalho, tornando a via pública mais segura para o peão, as estradas da aldeia terão uma nova imagem, mais consolidada e o espaço público ganhará uma nova presença, valorizando, assim, a paisagem.

A estratégia contribuirá de forma positiva para a economia de Poios, criando novos postos de emprego e dinamizando a aldeia.

A par com os Planos de ação propostos para as restantes aldeias da RAC (Plano de Aldeias de Calcário), a seguinte estratégia pretende colocar Poios no mapa como um bom exemplo de resolução para as problemáticas que o meio rural enfrenta atualmente, nomeadamente a migração para o meio urbano.



- OBJETIVOS**
- DINAMIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA ALDEIA
  - REFORÇO DAS RELAÇÕES INTERCOMUNITÁRIAS E INTRACOMUNITÁRIAS
  - REQUALIFICAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

- PROJETOS ESTRUTURANTES**
- POLO DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIO
  - COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

earth



ALDEIAS DE CALCÁRIO: Plano de Ação para a Aldeia de Poios  
Atelier de Projeto ID: 2022/2023

Autoria: Andreia Guimarães e Bárbara Rocha  
Coordenação: Adelson Gonçalves

Planta Esc: 1/1000



FACULDADE DE  
CIÊNCIAS EXATAS E  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

DARQ



iPd

INICIATIVA  
PATRIMÓNIO E  
DESENVOLVIMENTO

Figuras 52. Plano de Ação da aldeia de Chanca. 2023



A Rede de Aldeias de Calcário (RAC) é composta por um conjunto de aldeias do maciço de Sicó, sendo elas Ariques, Chanca, Casmilo, Granja, Poios, Pombalinho e Rabaçal. Para estas, existe um Plano de Integrado de Intervenção, criado pelas Terras de Sicó em parceria com os 6 municípios a que cada aldeia pertence, que visa a valorização turística deste maciço. Partindo da relação com Chanca, este ano, foi adicionada ao plano de intervenção a aldeia do Rabaçal.

Esta aldeia, localiza-se no concelho de Penela, distrito de Coimbra, e também inserida no maciço de Sicó e por si só um local de paisagens majestosas, repletas de características naturais e culturais ímpares. Por ser abundantemente servida de águas e terras férteis permite que seja possível a prática da agricultura de regadio e de sequeiro desde a época romana. Desta condição, encontramos espécies como a vinha, a nogueira, a oliveira, e ainda a Erva-de-Santa-Maria, que dá o mote às pastagens, alimentando rebanhos de cabras e ovelhas que vão contribuir para o aumento do património gastronómico local, através da criação do produto endógeno Queijo Rabaçal, e lhe dá o sabor que lhe é característico.

Outra riqueza natural deste território é a pedra calcária, que contribui para a existência de um vasto património arquitetónico vernáculo de calcário, observável em edifícios, muros de pedra seca e na Villa Romana do Rabaçal.

Esta, situada a 12km a sul de Conimbriga, parte integrante do território da antiga Civitas, junto da via romana que ligava Bracara Augusta (Braga) a Ollisipo (Lisboa).

É este conjunto de valores naturais e culturais, consolidados na tradição e no saber, que se prezam manter e promover, pois são considerados uma das maiores riquezas deste território.

Associados a si dois importantes eixos, a Rota Carmelita dedicada à peregrinação a Fátima e a Santiago de Compostela e a Rota do Queijo Rabaçal ao turismo.

Relativamente ao sistema viário, o município de Penela tem uma localização privilegiada, pois encontra-se próximo de eixos principais A1 e a A13 e secundários como a IC2 e a IC3 que asseguram uma ligação rápida entre o norte e o sul do país, como Porto, Coimbra, Lisboa, Pombal e Leiria, permitindo um fácil acesso a serviços como a Educação, Serviços de Ação Social, Saúde, entre outros.

Distância temporal à sede de Concelho e à Capital de Distrito:  
Rabaçal - Penela: 10 minutos  
Rabaçal - Coimbra - 25 minutos

População Residente (dados de 2020):  
Penela: 5983  
Rabaçal: 291

**COMÉRCIO**  
Mercado: Supervilla

**ENSINO**  
Creche/Jardim: Jardim de Infância de Alvorge  
Ensino Básico e Secundário: Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro  
Ensino Profissional: Escola Tecnológica e Profissional de Sicó - Polo de Penela  
Ensino Superior/Politécnico: Instituto Politécnico de Coimbra

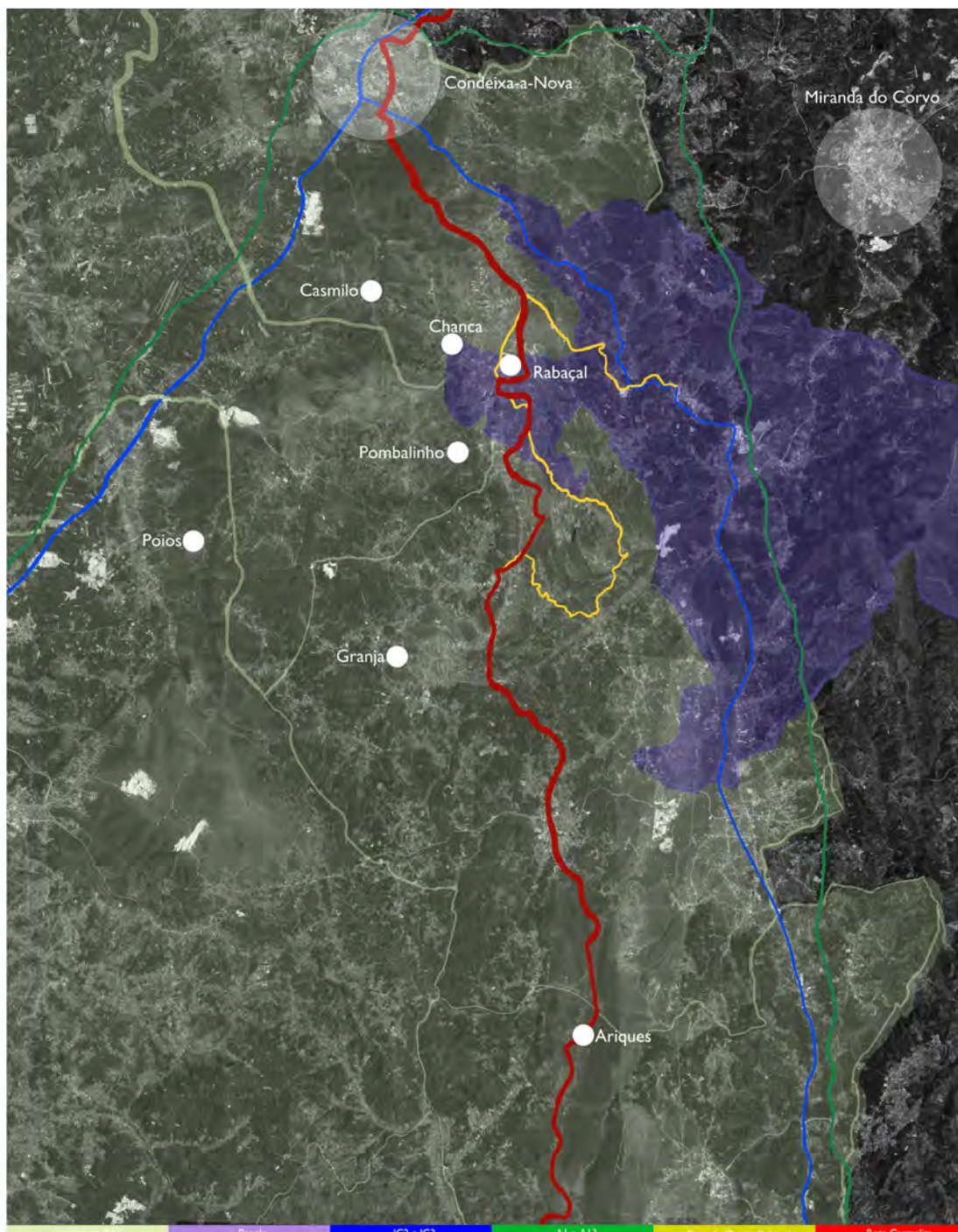
**SOCIAL**  
Centro de Dia: Santa Casa da Misericórdia de Alvorge  
Lar de Idosos: Santa Casa da Misericórdia de Alvorge

**SAÚDE**  
Hospital: Hospital Fundação Nossa Senhora da Guia  
Centro de Saúde: Centro de Saúde de Penela  
Cuidados Continuados: Unidade de Cuidados Continuados de Penela  
Farmácia: Farmácia Penela

# RABAÇAL

## RESILIENTE

Contexto Territorial



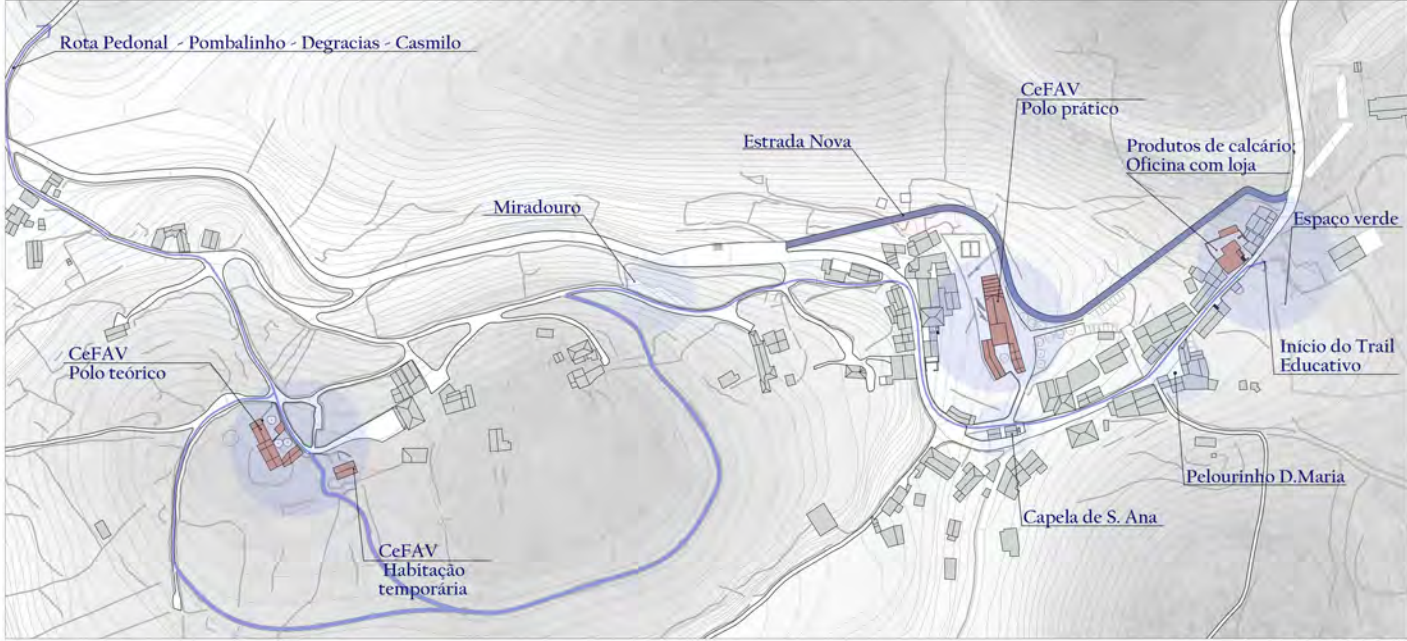
ALDEIAS DE CALCÁRIO: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência  
Atelier de Projeto II D 2022/2023  
Contexto Territorial - Escala 1/5000

Autoria: Alexandre Pinto e Diana Cunha  
Coordenação: Adelinho Gonçalves

12 11 9 0 FACULDADE DE ENGENHARIA E CIÊNCIAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
DARQ TERRAS-de-SICÓ iPd INICIATIVA PARTILHADA DE DESENVOLVIMENTO

Figuras 53. Plano de Ação da aldeia de Chanca. 2023

# PLANO DE AÇÃO - POMBALINHO



Planta geral de Pombalinho



Perfil da aldeia de Pombalinho

Como forma de dar resposta ao plano de Ação proposto pelo grupo de trabalho a intervenção na aldeia de Pombalinho, intervenção individual proposta passou pelo redesenho da estrada principal M563, foi criada uma via nova que circunda a aldeia de Pombalinho a norte para criar um fluxo automóvel mais fluido e seguro para os peões, com a proposta de um passeio para ambas as faixas. A proposta de desenho para o caminho pedonal tem em mente apenas a troca da calçada para tornar a rua mais nivelada e sem buracos. Em frente ao polo prático da CeFAV é desenhado o espaço público com a criação de estacionamento automóvel ao longo da rodovia nova como elemento de apoio a CeFAV, junto deste polo ainda é criado um largo que serve como um primeiro local de receção as alunos e visitantes do Museu de Arquitetura Vernacular e Património Construído.

O projeto trabalha ainda na zona mais a oeste da aldeia na parte mais alta da aldeia com a implementação do polo teórico do CeFAV, que reabilita duas habitações devolutas e respetivos anexos com o apoio de duas habitações temporárias para formadores. Neste local não existe uma intervenção profunda em termos de desenho de espaço público para não alterar em demasiado a identidade do Pombalinho.



Início do Trail Educativo



CeFAV - Centro Formativo de arquitetura Vernacular

Como forma de apreciar a identidade das aldeias de Calcário, propomos a criação de uma rota educativa. Desta forma tentamos promover a caminhada entre aldeias e atrair mais turistas de uma forma saudável. O início desta rota acontecerá em frente a Casa paroquial nas ruínas históricas do Paço dos Almadas. O seu rumo seguirá a estrada principal da aldeia que depois encontrará um novo rumo junto a bifurcação já existente entre percurso automóvel e o início de caminhos pedonais que já existiam na aldeia antes da estrada municipal rodoviária.

Ao longo destas rotas pedonais, propomos um local de descanso e contemplação da vista que existe na aldeia virada para Norte. Durante o percurso existirão placas com informações históricas sobre a aldeia, sobre a identidade calcária da região e sobre as reabilitações que o grupo propôs para Pombalinho.

No início do trilho e pelas ruínas históricas, foi decidido criar um espaço público verde. Do outro lado da rua haverá um edifício com uma oficina e uma loja no primeiro andar. Produzirá produtos de calcário e lembranças com produtos locais característicos destas aldeias de calcário. No segundo andar do edifício, foi decidido criar dois apartamentos. Este local vai destacar o material importante para a área, criar novos empregos e atrair potenciais compradores.



Miradouro



Limestone workshop

Figuras 54. Plano de Ação da aldeia de Pombalinho. 2023



No caso do Rabaçal, que não integra a RAC, mas integra a estratégia das Aldeias de Calcário a pedido da Câmara Municipal de Penela, integra dois projetos estruturantes que visam reforçar a resiliência da aldeia, por isso, as propostas baseiam-se em duas das suas principais forças: o Queijo Rabaçal e a Villa Romana.

Assim, inspirado pelo concurso que a Câmara Municipal de Penela promoveu em 2019 para a criação do Complexo Arqueológico da Villa Romana do Rabaçal, é proposta a instalação de um polo de investigação em arqueologia que integra uma valência de armazenamento de achados que pretende servir não apenas Sicó, mas toda a região centro. Além deste projeto, é também proposta a criação de um Complexo Empresarial e Social dedicado ao queijo Rabaçal, que integra uma unidade de produção e outras valências dedicadas à promoção deste recurso, nomeadamente um centro de interpretação e espaços de workshops.

Por sua vez, para Pombalinho, o Plano de Ação tem a ambição de tornar esta aldeia um centro gravítico da paisagem cultural de Sicó. Tal é assim com a proposta de criação de um Laboratório do Património instalado na antiga casa paroquial da aldeia, que é reabilitada para esse fim, bem como com a criação de um Centro Formativo de Arquitetura Vernacular, uma escola prática de construção com foco na arquitetura regional de Sicó, instalado através da reabilitação de um conjunto significativo de edifícios devolutos da aldeia.

No Casmilo, aldeia do concelho de Condeixa, o Plano de Ação aposta na reativação da aldeia e pensa dar resposta àqueles que por aqui pretendem passar e ficar. Para tal, o Plano prevê a reabilitação do Centro Recreativo, Cultural e Desportivo do Casmilo, a criação de uma comunidade de aprendizagem e a instalação de um Centro de Escalada Indoor, que se dedica aos desportos de natureza e aventura e que incentiva a prática de escalada na Serra de Sicó.

Para Granja, no concelho de Ansião, o Plano de Ação pretende reforçar a integração da aldeia no sistema urbano, através de programas de interação com novos públicos, instala-se um Centro de Coworking e dois serviços de interesse público, com a proposta de um Centro de Cohousing, destinado ao apoio turístico e uma **Unidade de Saúde**, tratada nesta dissertação, que presta os cuidados básicos e que apesar do seu foco ser os peregrinos, complementa ainda os outros dois programas, podendo prestar auxílio aos trabalhadores e aos visitantes.

No caso de Ariques, o Plano de Ação integra, além de propostas de requalificação do espaço público, dois projetos estruturantes de uma nova urbanidade: a instalação de um Centro Sénior, um complexo dedicado aos idosos e que pretende (re)integrá-los na comunidade contribuindo para o envelhecimento ativo; e um **Abrigo Carmelita**, um complexo de alojamento para peregrinos tratado nesta dissertação. Este último programa diz respeito a uma estratégia de apoio ao peregrino que acaba por se concretizar nas aldeias de Ariques e Granja e, por isso, integra ambos Planos de Ação.



ALDEIAS DE CALCÁRIO Palcos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência  
**CASMIÃO - PLANO DE AÇÃO**  
 Atelier de Projeto ID, 2021/2022

Autoria: André Correia, Mathias Velozetti  
 Casmião, um projeto de revitalização rural  
 Coordenação: Adalino Gonçalves

1 2 9 0  
 ESCOLA DE ARQUITECTURA E URBANISMO DA COIMBRA  
 DARQ  
 REATIVO SICO  
 iPd  
 INSTITUTO DE INVESTIGACÃO E INOVACÃO TECNOLÓGICA

Figuras 55. Plano de Ação da aldeia de Casmião. 2023

# GRANJA COLIVING & COWORKING

## Plano de Ação para Granja

O Plano de Ação para aldeia procura salientar e usar valências de Granja e do seu território a favor do mesmo, numa estratégia geral para Sico e para a RAC. A aldeia de Granja tem atualmente entre 10 a 15 habitantes, ou seja, este pequeno núcleo apresenta um dos problemas mais óbvios destes núcleos urbanos em espaço rural.

Acreditamos ser possível transformar Granja como aldeia do co-living e do co working, e desse modo, combater ou até mesmo inverter este cenário, com o reforço da atratividade da aldeia. Para isso é proposto:

- um Centro de Coworking;
- uma Cooperativa de Habitação e Produção Agrícola;
- um Centro de Cuidados Básicos (proposto pelo plano da Ação para Ariques e uma proeminência deste trabalho estratégico em rede).

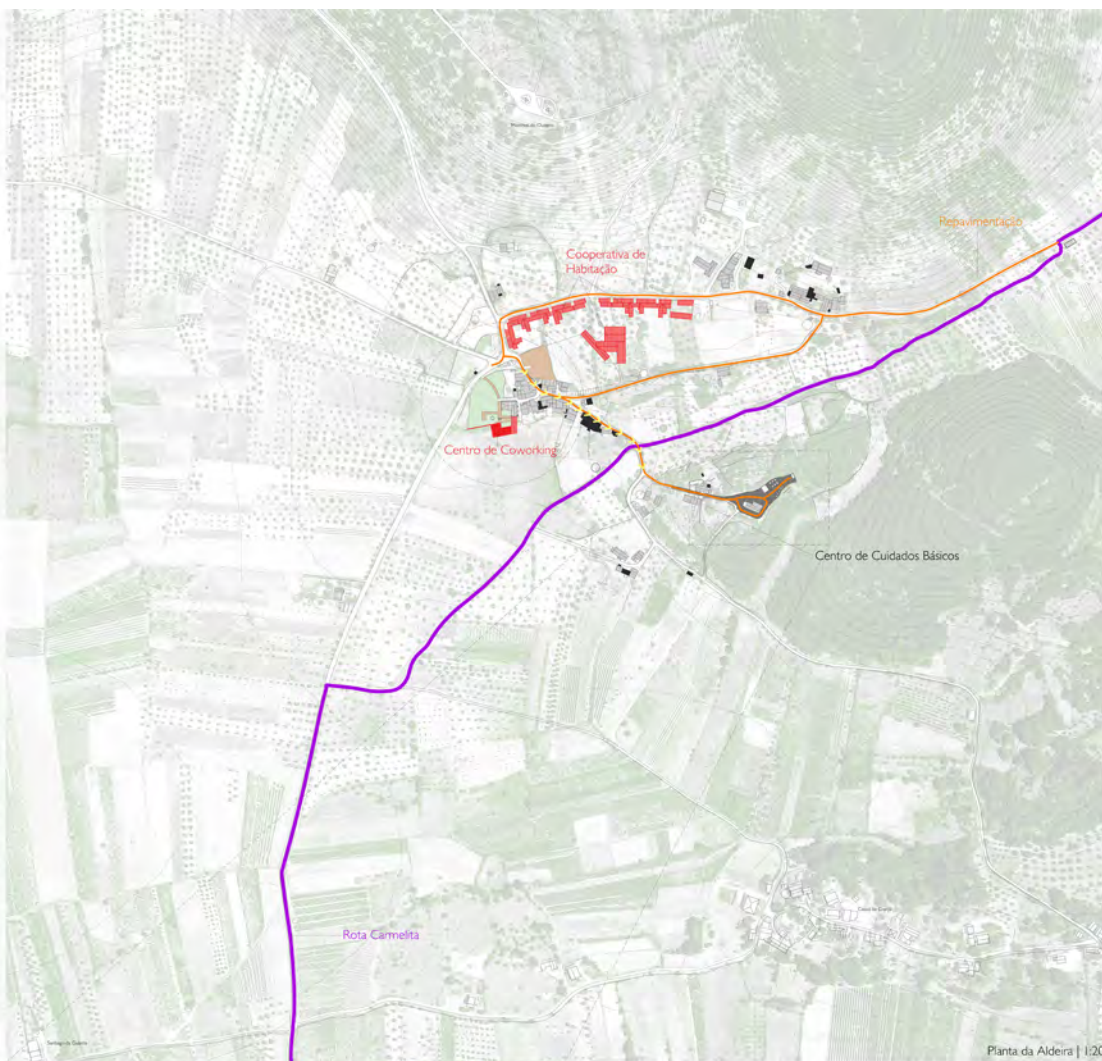
A aldeia é atualmente uma realidade bipolar com um núcleo mais antigo, originário, que se formou ao longo de um eixo, que liga a sua entrada, no extremo poente e onde se localiza o Paço dos Jesuítas, até a um dos seus pontos mais importantes, o cimo do monte onde se localiza a Capela da Nossa Senhora da Orada.

O outro polo é um pequeno aglomerado de construção mais recente (séc. XX ou superior), localizado no lado nordeste da aldeia e ao longo da Rua da Fonte Nova. Como se percebe está separada pelo caráter e tempo de construção, por olivas e terrenos agrícolas (e até mesmo pelo próprio Plano Diretor Municipal de Ansião que denomina este espaço como Área de Edificação Dispersa por oposição ao outro aglomerado considerado como Espaço Urbano de Baixa de Densidade), interligados apenas por um caminho em terra batida e uma estrada asfaltada que serve essencialmente o tráfego que vem do Rabaçal para Santiago da Guarda e para o Outeiro, com os seus famosos moinhos e excelente miradouro para a aldeia de Granja e para o resto do vale.

O Plano de Ação não vê sentido nesta bipolarização e por isso procura capacitar a aldeia de aguentar os impactos dos projetos referidos anteriormente, aliado a uma urbanização para essa nova área urbanizável associada também ao projeto da Cooperativa da Habitação que se servirá igualmente de plataforma de revitalização para aldeia.

### Objetivos:

- Requalificar o espaço público;
  - Intervenção na entrada da aldeia e no zona da Capela da Nossa Senhora da Orada);
- Requalificar a pequena rede viária;
  - Repavimentação da aldeia em cubo de calcário - Ver Corte B em Painel 4);
  - Limitação da velocidade na aldeia;
  - Eixo antigo da aldeia como via de sentido único;
- Acentuar a sua integração no território;
- Reforçar a coesão da aldeia;



Este espaço é muito importante para aldeia é o espaço onde se encontra implantado a Capela da Nossa Senhora da Orada, é um espaço onde tem costume acontecer uma romaria em honra de Nossa Senhora da Orada na quinta-feira de Ascensão, dia do feriado municipal de Ansião, também conhecido para Granja como, o Dia da Espiga onde as famílias passeiam e almoçam debaixo dos carvalhos e uma pequena festa, em junho, daquelas tipicamente rurais e populares.

O Plano de Ação reconhece a importância deste espaço para aldeia vai requalificar este espaço estendendo o pavimento pelo o muros de pedra seca que circunscrevem um espaço já usado (pela famílias que vão para debaixo dos carvalhos), renovando aquele equipamento de palco, armários e sanitário, e fazendo uma pequena estrutura de madeira multifuncional a noroeste (para servir de bar nas festas por exemplo), e providenciar mobiliário urbano como mesas e bancos.



ALDEIAS DE CALCÁRIO: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência  
Centro de Coworking para Granja  
Atelier de Projeto I.D. 2022/2023

Autor: José Pedro Ferreira  
Coordenação: Adelaide Gonçalves

Painel Síntese do Plano de Ação para Granja  
Várias Escalas



MUNICÍPIO DE ANSIÃO  
COIMBRA

DARQ

TERRAS-SICO

iPd

INSTITUTO DE INVESTIGACÃO E INOVACÃO

Figuras 56. Plano de Ação da aldeia de Casnilo, 2023

# ARIQUES INTEGRA

Natureza | Cultura | Cidadania



- Área de intervenção no espaço público
- Rota Carmelita
- Proposta de um novo perfil rodoviário

Ariques é um pequeno aglomerado de características rurais, com o edificado muito degradado e quase exclusivamente vocacionado para usos residenciais, complementados por construções de apoio a atividades agropecuárias de subsistência. A maior parte dos edifícios de habitação são unifamiliares e isolados, com dois pisos, e implantados, maioritariamente, à face das vias de acesso. Geralmente, todas as construções têm associado um pequeno quintal ou jardim e os espaços entre parcelas são ocupados por atividades agroflorestais.

Após análise da aldeia, o lema escolhido revela a preocupação de preservar o que de melhor existe em Ariques reconhecendo a importância que têm as pessoas que vêm de fora - "Ariques Integra", lema escolhido, representa isso mesmo. Tal como a palavra "integrar" indica a ideia de "tomar-se parte de um conjunto ou de um grupo", o lema de Ariques tem o propósito de criar um conjunto ao qual toda e qualquer pessoa é incluída de forma igual forma, assim como à própria natureza e a cultura existente.

Com o intuito de cultivar a identidade de Ariques de forma a aproveitar todo seu potencial de expansão e desenvolvimento, foi elaborado um Plano de Ação que tem como principais objetivos a proteção do património natural e construído, a inserção de novos programas e infraestruturas dirigidos aos habitantes e visitantes, o incentivo a estadia de peregrinos e turistas, além da migração permanente de novos moradores.

Numa outra fase do trabalho foram destacadas seis zonas para serem alvo de intervenção apostando na construção de novos edifícios ou na requalificação dos espaços atendendo às necessidades da população.

Os programas das seis zonas é diverso e cada uma possui os seus próprios objetivos. Apesar disso, é possível lê-los em dois grupos os que servem toda a comunidade, por exemplo as zonas pintadas a trama colorida e os restaurantes que têm um alvo mais específico, como é o caso do Abrigo Carmelita e da Aldeia Lar.

Por outro lado, existe o Complexo Multifuncional, o Restaurante e no complexo do Abrigo um Centro de Cuidados Médicos e Fisioterapia, que tem o propósito de servir a toda a comunidade. Este último criado com especial atenção para os peregrinos e os habitantes sénior. Para o centro de cuidados médicos e fisioterapia foi desenvolvido um edifício novo com espaços voltados para o apoio aos peregrinos e para cuidados médicos. Conta com serviços de medicina geral e psicologia - além de conter a receção própria, espaços amplos voltados para a fisioterapia, salas de massagem e ginásio.

Desta forma, e prevenindo um crescimento da aldeia e da atração de pessoas, propõe-se uma área de apoio automóvel cuja implantação foi pensada de modo a reforçar a importância e o uso da nova via. Esta nova via, desenhada com base na forte influência dos muros de pedra seca, procura manter as características de Ariques.



**1** Complexo Multifuncional  
Criação de um espaço de administração, criação de espaço de lazer, zona interior para a cozinha e workshop, realocação do café e loja tradicional

**2** Abrigo Carmelita  
Trabalho de restauro e intervenção urbanística, criação de um espaço de reunião e recreio, realocação de um comércio de rua, criação de um novo uso para terras e casas de apoio

**3** Área de apoio automóvel e estacionamento  
Criação de uma zona de estacionamento para o uso da Aldeia Lar, proposta de novo perfil rodoviário

**4** Aldeia Lar  
O Complexo será composto por um restaurante, um alojamento para 14 camas e a sala multiuso, espaço de apoio para o apoio e acolhimento, espaço de apoio para o apoio e acolhimento, espaço de apoio para o apoio e acolhimento

**5** Requalificação do espaço público  
Equipamento de apoio à produção, integração da paisagem existente, criação de espaços de lazer e recreio, criação de espaços de lazer e recreio, criação de espaços de lazer e recreio

ALDEIAS DE CALCÁRIO: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência  
ARIQUES ALDEIA LAR  
Atelier de Projeto ID, 2022/2023

Aldeia Glória Campos  
Coordenação: António Gonçalves

Plano de Ação

1 2 3 4 5

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
DARQ  
TERRACASCO  
iPd  
INSTITUTO DE INVESTIGACAO E INOVACAO EM DESENVOLVIMENTO

02

Figura 57. Plano de Ação de Ariques. Janeiro de 2023

As propostas pretendem revitalizar as terras de Sicó, reforçando a sua identidade, enaltecendo os seus valores, e a sua atratividade para fixar pessoas. Muitas vezes as respostas aos problemas dos espaços rurais são dadas com soluções-tipo que podem não ser as mais indicadas para uma determinada região. Por isso, defende-se nesta dissertação que cada resposta deve ser pensada caso a caso, considerando as particularidades e circunstâncias específicas de cada lugar, e adotando uma postura que entenda as necessidades e preocupações das pessoas envolvidas em cada contexto. Assim, na presente dissertação, através da reabilitação de alguns edifícios pretende-se contribuir para a noção de valorização do património vernacular de Sicó e, de um modo geral para a requalificação do ambiente construído destas aldeias.



Figura 58. Aldeia de Ariques e Rota Carmelita. 2023. Joana Ramos ©

## Ariques

Ariques, pequeno lugar do concelho de Alvaiázere, é uma das aldeias da RAC em estudo na presente dissertação.

Alvaiázere, um concelho envelhecido como tantos outros em Portugal e cuja percentagem de população jovem em 2021 era 8,9%, perdeu 14,4% da sua população residente face a 2011, de acordo com os dados do Censos 2021. Trata-se de uma situação preocupante que tende a piorar e que é comum a todos os concelhos e aldeias de Sicó. No caso de Ariques, que contava com 13 habitantes, de acordo com os CENSOS 2011, contará agora apenas com 4 habitantes, de acordo com os dados recolhidos durante o trabalho de campo desta dissertação.

Assim, com uma densidade populacional tão baixa e dada a sua dimensão tão reduzida, pode considerar-se Ariques “apenas” como um lugar. Porém, um lugar que mantém características das aldeias de Sicó, nomeadamente o património construído vernacular associado à agropastorícia, como lagares e casas de eira.

Dada a sua localização, nas faldas da Serra dos Ariques, a aldeia é enriquecida pelas características ambientais, paisagísticas e morfológicas desta área, sobressaindo as espécies arbóreas mais características da região, como a azinheira, o sobreiro e ainda olivais milenares. Destaca-se ainda por se localizar num dos extremos da maior mancha de carvalho cerquinho da Europa de acordo com Joana Seixas (2016, p. 67), que se estende para norte, até Condeixa-a-Nova. Aliás, este é o ponto de maior evidência em Ariques, a mancha de carvalhos que desenha a imagem da aldeia, delimitando caminhos, criando um horizonte vegetal e definindo a relação entre os habitantes e a sua envolvente natural.

Associado à riqueza da paisagem natural, também é assinalável o património construído vernacular de Ariques, no qual sobressaem os muros de pedra seca, as eiras e respetivas casas de eira, que têm uma presença marcante na aldeia. Além destes bens, existem, naturalmente, os edifícios de habitação, alguns deles reveladores de uma relação intrínseca com o contexto. Trata-se de construções antigas em alvenaria de pedra calcária da região, que embora pobres ou sem outras pretensões que não servir bem a sua função, possuem soluções construtivas reveladoras de um saber-fazer que se entende que deve ser valorizado.

Destes edifícios, são vários os que se encontram em ruína ou em muito mau estado de conservação. Porém, é possível ver que alguns edifícios habitacionais, construídos em alvenaria de calcário, seriam rebocados. Por sua vez, as construções cujo programa era dedicado ao apoio agrícola, às atividades do campo ou outras menos importantes, a alvenaria não era rebocada, tendo apenas a função estrutural.



Figura 59. Adegas de uma casa em Ariques. Visita às aldeias 2021. Joana Ramos ©

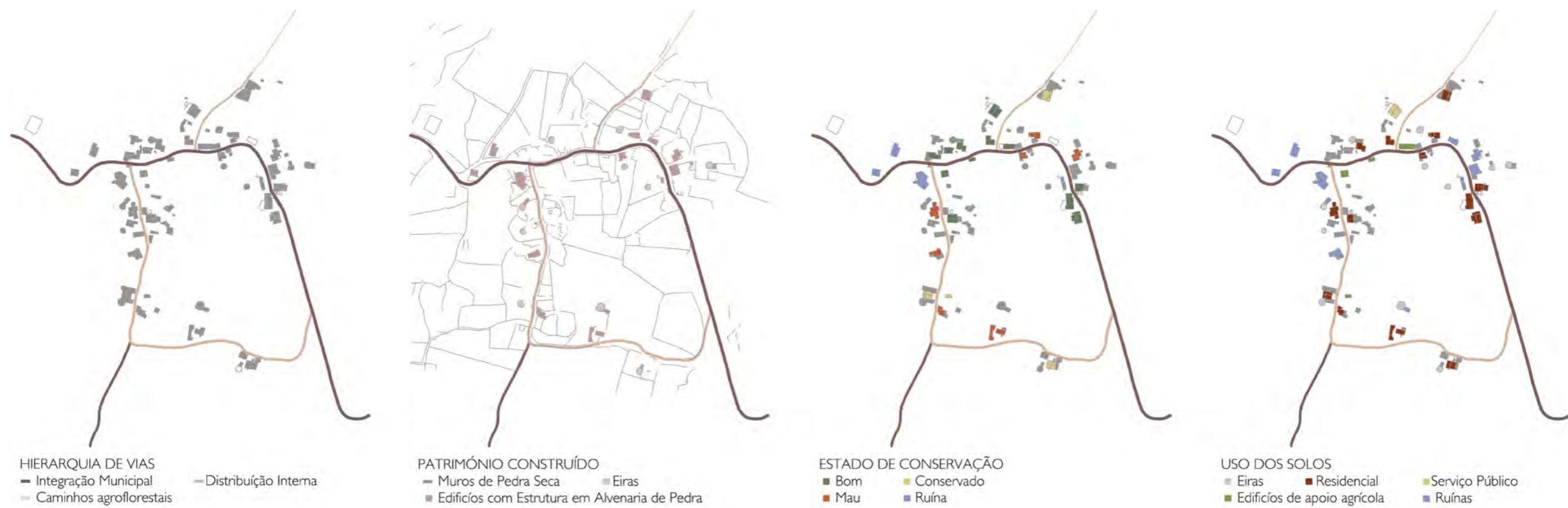


Figura 60. Mapas de análise do parque edificado na aldeia de Ariques. 2022



Figura 61. Via secundária em Ariques. 2022



Figura 62. Casa de eira. 2022



Figura 63. Edifício em ruína. Ariques. 2022



Figura 64. Edifício de habitação, Ariques. 2022.



Atualmente, existem em Ariques, como nas outras aldeias da RAC, construções que recorrem a outros sistemas construtivos, como estruturas portantes em betão armado e vãos estruturais preenchidos com alvenarias de tijolo rebocadas. Em termos gerais, resultam em edifícios que perturbam de algum modo a qualidade da imagem da aldeia, dadas as diferenças de volumetria, bem como de soluções arquitetónicas muito distintas das que se podem obter com alvenarias estruturais. De facto, recorrendo à utilização de tijolo e betão armado é possível, por exemplo, construir formas mais complexas e criar imagens diferentes, dado os constrangimentos serem menores.

Nos meios rurais, os habitantes enfrentam vários desafios e dificuldades, que podem estar relacionados com a localização, o contexto social e económico, as condições climáticas, entre outros fatores. Em Sicó, uma das dificuldades testemunhadas diz respeito ao acesso limitado a serviços essenciais, nomeadamente, no ramo da saúde, educação e dos transportes.

Ariques é um lugar marcado pelo seu isolamento e pela forte relação com o natural. Além da mancha de carvalho cerquinho, muito presente, também se destaca a ligação com a agricultura, uma vez que os habitantes da aldeia cultivam a maioria dos alimentos para a subsistência das suas famílias. A produção de alimentos de primeira necessidade suprime, em parte, a necessidade de estar próximo dos serviços de comércio, que apenas existem em Alvaiázere, a 10 minutos de distância.

Numa das visitas a Ariques foi possível confirmar que os habitantes que têm transporte próprio conseguem chegar de forma conveniente e flexível a Alvaiázere, onde encontram serviços de primeira necessidade. Este é uma das razões pela qual este é “um excelente local para a fixação de pessoas, propício à organização e ao desenvolvimento da economia” (Rosa, 2019, p.37).

O acesso a Ariques faz-se através do CM1063, que atravessa toda a zona norte do aglomerado, ligando a Santiago de Ariques, um pequeno lugar que se localiza a Poente e onde se localiza uma pequena capela que marca o local de passagem do Caminho de Santiago e da Rota Carmelita.

Ariques é então um pequeno aglomerado de características rurais, com muito do edificado degradado e quase exclusivamente vocacionado para usos residenciais, complementados por construções de apoio a atividades agropecuárias de subsistência.

A maior parte dos edifícios de habitação são unifamiliares e isoladas, com dois pisos, e implantadas de forma dispersa, mas ordenada em relação às ruas. Geralmente, o edificado tem associado um pequeno quintal ou jardim, e os espaços entre parcelas são ocupados por atividades agroflorestais.

Com a informação recolhida no trabalho de campo pode confirmar-se a impressão geral que se tem com uma visita à aldeia. De facto, de um total de 35 edifícios identificados, 13 apresentam-se em ruína e outros 4 num estado muito avançado de degradação. O impacto desta realidade só não é maior, precisamente devido ao facto de a construção ser dispersa e existirem alguns edifícios mais recentes e com estado de conservação regular.



Figura 65. Antiga escola primária e atual Villa Natura | Al Villas. 2023

Além do uso habitacional, existe em Ariques uma unidade de alojamento turístico em ótimo estado de conservação, resultante de uma reabilitação do edifício de uma antiga escola primária. Apelidada nos dias de hoje de Villa Natura | Al Villas, apresenta capacidade para alojar até 4 hóspedes, contando com 20m<sup>2</sup>, dois quartos e duas casas de banho, além da cozinha e da sala de estar e de jantar. Porém, não foi possível perceber se o edifício se encontra em uso.

Em 2015, os concelhos de Ansião e de Alvaiázere iniciaram um processo de transformação das escolas devolutas em unidades de alojamento rural, numa tentativa de dar uma nova vida a este edificado e ao mesmo tempo dar resposta à procura dos turistas. O município de Alvaiázere tinha a intenção de requalificar 11 escolas desativadas e 4 foram convertidas em centros de interpretação ambiental com alojamento (Lusa, 2013).

Esta vontade de dar uma nova vida aos edifícios das escolas tem, como qualquer outro desejo, os seus prós e os seus contras. Por um lado, é uma atitude que pode ser vista com bons olhos, uma vez que vem aumentar a oferta de alojamento turístico disponível.

No entanto, pode significar a perda de um dos recursos mais valiosos para uma comunidade e, em determinadas áreas, o único serviço. As escolas são locais de aprendizagem e desenvolvimento das crianças e a sua transformação em alojamentos turísticos pode ser um indicador de que os esforços de desenvolvimento de uma região estão exclusivamente focados no turismo, sem ponderar outras perspetivas de futuro, nomeadamente, através da fixação de novos moradores. A inexistência de espaços educativos pode conduzir a perspetivas negativas de um determinado local e pode, conseqüentemente, ser um fator a ter em conta no momento de escolher um novo local para morar.

No caso de Ariques esta nem é bem a situação, pois não existem crianças e não há perspetiva de virem a existir tão brevemente. Porém, para a melhoria da qualidade de vida dos poucos moradores da aldeia, podia revelar-se um contributo melhor para a valorização deste lugar a disponibilização do edifício para fins sociais, isto é, para que a própria comunidade lhe desse um uso de interesse coletivo.

No fundo, esta opção pelo alojamento turístico corresponde a uma tendência a que se tem vindo a assistir, de construção de um futuro demasiado dependente do turismo. Nesta região, tem-se pensado nos edifícios das antigas escolas como uma possibilidade de valorizar o tema de maior destaque da área onde estão inseridas. Por exemplo, a escola de Bofinho, em Alvaiázere, visa o reforço da atratividade do lugar através da arquitetura tradicional. No caso de Ariques, o tema diz respeito à flora, prezando-se a mancha de Carvalho-Cerquinho, mas a inutilização do edifício não deixa de ser reveladora do insucesso desta estratégia.

Importa ainda referir que é a partir da Rua da Escola em Ariques que se inicia um percurso pedestre “Encantos do Vale da Mata”, que se desenvolve pela Serra de Ariques e é um percurso de descoberta da serra. Nas imediações da aldeia, além dos olivais e da mancha de carvalho-



cerquinho, podem ainda encontrar-se formações cársticas, algares, lapas e campos de lapiás de grande interesse.

No fundo, é possível perceber as razões pelas quais a aldeia de Ariques faz parte da Rede de Aldeias de Calcário, concentra em si património(s) e valor(es) que bem caracterizam a região de Sicó. Além disso, Ariques é uma das aldeias que pode tirar partido da passagem da Rota Carmelita e, por isso, viabiliza a instalação de um programa de apoio e abrigo aos peregrinos.



## Ariques Integra - Plano de Ação

“Ariques Integra” é a visão defendida para a aldeia. *Integrar* é o lema defendido para Ariques e o propósito do Plano de Ação passa por criar soluções que acolham o visitante e novos moradores, em harmonia com as preexistências e o ambiente natural.

Como referido antes, os Planos de Ação das aldeias foram desenvolvidos num trabalho de equipa. No caso de Ariques, o Plano foi elaborado pela autora desta dissertação e pela colega Giulia Campos e como foi dito atrás, o grande objetivo é configurar esta aldeia como um polo de sociabilidade.

Deste modo, foram traçados os seguintes objetivos:

- i) proteção e valorização do património natural e construído;
- ii) requalificação do espaço público;
- iii) instalação de novos programas e infraestruturas dirigidos aos habitantes, novos residentes e visitantes, de modo a reforçar a atratividade da aldeia;
- iv) incentivo à estadia de peregrinos e turistas, além da fixação permanente de novos moradores.

Com a implementação deste Plano de Ação, pensa-se que ficará assegurada a sustentabilidade deste lugar; isto é, pretende-se que a Aldeia de Ariques ganhe vida e se mantenha fiel aos valores que apresenta atualmente.

Assim, o Plano integra propostas que visam a criação de um espaço físico mais qualificado, com espaços públicos mais seguros, tanto para os habitantes, como para os visitantes.

Esta visão estratégica é ancorada em dois projetos estruturantes, que correspondem à instalação de dois programas funcionais que reforçarão a atratividade e dinamismo da aldeia de Ariques:

- i) o **Abrigo Carmelita**, um complexo de apoio ao peregrino, mas que serve também o turista, e que corresponde à proposta defendida nesta dissertação;
- ii) e a **Aldeia Lar**, um centro sénior composto por um conjunto aplicativo de edifícios com múltiplas funções.

De forma a reforçar as relações com o lugar e vendo corpo ao lema “integrar”, ambos programas incluem valências de apoio à comunidade, ou seja, são criadas relações de complementaridade. Deste modo, existem serviços no Abrigo Carmelita que são úteis à Aldeia Lar e vice-versa, e ambos podem servir os habitantes de Ariques e das aldeias vizinhas.

No que diz respeito ao espaço público da aldeia, essencialmente constituído pela estrada que a atravessa e dois pequenos arruamentos, o Plano integra também um conjunto de intervenções dedicadas à sua requalificação.



Figura 66. Equipamento de Apoio à Visitação da Rede de Aldeias de Calcário. 2022. Joana Ramos ©



Figura 67. Proposta de inclusão do EAV, Ariques. 2023. Joana Ramos e Giulia Campos ©

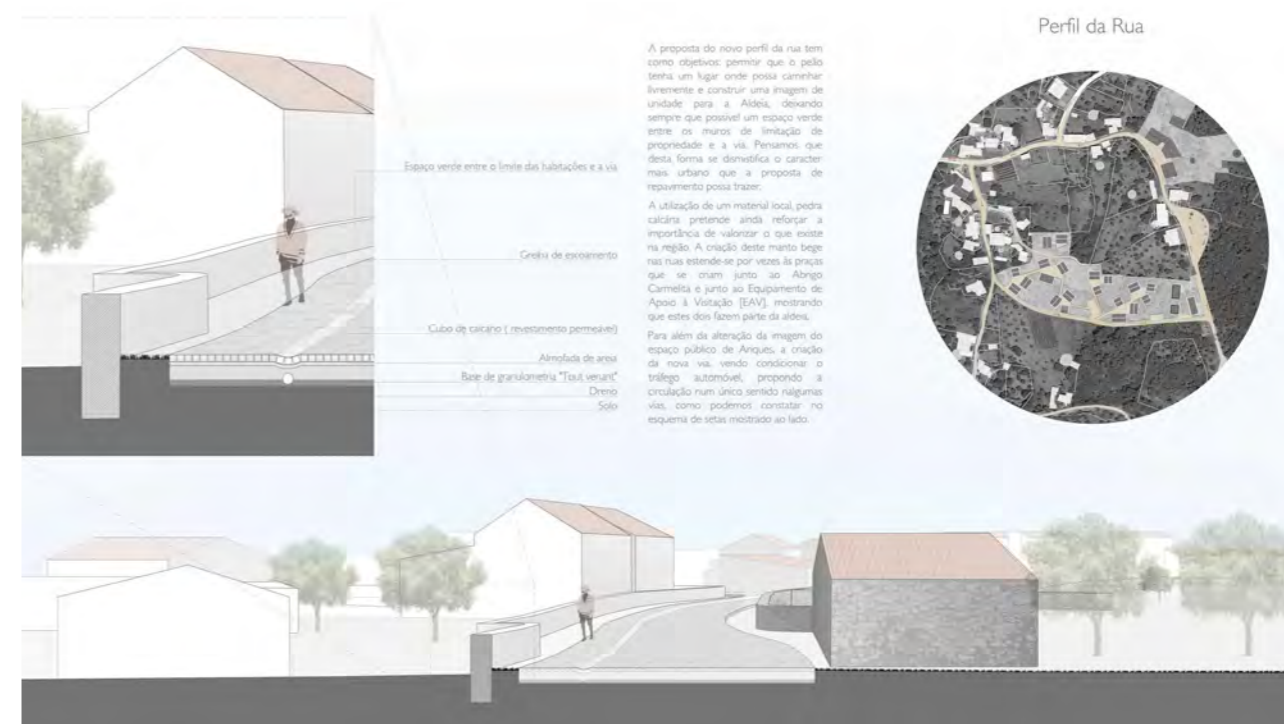


Figura 68. Proposta de novo perfil de rua, Ariques. 2023. Joana Ramos e Giulia Campos ©



Desde logo os espaços que marcam os limites nascente e poente da aldeia. O Plano de Ação propõe para cada um destes espaços um conjunto de intervenções que resultem numa afirmação das entradas e criação de momentos de receção aos visitantes. Na entrada poente, as intervenções propostas visam, além disto, integrar o Equipamento de Apoio à Visitação<sup>17</sup> [EAV] um “marco identitário” previsto na estratégia de valorização da Rede de Aldeias de Calcário da Terras de Sicó. Este equipamento já se encontra construído, como se pode ver na figura 66.

Porém, esta marca no território aparece completamente desenquadrada e sem estabelecer relações com o ambiente envolvente. Por isso, o Plano de Ação propõe formas de requalificar a área envolvente, por exemplo, com a integração do EAV estendendo o pavimento proposto na via por uma área mais abrangente e a criação de espaços de lazer, junto com parque de merendas.

Por sua vez, a entrada Poente é marcada por um conjunto de edifícios com programas diferentes, mas que integram a Aldeia Lar e partilham uma área exterior que é atravessada pela estrada.

Além destas intervenções, entendeu-se que todas as vias mereciam ser repensadas, não só em termos materiais, como formais. Reconhecendo a importância da via principal, propõe-se que no trecho da estrada CM1063 que atravessa Ariques, o pavimento passe a ser em calçada de pedra cúbica de calcário, em substituição do betuminoso, por ser um material que descaracteriza a aldeia, impondo um carácter urbano e essencialmente rodoviário.

Em termos formais e do ponto de vista do uso da via principal, procura-se integrar o peão. É verdade que em lugares pouco desenvolvidos e com pouco tráfego automóvel, não existe habitualmente espaço especificamente dedicado ao peão ao longo das vias de circulação. Aliás, essa existência é mesmo justificada pela presença pouco expressiva do tráfego automóvel. Porém, o Plano de Ação para Ariques defende soluções que garantam o conforto e a segurança do peão.

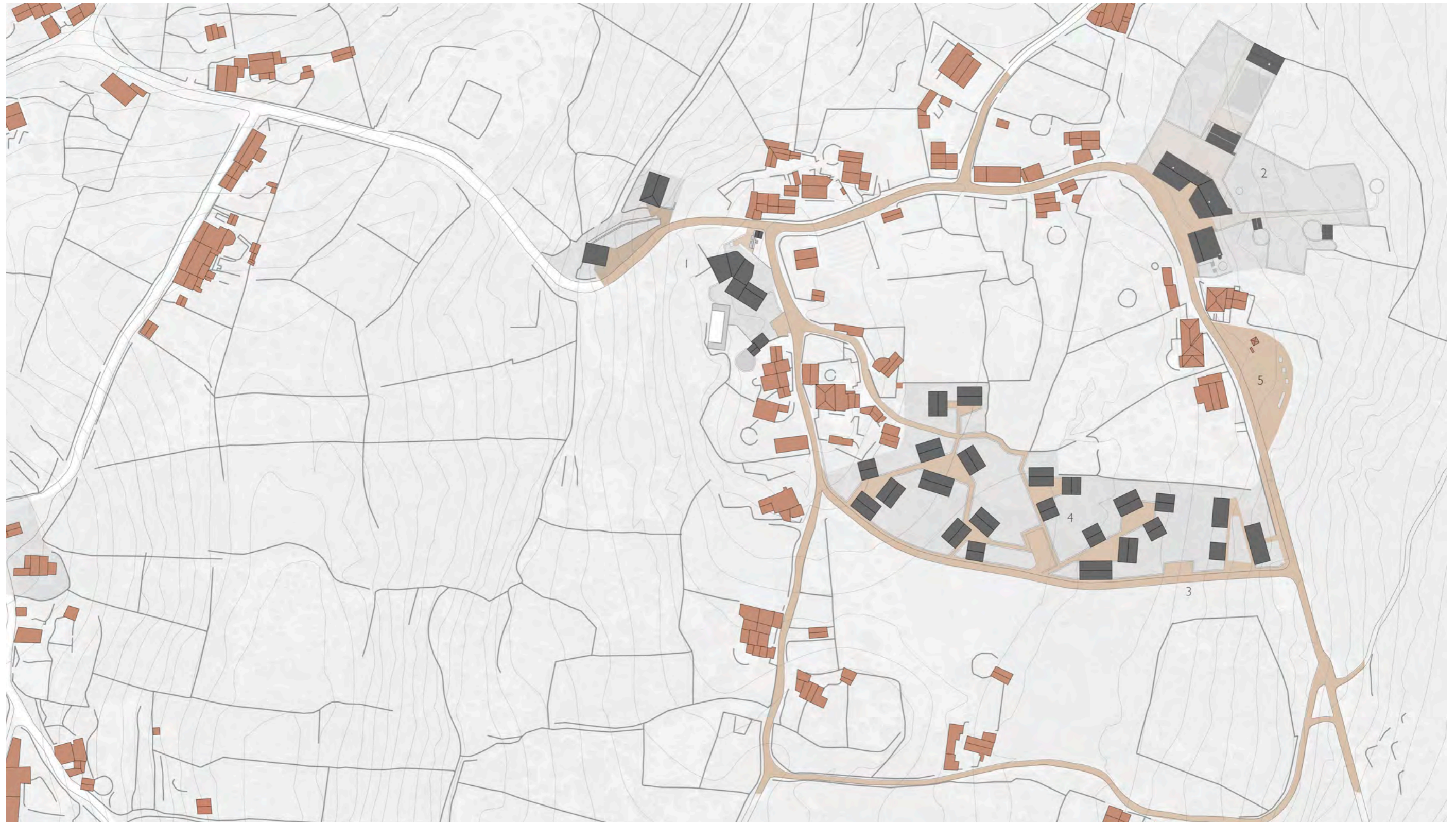
Deste modo, propõe-se uma transformação no tráfego automóvel que se traduz no facto de passar a ter sentido único no miolo da aldeia. Deste modo, liberta-se espaço nas vias e as soluções construtivas adotadas na repavimentação, distinguem o espaço do peão do espaço do automóvel. Para tal, tentando responder a uma necessidade imposta pela vivência, desenha-se no pavimento uma linha que separa a área de circulação automóvel da área de circulação pedonal, em pedra calcária de tonalidade diferente. Assim, permite-se que o peregrino e o caminhante sintam mais segurança.

Para viabilizar esta alteração no que diz respeito ao tráfego automóvel é proposta a criação de uma nova rua, uma proposta estruturante deste Plano de Ação. Esta nova rua, desenhada com base na forte influência dos muros de pedra seca, fomenta o desenvolvimento da aldeia, conectando outras áreas e facilitando o contacto entre todos. Além disso, proporciona a criação de uma nova frente de rua, o que se torna realidade com a proposta da Aldeia Lar.

<sup>17</sup> Equipamento proposto pelos seis municípios juntamente com a Terras de Sicó e, que serve de apoio ao turismo, desenhado pelo arquiteto Pedro Santos e, consiste numa estrutura de base quadrangular de 3x3m.



Figura 69. Maquete de estudo do Abrigo Carmelita. 2023. Joana Ramos ©



🕒 Planta de proposta - "Ariques Integra" | Escala 1/1000  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

**1. Complexo Multifuncional**

- Criação de espaços de lazer: piscina exterior; salas de convívio e workshop;
- Reativação do lagar e fonte comunitária

**2. Abrigo Carmelita**

- Criação de um centro de apoio ao peregrino;
- Reabilitação de um conjunto de ruínas;

**3. Proposta de uma nova via**

**4. Aldeia Lar**

- Criação de um conjunto de equipamentos novos direcionados à população sénior, comunidade e funcionários;

**5. Área de apoio à visitaçào**

- Criação de espaços de lazer e integração da peça escultórica;

**6. Área envolvente à Capela de Santiago de Ariques**

- Proposta de um novo espaço de festas

- Área de intervenção
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Edifício existente

Figura 70. Planta da proposta "Ariques Integra". 2023

O Plano de Ação contempla ainda a criação de um centro de identidade (Rossa, 2015), um espaço que se pretende que seja o centro da vida cívica da aldeia e cuja criação melhor ilustra o projeto de urbanidade defendido na estratégia Aldeias de Calcário. Este centro materializa-se no tratamento do espaço público, na reabilitação de um conjunto de edifícios e na criação de programas que se prevê que instalem alguma dinâmica na aldeia.

Deste jeito, para a entrada norte da aldeia, o Plano propõe a criação de um **Complexo Multifuncional**, em resultado da requalificação e (re)funcionalização de um conjunto edificado existente e a introdução de um Centro Comunitário. Ambos os programas são valências da Aldeia Lar, mas servem, além dos seus residentes, a comunidade local. Além destes programas, faz ainda parte do centro de identidade de Ariques, o **Complexo do Abrigo Carmelita**. Este conjunto surge a propósito da passagem da Rota Carmelita pela aldeia, e resulta da requalificação e (re)funcionalização de um conjunto edificado existente que apresenta valor patrimonial e que se encontra devoluto.

A **Aldeia Lar** é um programa dedicado ao idoso e que poderá acolher pessoas oriundas de qualquer lugar. É composto por diversas valências e entre os seus edifícios contam-se construções reabilitadas bem como um conjunto expressivo de novas construções. Entre estas contam-se as residências propriamente ditas, um restaurante e a lavandaria. De qualquer forma, é uma proposta que procura integrar-se na aldeia, tanto pela maneira como se implanta, como pela escolha dos materiais e a volumetria dos edifícios.

Como contribuirão estas propostas para o reforço do dinamismo e da urbanidade que se pretende para a aldeia de Ariques?

Além, daqueles dois programas e das propostas para o espaço Público referidas, importa ter em conta um aspeto fundamental para o sucesso da visão estratégica para a aldeia: ideia de que todas as soluções funcionarão num regime de complementaridade e/ou de cooperação.

O **Complexo do Abrigo Carmelita** tem as valências de alojamento propriamente dito, com espaços comuns e espaços privados, dedicados ao retiro e ao descanso, espaços de oração, espaços administrativos e ainda com uma área de Clínica de Cuidados Básicos e Fisioterapia, que além de servir os peregrinos, serve também os idosos da Aldeia Lar. No entanto, o programa do Centro Sénior também serve o Abrigo, na medida em que oferece valências que acrescentam valor e que permitem a relação de cooperação entre os dois programas, como, por exemplo, o restaurante, a lavandaria e o complexo multifuncional.

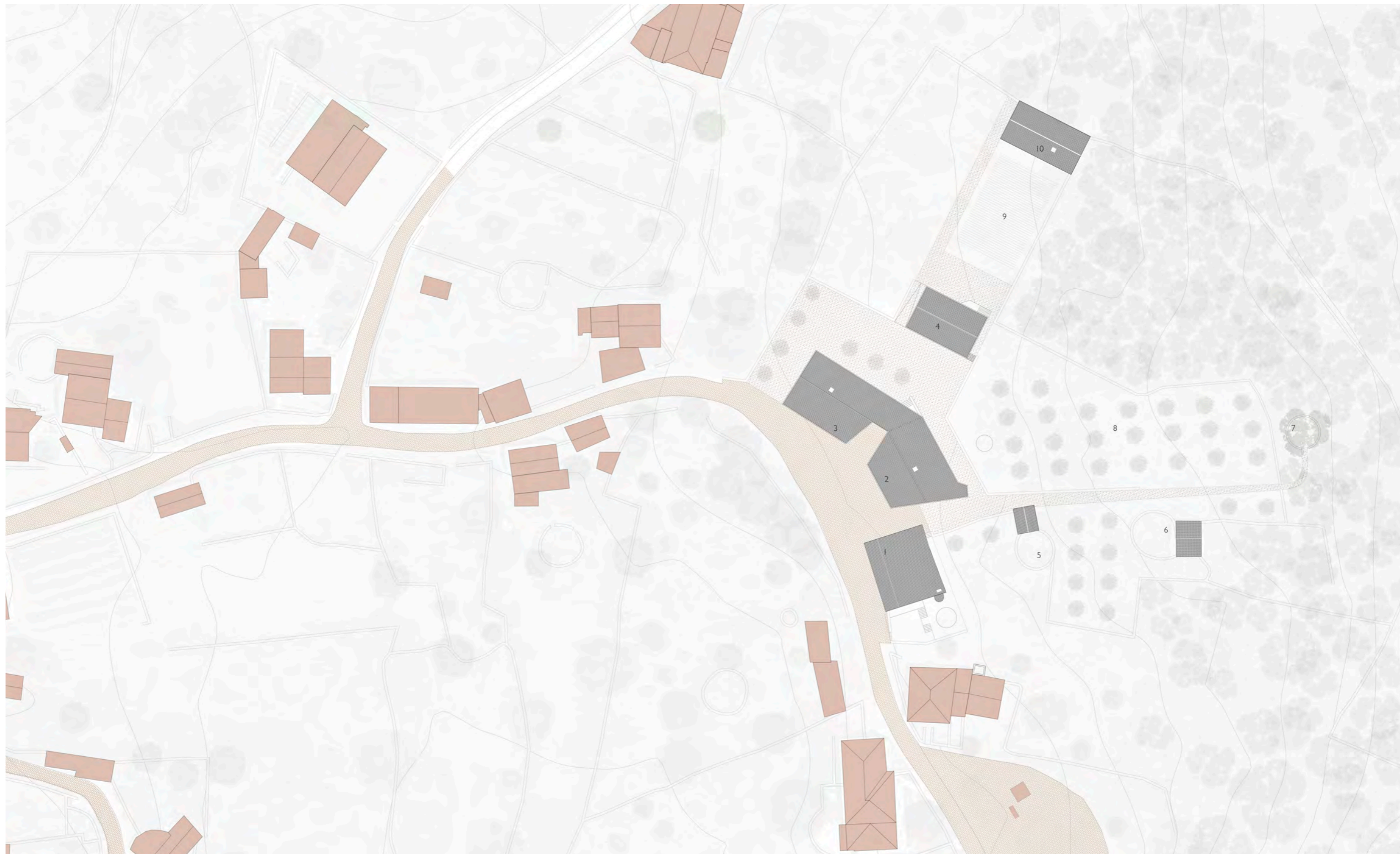
No Plano de Ação analisou-se ainda o lugar de Santiago de Ariques, lugar que se encontra bastante próximo de Ariques e igualmente atravessado pela Rota Carmelita. Em Santiago de Ariques, prevê-se a requalificação do espaço público em torno da capela e, sensíveis ao facto de ser um espaço de espiritualidade importante, a criação de um novo edifício para as atividades da comunidade que usualmente aqui têm lugar.




Em jeito de conclusão, o Plano de Ação surge com o propósito de criar urbanidade em Ariques e Santiago de Ariques, como forma de reforço da atratividade destes lugares, não só através da componente de apoio à visita, mas também a partir da instalação de programas que têm em vista a fixação de novos habitantes, o desenvolvimento social e económico local e a promoção das atividades socioculturais envolvendo a comunidade.



Figura 71. Perspetiva do Complexo Abrigo Carmelita. Joana Ramos ©



 Planta de implantação  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

- |   |                                    |
|---|------------------------------------|
| 1. Casa-Mãe                                   | 5. Casa de eira, quarto individual |
| 2. Albergue para peregrinos                   | 6. Pavilhão do Silêncio            |
| 3. Clínica de cuidados básicos e fisioterapia | 7. Olival                          |
| 4. Casa do Caseiro                            | 8. Horta                           |
|   | 9. Cural                           |



- |   |  |
|---|--|
|  | Pavimento em calçada de pedra calcária |
|  | Saibro                                 |



Figura 72. Planta de implantação Complexo Carmelita. 2023

## Complexo Abrigo Carmelita

A intervenção proposta nesta dissertação tem por base a estratégia Aldeias de Calcário, que é implementada com o Plano de Ação de Ariques e os Planos das restantes aldeias da RAC. Uma vez pensando o território como um todo e com especial atenção as aldeias de Ariques e Granja, são propostos edifícios cujos programas se baseiam no apoio ao peregrino em Sicó.

Após uma análise da região, de conhecer a comunidade e perceber as valências e as fragilidades das aldeias que constituem a RAC, foi possível perceber a pertinência da criação de um conjunto de serviços de apoio ao peregrino, que possam igualmente contribuir para a valorização de lugares atravessados pelas rotas de peregrinação, sobretudo a Rota Carmelita. Tal é assim porque os cuidados prestados ao peregrino podem igualmente ser prestados a comunidade local das 2 aldeias aqui referidas ou de outras nas suas vizinhanças.

Em Ariques, a proposta resulta no Abrigo Carmelita, um complexo que oferece todas as valências de um albergue, com espaços de cuidado do corpo, espaços de reabilitação e fisioterapia, espaços de cultivo e de culto.

A escolha do local de intervenção tem em atenção o caminho que tomam os peregrinos e a fácil acessibilidade. A Rota entra em Ariques pela Rua da Escola, seguindo depois pela rua principal em direção a Santiago de Ariques. Por isso, escolheu-se para a implantação um terreno bastante próximo deste troço.

O Abrigo Carmelita é organizado em várias construções cujos programas funcionam e cooperam entre si. Três estão instalados em edifícios existentes que são reabilitados, a Casa-Mãe e duas Casas de Eira. Outros quatro são construções novas: o Abrigo propriamente dito e a Casa do Caseiro – edifícios rebocados e pintados a branco –, e um curral e o Pavilhão do Silêncio, construções em alvenaria de pedra seca.

O percurso criado desde a rua até ao pavilhão do silêncio organiza o complexo, assumindo-se como a espinha dorsal e relacionando todas as construções reservadas aos peregrinos, este inicia junto da casa-Mãe permitindo depois o acesso ao Abrigo, passando ainda pelas duas casas de eira e, por fim ao espaço de retiro e oração. Para além destas estruturas, existem ainda dois edifícios: a casa do caseiro e o curral, que por não abrigarem programas para o peregrino se localizam em pontos estratégicos e distantes do centro de atividade e aos quais se acede pelas traseiras do abrigo.

Os edifícios que resultam de reabilitações, a Casa-Mãe e as Casas de Eira, são reflexo da estratégia de reabilitação que se defende que deve ser implementada nestes locais. Nestes três edifícios, o projeto de reabilitação prevê uma abordagem sensível que tem a intenção de preservar e respeitar as características das construções vernaculares de Sicó e do ambiente envolvente, enquanto promove o seu desenvolvimento e modernização, atribuindo-lhes novos programas e

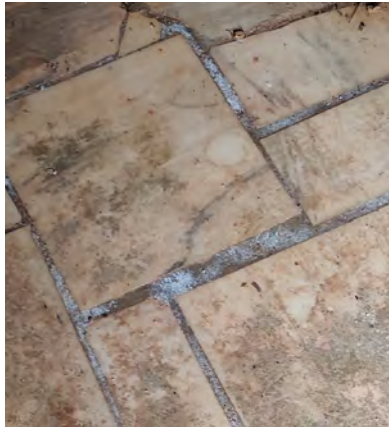


Figura 73. Fotografias do conjunto devoluto formados por duas casas unifamiliares. 2022. Joana Ramos ©



usos, adequando-os às necessidades dos mesmos.

Na rua principal de Ariques, próximo da entrada nascente da aldeia, existe um conjunto edificado de alvenaria de calcário formado por duas casas unifamiliares tradicionais que se fundiram numa só. Este conjunto, que se encontra em mau estado de conservação, conta com dois pisos e um telhado de duas águas acabado com telha de capa e canudo. A estrutura do piso e do telhado é constituída por vigamento de madeira e o remate das águas do telhado é em beiral simples, que se estende para além do plano da parede para a proteger das chuvas.

Dado o mau estado de conservação do conjunto, não é segura a visita de todo o seu interior. Aliás, parte do telhado e do piso já ruíram. De qualquer forma, é possível perceber que as duas casas teriam no piso térreo os espaços para animais ou lojas e, por essa razão, apresenta um pé direito reduzido. O piso superior seria a casa propriamente dita.

Apesar do estado avançado de degradação, as paredes estruturais mantêm-se e é possível constatar que se podia aceder ao piso superior nos extremos norte e sul do conjunto. Na verdade, esta dupla possibilidade de acesso dever-se-ia ao facto de originalmente terem sido duas casas que se uniram posteriormente. Assim, no topo norte, o acesso ao piso superior era possível por uma escada de madeira exterior coberta, e no topo sul o acesso seria feito por uma escada de pedra exterior.

Num piso intermédio, localizado no tardo do conjunto, é possível aceder aos espaços de cozinha e despensa. Neste espaço, cujo pavimento é constituído por fragmentos de mármore, existe num dos seus cantos um forno ao qual está associado um borrarho e uma chaminé que, no exterior, não ultrapassa a altura da cumieira.

O acesso aos quartos seria feito pelo exterior ou através do espaço de refeições. De facto, existe uma passagem entre os dois, elevada em relação ao piso da cozinha, e o acesso poderia ser feito com alguns degraus, mas não existe atualmente qualquer vestígio da existência de uma escada neste ponto.

Excetuando a cozinha, os pavimentos do piso superior seriam em madeira e os tetos possivelmente seriam forrados também a madeira. Sobre este edifício não se sabe muito, no entanto, os vestígios deixados ao longo do tempo, desde a tinta azul na fachada e o pavimento em mármore referido, podem ser indícios de que aqui viveram pessoas com algumas possibilidades económicas.

Com a análise das características deste conjunto edificado, nomeadamente a sua construção e a organização dos espaços, percebeu-se que tem aptidão para ser a Casa-Mãe do complexo do Abrigo Carmelita, ou seja, é nele que se concentram os espaços de receção e administração. Portanto, o projeto de reabilitação prevê a mudança de programa, mas a organização dos espaços é praticamente mantida, permitindo a leitura de como o conjunto se organizava.

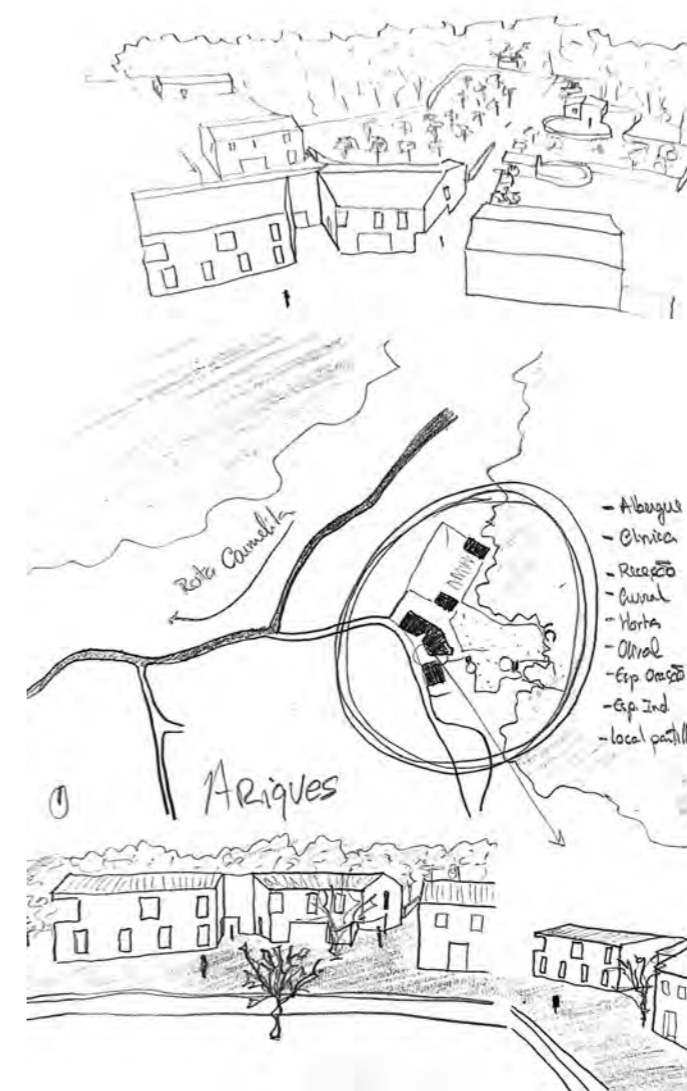


Figura 74. Esquisso da fase de projeto. 2022. Joana Ramos ©



Figura 75. Casas de eira e edifício que se propõe demolir. Ariques, 2022. Joana Ramos ©

Assim, no piso térreo, o projeto prevê uma área de recepção aos peregrinos, um espaço de cafeteria com esplanada, e um espaço de bagagem e sanitários. Mantendo o acesso ao piso superior pelo exterior, é possível chegar aos espaços de apoio administrativo, designadamente, salas de trabalho, sala de reuniões e sala de funcionários.

No que diz respeito aos materiais propostos para os acabamentos, o projeto prevê o reboco de cal em todas as paredes e os pavimentos em madeira, excetuando na área de sanitário, cujo pavimento é acabado com betonilha pigmentada.

As **Casas de Eira**, outrora espaços de apoio agrícola, são reabilitadas de acordo com os objetivos defendidos anteriormente, ganhando um novo programa necessário às exigências funcionais do complexo. Deste modo, para assegurar a existência de espaços de dormir com diferentes características no Abrigo, as duas casas de eira que existem aqui são transformadas em espaços de dormir individuais. Dadas as características das construções existentes, os projetos resultam em espaços mínimos, mas funcionais, e respondem às necessidades de quem prefira manter o foco na sua reflexão. Nestes espaços reduzidos existe área para uma cama, um espaço de sanitários e uma mesa onde poderão ser feitas refeições e/ou o planeamento de qualquer atividade. A cada casa de eira está ainda associado, além da eira, um espaço exterior coberto, que faz a transição do interior para o exterior.

A norte da Casa-Mãe e com relação com esta, é proposto um edifício novo que responde aos principais programas de albergue e às necessidades básicas inerentes à rotina dos utilizadores: descanso, alimentação, saúde e higiene. O projeto deste novo edifício segue o princípio geral adotado para o complexo do Abrigo Carmelita, de procurar valorizar as preexistências, potenciando ainda as relações com a aldeia e com as restantes construções, principalmente com a Casa-Mãe.

No local onde se propõe a construção deste edifício existe, atualmente, uma pequena casa de um piso com muito pouca qualidade arquitetónica e construtiva, cujas características não permitem integrá-lo numa resposta às necessidades de um albergue para peregrinos com a capacidade do proposto. Opta-se, por isso, pela sua demolição, mas considera-se a sua posição e o novo edifício é implantado de acordo com os limites da construção.

O edifício novo recua em relação à rua e permite a criação de um alargamento da rua que pode funcionar como espaço de recepção e encontro. Além disso, esse espaço é uma “rótula” que articula o novo edifício, a Casa-Mãe e um caminho que termina no Pavilhão do Silêncio, e permite o acesso às Casas de Eira.

A forma do abrigo pretende afirmar-se como contemporânea, por isso, se propõe um edifício que pode ser lido como uma massa branca esculpida, à qual se subtrai ou se adicionam volumes em momentos de exceção. Tal acontece em duas das entradas, aquela que se relaciona com a Casa-Mãe e aquela que se volta para a praça de recepção. A sua intencionalidade não reside apenas



Figura 76. Conjunto de referências de projeto. Detalhes em *Índice de Figuras*

na necessidade de gerar uma nova entrada no edifício, mas também na vontade de separar os programas de albergue e de clínica sem quebrar a ideia de conjunto, ao mesmo tempo que se trabalha a dimensão das fachadas numa tentativa de aproximação à escala da Casa-Mãe. Assim, apesar de se afirmar na aldeia, possuindo dimensões superiores aos restantes edifícios, o abrigo assume uma forma que tira partido de soluções que permitem controlar a sua relação com os demais.

Como se pode ver na Figura 76 foram várias as referências arquitetónicas que ajudaram na criação de um conceito para o projeto do complexo. Algumas delas com problemas idênticos, programas semelhantes aos propostos e soluções construtivas onde está presente a construção vernácula. Além das referências diretamente relacionadas com o programa e a reabilitação, foram surgindo outras que ajudaram na definição da forma do edifício e a sua ligação com o espaço envolvente, e ainda outra que deram pistas sobre os materiais a usar.

A opção de utilizar novos discursos arquitetónicos enquanto se opta por métodos de construção convencionais, pretende ser um exemplo de como propostas contemporâneas podem respeitar os lugares, ou seja, não se impõem, antes colaborando numa construção coerente de um conjunto.

Esta intenção de simplificação e valorização é também materializada ao nível construtivo, na medida em que se escolhem materiais e sistemas construtivos convencionais. No projeto da casa do caseiro e do abrigo, duas das construções novas do complexo, opta-se por um sistema de parede dupla com isolamento térmico em lã de rocha na caixa de ar. A fixação das paredes exteriores é reforçada, sendo utilizado o método de fixação em tabuleiro e depois em grampo. Para além disto, ao longo da construção da parede prevê-se ainda a introdução de uma armadura de modo a evitar a fissuração, principalmente junto dos vãos.

No exterior e no interior as paredes são rebocadas e pintadas a branco, uma vez que permite, por exemplo, garantir luminosidade, criar ambientes tranquilos no interior e também por questões de higiene.

Esta proposta tem por base o estudo do território que permitiu identificar os espaços essenciais para garantir um conforto e segurança para os peregrinos durante a sua jornada e as valências em falta no território e nos albergues de Sicó. Os albergues em Sicó são normalmente compostos por: dormitórios, espaços de duche, cozinha e área de refeições, sala de estar ou área comum-

Posto isto, o Abrigo possui duas componentes funcionais, isto é, além dos espaços de alojamento dedicada aos peregrinos, possui uma outra relativa aos cuidados de saúde com a valência de fisioterapia.

O piso térreo do alojamento tem um carácter social, isto é, contempla as áreas comuns, com espaços de conforto, encontro e partilha. A criação de espaços comuns neste tipo de alojamentos fomenta o desenvolvimento de um senso de comunidade. A convivência, a partilha de experiências, a interação com pessoas de diferentes origens e culturas permite adquirir novas perspetivas,



Figura 77. Complexo Abrigo Carmelita- Maquete à escala 1:200.. Joana Ramos ©



- |                         |                  |                                    |                          |
|-------------------------|------------------|------------------------------------|--------------------------|
| 1. Recepção             | 5. Arrumos       | 9. Lavandaria                      | 13. Banheiros            |
| 2. Cafeteria            | 6. Sala de estar | 10. Recepção e sala de espera      | 14. Sala de funcionários |
| 3. Esplanada            | 7. Cozinha       | 11. Consultório                    | 15. Ginásio              |
| 4. Instalação sanitária | 8. Despensa      | 12. Posto de venda de medicamentos | 16. Garagem              |

Figura 78. Planta do piso térreo do Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro. (cota 305m)



- |                         |                          |                   |                                  |
|-------------------------|--------------------------|-------------------|----------------------------------|
| 1. Sala de reuniões     | 5. Gabinete              | 9. Ginásio        | 13. Quarto duplo                 |
| 2. Sala de trabalho     | 6. Quarto duplo          | 10. Cozinha       | 14. Quarto individual            |
| 3. Sala de funcionários | 7. Sala de eletroterapia | 11. Sala de estar | 15. Área livre                   |
| 4. Arrumos              | 8. Sala de massagem      | 12. Escritório    | 16. Área de preparação de rações |

Figura 79. Planta do primeiro piso: Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro | Piso térreo: Casa de eira (cota 307m)

novos valores, conhecer outros modos de vida, tradições, crenças e costumes, promovendo a diversidade e a inclusão.

Assim, o piso térreo é organizado em torno de um dos espaços mais importantes numa casa: a cozinha. Esta é acessível diretamente desde a entrada, espaço a partir do qual também se tem acesso à sala de jantar e convívio, onde existe um espaço de encontro com uma salamandra. Através dos inquéritos realizados aos peregrinos foi possível concluir que a maioria valoriza o encontro com outros caminhantes e a partilha, por isso, todos estes espaços funcionam em *open space*, reforçando a possibilidade de convívio e o protagonismo que se pretende dar à cozinha.

No piso superior, cujo acesso é possível desde a entrada através de uma escada ou um ascensor, o programa procura responder às exigências de um público-alvo que não deixa de ser heterogéneo, pois as rotas de peregrinação representam o encontro de pessoas oriundas dos mais diversos sítios, das mais diversas camadas sociais e económicas e com motivações específicas para o fazerem.

Neste sentido, ao longo de um corredor interior iluminado em três pontos, um em cada extremo e outro ao centro por uma claraboia, são propostos seis quartos duplos, sendo que três deles possuem pé direito mais elevado e, por essa razão, se podem transformar em pequenas camaratas de até quatro camas. Sobre os quartos com pé-direito menor, regular, é instalado no desvão do telhado um sistema de aquecimento, ventilação e ar-condicionado. Associados aos quartos estão ainda previstos espaços técnicos, de arrumos de materiais de uso diário, como roupa de cama e toalhas, e ainda um espaço de arrumos para objetos de maiores dimensões e produtos de limpeza.

Com o propósito de gerar ambientes confortáveis e tranquilos, além da escolha da cor branca para as paredes, opta-se também pela aplicação de madeiras, nas caixilharias, nos peitoris das janelas nos pavimentos e nos móveis.

Os pavimentos interiores do abrigo são em soalho de madeira de riga, à exceção das zonas de águas, tanto no abrigo como na clínica, para as quais se prevê mosaico cerâmico branco. As zonas de pátios, varandas, soleira das portas e o peitoril exterior das janelas são em pedra calcária. O peitoril interior das janelas é em madeira pintada de branco, tal como as paredes interiores e exteriores.

Por outro lado, com possibilidade de acesso pelo interior do abrigo, mas igualmente com acesso independente, a **Clínica de Cuidados Básicos**, com entrada através da praça de receção. Este espaço foi pensado de modo a servir os peregrinos, mas poderá ainda dar resposta aos habitantes da Aldeia Lar, equipamento residencial dedicado a idosos igualmente previsto no Plano de Ação de Ariques.



Figura 80. Perspetiva da área de estar do albergue. Joana Ramos ©

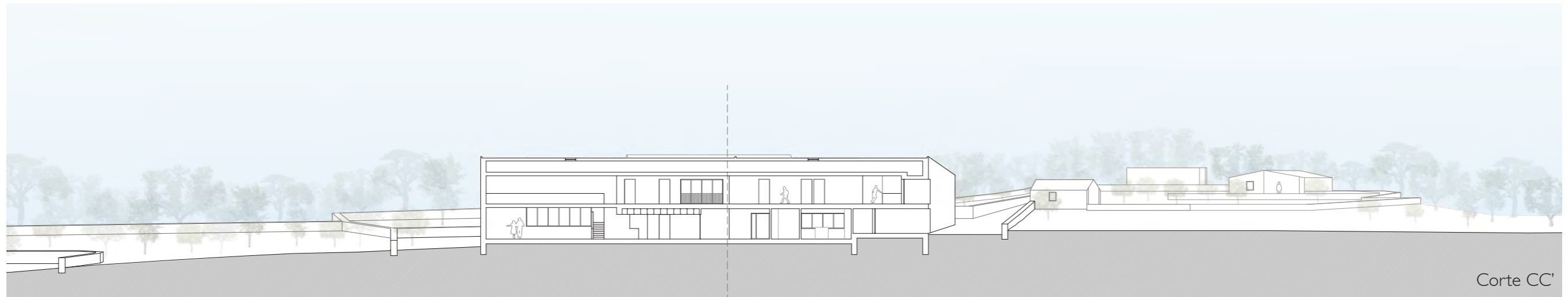
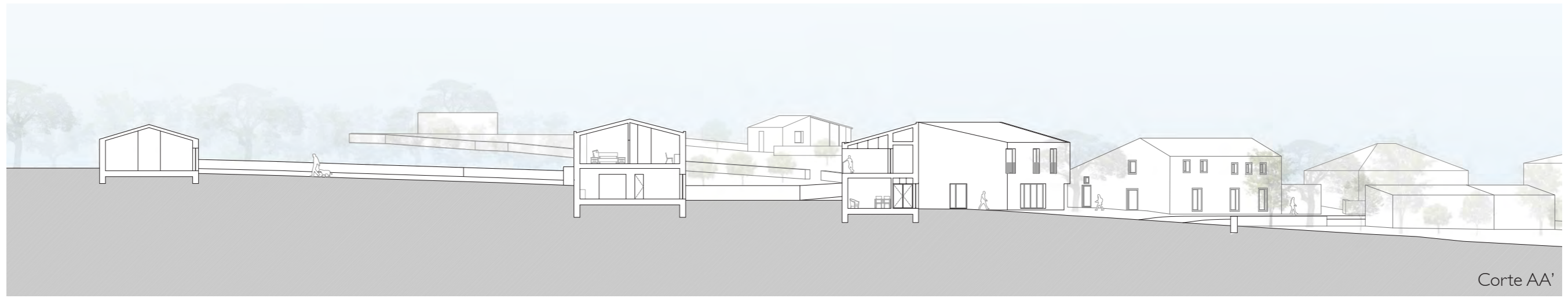
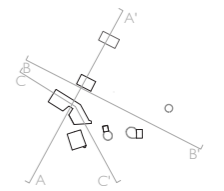


Figura 81. Cortes do Abrigo Carmelita.





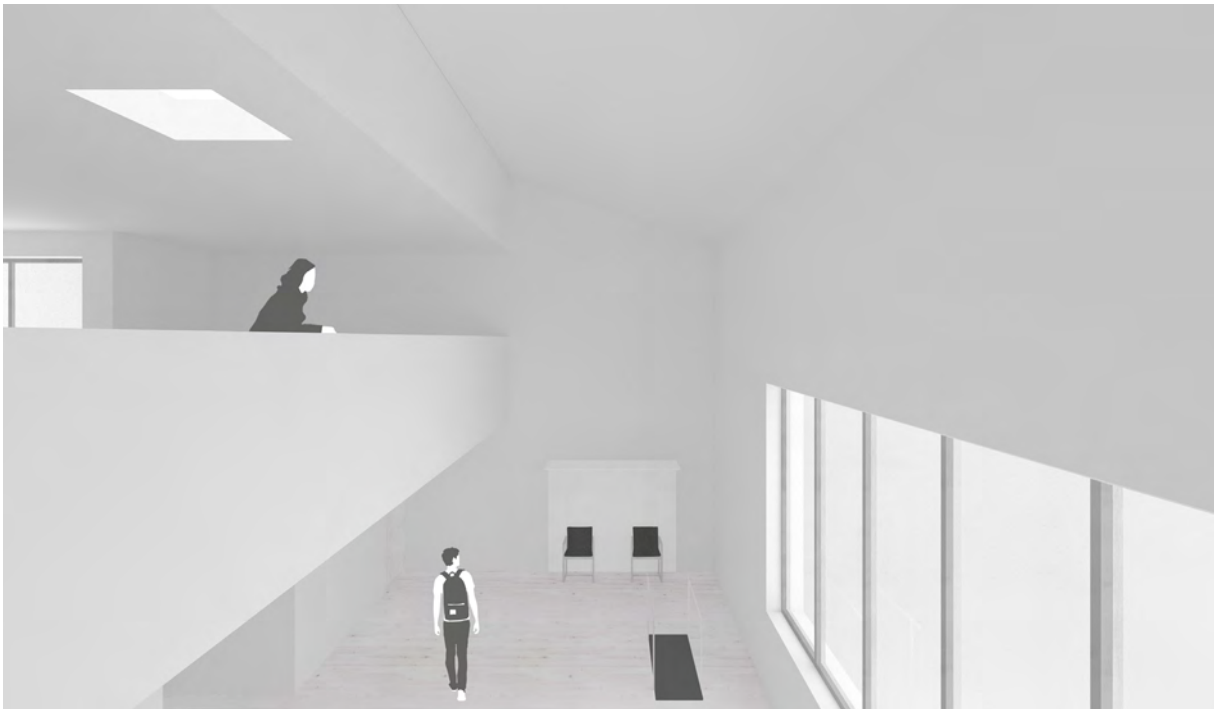


Figura 82. Perspetiva da área de ginásio da clínica. Joana Ramos ©

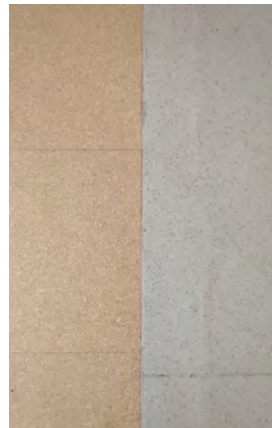
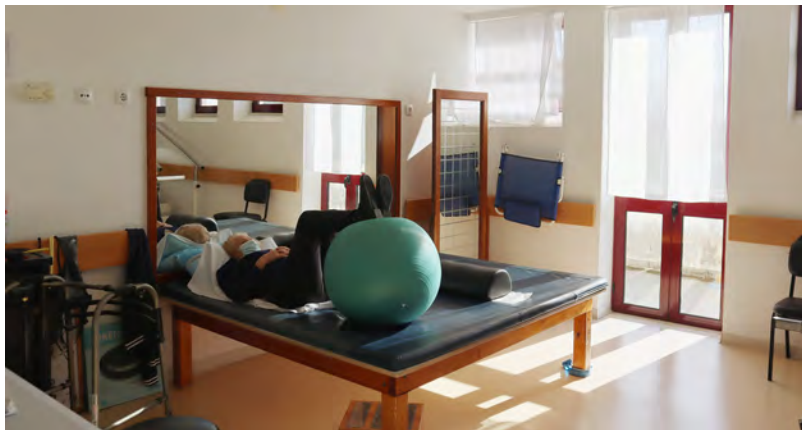


Figura 83. Espaço de Fisioterapia da Santa Casa da Misericórdia de Penela. 2022. Joana Ramos ©

Na estrada da clínica existe um espaço de receção e distribuição que permite o acesso a um pequeno posto de venda de fármacos e um gabinete médico, foi previsto tendo em atenção os cuidados médicos gerais, mas também os psicológicos (Figura 78).

A passagem para o espaço de fisioterapia propriamente dito é feita por uma zona de tensão criada com um rebaixamento do pé-direito, pela presença do elevador adjacente à receção de um dos lados e da escada de acesso ao piso superior no outro. Os utentes são assim conduzidos para o espaço de ginásio, uma sala ampla que tem associados os espaços de balneários com cacifos, zonas técnicas com armários de apoio ao ginásio de fisioterapia e sala de funcionários.

No piso superior, é possível uma passagem entre a área dos quartos e a área de fisioterapia, onde existe uma extensão funcional do ginásio com um espaço para a realização de exercícios mais autonomamente, bem como uma sala com dois gabinetes de eletroterapia e uma sala de massagem.

A necessidade de desenhar um espaço deste género justificou a investigação sobre o programa, nesse sentido, com o intuito de perceber como funcionam as áreas de apoio clínico, quais as áreas obrigatórias, que questões logísticas se devem ter em mente, bem como os melhores materiais para usar nos acabamentos, além da consulta bibliográfica, realizou-se uma visita à Unidade de Fisioterapia da Santa Casa da Misericórdia de Penela.

Durante a visita ao espaço houve a oportunidade de estabelecer contacto com um profissional da área e visitar o ginásio de fisioterapia e as salas adjacentes. Esta investigação foi crucial para a definição das áreas a incluir na clínica da proposta, pois contribuiu para perceber a necessidade de alguns detalhes, como a instalação de pontos de água nas salas de tratamento individual e consultórios, bem como a importância da inclusão de espaços de armazenamento de toalhas e outros materiais.

Por outro lado, foi ainda possível reparar no tipo de acabamentos, nomeadamente ao nível dos pavimentos, cujos tratamentos diferentes se devem ao uso a que se destinam. As áreas de circulação têm um vinílico liso, enquanto as áreas de ginásio têm um acabamento antiderrapante.

Posto isto, para a Clínica de Cuidados Básicos e Fisioterapia, propõe-se a utilização de vinílico branco nos pavimentos, pelas diversas vantagens, nomeadamente, a fácil limpeza e resistência às manchas e produtos químicos; a sua durabilidade; conforto acústico; diferentes tipos de acabamento (liso e antiderrapante); e, por fim, pela variedade de cores, permitindo a adaptação a vários ambientes.

Também neste projeto se pretende deixar clara a separação de programas entre o espaço de ginásio e o espaço de acesso aos balneários e à sala de fisioterapeutas. Esta marcação, perceptível pela diferença de pé direito, é reforçada pela diferença de tratamento do pavimento, seguindo o exemplo da Unidade de Fisioterapia visitada, sendo que aqui se opta por vinílico antiderrapante na área de ginásio, pois oferece uma maior aderência, reduzindo o risco de quedas, e vinílico liso



Figura 84. Fotomontagem do Pavilhão do silêncio. 2023. Joana Ramos ©

nas áreas de circulação.

O contacto com alojamentos para peregrinos permitiu traçar um perfil dos edifícios com este programa na região. O Abrigo Carmelita tem a ambição de se destacar dos restantes alojamentos para peregrinos em Sicó, porque o complexo conta não apenas com os espaços de descanso e de dormida, como antes referido, como também com espaços de recuperação física e de massagem, um espaço de oração e ainda espaços exteriores que permitem o contacto direto com a natureza.

A propriedade do conjunto é delimitada por muros de pedra seca existentes e, para o extremo norte, é proposto um curral. Este espaço e a respetiva imagem foram pensados de modo a valorizar os programas do rural e as técnicas de construção tradicionais com alvenaria seca de pedra calcária. A entrada principal dá acesso a um espaço amplo para conservar os alimentos dos animais e, posteriormente, ao espaço para guarda dos animais, sobretudo caprinos, que é subdividido com estruturas simples de madeira, isto é, divisórias feitas com treliças em caibro e ripa de madeira. No interior, os espaços foram dimensionados de forma que fossem facilmente acedidos por um trator, facilitando os trabalhos de limpeza e armazenamento de alimentos.

Posto isto, para cuidar de todo o complexo, o projeto prevê ainda um caseiro com uma casa própria localizada num ponto estratégico, uma vez que dele consegue facilmente chegar a todos os pontos do conjunto. A casa do caseiro é uma habitação que reinterpreta a habitação tradicional e que responde às necessidades de uma família no campo. No piso térreo proporcionam-se espaços de arrumos, uma garagem, armazém de alimentos e ainda espaços de lavandaria e de higiene pessoal, para quando se chega a casa diretamente da horta ou do cuidado dos animais. O acesso ao piso superior pode ser feito de duas maneiras: através de uma escada interior ou através de uma escada exterior, embora ambas deem acesso ao mesmo espaço. Este permite chegar à cozinha e à área de estar da casa. A organização desta permite a separação dos espaços comuns dos espaços mais privados, onde se incluem um espaço de trabalho e dois quartos.

Por fim, o complexo conta ainda com um espaço no qual se inscrevem valores espacialmente significativos, tanto a nível formal, simbólico e espiritual. Trata-se de um **Pavilhão do Silêncio**, um espaço de meditação, que se encontra no remate do caminho que estrutura o complexo e se apresenta como um espaço de exceção.

Este espaço surge também como forma de distinguir o Abrigo Carmelita, uma vez que, através da análise do território, foi possível perceber que nenhum albergue para peregrinos em Sicó possui a valência de espaço de oração.

Pretende-se que o Pavilhão do Silêncio seja um “lugar antropológico” (Augé, 2012, p. 75), que vive do encontro de várias culturas, mas também do encontro da pessoa com o espaço, segundo a sua cultura. A transcendência está relacionada com o saber ver e o saber sentir e um espaço como

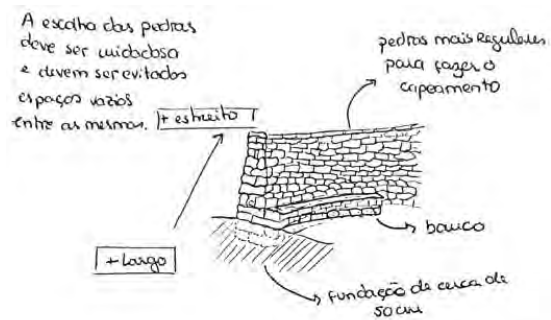
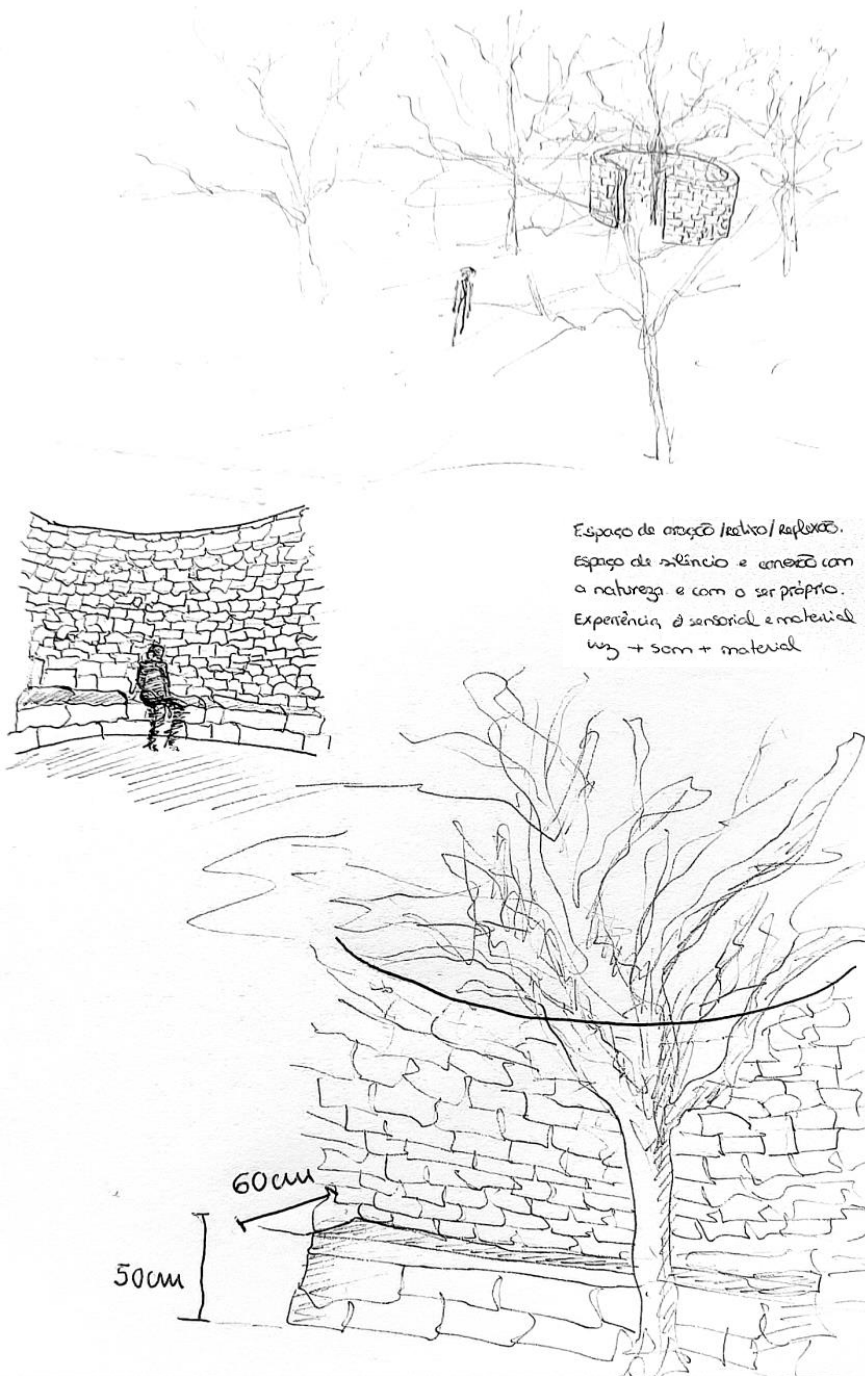


Figura 85. Esquisso da construção em alvenaria de calcário. 2023. Joana Ramos ©

este com a forte presença da natureza pode passar mensagens concretas. Neste caso, pretende-se criar um espaço de respiração, tanto a nível físico como psicológico, para os seus utilizadores.

O Pavilhão proposto é o resultado de várias construções e soluções existentes no território. A construção apresenta uma geometria simples: é um muro circular em alvenaria de pedra seca que abraça um carvalho cerquinho e procura transmitir a ideia de recolhimento e reunião, proporcionando ainda a reflexão e oração pessoal. Assim, inspirando-se nos muros de pedra seca circulares, normalmente mais altos que o normal e que serviam para guardar os animais dos predadores, a estrutura proposta procura ser o menos intrusiva possível, mantendo o terreno original e sem afetar as árvores ao seu redor; antes construindo-se com elas, numa tentativa de se fundir na paisagem.

A construção em alvenaria replica soluções existentes no território para responder às necessidades do programa. As paredes deste lugar de espiritualidade Pavilhão são construídas no embasamento com pedras de maiores dimensões, correspondem a cerca de um terço da altura do muro, que além de serem de maiores dimensões, são mais resistentes e servem de assento para quem aqui se encontra. (Figura 85)

À semelhança dos muros de pedra seca, a proposta para o pavilhão não prevê a utilização de argamassas, pelo que a escolha das pedras a utilizar deve ser minuciosa e deve seguir uma preocupação de assentamento em camadas ou fiadas horizontais. Assim, para criar uma estrutura estável, o travamento deve ser realizado corretamente, de modo a impedir o colapso da estrutura sob si própria, por isso, as pedras de calcário devem ser encaixadas umas nas outras, deixando o menor intervalo de espaço entre si.

No remate do muro do pavilhão são utilizadas pedras planas, de modo a conseguir um aspeto acabado.

A cobertura do pavilhão é feita pela copa do carvalho cerquinho e, desta forma, procura-se que a arquitetura dê prioridade à experiência direta, sensorial, material e da luz. (Figuras 84)

Em suma, todas as intervenções propostas têm a intenção de dar uma nova vida à aldeia de Ariques, propondo relações funcionais com outras aldeias e núcleos urbanos de Sicó, através do programa proposto de apoio ao peregrino.



Figura 86. Aldeia de Granja e a Rota Carmelita. 2023. Joana Ramos ©



## Granja

Na aldeia da Granja, aldeia construída sobre uma várzea, um vale fértil, caracteriza-se pelos terrenos de cultivo a perder de vista, e continua, nos dias de hoje, aliada à envolvente natural. Predominam as vinhas e as oliveiras, a partir das quais se produzem produtos fundamentais no desenvolvimento económico e social da região. De facto, permitem a criação de postos de trabalho e a preservação da paisagem rural, enquanto se cultivam os terrenos férteis e promovem outras atividades económicas em Sicó.

Granja distingue-se pelo seu potencial de desenvolvimento turístico, pelo seu carácter singular no maciço Sicó e pela sua envolvente natural, o que levou a Câmara Municipal de Ansião a propor que integrasse a Rede de Aldeias de Calcário. Além disso, Granja destaca-se por ser uma pequena aldeia que há uma década contava apenas com 6 habitantes, de acordo com os Censos 2011, tendo, pois, uma das taxas de densidade populacional mais baixas dos aglomerados do maciço de Sicó. Embora não seja possível aceder a dados oficiais mais recentes relativos à população de Granja, as visitas de estudo realizadas permitiram perceber que os moradores são quase inexistentes.

Aliás, pode dizer-se que existem mais edifícios do que habitantes, dado alarmante que reforça a necessidade de intervir neste lugar. O abandono e o envelhecimento natural provocado pela passagem do tempo traduz-se na presença de 3 construções com necessidades urgentes de reparação e, pelo menos, 17 necessitam de algum tipo de reparação.

No espaço público existem dois pontos de encontro: o ponto de chegada à aldeia, no seu extremo poente, e o largo da Capela da Nossa Senhora da Orada. As ruas não possuem passeios e o pavimento é na maioria feito em calçada de cubos de pedra calcária.

Atualmente, a aldeia organiza-se em dois núcleos. O primeiro formou-se ao longo do eixo que liga a entrada, na extremidade poente, ao ponto mais alto onde está a capela, na extremidade nascente. O segundo núcleo, é um pequeno aglomerado de construções do século XX, e localiza-se a nordeste da aldeia, ao longo da Rua da Fonte Nova.

De acordo com os estudos feitos pela Território XXI, este lugar desenvolveu a sua malha urbana linear a partir do eixo principal, a Rua da Senhora da Orada, que liga o poço comunitário, situado na entrada da aldeia, à Capela da Nossa Senhora da Orada, e a partir da qual surgiram depois ramificações que permitem a ligação a aldeias adjacentes, como o Outeiro, Casais da Granja ou Alvorge. As construções mais recentes concentram-se a nordeste da aldeia.

Neste aglomerado destacam-se a capela do século XVI, a Capela de Nossa Senhora da Orada, o espaço museológico, a Casa-Museu de Fósseis de Sicó e o Paço dos Jesuítas que, embora esteja em ruína, é um dos edifícios mais significativos da aldeia.



Figura 87. Aldeia de Granja vista do Outeiro. 2023. Joana Ramos ©



Figura 88. Construções em Granja. 2022. Joana Ramos ©



Figura 89. Construções que se propõe demolir. Granja. 2023. Joana Ramos ©

Prevalece a habitação unifamiliar cujos edifícios, de um e dois pisos, são implantados à face da via. Existe ainda um espaço de apoio à atividade agrícola e agropecuária, e 4 unidades de alojamento local. Aliás, o alojamento local é um programa dinamizador deste aglomerado, tendo em atenção o valor natural já referido e as rotas pedestres existentes na região, bem como a crescente procura pelo turismo de experiência e de natureza.

Por se tratar de uma localidade com poucos habitantes e recursos limitados, a aldeia encontra-se dependente da sua sede de freguesia, Santiago da Guarda, e principalmente da sua sede de município, Ansião, onde se concentram os serviços e equipamentos públicos indispensáveis. No entanto, Granja surge numa posição geográfica vantajosa proporcionada pelas condições de conectividade e acessibilidades rodoviárias. De facto, a existência de bons acessos pode ser sinónimo de uma maior possibilidade de desenvolvimento económico e social desta comunidade, ajudando na sua integração e no território.

A intenção de desenvolver estes lugares e consequente inclusão de Granja na RAC, surgiu a partir do propósito de promover esta e as outras aldeias enquanto polos turísticos, tentando preservar e promover as tradições e a cultura da região, além de proporcionar um contacto próximo com a vida no campo.

Ora, nesta dissertação alerta-se para o dever de inverter o paradigma de desenvolvimento territorial que somos testemunhas, ou seja, de reforçar a coesão territorial. Desse modo, a valorização do interior é um desígnio cujo alcance depende de todos e, em grande medida, da valorização dos recursos e aptidões dos lugares do interior. Por isso chama-se à atenção para a urgência de reparação do edificado abandonado e para a importância de trazer programas que reforcem a atratividade destes lugares, de modo a travar o rumo que assistimos. Esta é uma realidade que não afeta apenas a imagem das aldeias, afeta as comunidades, as pessoas que convivem diariamente com essa realidade, e que vão perdendo a esperança em relação à aldeia que as acolheu.

Por fim, apontam-se algumas estratégias para reverter esta situação, nomeadamente através da requalificação do espaço público e do edificado, e do envolvimento da comunidade para ajudar a revitalizar a Granja e de modo a colaborar num futuro sustentável para a região.



Figura 90. Equipamento de Apoio à Visitação. Granja. 2023. Joana Ramos ©

## Cohousing e Coworking - Plano de Ação

O Plano de Ação para a aldeia de Granja, que defende a Visão Granja: *Cohousing & Coworking*, foi desenvolvido pelos colegas, Ana Lúcia e o José Ferreira, e surge inspirado na ideia de Granja se desenvolver enquanto aldeia de espaços de habitação rural partilhados, no contexto de uma cooperativa agrícola, e espaços de trabalho partilhados, no contexto de uma unidade de incubação e aceleração de empresas. Além dos projetos específicos correspondentes a cada um destes programas, o Plano propõe a requalificação do espaço público e pretende reforçar o nível de integração da aldeia no território, bem como a identidade e a coesão de Granja, nomeadamente com a proposta de um conjunto habitacional que estabelece uma continuidade entre os dois núcleos que conformam a aldeia.

A par destes programas, nesta aldeia, são propostas duas intervenções que resultam da intenção de criar espaços de apoio ao peregrino em Sicó, baseados na valorização da Rota Carmelita e que se materializam na criação de um Centro de Cuidados Básicos de Saúde, e na requalificação do espaço público em torno da Capela da Nossa Senhora da Orada, incluindo a reabilitação do seu alpendre.

Deste modo, além da introdução de novos programas, é proposta a requalificação das vias, prevendo a substituição do pavimento betuminoso por cubo de pedra calcária, a limitação de velocidade e a alteração do sentido rodoviário no antigo eixo da aldeia e, por fim, a requalificação dos espaços de estar existentes, nomeadamente, junto à Capela de Nossa Senhora da Orada e o espaço de entrada da aldeia.

Neste espaço de chegada e entrada na aldeia da Granja localiza-se uma bomba de água e o EAV. Deste modo, percebendo a importância do espaço, o Plano procura tirar partido da relação que este estabelece com o terreno a poente. Assim, por meio de um percurso desenhado com saibro, espaços de estar e mobiliário urbano, explora-se uma conexão entre a entrada e o espaço de Coworking proposto, através da reabilitação do Paço dos Jesuítas.

Junto à Capela, o Plano propõe a requalificação do espaço envolvente, estendendo o pavimento de cubo de pedra, e a requalificação do espaço das festas, intervindo no palco, nos arrumos até nos sanitários. Propõe a criação de um espaço de lazer com mobiliário urbano e ainda a criação de uma pequena estrutura de madeira multifuncional, que tanto pode servir de apoio à área de lazer, como servir como bar das festas.

Como já foi referido anteriormente, Granja é uma das aldeias da RAC que acolhe a Rota Carmelita, localizando-se a cerca de 6,5km da vila de Ansião, a 41km de Coimbra e 57km de Fátima.

Os projetos na Rota Carmelita visam o apoio aos peregrinos, mas, na realidade, servem toda a comunidade. Assim, a clínica que integra o Plano de Ação, foi pensada de modo a servir igualmente os programas de *Coworking e Cohousing*. Além disso, a requalificação do espaço público em torno



da Capela não tem apenas como alvo o peregrino, como é natural. Por outro lado, também se pensa que a criação de uma **Unidade de Cuidados Básicos de Saúde** dará resposta a necessidades, tanto do peregrino como de outros caminhantes, e também de moradores de Granja e aldeias vizinhas.

Em suma, as propostas anteriormente referidas procuram adaptar-se ao existente, resultando em respostas práticas e atuais que procuram contrariar os efeitos da diminuição populacional do lugar, sem comprometer a sua identidade.

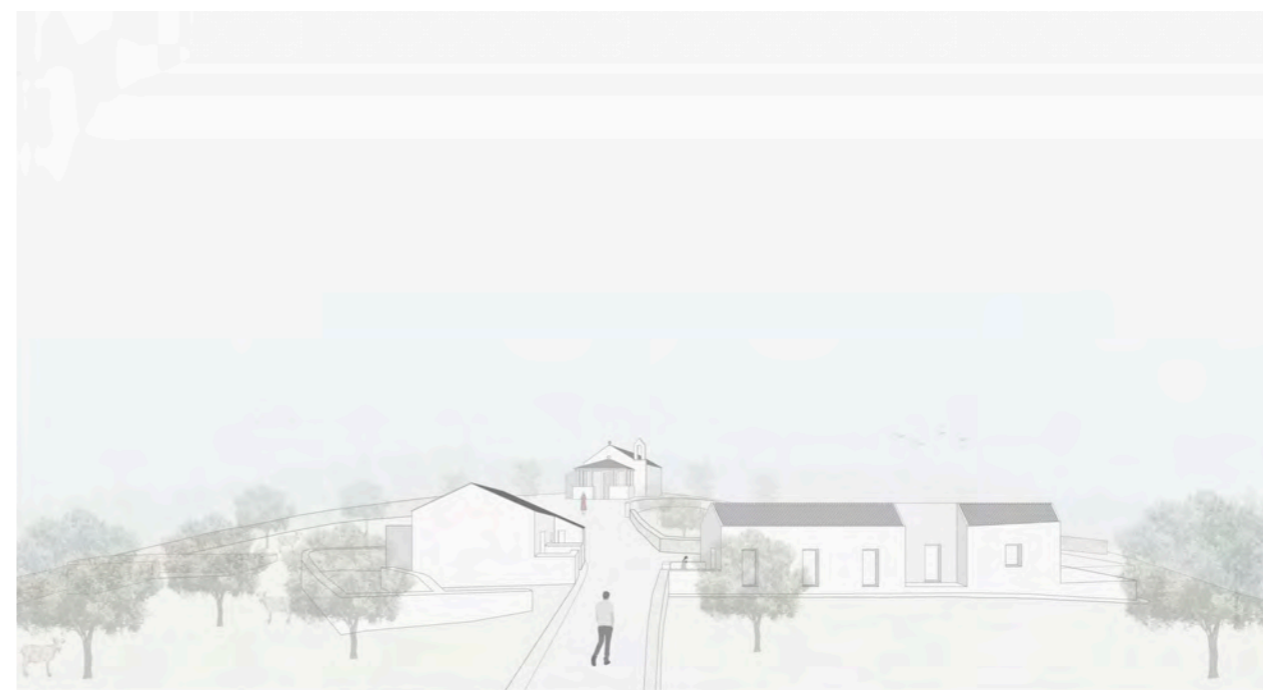


Figura 91. Perspetiva das propostas para Granja. Joana Ramos ©



🕒 Planta de implantação Granja  
 ○ Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

1. Clínica de Cuidados Básicos
2. Proposta para o alpendre da Capela de Nossa Senhora da Orada
3. Edifício de apoio ao espaço de festas e lazer

- Rota Carmelita
- Pavimento em calçada de pedra calcária



Figura 92. Planta de implantação da Unidade de Cuidados Básicos de Granja. 2023



## Unidade de cuidados de saúde de Granja

Como já foi referido antes, as propostas da estratégia Aldeias de Calcário estão pensadas com base na ideia de um funcionamento em rede, com soluções de cooperação e complementaridade, pensando no território como um todo. É devido a este princípio de gestão do território defendido na estratégia, que o programa de apoio ao peregrino se concretiza com intervenções em Ariques e em Granja. Pensando no território, na comunidade e nos peregrinos, é então proposta em Granja a criação de uma pequena **Unidade de Cuidados Básicos de Saúde**.

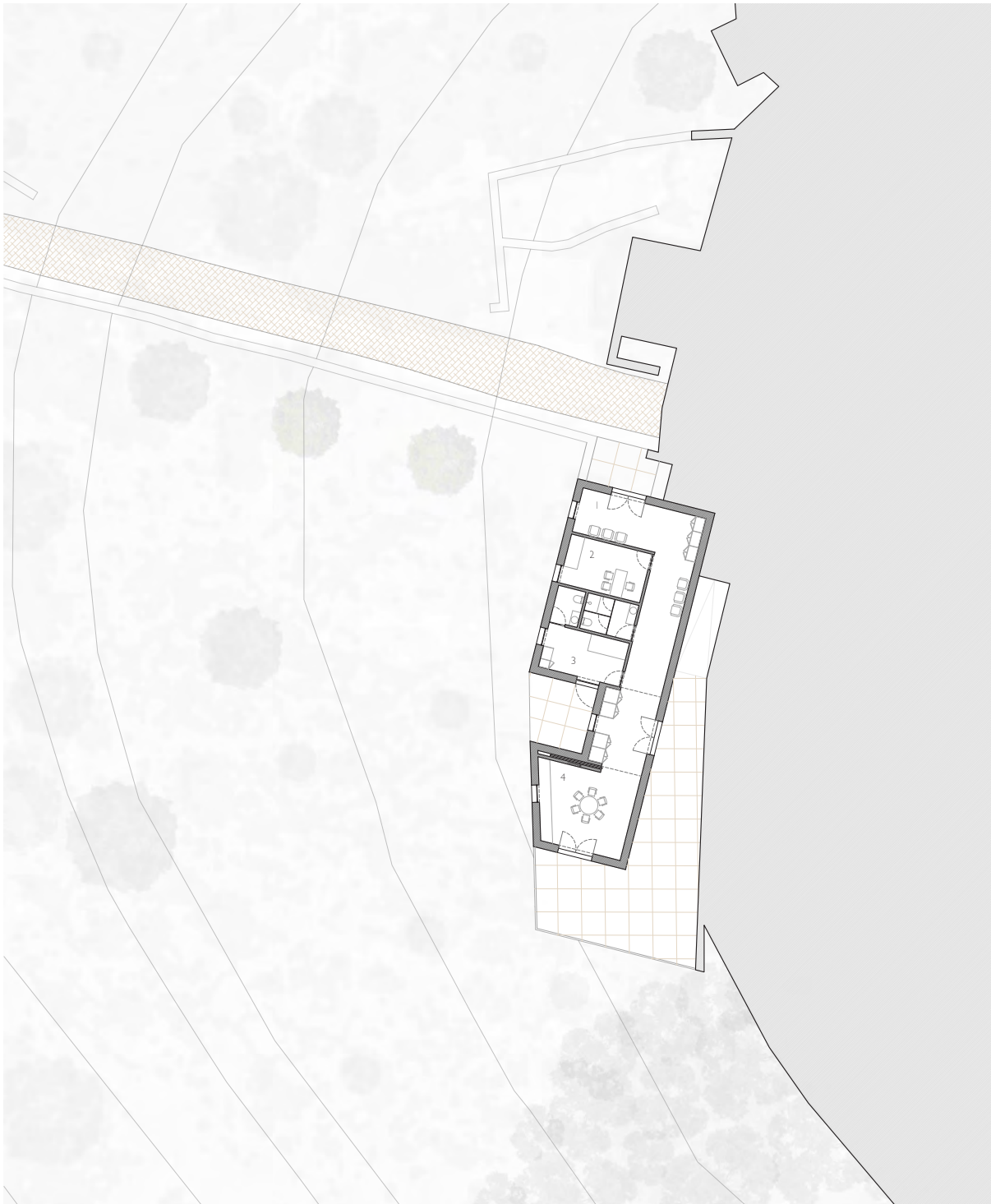
O edifício proposto surge no caminho que sobe o pequeno monte onde se localiza a Capela de Nossa Senhora da Orada, desde a parte baixa da Granja, como é possível ver na figura 97. Para tal, é proposta a demolição de um conjunto edificado muito desqualificado e em muito em mau estado de conservação que existe no local. A construção ilustrada na figura 94 possui dois pisos e é construída em alvenaria de tijolo e betão armado, servindo de abrigo para animais no piso térreo e para arrumos no piso superior:

O programa da clínica proposta justifica-se pela falta de recursos médicos especializados ao longo da Rota Carmelita, mas também para garantir o acesso aos cuidados básicos de saúde às pessoas que aqui vivem e a todas as que passarão a existir neste lugar; devido aos programas de *coworking* e à cooperativa habitacional que integram o Plano de Ação.

Posto isto, o edifício da clínica tem apenas um piso térreo e posiciona-se perpendicularmente ao caminho que segue até à capela, desde a rua principal da Granja, e para o qual se volta a entrada principal. No interior, a clínica é organizada com uma área de receção, uma área de tratamento formada pelo gabinete médico e pela sala de isolamento ou repouso, e uma área para os funcionários, com as duas últimas associadas a espaços exteriores contidos pelo edifício. Estes espaços, com o pavimento revestido com lajetas de pedra calcária, são responsáveis pela transição do interior e exterior, podendo proporcionar espaços de estar e contemplação.

O edifício proposto explora o diálogo entre a contemporaneidade e o tradicional, à semelhança das soluções de construção dos novos edifícios propostos para o Abrigo Carmelita na aldeia de Ariques. Também aqui se busca uma linguagem contemporânea integrada, ou seja, sem colocar em causa os valores e a imagem da aldeia, e recorrendo a técnicas de construção convencionais.

Do ponto de vista da imagem, o edifício proposto para Granja procura abraçar o contexto, na medida em que procura estabelecer relações de semelhança com as restantes construções da aldeia. De facto, apresenta características comuns aos edifícios da aldeia, nomeadamente, na questão da volumetria e dos materiais usados. A escolha de materiais que estão presentes nas restantes construções da aldeia são também indicadores dessa tentativa de aproximação, pois opta-se por um edifício rebocado a branco, que possui cobertura em telha e ainda caixilharia de madeira.



- 1. Área de recepção
- 2. Consultório
- 3. Sala de repouso ou de isolamento
- 4. Sala de funcionários

- Pavimento em caçada de pedra calcária
- Lajetas de pedra calcária

0 7 14 m

Figura 93. Planta de implantação da Unidade de Cuidados Básicos de Granja. 2023



Figura 94. Apoios na Rota Carmelita- Granja. Maquete à escala 1:200. 2023. Joana Ramos ©



Figura 95. Capela de Nossa Senhora da Orada. 2023. Joana Ramos ©



Figura 96. Capela de S. Martinho em Ateanha. 2023.



Figura 97. Capela de S. Lourenço (Penela). 2023



Figura 98. Capela de Santo António (Espinhal). 2023



Figura 99. Capela de S. João (Cumeeira). 2023



Figura 100. Proposta para a Capela da Nossa Senhora da Orada. Maquete à escala 1:50. 2023.

## Capela de Nossa Senhora da Orada

Os projetos na Rota Carmelita, em Granja, materializam-se como já referido, além da criação de um espaço de cuidados básicos de saúde, na reabilitação do alpendre da Capela da Nossa Senhora da Orada, erguida na cumeeira de um pequeno monte.

A Capela da Nossa Senhora da Orada é um edifício setecentista que prima pela simplicidade.

Na maioria dos casos, as capelas nos caminhos de peregrinação ofereciam uma área coberta que servia de abrigo e permitia o descanso dos viajantes que pretendessem parar e orar. Os alpendres, estruturas cobertas na entrada principal das capelas suportadas por colunas ou pilares, normalmente de 3 águas, são um quadro bastante comum nestas capelas. Uma cobertura inclinada acabada com telha, que protege de adversidades climáticas, ventos e chuvas, proporcionam ambientes mais seguros e confortáveis para o peregrino.

Os alpendres das capelas variam de acordo com a região. Em Sicó, a madeira, a pedra e a telha são os materiais utilizados e na região existem vários exemplos que o testemunham: a Capela de São Martinho em Ateanha, Capela de S. Lourenço (Penela), Capela de Santo António (Espinhal), Capela de S. João (Cumeeira), Capela Nossa Senhora do Amparo (Rabaçal).

A fachada poente da Capela da Senhora da Orada apresenta um óculo, no centro, que não se sabe se será original, mas que serve de iluminação, o que é habitual em construções antigas. A capela ostenta pequenas frestas de iluminação, contrafortes no alçado tardoz e o antigo duplo beirado português, acrescido do novo triplo. Acima da padieira existem dois cachorros que se acredita que tenham servido de suporte ao antigo alpendre que aqui existia.

O espaço que terá sido coberto por um alpendre, ainda hoje, murado e o facto de o chão ser lajeado é um outro indício que indica isso mesmo, que ali existiu um coberto. No entanto, como seria este alpendre?

A proposta de intervenção (Figura 100) não pretende indicar que este alpendre terá sido exatamente como se propõe, mas acredita-se, tendo em conta os vestígios referidos, ser uma resposta adequada na relação com o existente, permitindo dar continuidade ao significado deste elemento arquitetónico. Como forma de valorizar a sua imagem e memória, propõe-se que o alpendre da Capela de Nossa Senhora da Orada tenha uma estrutura de madeira, contenha três águas e esteja assente em seis pilares de pedra sobre o muro, tendo em conta os exemplos da região.

Em síntese, o alpendre da capela que serviu em tempos de abrigo aos peregrinos ou de ponto de encontro entre os fiéis, ruiu ou foi desmontado. A intervenção proposta na presente dissertação consiste, essencialmente, na reabilitação do alpendre da Capela da Nossa Senhora da Orada, seguindo a preocupação de valorização do património arquitetónico religioso de Sicó.



Por fim, todas as intervenções propostas para as aldeias de Ariques e Granja resultam de um pensamento e leitura do território como um todo, tendo por base a Rota Carmelita e consequentes necessidades quer dos peregrinos, quer das comunidades da região em estudo.

Os programas propostos nas duas aldeias vêm densificar a resposta de apoio aos peregrinos presentes na região e procuram estabelecer relações com os serviços já existentes. Os projetos além de apostarem na valorização do(s) património(s) de Sicó procuraram contribuir para a ideia de intervir nos territórios mais desfavorecidos de modo a atrair novas pessoas, novos moradores.





# CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os espaços rurais serão no futuro aquilo que a evolução da economia e da sociedade permitirem e aquilo que todos quisermos que eles sejam.”

(Reis, 2012)



A presente dissertação resulta da problematização dos territórios de baixa densidade e consequente consciencialização para a necessidade de implementar estratégias que valorizem e reforcem a integração territorial de núcleos urbanos no espaço rural.

A proposta desenvolvida no âmbito da iniciativa *De volta ao rural* densifica as propostas enquadradas pela estratégia Aldeias de Calcário: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência, preparada pelo grupo de estudantes do Atelier de Projeto IIC do ano letivo 2020/2021. O objetivo da iniciativa e das propostas que dela resultam assenta na valorização dos recursos e aptidões da região de Sicó.

Esta iniciativa, que tem por base Sicó como seu território de ação, permite atuar nas seis aldeias da primeira fase da RAC – Ariques, Casmilo, Chanca, Granja, Poios e Pombalinho, inseridas numa estratégia em rede que visa o reforço da atratividade da região, a valorização dos patrimónios e ainda contribuir para a coesão social e territorial.

A Rede de Aldeias de Calcário constitui um exemplo claro de procurar soluções de intervenção e implementação de medidas capazes de promover o desenvolvimento de Sicó. Nesse sentido, é necessário tirar partido dos pontos fortes que cada aldeia da RAC apresenta para, dessa forma, criar estratégias adequadas e específicas a cada lugar.

Existem áreas rurais que estão demasiado desacreditadas/descredibilizadas e que por muito investimento que se faça e por muitos programas de financiamento que se apliquem, parecem ter caído num processo de desvitalização sem retorno. Contudo, este não é o cenário da área em estudo.

A região de Sicó é fortemente marcada pela sua envolvente natural, paisagística, cultural e arquitetónica, recursos capazes de funcionar como alavanca para reverter a descentralização do rural e garantir o desenvolvimento integrado e sustentável da região. As aldeias da RAC merecem um olhar atento e crítico que tenha em conta o seu contexto e, principalmente, as pessoas que nelas habitam.

Para tal, é fundamental que as abordagens e os programas implementados nestas áreas contactem de perto com a comunidade local e sejam monitorizadas, para se avaliar eventuais correções ou melhorias a introduzir na estratégia de desenvolvimento. Para muitos, as aldeias são refúgios para fugir pontualmente da confusão dos meios urbanos, mas estes espaços rurais não podem apenas ser pensados de modo a responder à procura turística. Eles devem antes ser considerados tendo em conta o seu contexto e os valores inerentes.

Há ainda, pois, um longo caminho pela frente até se encontrar o(s) modelo(s) de desenvolvimento eficaz(es). Este trabalho pretende contribuir para a discussão da atual realidade do interior, na esperança que, por meio da arquitetura, se consiga reverter os danos causados pelo despovoamento e consequente descaraterização dos territórios do Interior.



O rural é “diverso, é multifuncional, é produtivo, é inovador, é competitivo” (Santos e Cunha, 2007, p, 2). Por isso, com os impulsos certos têm a capacidade de voltar a estabelecer relações de complementaridade com os espaços urbanos.

Os programas e projetos expostos nesta dissertação baseiam-se numa estratégia de apoio ao peregrino nas aldeias de Ariques e Granja e inserem-se na visão de Sicó como cidade-região que subjaz à estratégia Aldeias de Calcário: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência. O sujeito da proposta é o peregrino, mas os equipamentos e serviços propostos visam também o apoio aos habitantes das aldeias onde estão inseridos e aldeias vizinhas.

Neste trabalho, são analisadas as características do território e, com as suas conclusões, apostou-se na promoção dos recursos existentes, partindo da rota de peregrinação e, claro, evidenciando também a importância do(s) património(s) no contexto da revitalização de lugares rurais de baixa densidade.

A Rota Carmelita é um destes recursos e ganha mais notoriedade com as propostas aqui defendidas. Deste modo, em Ariques e Granja, aldeias por onde passa a rota, é proposto densificar a oferta de alojamento e de tratamentos básicos de saúde existentes, programas que reforçam um funcionamento em rede, viabilizando conexões funcionais com ofertas já existentes no território.

Embora existam apoios aos peregrinos que tentam dissimular e suprimir a falta de serviços da região, é necessário proporcionar outras ofertas. Nesse sentido, a proposta incide na conceção de novos equipamentos e serviços de apoio ao peregrino. Portanto, propõe-se um Abrigo Carmelita em Ariques, um complexo multifuncional de apoio ao peregrino, que contém unidades de alojamento e uma área de Clínica de Cuidados Básicos e Fisioterapia. Noutra aldeia atravessada pela Rota, Granja, propõe-se, num edifício mais contido, uma Unidade de Cuidados Básicos de Saúde, além da requalificação do espaço público em torno da Capela da Nossa Senhora da Orada, incluindo a reabilitação do alpendre da mesma.

Os projetos na Rota Carmelita nestas aldeias pretendem ainda, em conjunto, ser um exemplo de boas práticas de intervenção nas aldeias de Sicó, cujas soluções arquitetónicas estabelecem um diálogo entre os valores reconhecidos na construção vernácula de Sicó e o novo.

Em Ariques é criado um albergue distinto dos que já existem no território e partindo da convicção de que a Rota Carmelita é um caminho que atrai diferentes pessoas movidas, também elas, por múltiplas crenças e motivações. Então, o complexo do Abrigo Carmelita proporciona o acesso a apoio clínico, onde o peregrino pode recuperar as forças para continuar a caminhada, permite o reconhecimento dos valores rurais, contactando com as gentes locais e a com a atividade agrícola, potenciada pela existência da horta. Para além disto, o complexo proporciona ainda um espaço de reflexão, meditação e oração- o Pavilhão do Silêncio que, não estando vinculado a uma religião específica, representa o respeito e a receptividade por todos aqueles que aqui passam.



O projeto do conjunto pretende destacar-se dos restantes alojamentos existentes na região e, para isso, procura responder aos interesses dos peregrinos enquanto preserva a identidade da arquitetura vernacular existente. Deste modo, o conjunto encerra a reabilitação de três construções vernaculares, um edifício devoluto, tornado Casa-Mãe, duas casas de eira, reabilitadas com unidades de alojamento, e a construção de quatro novos edifícios: um volume de maiores dimensões que junta a Clínica e o Alojamento, a Casa do Caseiro, um Curral e o Pavilhão do Silêncio.

Já na aldeia de Granja, partindo dos mesmos princípios de intervenção, é proposto um edifício novo, uma unidade de Cuidados Básicos de Saúde, que também dará resposta a necessidades tanto do peregrino, como outros caminhantes, visitantes ou ainda moradores desta aldeia e das aldeias vizinhas.

Em suma, os projetos de arquitetura procuram afirmar a marca “aldeias de calcário”, valorizar o património natural e o edificado vernáculo, enquanto argumentam contra o problema tratado nesta dissertação, pois, através dos vários programas e soluções arquitetónicas, pretende-se contribuir para a atratividade das aldeias e para a melhoria das condições da comunidade local.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- Alves, J. (2019). DORNES. 7 Maravilhas de Portugal. (Acedido a 4 de abril de 2023) [<https://projetos.7maravilhas.pt/portfolio-items/dornes-2/>]
- ANIMAR; ICE; ADCM (2013). Programa Mínimo de Revitalização de Aldeia. Vialonga: Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, Instituto das Comunidades Educativas e Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura.
- Aleixo, S., & Mestre, V. (2015). Consolidação sociocultural e regeneração ambiental, urbana e rural. Dspace.uevora.pt. pp 73-77 [<http://hdl.handle.net/10174/17869>]
- Almeida, L. (2022). Arquitetura e Identidade. Um Projeto de Urbanidade para Ariques, no contexto das Aldeias do Calcário. FCTUC. Coimbra [<http://hdl.handle.net/10316/99385>]
- Brinco, J. (2021). Aldeias Históricas de Portugal. Uma proposta para Reabi(li)tar o Interior de Portugal. FCTUC. Coimbra [<http://hdl.handle.net/10316/96180>]
- Cardita, Â. (2012). Peregrinação: Possibilidades de compreensão crítica de uma experiência. Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto, 24. [<https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1413>]
- Carvalho, P. (2012). Património, Turismo e Lazer: Temáticas e Percursos de Investigação. EUMED, Universidade de Málaga, Espanha. [<https://www.eumed.net/libros-gratis/2012b/1205/index.htm>]
- Castanhas, T. (2020). Aldeias do Xisto – Estratégias Construtivas Bioclimáticas Contemporâneas de Reabilitação. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa citando GANDHI, Indira – Taking an “all round attitude” to science. Nature. Vol. 285, nº 5761 (1980). P.127-130. May
- Correia, D. (2022). Associação de Caminhos de Fátima. Revista Mais Magazine, edição maio 2022, 69-74. [<http://maismagazine.pt>]
- Coutinho, J. (1986). Ansião: Perspectiva Global da Arqueologia, História e Arte da Vila e do Concelho. Coimbra.
- Cunha, L. (1988), As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere: estudo de geomorfologia. Coimbra. [<http://hdl.handle.net/10316/626> ]
- Cunha, L. (2003). Maciço de Sicó. Valorização dos recursos naturais e criação de emprego a nível local. Em Caetano, Lucília (coord.) Territórios, do global ao local e trajetórias de desenvolvimento. CEGC, Coimbra, pp. 185-198
- Domingues, A. (1994). (Sub)úrbios e (sub)urbanos- o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?. Revista da Faculdade de Letras - Geografia. Volume XXI, Porto, 1994/5, pp 5-18.



- Domingues, A. (2012). *Vida no Campo*. Dafne Editora
- Duarte, A. (2016). *Caminhos de Santiago: o Caminho Português como fator de desenvolvimento turístico no concelho de Barcelos*. FLUP: Porto [<https://hdl.handle.net/10216/87059>]
- Ferrão, J. (2000) *Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano: Evolução Histórica, Situação Actual e Pistas para o Futuro Sociologia, Problemas e Práticas*, Celta Editora pp.45-54
- Ferrão, J. (2018) *Despovoamento em áreas rurais: entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação*. *Cultivar. Cadernos de Análise e Prospetiva*, 11, pp.13-19
- Ferreira, J. (2020). *Quinta da Osória: Bitácula de um projeto*. FAUP: Porto.
- Freitas, A. (2019), *Dornes santuário junto ao Rio Zêzere que recebe vários "cirios" de fé de um povo - Mundo Português*. Consultado a 4 de abril de 2023 em <https://www.mundoportugues.pt/2019/06/13/dornes-santuario-junto-ao-rio-zezere-que-recebe-varios-cirios-de-fe-de-um-povo/>
- Gouveia Gomes, H. (2018), *Arquitectura e Transcendência, Um projecto para o Caminho de Santiago*. FAUP: Porto Consultado a 15 de dezembro de 2022 [<https://hdl.handle.net/10216/123809>]
- Gonçalves, A. (2021) *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional*. [Texto não publicado] Universidade de Coimbra
- Gouveia, I. (2021), *SICÓ: Património e Desenvolvimento um Laboratório, com Sede em Pombalinho*. FCTUC. Coimbra [<http://hdl.handle.net/10316/97249>]
- Leal, J. (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970)*. Cultura popular e identidade nacional. Etnográfica Press. [<http://books.openedition.org/etnograficapress/2562>]
- Leal, J. (2009). *Arquitetos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*. Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva. [<http://hdl.handle.net/10362/17090>]
- LUSA, *Escolas de Alvaíazere transformadas em centros de interpretação com alojamento*, 2013, [[https://www.rtp.pt/noticias/pais/escolas-de-alvaizere-transformadas-em-centros-de-interpretacao-com-alojamento\\_n678730](https://www.rtp.pt/noticias/pais/escolas-de-alvaizere-transformadas-em-centros-de-interpretacao-com-alojamento_n678730)] (acedido a 13 de fevereiro de 2023)
- Machado, F.L. e Costa, A.F. (1998) "Processos de uma modernidade inacabada. Mudanças estruturais e mobilidade social" in Viegas, J. M. e Costa, A. F. (Org.) *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras: Celta, pp. 17-44
- Marques, S. (2021). *Caracterização das construções vernaculares do parque natural da Serra de Aire e Candeeiros*. *Tomar*. [<http://hdl.handle.net/10400.26/43405>]
- Martins, J. A. (2001). *Fátima Profunda, Esboço Etnográfico*. Fátima: Tipografia de Fátima, Lda.



- Mendes, A. (2009). *Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma Etnografia do Caminho Português*. Lisboa. [<http://hdl.handle.net/10451/299>]
- Monteiro, L. (2017) *A Habitação Vernacular Beirã. A arquitetura bioclimática do passado rural português*. Coimbra. [[http://purl.org/coar/resource\\_type/c\\_18cf](http://purl.org/coar/resource_type/c_18cf)]
- Moreno, H. (2000). *Caminhos e Peregrinos a Santiago de Compostela*, Revista de Ciências Históricas nº 15.
- Nadais, C. (2010), *O Turismo e os Territórios da Espiritualidade: Os Caminhos de Santiago em Portugal*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra [<http://hdl.handle.net/10316/15370>]
- Oliveira, E. & Galhano, F. (1970). *Persistência e evolução da habitação IV*. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, colóquio 2, tomo III do XXIX Congresso Luso-Espanhol, Lisboa.
- Pais, C. & Gomes, B. (2008), *O Espaço Rural no âmbito das Políticas de Desenvolvimento – o caso do Pinhal Interior*. In Colóquio Ibérico de Estudos Rurais. Coimbra. p. 15
- Penteado, P. (1998), *Peregrinos da memória: o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré: 1600-1785*. Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Lisboa. [<http://hdl.handle.net/10400.14/13880>]
- Reis, P. (2012). “Desenvolvimento Local Em Áreas Rurais de Baixa Densidade: Uma Proposta de Intervenção Para as Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva.”. Em *Revista Turismo & Desenvolvimento. IPP -C3i - Comunicações em Congressos*. 177-193. <http://hdl.handle.net/10400.26/4073>
- Rodrigues, M. and Gomes, S., *Notícias e memórias paroquiais setecentistas*. Palimage Editores
- Rosa, S. (2019). *O turismo e o desenvolvimento local do interior: Teorias e práticas na zona de Sicó, da região Centro*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Gestão de Tomar. [<http://hdl.handle.net/10400.26/31506>]
- Rossa, W. (2015). *Urbanismo ou o discurso da cidade*, in Walter Rossa; Margarida Calafate Ribeiro (Org.) (2015) - *Patrimónios de influência portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Almedina, pp. 501
- Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects, an introduction to nonpedigreed architecture* (2017 ed.). New York, E.U.A.: The Museum of Modern Art.
- Santos, C. (2020), *Arquitetura de inclusão em Braga: um ensaio de projetos nos Caminhos de Santiago*. FAUP. Porto [<https://hdl.handle.net/10216/131635>]
- Santos, N., Cravidão, F., & Cunha, L. (2008) *Novas oportunidades em espaço rural*. p. 2





- Santos, N., Cravidão, F., & Cunha, L. (2010). Natureza, paisagens culturais e os produtos turísticos associados ao território. In *estudogeral.uc.pt. Atas do 4º Congresso Latino Americano de Investigação Turística* Montevideo.
- Seixas, J. (2016), Remanescências culturais da Idade Média no concelho de Penela – Proposta de um percurso turístico interpretado para crianças e respetivo guia de atividades. IPC-ESAC.[ <http://hdl.handle.net/10400.26/13480> ]
- Silva, J. A. da. (2004). Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina. *Theologica*, 39(2), 331-357. <https://doi.org/10.34632/theologica.2004.1025>
- Silva, C. (2011). Sicó, A dimensão cultural das paisagens: um estudo de turismo nas suas vertentes cultural e natureza. Tese de doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/18466>
- TERRITÓRIO XXI (2020). Delimitação da Área de Reabilitação Urbana de Ariques. Memória Descritiva e Justificativa. Território XXI
- TERRITÓRIO XXI (2020). Delimitação da Área de Reabilitação Urbana de Granja. Memória Descritiva e Justificativa. Território XXI
- Torre, M. de la; MORALES, E.; NARANJO, L. (2010) – Turismo religioso: estudio del Camino de Santiago. *Gestión Turística* [online]. N° 13, junho, pp. 9-37. Acedido em 2 de fevereiro 2023. [http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-64282010000100001&lng=es&nrm=iso&tlng=es](http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-64282010000100001&lng=es&nrm=iso&tlng=es)
- Ustárroz, A. – La Lección de las Ruínas: presencia del pensamiento griego y romano en la arquitectura, 1997, p.12
- Zumthor, P. (2005). *Pensar a arquitectura* [Trad. Astrid Grabow]. Barcelona: Editorial Gustavo Gili



# ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1. Reconhecimento do território - Ariques. 2021. Fotografia da autora.
- Figura 2. Peregrinos na Rota Carmelita. Percurso entre Condeixa-a-Nova - Rabaçal. Disponível em: <https://caminhosdefatima.com/caminhos/rota-carmelita>
- Figura 3. Entrevistas ao Sr. Joaquim, morador da Chanca. 2021. Imagem de Gonçalo Pereira.
- Figura 4. Visita à Unidade de Fisioterapia da Santa Casa de Penela. 2022. Fotografia da autora.
- Figura 5. Sessão de apresentação dos trabalhos. 2023. Fotografia de Adelino Gonçalves.
- Figura 6. Edifício devoluto. Chanca. 2021. Fotografia de Adelino Gonçalves.
- Figura 7. Mapa da variação de população por concelho em Portugal entre 2011-2021. Fonte: INE.
- Figura 8. Aldeias Históricas de Portugal. Sortelha. 2022. Fotografia da autora.
- Figura 9. Aldeias de Xisto de Portugal. Gondramaz. 2022. Fotografia da autora.
- Figura 10. Sinalização do caminho de Fátima e de Santiago de Compostela. 2023. Fotografia da autora.
- Figura 11. Buracas do Casmilo. 2019. Fotografia de viver o mundo. Fotografia de Viver o Mundo. Disponível em: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/buracas-do-casmilo-que-tal-ir-conhecer-este-lugar-fora-do-comum>
- Figura 12. Produtos endógenos das terras de Sicó. 2022. Fotografia da autora.
- Figura 13. Villae de Conímbriga. 2023. Fotografia da autora.
- Figura 14. Placares de informação sobre a Grande Rota 26 e da Rota Carmelita. 2023. Fotografias da autora.
- Figura 15. Entrevista em Pombalinho. 2021. Fotografia de Gonçalo Pereira.
- Figura 16. Entrevista em Poios. 2021. Fotografia de Adelino Gonçalves.
- Figura 17. Localização das aldeias da RAC. Ilustração da autora.
- Figura 18. Edifício em Chanca, exemplificativo das alvenarias de pedra seca típicas da arquitetura vernacular de Sicó. Chanca. 2023. Fotografia da autora.
- Figura 19. Capa do livro Casas Portuguesas de Raúl Lino. Fonte:
- Figuras 20 e 21. Capas do livro Arquitetura Popular em Portugal (volume 1 e 2)
- Figura 22. Exemplo típico de padieira em triângulo. Chanca. 2021. Fotografia da autora.



Figura 23. Muros de pedra seca. Chanca. 2021. Fotografia da autora.

Figura 24. Cunhal com pedras triangulares. Pombalinho. 2021. Fotografia da autora.

Figura 25. Colocação das pedras dos cunhais ao cutelo. 2022. Fotografia e desenho da autora.

Figura 26. Colocação das pedras dos cunhais à meia vez. 2022. Fotografia e desenho da autora.

Figura 27. Padeiras: a) Com elemento horizontal de pedra; b) Com elemento horizontal de madeira; c) Em triângulo; d) Em arco. 2021. Fotografias da autora.

Fig. 28. Ruína de dois pisos. Chanca. 2022. Fotografias da autora.

Figuras 29, 30 e 31. Construções novas em Poios. 2023. Fotografias da autora.

Figuras 32, 33 e 34. Condomínio privado em Chanca. 2021. Fotografias de Adelino Gonçalves.

Figuras 35, 36 e 37. Exemplos de opções construtivas com impacto negativo. 2022. Fotografias da autora.

Figura 38. Edifício em processo de reabilitação- Chanca. 2023. Fotografia da autora.

Figura 39. Peregrinos no Caminho. 2023. Fotografia da autora.

Figura 40. Dornes. 2021. Fotografia da autora.

Figura 41. Percurso da Rota Carmelita, Condeixa. 2023. Fotografia da autora.

Figura 42. O caminho em Santiago de Ariques. 2023. Fotografia da autora.

Figura 43. Rota pedestre no Casmilo. 2022. Fotografia da autora.

Figura 44. Albergue “O Bonito”, Rabaçal. 2023. Fotografia da autora.

Figura 45. Residencial “Adega Típica”, Ansião. 2023. Fotografia da autora.

Figura 46. Alojamento “Ansiturismo”, Ansião. 2023. Fotografia da autora.

Figura 47. Localização de serviços de apoio aos peregrinos na Rota Carmelita. 2023. Imagem da autora.

Figura 48. Gráficos de análise após recolha de respostas nos inquéritos aos peregrinos. 2023. Gráficos da autora.

Figura 49. Troço da Rota partilhado com o tráfego automóvel. Condeixa. 2023. Fotografia da autora.



Figura 50. Visão e estratégia para a RAC- Aldeias de Calcário - Polos de Multifuncionalidade, Aglutinadores Sociais, Centros de Saber e Experiência. Janeiro, 2021. Imagens de João Pereira.

Figura 51. Plano de Ação da aldeia de Chanca. Janeiro, 2023. Imagem de Ana Pereira e Gonçalo Pereira.

Figura 52. Plano de Ação da aldeia de Poios. Janeiro, 2023. Imagem de Andreia Guimarães e Bárbara Rocha.

Figura 53. Plano de Ação da aldeia de Rabaçal. Janeiro, 2023. Imagem de Diana Cunha e Alexandre Pinto.

Figura 54. Plano de Ação da aldeia de Pombalinho. Janeiro, 2023. Imagem de Marcelo Cancela.

Figura 55. Plano de Ação da aldeia de Casmilo. Janeiro, 2023. Imagem de André Correia.

Figura 56. Plano de Ação da aldeia de Granja. Janeiro, 2023. Imagem de Ana Neves e José Ferreira.

Figura 57. Plano de Ação de Ariques. Janeiro de 2023. Imagem da autora e Giulia Campos.

Figura 58. Aldeia de Ariques. 2023. Imagem da autora.

Figura 59. Adega de uma casa em Ariques. Visita às aldeias 2021. Fotografia da autora.

Figura 60. Mapas de análise do parque edificado na aldeia de Ariques. 2022. Imagem da autora.

Figura 61. Via secundária em Ariques. 2022. Fotografia da autora.

Figura 62. Casa de eira. 2022. Fotografia da autora.

Figura 63. Edifício evolutivo, Ariques. 2022. Fotografia da autora.

Figura 64. Edifício de habitação, Ariques. 2022. Fotografia da autora.

Figura 65. Antiga escola primária e atual Villa Natura | Al Villas. 2023. Fotografia da autora.

Figura 66. Equipamento de Apoio à Visitação da Rede de Aldeias de Calcário. 2022. Fotografia da autora.

Figura 67. Proposta de inclusão do EAV, Ariques. 2023. Imagem da autora e Giulia Campos.

Figura 68. Proposta de novo perfil de rua, Ariques. 2023. Imagem da autora e Giulia Campos.

Figura 69. Maquete de estudo do Abrigo Carmelita. 2023. Fotografia da autora.

Figura 70. Planta da proposta "Ariques Integra". 2023. Imagem da autora.

Figura 71. Montagem Complexo Abrigo Carmelita. 2023. Imagem da autora.





Figura 72. Planta de implantação Complexo Carmelita. 2023. Imagem da autora.

Figura 73. Fotografias do conjunto devoluto formado por duas casas unifamiliares. Ariques 2022. Fotografias da autora.

Figura 74. Esquisso da fase de projeto. 2022. Desenho da autora.

Figura 75. Casas de eira e edifício que se propõe demolir. Ariques. 2022. Fotografias da autora.

Figura 76. Conjunto de referências de projeto.

- Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, Chaves, Portugal. Arq. Álvaro Siza Vieira. Fotografia de Fernando Guerra. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/791205/museu-de-arte-contemporanea-nadir-afonso-alvaro-siza-vieira>
- Centro Escolar dos Combatentes, Ovar, Portugal. Arq. Cannatà & Fernandes. Fotografia de Luis Ferreira Alves. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-83307/centro-escolar-dos-combatentes-slash-cannata-and-fernandes/507ddef328ba0d2b5e-000094-combatentes-educational-center-cannata-fernandes-photo>
- Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas, Ilha de São Miguel, Açores. Arq. João Mendes Ribeiro e Menos é Mais Arquitectos. Fotografia de José Campos. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>
- Casa Rosa, Ponta Delgada, Portugal. Arq. Mezzo Atelier. Fotografia de Fernando Guerra Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/884856/casa-rosa-mezzo-atelier/5a1e-0260b22e3895f90001e3-pink-house-mezzo-atelier-photo>
- Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa, Portugal. Arq. Camilo Rebelo e Tiago Pimentel. Fotografia de Néelson Garrido. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel>
- Hostel Nortshore, Ribeira Grande, Portugal. Arq. MOOD Arquitetos. Fotografia de Paulo Goulart Reis. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/966447/hostel-norshore-mood-arquitetos>
- Quinta da Tília, Ponta Delgada, Portugal. Arq. Pedro Maurício Borges. Fotografia de Fernando Guerra. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/781390/quinta-da-tilia-pedro-mauricio-borges>
- Hospedaria para peregrinos, Sobrado, Espanha. Arq. EeG Arquitectos. Fotografia de Hector Santos Diez. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/971347/hospedaria-para-o-peregrino-ee-g-arquitectos>
- Hostel Nortshore, Ribeira Grande, Portugal. Arq. MOOD Arquitetos. Fotografia de Paulo Goulart Reis. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/966447/hostel-norshore-mood-arquitetos>

Figura 77. Complexo Abrigo Carmelita- Maquete à escala 1:200. Fotografias da autora.

Figura 78. Planta do piso térreo do Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro. (cota 305m) Imagem da autora.



Figura 79. Planta do primeiro piso: Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro | Piso térreo: Casa de eira (cota 307m) Imagem da autora.

Figura 80. Perspetiva da área de estar do albergue. Imagem da autora.

Figura 81. Cortes do Abrigo Carmelita. Imagem da autora.

Figura 82. Perspetiva da área de acesso aos quartos do albergue. Imagem da autora.

Figura 83. Espaço de Fisioterapia da Santa Casa da Misericórdia de Penela. 2022. Fotografias da autora.

Figura 84. Fotomontagem do Pavilhão do silêncio. 2023. Imagem da autora.

Figura 85. Esquisso da construção em alvenaria de calcário. 2023. Imagem da autora.

Figura 86. Aldeia de Granja. 2023. Imagem da autora.

Figura 87. Aldeia de Granja vista do Outeiro. 2023. Fotografia da autora.

Figura 88. Construções em Granja. 2022. Fotografias da autora.

Figura 89. Construções que se propõe demolir. Granja. 2023. Fotografias da autora.

Figura 90. Equipamento de Apoio à Visitação. Granja. 2023. Fotografia da autora.

Figura 91. Perspetiva das propostas para Granja. Imagem da autora.

Figura 92. Planta de implantação da Unidade de Cuidados Básicos de Granja. 2023. Imagem da autora.

Figura 93. Planta de implantação da Unidade de Cuidados Básicos de Granja. 2023. Imagem da autora.

Figura 94. Apoios na Rota Carmelita- Granja. Maquete à escala 1:200. 2023. Fotografias da autora.

Figura 95. Capela de Nossa Senhora da Orada. 2023. Fotografia da autora.

Figura 96. Capela de S. Martinho em Ateanha. 2023. Fotografia da autora.

Figura 97. Capela de S. Lourenço (Penela). 2023. Fotografia da autora.

Figura 98. Capela de Santo António (Espinhal). 2023. Fotografia da autora.

Figura 99. Capela de S. João (Cumeeira). 2023. Fotografia da autora.

Figura 100. Proposta para a Capela da Nossa Senhora da Orada. Maquete à escala 1:50. 2023. Fotografias da autora.



# ANEXOS

- Protocolo de Colaboração Institucional
- Programa referente ao tema de Seminário de Investigação 2021/2022
- Cartazes dos seminários de investigação no âmbito da iniciativa De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?
- Análise inicial realizada pelo grupo de estudantes do atelier ID, 2021
- Análise do PDM para a aldeia de Ariques
- Folheto que indica a localização das viaturas de apoio ao peregrino nos Caminhos de Fátima
- Inquérito aos Serviços de Alojamento
- Inquérito aos peregrinos
- Esquissos de processo
- Desenhos rigorosos (Ver painéis na caixa anexo)
  01. Plano de Ação “Ariques Integra”
  02. Planta da Proposta “Ariques Integra”
  03. Planta e alçado da proposta- vermelhos e amarelos
  04. Planta de Cobertura- Abrigo Carmelita
  05. Planta do piso térreo do Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro e corte B
  06. Planta do primeiro piso: Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro | Piso térreo: Casa de eira e Curral
  07. Planta da Eira 2 e do Pavilhão do Silêncio
  08. Cortes C, D e E
  09. Cortes F, G e H
  10. Pormenor construtivo Casa-Mãe
  11. Pormenor construtivo (Albergue)
  12. Pormenor construtivo (Clínica)
  13. Plano de Ação de Granja
  14. Planta de implantação da Proposta para Granja
  15. Planta e alçado da proposta- vermelhos e amarelos
  16. Planta do piso térreo da Unidade de Cuidados Básicos
  17. Detalhe construtivo Unidade de Cuidados Básicos
  18. Proposta de alpendre para a Capela de Nossa Senhora da Orada





UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



TERRASdeSICÓ  
Associação de Desenvolvimento

## REDE DE ALDEIAS DO CALCÁRIO PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL

Considerando a importância de promover uma aproximação entre a Administração Regional e Local e o meio universitário, bem como a de desenvolver a cooperação interinstitucional para realizar ações conjuntas com carácter sociocultural e de produção científica aplicada em matérias do ordenamento do território, urbanismo, arquitetura e construção, é celebrado o presente PROTOCOLO entre:

**Terras de Sicó - Associação de Desenvolvimento**, doravante apenas designada Terras de Sicó, pessoa coletiva n.º 503.479.720, com sede no Largo dos Celeiros, n.º 3, 3105-326 Redinha, Pombal, legalmente representada neste ato pelo Presidente da Direção, Dr. Luís Filipe da Silva Lourenço Matias, natural de Avelar, concelho de Ansião, titular do Cartão de Cidadão com o número 118165275 ZX7, emitido pelos serviços competentes da República Portuguesa e válido até 12/09/2028, com o número de identificação fiscal 229060749,

E

A **Universidade de Coimbra (UC)**, com sede na Rua Larga, Edifício da Faculdade de Medicina, R/Ch. Esq., 3004-504 Coimbra, pessoa coletiva n.º 501.617.582, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, a seguir designada por FCTUC, com sede na Rua Sílvio Lima, Universidade de Coimbra – Pólo II, 3030-790 Coimbra, e representada pelo respetivo Diretor, Professor Doutor Paulo Eduardo Aragão Aleixo Neves de Oliveira, ao abrigo da delegação de competências nos termos do Despacho n.º 5215/2019, de 27 de maio, retificado pela Declaração de Retificação n.º 551/2019, de 28 de junho

Que as partes subordinam ao disposto nas cláusulas seguintes:

### I. Objetivos

As partes comprometem-se a colaborar entre si visando os seguintes objetivos gerais:

- I.1) Colaborar, a longo prazo, na realização de atividades em domínios de interesse comum que produzam indicadores de investigação, desenvolvimento e inovação (I&DI) nas temáticas do Ordenamento do Território, Urbanismo, Arquitetura, Construção e História;
- I.2) Colaborar na organização e desenvolvimento de estudos e eventos respeitantes ao território de intervenção da Terras de Sicó, correspondente ao conjunto dos

municípios de Alvaiázere, Ansião, Condeixa, Penela, Pombal e Soure, nas temáticas referidas em 1.1);

- 1.3) Promover oportunidades de experiência profissional nas áreas referidas em 1.1) a recém-formados universitários de graduação ou de pós-graduação do Departamento de Arquitetura da FCTUC;
- 1.4) Promover oportunidades de enriquecimento cultural e científico a quadros técnicos da Terras de Sicó e das Câmaras Municipais dos municípios identificados em 1.2), com a participação na organização de eventos socioculturais e com a participação em atividades de formação académica e investigação científica;
- 1.5) Proporcionar o acesso a informação e documentação necessária, em termos recíprocos, para o desenvolvimento das iniciativas referidas em 1.1) e 1.4).

## 2. Iniciativas

Sem prejuízo de as iniciativas a empreender serem objeto de acordos detalhados que as partes considerem oportuno celebrar para desenvolver os termos das colaborações e condições específicas, a sua realização pode ter os enquadramentos a seguir descritos:

- 2.1) No âmbito da elaboração de Dissertações dos cursos de Doutoramento em Arquitetura, de Mestrado Integrado em Arquitetura, de Mestrado em Arquitetura, Paisagem e Arqueologia ou de Mestrado em Reabilitação Urbana Integrada, cujos temas se debrucem sobre o território de intervenção da Terras de Sicó, independentemente dos seus enfoques serem históricos e analíticos ou de propostas de planeamento urbano e projeto de arquitetura;
- 2.2) No âmbito de exercícios académicos de disciplinas dos cursos identificados em 2.1), com a definição de interesses comuns a determinar na sua programação;
- 2.3) No âmbito de atividades de I&DI, com a organização de seminários, debates ou outras iniciativas socioculturais nas temáticas do Ordenamento do Território, Urbanismo, Arquitetura, Construção e História.

## 3. Desenvolvimento e programação de iniciativas

- 3.1) O planeamento e programação das iniciativas referidas em 2) podem partir de qualquer uma das partes, através dos interlocutores e representantes estabelecidos no presente PROTOCOLO;
- 3.2) Os interlocutores e representantes referidos em 3.1) devem apresentar o plano e programa de cada ação ao Presidente da Terras de Sicó e ao Diretor do dARQ ou a representantes por estes nomeados para o efeito, para que seja feito o seu registo institucional e sejam definidas as obrigações financeiras eventualmente envolvidas.



#### **4. Representantes**

Os interlocutores e representantes referidos em 3.1) e 3.2) são o Diretor do Departamento de Arquitetura da FCTUC, os coordenadores dos cursos referidos em 2.1) e o Presidente da Direção e o Diretor Executivo da Terras de Sicó.

#### **5. Vigência**

- 5.1) O presente Protocolo produz efeitos a partir da sua outorga e é válido por um período de 4 anos;
- 5.2) Não se verificando a denúncia prevista no n.º I da Cláusula 6, considera-se automaticamente prorrogado por períodos de duração igual à estabelecida em 5.1).

#### **6. Extinção**

O presente Protocolo extingue-se mediante denúncia, por escrito, devidamente fundamentada, formulada por qualquer uma das partes com a antecedência mínima de 90 dias.

#### **7. Interpretação**

As dúvidas suscitadas pela aplicação dos princípios enunciados no presente protocolo serão esclarecidas e interpretadas de comum acordo, dentro do princípio geral da interpretação mais favorável à prossecução das finalidades expressas. Caso as partes não consigam resolver de forma amigável, será competente o foro da Comarca de Coimbra. Em tudo o que não estiver especificamente previsto no presente Acordo, observar-se-á o disposto na legislação aplicável.

Feito e assinado em Condeixa-a-Nova, aos 30 de junho de 2020, em dois exemplares de igual valor, ficando um na posse de cada parte.

O Presidente da Terras de Sicó,

O Diretor da FCTUC,

(Luís Lourenço Matias)

(Paulo Eduardo Oliveira)



1 2 9 0

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

# De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?

Atelier de Projeto I – 2021.2022

Adelino Gonçalves  
amsg@uc.pt

ÂMBITO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO-PRÁTICO. 3

PROBLEMA(S). 4

QUESTÕES. 10

CONTEXTO E MÉTODO. 11

ANEXOS. 22

Vistas aéreas e fotografias das aldeias

BIBLIOGRAFIA. 35

GLOSSÁRIO. 36

SUGESTÃO DE TRAJETO PARA VISITAS. 37

*A abordagem política e económica que há décadas impera tomou o rural periférico e marginal, nomeadamente em relação a muitas das dinâmicas económicas globais. É necessário prosseguir uma intervenção que assuma a centralidade do rural, recuperando algumas das realidades sociais e económicas que ainda o caracterizam, procurando a sua afirmação numa estratégia de desenvolvimento, renovada e renovadora, e contrariando as adversidades. [...] A maior proximidade a centros urbanos e outras condições específicas de atratividade local podem criar condições favoráveis à instalação de “novos residentes” [...], gerando efeitos sensíveis na economia [...] e determinando maior heterogeneidade, por contraste com sociedades locais com uma clara predominância de antigos residentes, mais homogéneas e, em geral, com um processo de declínio mais acentuado.*

ANIMAR (2013: 6, 12)

2

## ÂMBITO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO-PRÁTICO

*De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* é uma iniciativa de investigação aplicada em curso desde 2020, no âmbito de um protocolo de cooperação institucional celebrado no mesmo ano entre a Universidade de Coimbra e a Terras de Sicó, Associação de Desenvolvimento.

No âmbito desta iniciativa foi lançada em 2020 uma linha de investigação homónima que tem a região de Sicó como território de ação e que se irá estender pelos anos letivos 2021/2022 e 2022/2023. Nela serão desenvolvidos os trabalhos conducentes à preparação das dissertações de Mestrado Integrado em Arquitetura (mIA) das/os estudantes inscrita/os nas unidades curriculares Atelier de Projeto I em 2021/2022 e, em 2022/2023, em Atelier de Projeto II, Laboratório de Projeto e Seminário de Investigação.

Deste modo, os trabalhos que se realizarão a partir do ano letivo 2021/2022 com base num exercício de Atelier de Projeto I intitulado *Aldeias de Calcário: polos de multifuncionalidade, aglutinadores sociais e centros de saber e experiência*, irão densificar a investigação já desenvolvida em 2020/2021 pela/os estudantes das unidades curriculares Atelier de Projeto IIC, Laboratório de Projeto IC e Seminário de Investigação - PL3, com base no exercício *Aldeias de Calcário. Estratégia e táticas para reforçar a coesão de uma rede urbana no espaço rural de Sicó*.

Este dossier apresenta o PROBLEMA científico da iniciativa de *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* e discute algumas questões que dele emergem e podem constituir a base teórica para a definição de temas específicos para dissertações de estudantes inscrita/os em Atelier de Projeto ID. O dossier apresenta também o território de ação da iniciativa – CONTEXTO – e o MÉTODO para os trabalhos conducentes a estas dissertações de mIA.

Estes trabalhos serão desenvolvidos nos 4 semestres do 2.º ciclo do mIA, nos anos letivos 2021/2022 e 2022/2023, com o seguinte plano geral:

- 1.º Semestre. Análise do território de ação e de instrumentos de gestão territorial e Antepiano.
- 2.º Semestre. Planos de Ação para aldeias e projeto de edifícios e espaços públicos. Escalas de representação 1:5000 a 1:200. Projeto de Tese.
- 3.º Semestre. Planos de Ação para aldeias e projeto de edifícios e espaços públicos até escalas de representação 1:50/1:20. Fundamentação e explicação das soluções de plano e projeto.
- 4.º Semestre. Síntese de Planos e de Projeto. Tese.

3

## PROBLEMA(S)

Coesão territorial; Valorização dos territórios de baixa densidade; Desenvolvimento de núcleos urbanos no espaço rural

A iniciativa de investigação aplicada *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* assenta na problematização dos territórios de baixa densidade, entendendo que o desenvolvimento territorial deve ser conduzido por políticas integradas de base local que valorizem o capital social e os recursos endógenos destas regiões, na medida em que constituem uma base fundamental para a resiliência e reforço da coesão territorial.

A partir do ano letivo 2021/2022, esta problematização será feita a partir de um exercício de Atelier de Projeto ID que tem a região de Sicó como território de ação e como objetivo central a criação de propostas de intervenção no espaço físico e no quadro socioeconómico das aldeias que compõem a Rede de Aldeias de Calcário<sup>1</sup> (RAC), visando o reforço da sua atratividade tanto para a visitação turística, como para a residência e instalação de novas atividades e serviços.

Estas propostas deverão ser dadas através de Planos de Ação, um

<sup>1</sup> A Rede de Aldeias de Calcário: 6 Aldeias, 12 Experiências, resultou, em 2019, da candidatura de um Plano Integrado de Intervenção apresentada pela Terras de Sicó ao Valorizar – Programa de Apoio à Valorização e Qualificação do Destino, que visa apoiar o investimento na qualificação do destino turístico Portugal.

4



para cada aldeia, onde deverão ser organizadas propostas de requalificação do sistema de espaço público e previstos projetos que deem resposta a diferentes programas funcionais, preferencialmente com a reabilitação de edifícios, mas também com edifícios a construir de novo. Estes programas deverão ser definidos pela/os estudantes, em diálogo com os moradores das aldeias, com a Terras de Sicó e com cada uma das Câmaras Municipais parceiras desta associação de desenvolvimento.

A pertinência da investigação que tem vindo a ser desenvolvida desde 2020 no âmbito desta iniciativa, assenta no objetivo político da coesão territorial assumido, em Portugal, em 2016 sob a forma de programa de política<sup>2</sup> e reforçado em 2019 com a 1.ª revisão do Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território<sup>3</sup> (PNPOT), ambos em linha com o Tratado de Lisboa (2007).

A complexidade deste político obriga a uma visão holística e integrada do território, para melhor definir as ações e projetos a levar a cabo para atenuar as disparidades entre regiões. O problema é complexo, mas o método para lidar com ele reúne consensos, defendendo-se que aquelas ações e projetos devem ser implementados através de sistemas de gestão territorial baseados nas ideias de **cooperação** e **complementaridade**. Só

<sup>2</sup> Com a [Resolução do Conselho de Ministros n.º 225/2016](#) de 24 de novembro, que publica o Programa Nacional para a Coesão Territorial.

5

assim poderão ser alcançados alguns dos principais objetivos estratégicos dos instrumentos de política que defendem a coesão do território e procuram fazer face aos impactos negativos da urbanização pulverizada do território que se processou desde a segunda metade do século XX, com maior intensidade na periferia das cidades a partir do final da década de 1980.

Dada a desagregação do território que resultou deste modelo de desenvolvimento territorial ao longo da segunda metade do século XX, hoje é necessário (re)pensar o futuro do território, com uma atenção particular para os territórios mais fragilizados, visando a sua integração. Para isso, é fundamental a criar soluções resilientes que recorrem “...a *cooperação interurbana e rural-urbana como fator de coesão interna*”, tal como é assumido no PNPOT. De facto, uma vez que os problemas que carecem de solução não dizem respeito a realidades estáticas que se possam delimitar, mas dizem antes respeito a realidades dinâmicas que se pautam nas relações funcionais entre diferentes núcleos urbanos, mais ou menos próximos, os problemas de cada região, de cada cidade ou de cada município, não se resolvem sem o diálogo e as relações entre regiões, cidades e/ou municípios.

<sup>3</sup> Publicado pela Lei n.º 99/2019, Diário da República n.º 170/2019 de 5 de setembro.

Assim, para o reforço da coesão territorial, têm de concorrer medidas de política diversificadas – de modo a dar resposta aos desequilíbrios e fragilidades que se instalaram no país – tanto nos domínios social, económico e natural, como nos domínios funcional e das práticas de governo e gestão do território<sup>4</sup>.

Estes desequilíbrios e fragilidades são particularmente sensíveis no caso dos territórios de baixa densidade e, de um modo particular, dos núcleos urbanos em espaço rural, sobretudo os núcleos secundários (pequenas vilas e aldeias), pois foram vítimas da “litoralização” do país e quem mais sofreu com políticas fracas que não evitaram a migração da população para os centros urbanos principais, nem a concentração das principais atividades económicas nesses mesmos centros, sobretudo nos que se localizam na fachada atlântica.

Como consequência, estes territórios foram-se esvaziando. Esvaziaram-se tanto de pessoas como de atividades e as medidas de política que foram criadas antes para travar esta fragilização não foram bem-sucedidas. Mesmo as que foram criadas quando os

<sup>4</sup> Estes domínios de intervenção são assim descritos no PNPOT (2019:127): a) Natural - otimização e adaptação, dinamizando a apropriação e capitalização dos recursos naturais e da paisagem; b) Social - educação, qualificação e inclusão da população, e acesso aos serviços públicos e de interesse geral; c) Económico - inovação, atratividade e inserção de Portugal nos processos de globalização, aumentando a circularidade da economia; d) Conetividade - reforço das interligações, aproximando indivíduos, empresas e instituições, através de redes e serviços digitais e de uma mobilidade que contribua para a descarbonização; e) Governança Territorial -

processos migratórios desde o campo para a cidade e para o estrangeiro se começaram a revelar problemáticos. Tal foi o caso das medidas adotadas na década 1930 para fixar a população rural com a valorização da produção agrícola, como as que se traduziram na criação de Colónias Agrícolas<sup>5</sup>.

Mas o mesmo insucesso se verificou mais tarde, a partir da década de 1980, com o processo de “resignificação” do mundo rural através da atribuição de valores socioculturais associados à defesa do ambiente e à proteção e valorização do(s) património(s), como foi o caso do plano das Aldeias Históricas. De facto, a “turistificação” das aldeias não criou os impactos desejados e a sangria populacional não estancou.

Mais recentemente, nas últimas décadas do século XX e de forma paradoxal, a par da infraestruturação do interior do país (rede viária, saneamento, eletricidade, etc.), a rede de equipamentos e serviços públicos sofreu processos de encerramento, sobretudo nas últimas duas décadas.

cooperação e cultura territorial, capacitando instituições e promovendo a descentralização e a desconcentração, e uma maior territorialização das políticas.

<sup>5</sup> As Colónias Agrícolas foram uma iniciativa da Junta de Colonização Interna, um serviço do Ministério da Agricultura criado em 1936, com a missão de estudar e solucionar os problemas agrários do país, igualmente com o objetivo de contrariar as dinâmicas de migração da população desde os pequenos aglomerados rurais, para as principais cidades do país na época.

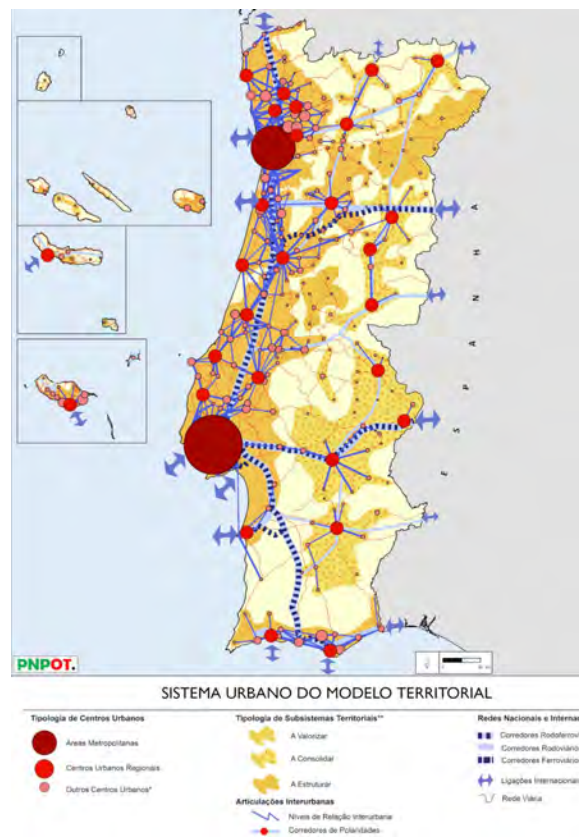
Assim, a população do mundo rural ficou desamparada de serviços de proximidade. Além disso, a população destes territórios diminuiu e envelheceu. Muito.

Por tudo isto, a sustentabilidade do território nacional depende de políticas fortes que façam face aos desequilíbrios que se instalaram desde a segunda metade do século XX e promovam, de forma efetiva, o reforço da coesão territorial.

Na última década foram criadas políticas com este objetivo e as mais recentes estão expressas na revisão do PNPOT (2019), na revisão do Programa para a Valorização do Interior<sup>6</sup> (2020) e no Programa Nacional para a Coesão Territorial (2016).

As linhas de ação destes planos são diversas e visam, em termos gerais, “valorizar” o interior e os territórios de baixa densidade. Mas o interior e os territórios de baixa densidade não são homogêneos e tanto existem núcleos urbanos em espaço rural profundamente segregados, como existem outros que podem tirar vantagens decorrentes da sua localização geográfica, nomeadamente, a proximidade a centros urbanos principais, como as sedes de municípios ou capitais de distrito, e a facilidade de acessos proporcionada pela proximidade a eixos rodoviários principais e secundários.

<sup>6</sup> Resolução do Conselho de Ministros n.º 18/2020, Diário da República n.º 62/2020, Série I (27/03/2020), 16-32.



A estes fatores vantajosos associados à localização geográfica, podem ainda juntar-se outros, como o que estão associados ao património cultural, ao património natural e recursos endógenos das regiões em que se inserem.

Em alguns contextos, a integração destes pequenos núcleos numa rede urbana mais vasta já existe, mas é ténue. São sistemas urbanos que configuram uma cidade regional, embora (ainda) não sejam formalmente considerados como tal. São antes considerados áreas ou regiões funcionais para as quais atuam Comunidades Intermunicipais e incluem, articulados entre si, vários núcleos urbanos (principais e secundários), espaços suburbanos, rurais agrícolas e rurais não agrícolas. Porém, o modelo de gestão territorial usado continua agarrado a práticas excessivamente baseadas na regulamentação da ocupação do solo.

Nestes casos, as divisões administrativas podem representar uma dificuldade para o reforço da coesão dessas regiões, se os modelos de governo não se adaptarem e/ou não forem sensíveis às interdependências de todo o mosaico de núcleos urbanos que os compõem.

Deste modo, no que diz respeito à valorização dos territórios de baixa densidade e/ou do mundo rural, não se trata necessariamente de defender um regresso ao rural, mas antes de **afirmar o rural como uma centralidade.**

8



Granja, Ansião. 2020

Ora a valorização preconizada naqueles instrumentos de política nacionais para os territórios de baixa densidade e, de um modo geral, para o mundo rural, é configurada como um desenvolvimento económico e social, com criação de emprego, com o reforço da autoestima das populações e comunidades rurais e a valorização do património cultural e natural.

**E a arquitetura? Como é que pode contribuir para a concretização destes objetivos?**

9



Ribeirinho, Ansião. 2020

## QUESTÕES

O debate de muitas questões suscitadas pelo Problema de investigação, constituirá a base teórica para a definição de temas específicos para os projetos e as dissertações de mestrado de estudantes de Atelier de Projeto ID (2021/2022), Atelier de Projeto IID (2022/2023) e Laboratório de Projeto ID (2022/2023).

Para o desenvolvimento territorial defendido nos instrumentos de política para a coesão territorial, muitos dos processos que é necessário implementar, implicam intervenções diretas no quadro económico das regiões e lugares vítimas da sua segregação ao longo de décadas. Mas isso bastará para resolver problemas como o despovoamento do interior e, em termos gerais, dos núcleos urbanos em espaço rural dos territórios de baixa densidade? Bastará para reforçar a atratividade de núcleos urbanos em espaço rural para novos residentes?

O nível de exigência para a qualidade de vida das populações, cada vez mais informadas, é maior e as questões que carecem de respostas são diversificadas. Para encontrar respostas e soluções resilientes para muitas dessas questões, a arquitetura terá um papel determinante.

- Ainda existe uma distinção clara entre o mundo rural e o mundo urbano? Onde é que começam e acabam as cidades? Quais são os seus limites espaciais e os limites das suas relações funcionais com o(s) sistema(s) urbano(s) em que se integram?
- O mundo rural é todo igual ou o rural é plural?
- A proximidade de núcleos urbanos em espaço rural a núcleos urbanos mais desenvolvidos, configura um quadro conceptual particular para planear o seu desenvolvimento?
- A valorização do interior e dos territórios de baixa densidade, significa o mesmo, em termos operacionais, em todas as regiões?
- A arquitetura tradicional no espaço rural, por constituir um património construído vernáculo, é um dos elementos diferenciadores dos territórios de baixa densidade. Como é que ela pode ser valorizada e (re)integrada no desenvolvimento local, sem pôr em causa a sua significância cultural?
- Qual é a visão oficial/ real que existe para a valorização do interior? Estão previstas estratégias para a requalificação do espaço físico dos núcleos urbanos em espaço rural? Qual é o papel da arquitetura e do urbanismo nessa valorização?
- ...

10

## CONTEXTO E MÉTODO

*...é possível defender que os meios urbanos serão uma ponte entre as áreas rurais e o mundo exterior, tanto mais eficiente quanto conseguirem transformar-se em focos de uma cultura de ruralidade suscetível de contribuir não só para consolidar a visão patrimonialista atualmente dominante, mas, também, para a ultrapassar, reintroduzindo a componente produtiva com a centralidade que esta merece.*

João Ferrão (2000:53)  
Investigador Coordenador, ICS-UL



11

Poios, Pombal, 2020

A reflexão crítica proposta para a problematização de núcleos urbanos em espaço rural, será feita, no ano letivo 2021/2022, através do exercício **Aldeias de Calcário: polos de multifuncionalidade, aglutinadores sociais e centros de saber e experiência.**

O contexto de fundo do exercício é o conjunto de medidas e ações para o desenvolvimento das regiões do interior planeadas pela Unidade de Missão para a Valorização do Interior, no âmbito do Programa Nacional para a Coesão Territorial (2016). Com as iniciativas políticas de implementação deste Programa, pretende-se fazer face aos desequilíbrios territoriais resultantes da “litoralização” do país e de um modelo de desenvolvimento demasiado focado nos principais centros urbanos, que resultaram num cenário em que as regiões do interior enfrentam graves processos de desvitalização, despovoamento, envelhecimento e empobrecimento.

Os impactos resultantes da marginalização do interior no desenvolvimento da sua rede urbana média/ secundária e, de um modo particular, dos seus núcleos rurais, são conhecidos há muito e deram lugar a processos de intervenção continuada em algumas regiões do país, nomeadamente no centro-interior, como é exemplo do programa das Aldeias de Xisto, cujo planeamento se iniciou em 2000 e a sua implementação se fez a partir de 2002. Porém, apesar dos esforços já empreendidos, o declínio

12

prossegue e o seu controlo requer abordagens inovadoras, tanto no que diz respeito às soluções, como no que diz respeito ao método para a sua operacionalização.

O desafio é afirmar a centralidade do rural, tirando partido dos valores e dos recursos endógenos, incluindo, naturalmente, as pessoas.

Cada caso é um caso e muitas respostas têm de ser dadas com esta consciência, ou seja, não impondo soluções-tipo eventualmente bem-sucedidas em alguns casos, mas antes procurando entender as especificidades (dos problemas e dos desafios) de cada núcleo urbano.

Existem pequenos núcleos desprovidos de serviços de proximidade (públicos ou privados), mas guardam saberes e tradições com um grande valor social e cultural. Outros existem cuja demografia está em perda e o espaço construído não é amigável, mas tem características que podem ser melhoradas e constituir forças de atração. Existem também outros que são atravessados por rotas de património cultural ou natural, mas os benefícios que têm proporcionado, não têm impedido a sua progressiva desvitalização.

Por fim, também existem territórios em que a sua rede urbana, principal e/ou secundária, partilha características comuns (positivas e/ ou negativas) e por isso as soluções podem e/ou devem ser

partilhadas ou a sua implementação deve ser feita em rede, ou seja, de forma integrada.

Nas zonas de mais baixa densidade, por viverem no limiar da sustentabilidade, a exigência de visões integradas é particularmente importante e carece, por um lado, de uma evolução do governo local no sentido da governança em rede, e, por outro lado da instalação de práticas socioeconómicas de “colaboração”, “cooperação” e “cocriação”.

### **Património(s) partilhado(s); proximidade a**

**centros urbanos** de maior dimensão; dinamismo socioeconómico; e empreendedorismo, são argumentos importantes para a definição e implementação das estratégias necessárias, ou seja, de estratégias integradas e/ou integradoras.

Este tipo de visão já existe para a globalidade do território nacional e está plasmada no Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, revisto em 2019 em estreita articulação com o Programa Nacional para a Coesão Territorial. Nestes programas, são várias medidas e ações previstas que concorrem no sentido de mudar o paradigma do desenvolvimento territorial: antes focado nos principais centros urbanos e assente em visões bipartidas (centro vs. periferia; litoral vs. interior), pretende-se que evolua no sentido da gestão de redes ou da gestão em rede, com base nas

13



Algar do Carvalho, Penela. 2008



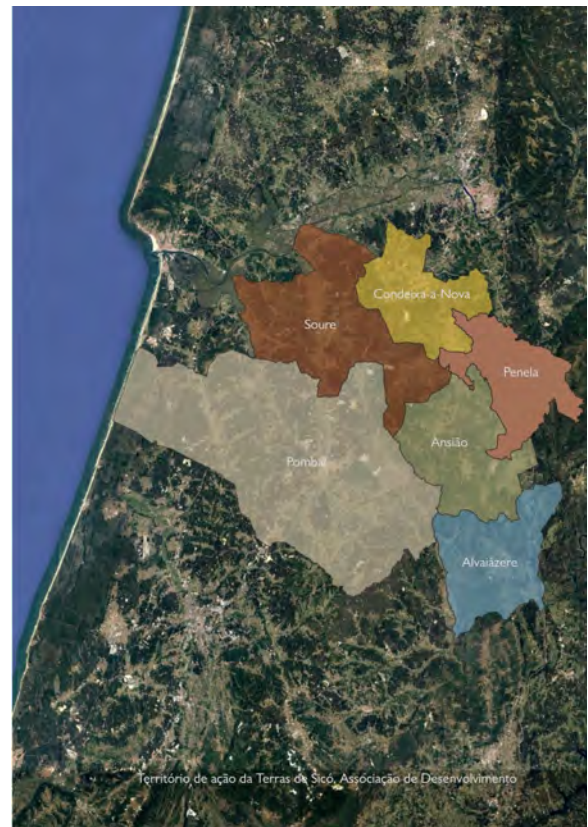
nas ideias de **complementaridade** e **partilha**.

Em linha com os objetivos traçados nestes programas nacionais, têm sido elaboradas, nas últimas décadas, estratégias e planos de ação locais, em resultado da iniciativa de comunidades intermunicipais e/ ou de associações de desenvolvimento local.

Como exemplo, podem ser referidos na região centro alguns planos desenvolvidos pela Associação de Desenvolvimento [Terras de Sicó](#) para o seu território de intervenção, que corresponde ao conjunto das áreas dos municípios de Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela, Pombal e Soure.

Trata-se de um território marcado por património cultural e natural com grande expressão em todos os concelhos, desde o facto de todos os municípios integrarem a Rede Natura 2000 Sicó-Alvaiázere, com importantes referências no que diz respeito à conservação da biodiversidade, até às marcas da romanização que nele existem e onde sobressaem o arqueossítio de Conimbriga (Condeixa-a-Nova), o Complexo Monumental de Santiago da Guarda (Soure) e a Villa Romana do Rabaçal (Penela).

Em conjunto com o Paul de Arzila (Coimbra/Condeixa-a-Nova/Montemor-o-Velho) e o Paul da Madriz (Soure), todo(s) o(s)



14

Património(s) presente(s) neste território constituem importantes fatores de atratividade turística e têm estado na base de muitas ações desta Associação de Desenvolvimento.

Ora com o objetivo de valorizar estes patrimónios, a Terras de Sicó elaborou em 2019 o Plano Integrado de Intervenção (PIA) "Rede de Aldeias de Calcário: 6 Aldeias, 12 Experiências" (RAC), um plano centrado na criação e promoção de produtos/conteúdos turísticos, com ações organizadas em função de diferentes tipos de objetivos e segundo dois eixos de intervenção: 1) Consolidação do produto turístico e desenvolvimento de ferramentas de apoio à visita; 2) Promoção e divulgação do produto turístico.

As ações previstas nestes eixos de intervenção vão desde um processo de cocriação de 12 experiências — uma por cada mês do ano, como um conjunto de atividades de "descobertas em Sicó (de cogumelos, grutas e cavernas, do vinho e das vindimas, etc.), —, até à implementação de um programa de promoção junto de agentes turísticos regionais, bem como o alargamento da rede de parcerias.

No conjunto das ações previstas nestes dois eixos de intervenção,

**o grande ausente é o espaço construído dos núcleos visados.** É verdade que o reforço da

atratividade desta região passa pela criação e da divulgação das forças deste território, porém, as suas fraquezas — que existem e

são variadas — não são serão debeladas apenas com a divulgação das atrações turísticas e com a garantia de serviços que assegurem uma visita qualificada.

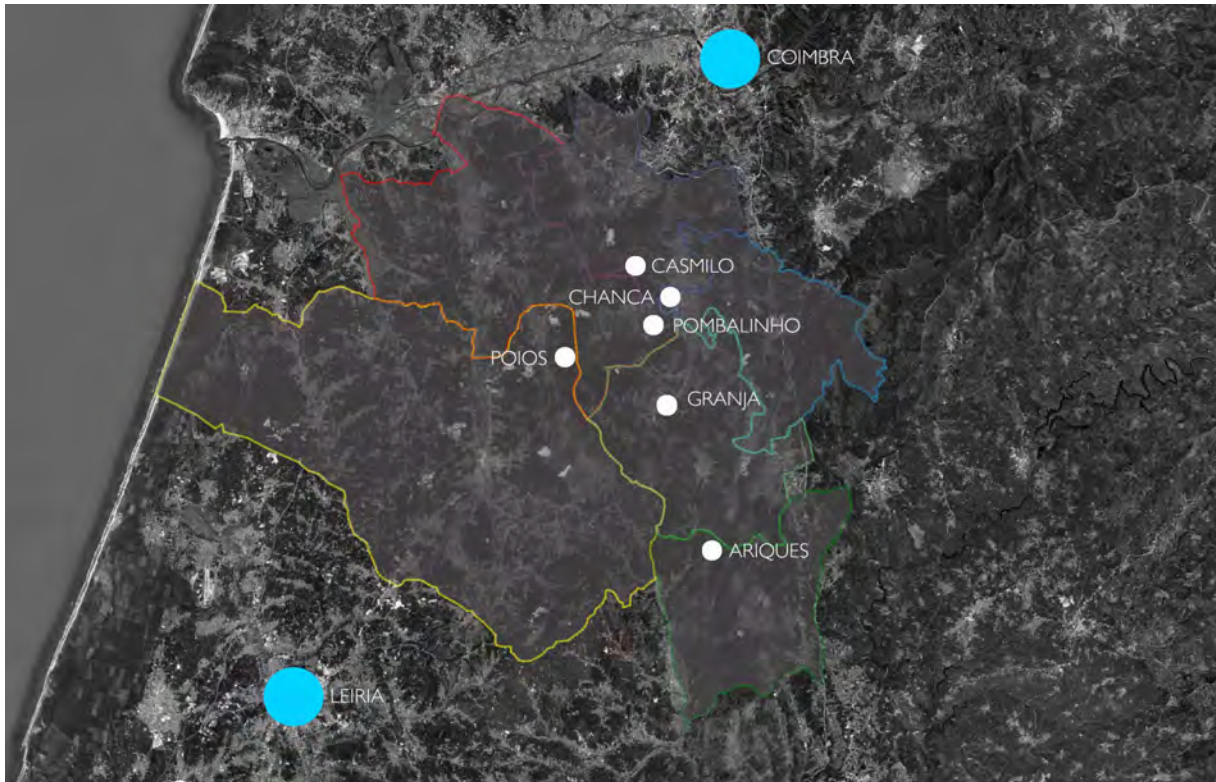
**A melhoria do espaço construído das aldeias também é necessária. Muito!**

Os produtos turísticos que as terras de Sicó e estas aldeias têm para oferecer são diversos e tanto suportam atividades de experiência, como atividades de lazer e cultura. Por isso, o tempo das visitas turísticas é variável. De qualquer forma, justificam o investimento no setor da hotelaria e da restauração. Com diferentes figurinos, esse tipo de oferta já existe em todo o território de intervenção da Terras de Sicó, porém, ele pode ser reforçado e contribuir tanto para a (re)qualificação do espaço construído, como para a criação de emprego e reforço de relações interurbanas.

Os impactos das atividades associadas ao turismo na economia de cada aldeia e da Rede podem ser diretos e dependem do nível de integração das comunidades locais. Porém, deseja-se que se instalem outros impactos que se influenciem mutuamente e tenham reflexos, por exemplo, na demografia, na melhoria da qualidade de vida dos residentes — dos que já existem e/ ou que venham a existir — e na qualidade do espaço construído de cada aldeia.

Com um de cada município parceiro da Terras de Sicó, as 6 aldeias

15



da RAC são: Ariques (Alvaiázere), Casmiolo (Condeixa-a-Nova), Chanca (Penela), Granja (Ansião), Poios (Pombal) e Pombalinho (Soure).

Além dos valores associados ao património cultural e natural, esta rede beneficia de outros fatores que podem contribuir para o reforço a sua atratividade, nomeadamente, o facto de ser atravessada e servida por importantes eixos rodoviários, principais e complementares, que garantem bons níveis de acesso regional, nacional e internacional (a Espanha). Além deste fator, beneficia também das boas condições físicas do território (solos e recursos hídricos) que proporcionam bons níveis de produtividade agrícola. Por fim, a sua localização central entre duas Comunidades Intermunicipais (CIM): a CIM da Região de Coimbra e a CIM da Região de Leiria.

A CIM de Coimbra apresentava em 2019 um efetivo populacional de mais de 433 mil habitantes. Por sua vez, a CIM de Leiria apresentava no mesmo ano um pouco mais 284 mil habitantes, perfazendo um total de cerca de 718 mil habitantes. No que diz respeito à evolução da população residente nestas CIM, é assinalável a tendência de diminuição registada desde 2001, com uma perda total de mais de 42 mil residentes, o que acresce importância à (re)qualificação da sua rede urbana, principal e secundária, para reforçar a sua atratividade.

Municípios	2001	2019	(variação)
<b>Alvaiázere</b>	<b>8419</b>	<b>6612</b>	- <b>1807</b>
0-14	1101	623	- 478
15-64	4832	3884	- 948
>65	2486	2115	- 371
<b>Ansião</b>	<b>13709</b>	<b>12188</b>	- <b>1521</b>
0-14	1912	1193	- 719
15-64	8647	7567	- 1080
>65	3151	3313	+ 162
<b>Condeixa-a-Nova</b>	<b>15420</b>	<b>17665</b>	+ <b>2245</b>
0-14	2300	2488	+ 188
15-64	10203	11715	+ 1512
>65	2918	3463	+ 545
<b>Penela</b>	<b>6571</b>	<b>5418</b>	- <b>1153</b>
0-14	837	573	- 264
15-64	3955	3220	- 735
>65	1779	1626	- 153
<b>Pombal</b>	<b>56271</b>	<b>51573</b>	- <b>4698</b>
0-14	8862	6068	- 2794
15-64	36214	32725	- 3489
>65	11196	12780	+ 1584
<b>Soure</b>	<b>20877</b>	<b>17199</b>	- <b>3678</b>
0-14	2547	1837	- 710
15-64	13104	10155	- 2949
>65	5226	5208	- 18
<b>TOTAIS</b>	<b>121267</b>	<b>110655</b>	- <b>10612</b>
0-14	17559	12782	- 4777
15-64	76955	69266	- 7689
>65	26756	28505	+ 1749

Ainda a este respeito, é relevante o facto de as tendências demográficas do conjunto de municípios que compõem as duas CIM, apresentarem diferenças que se traduzem na existência de municípios em perda e de municípios com ganhos.

No primeiro caso, dos municípios com perda de população, Coimbra e Pombal apresentam as maiores perdas desde 2001: de 14315 e de 4698, respetivamente. No segundo caso, o dos municípios com ganhos populacionais, no mesmo período, são 5 os municípios que apresentam aumentos: da CIM-RC, Condeixa-a-Nova e Lousã, respetivamente com mais 2245 e 1317, respetivamente; e da CIM-RL, Batalha, Leiria e Marinha Grande, com mais 873, 4932 e 2736, respetivamente.

Neste contexto, como forças de uma estratégia de desenvolvimento desta região, sobressaem as condições físicas do território, que permitem a produção de bens agroalimentares variados e de qualidade, e que justificam o reforço na promoção deste setor de atividade. Além disso, as características paisagísticas e o(s) património(s), cultural e natural, apresentam motivos e valores que justificam o reforço no *touring* cultural e no turismo de natureza.

Por sua vez, os níveis de acessibilidade e mobilidade proporcionados pela rede viária e pelo sistema de transportes coletivos, permitem que todo o sistema urbano das terras de Sicó

e, de modo particular, as Aldeias de Calcário, possam capitalizar a proximidade a núcleos de serviços e atrações com efeitos multiplicadores, como são, por exemplo, os casos de Coimbra (saúde, ensino, I&D, turismo, comércio), Figueira da Foz (turismo de sol e praia, desporto), Leiria e Marinha Grande (indústria e agropecuária).

Neste quadro de inserção territorial, o sucesso da Rede de Aldeias de Calcário passará pelo reforço da sua coesão e este objetivo poderá alcançar-se com a implementação das ações e medidas previstas no PIA, incluindo a criação de serviços/ equipamentos de interesse coletivo, a par da melhoria global do ambiente construído das aldeias.

Complementarmente e com o mesmo objetivo, será importante prover cada aldeia de Planos de ação, ou seja, instrumentos de apoio à gestão urbana com o objetivo de assegurar a qualidade e coerência do ambiente construído.

Este é o **contexto** de reflexão do exercício Aldeias de Calcário: polos de multifuncionalidade, aglutinadores sociais e centros de saber e experiência.

O grande **objetivo** do exercício é o reforço da atratividade das 6 aldeias através da melhoria global do espaço construído, da criação de serviços/ equipamentos de interesse coletivo e de instrumentos de apoio à gestão urbana.

18

O **método** assenta numa leitura crítica das condições reais/ atuais de cada aldeia, bem como numa leitura crítica da visão estratégica elaborada pela Terras de Sicó para toda a Rede, bem como da estratégia proposta, no ano letivo 2020/2021, pelo grupo de estudantes de Atelier de Projeto IIC, Laboratório de Projeto IC e Seminário de Investigação - PL3.<sup>7</sup>

O território de Sicó, no seu todo, será objeto de análise por toda/os a/os estudantes, para construir uma perceção crítica das suas características e cada aldeia será objeto de estudo de, pelo menos, 2 estudantes cujos trabalhos serão organizados assim:

- Os trabalhos de um estudante incidem na melhoria do sistema do espaço construído (espaço público e área não edificadas e/ou urbanizadas), podendo incluir, entre outras propostas a definir caso-a-caso, projetos de requalificação de espaços públicos, mobiliário urbano, sinalização e *lettering*;
- Os trabalhos do outro estudante dizem respeito ao projeto de equipamentos/ serviços de interesse coletivo, preferencialmente de reabilitação de edifícios existentes, mas com a possibilidade de serem propostos novos edifícios.

Estes dois tipos de projetos deverão ser enquadrados por Planos de Ação para cada aldeia, para os quais já existem propostas feitas pelo

<sup>7</sup> A estratégia desenvolvida por este grupo de estudantes, cujo nome dá o título ao exercício de Atelier de Projeto I no ano letivo 2021/2022, está disponível em:

referido grupo de estudantes de Atelier de Projeto IIC, Laboratório de Projeto IC e Seminário de Investigação - PL3. Existe a possibilidade de os Planos de Ação serem a base de trabalho de dissertações de mestrado.

Existe também a possibilidade de serem elaborados trabalhos com outros temas e outras perspetivas que abordem questões de interesse comum a todas as aldeias – nomeadamente de “guião” ou “regulamento” para operações urbanísticas, incluindo edificação – ou questões de interesse ao território no seu todo, como proposta relativas a desportos da natureza, caminhadas e peregrinação, etc.

**Para a realização destes trabalhos no ano letivo 2021/2022** decorrerá um conjunto de ações que envolverão as principais partes interessadas, desde logo a Terras de Sicó, mas também as Câmaras Municipais parceiras, Juntas de Freguesia e/ ou outras organizações que representem as comunidades visadas.

Estas ações desenrolar-se-ão num calendário a divulgar atempadamente e serão organizadas tematicamente em 3 grupos: *conhecer, propor, divulgar*. Com as atividades a realizar, serão proporcionados contactos e a discussão de ideias com todos os envolvidos, para o que se conta com o apoio logístico da Terras de Sicó.

<http://www.patrimonios.pt/iniciativa-de-volta-ao-rural-ou-como-reforçar-a-coesão-da-cidade-regional/> [28/05/2021]

19

No primeiro grupo de ações – **conhecer** – decorrerão:

- Visitas de estudo às 6 Aldeias de Calcário e a outros pontos importantes do território de Sicó para, a par da consulta bibliográfica, dos instrumentos de gestão territorial e de projetos ou programas de desenvolvimento local, construir-se um conhecimento crítico das suas características (forças, oportunidades, fracas, ameaças);
- Palestras por especialistas nas temáticas implicadas nos trabalhos a desenvolver;
- A execução de maquetes à escala 1:10.000 e 1:2.000.

O segundo grupo de ações – **propor** – diz respeito ao desenvolvimento das propostas de anteprojecto(s) e/ ou plano(s) para as aldeias, que deverão ser representadas em painéis e em maquete(s) em escalas que variam entre 1:1000 e 1:200. No decorrer dos trabalhos deverão ser feitas visitas pontuais às aldeias para avaliar a viabilidade e pertinência das propostas.

Por último, o terceiro grupo de ações – **divulgar** – diz respeito à apresentação e discussão dos trabalhos com a participação de representantes da Terras de Sicó, das Câmaras Municipais parceiras da associação e com de moradores das aldeias.

20



## FASEAMENTO – CONHECER & PROPOR

### Fase I – PERCEÇÃO E AVALIAÇÃO CRÍTICA

É uma fase dos trabalhos que decorrerá no 1.º semestre e corresponde ao estudo e caracterização da situação atual do território de intervenção e das aldeias, no que diz respeito ao suporte físico (urbanizado e natural), a aspetos de ordem funcional (usos do solo, mobilidade, serviços, etc.) e a aspetos de ordem sociocultural (demografia/população, património, atividades culturais, associativo, etc.).

É uma fase de trabalho em grupo e, para o território no seu todo e para cada aldeia individualmente, deve ser representada em painéis com bases cartográficas de escalas variáveis (1/10.000 a 1/2.000), uma avaliação crítica:

- a) das redes e infraestruturas (rede e hierarquia da rede viária; estacionamento; transportes coletivos; etc.)
- b) de condicionantes no uso e ocupação do território;
- c) dos elementos de conformação do sistema de espaço público e do edificado das aldeias (usos ou ocupação; tipologia funcional; tipo de sistema construtivo)
- d) do(s) património(s) e valores paisagísticos.

21

### Fase II – PROPOSTA(S)

Corresponde à elaboração dos Planos de Ação das aldeias e dos anteprojetos de arquitetura para instalação de novos programas funcionais e/ou requalificação do sistema de espaço público, e devem ser apresentados por um conjunto de painéis que deverá integrar escalas de representação variáveis e qualquer outro tipo de representação ou ilustração gráfica (realidade virtual, fotomontagem, esquisso, etc.).

Além destes trabalhos, as/os estudantes devem elaborar um relatório de fundamentação e explicação das propostas que deverá integrar o Projeto de Tese a desenvolver no 2.º semestre, com base seguinte estrutura:

Parte 1. Enquadramento, Contextualização, Síntese da leitura crítica do território e das aldeias.

Parte 2. Ambição, Objetivos Estratégicos e Objetivos Específicos

Parte 3. Apresentação das intervenções/projetos que concretizam os objetivos

Parte 4. Proposta – “Programas, plantas, cortes e alçados”

Parte 5. Figuras/Ilustrações

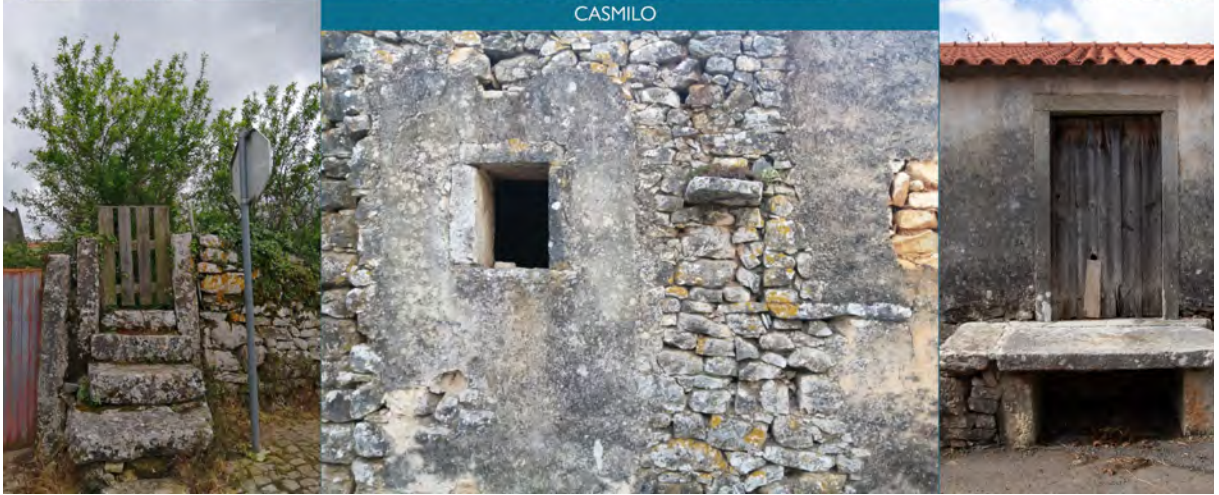
Parte 6. Referências bibliográficas, fontes documentais, créditos.







CASMILO





CHANCA











## BIBLIOGRAFIA

ANIMAR; ICE; ADCM (2013). [Programa Mínimo de Revitalização de Aldeia](#). Vialonga: Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, Instituto das Comunidades Educativas e Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura.

ANIMAR; ICE; ADCM (2013). [Programa Mínimo de Revitalização de Aldeia. Anexos](#). Vialonga: Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, Instituto das Comunidades Educativas e Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura.

DGOTDU (2011). [Glossário do Desenvolvimento Territorial. Conferência Europeia dos Ministros responsáveis pelo Ordenamento do Território do Conselho da Europa](#) (CEMAT). Lisboa: DGOTDU.

FERRÃO, João (Coord.) (2016). [Governança integrada: a experiência internacional e os desafios para Portugal. Conferência Internacional, 15 e 16 de outubro de 2015. Atas da Conferência](#). Lisboa: Forum para a Governança Integrada.

FERRÃO, João; LOPES, Raul (2004). "Understandig Peripheral Rural Areas as Context for Economic Development" in

LABRIANIDIS, Lois (Ed.) (2004). *The Future of Europe's Rural Peripheries*. London: Routledge.

FERRÃO, João (2000). [Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro](#). *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, 45-54. doi: dx.doi.org/10.4067/S0250-71612000007800006

GEHL, Jan (2018). *Space to Grow. Ten principles that support happy, healthy families in a playful, friendly city*. Disponível em [https://gehl.institute.org/wp-content/uploads/2018/04/GehlInstitute\\_SpaceToGrow\\_single\\_pages.pdf](https://gehl.institute.org/wp-content/uploads/2018/04/GehlInstitute_SpaceToGrow_single_pages.pdf) [13/05/2020]

GEHL, Jan (2018). *Inclusive Healthy Places. A Guide to Inclusion & Health in Public Space: Learning Globally to Transform Locally*. Disponível em [https://gehl.institute.org/wp-content/uploads/2018/07/Inclusive-Healthy-Places\\_Gehl-Institute.pdf](https://gehl.institute.org/wp-content/uploads/2018/07/Inclusive-Healthy-Places_Gehl-Institute.pdf) [13/05/2020]

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte (2013). *How to Study Public Life*. Washington: Island Press.

MONTEIRO, Alcides A. (2019). [Territórios do interior, coesão territorial e modelos de governança. A propósito do Programa](#)

[Nacional para a Coesão Territorial](#). *Sociologia Online*, 19, 127-151.

NELLO, Oriol; RODRÍGUEZ, Laura Soler; Rius, Joan Checa (2019). [L'atracció del camp. La percepció i l'atractiu de l'entorn rural en la joventut catalana resident en àrees urbanes](#). (62). Barcelona: Generalitat de Catalunya.

NELLO, Oriol (1998) - "[Los confines de la ciudad sin confines. Estructura urbana y Límites administrativos ne la ciudad difusa](#)" in MONCLÚS, Francisco Javier (1998) - *La ciudad dispersa*. Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, pp. 35-57.

PORTAS, Nuno; Domingues, Álvaro; Cabral, João (2003). *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PORTAS, Nuno; Domingues, Álvaro; Cabral, João (2011). *Políticas Urbanas. Transformações, Regulação e Projetos* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SILVA, Carlos (2012). [Sicó. A dimensão cultural das paisagens: um estudo de turismo nas suas vertentes cultural e natureza](#). Coimbra: [s.n.]. Tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, Universidade de Coimbra.

#### Diplomas legais

Resolução do Conselho de Ministros n.º 18/2020, Diário da República n.º 62/2020, Série I (27/03/2020), 16-32 — Aprova a revisão do Programa de Valorização do Interior.

Lei n.º 99/2019, Diário da República n.º 170/2019, Série I (05/09/2019), 3-267 — Primeira revisão do Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 72/2016, Diário da República n.º 225/2016, Série I (24/11/2016), 4154-90 — Aprova o Programa Nacional para a Coesão Territorial.

#### Outros documentos

[Rede de Aldeias de Calcário: 6 Aldeias, 12 Experiências – Plano Integrado de Intervenção](#)

#### **GLOSSÁRIO**

Áreas não edificadas – área livres, sem edifícios, públicas ou privadas.

Coesão territorial – “Embora incluído ao mais alto nível em documentos oficiais, o conceito de coesão territorial não foi até

36

agora objeto de uma definição formal. É geralmente considerado como uma componente complementar dos objetivos de coesão social e económica e visa promover o desenvolvimento harmonioso e homogéneo em todo o território. Existe um amplo acordo sobre o facto de a coesão territorial ser um conceito multidimensional com pelo menos três componentes:

- qualidade territorial: qualidade do ambiente de trabalho e vivencial; padrões de qualidade de vida semelhantes entre diferentes territórios; acesso equitativo aos serviços de interesse geral e ao conhecimento;
- eficiência territorial: eficiência de recursos no que respeita à energia, ao solo e aos recursos naturais; competitividade do tecido económico e atratividade do território; acessibilidade interna e externa; capacidade de resistência às forças desagregadoras relacionadas com os processos de globalização; integração territorial e cooperação entre regiões;
- identidade territorial: presença de “capital social”; capacidade de desenvolver visões partilhadas sobre o futuro; especificidades e conhecimento locais; vocações produtivas e vantagens competitivas de cada território. (DGOTDU, 2011:5-6)

Edificado – conjunto de edifícios de/ numa determinada área urbana ou de/ num núcleo urbano.

Espaço físico – conjunto do edificado e das áreas não edificadas.

Espaços públicos – todo o tipo de áreas livres públicas construídas para servir diferentes tipos de usos (circulação automóvel e/ou de peões; transporte de bens; socialização e/ou comércio): vias, vielas, ruas, travessas, praças, pracetas, largos, rossios, jardins, parques, etc.

Território de baixa densidade – “...correspondem a áreas não só de baixa densidade demográfica, mas também de baixa densidade relacional, isto é, com um nível reduzido de interações quer entre pessoas (envelhecimento, fraca capacidade de mobilidade, etc.), quer entre instituições (por exemplo, cooperação entre empresas, unidades de investigação e de ensino superior e autarquias).” (FERRÃO, 2016:39)

#### **SUGESTÃO DE TRAJETO PARA VISITAS**

<https://goo.gl/maps/olPxmZX9RAjwSgu6>

37







SEMINÁRIO | Setembro, 23 | Sala Gomes Teixeira, dMAT.UC  
Conhecer os recursos e valores de Sicó

INICIATIVA DE VOLTA AO RURAL OU COMO REFORÇAR A COESÃO DA CIDADE REGIONAL?

- 14h30 **ABERTURA**  
Adelino Gonçalves e Margarida Relvão Calmeiro <sup>I</sup>, David Leandro e Rui Fernandes <sup>II</sup>
- 14h45 **A ecologia da paisagem da serra de Sicó e o seu papel como construção cultural**  
Pedro Bingre do Amaral <sup>III</sup>
- 15h15 **Castelos e muralhas do Mondego à rota Carmelita: estratégia de cooperação em turismo cultural**  
Ivânia Monteiro <sup>IV</sup>
- 15h45 **Viver nas aldeias da serra de Sicó**  
Ricardo Almendra <sup>V</sup>
- 16h15 Intervalo
- 16h30 **Construção vernácula: a importância da sua reabilitação e seu contributo para o desenvolvimento sustentável**  
Catarina Mouraz <sup>VI</sup>
- 17h15 **A arte de construir em calcário**  
Raimundo Mendes da Silva <sup>VI</sup>
- 17h45 **DEBATE**
- 18h30 **Encerramento**

I - Universidade de Coimbra: Departamento de Arquitetura / Iniciativa Patrimónios e Desenvolvimento  
IV - Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego  
VI - Universidade de Coimbra: Departamento de Engenharia Civil / Iniciativa Patrimónios e Desenvolvimento

II - Terras de Sicó  
III - Instituto Politécnico de Coimbra  
V - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território







## INICIATIVA DE VOLTA AO RURAL OU COMO REFORÇAR A COESÃO DA CIDADE REGIONAL?

- 14h30 **ABERTURA**  
Adelino Gonçalves e Margarida Relvão Calmeiro <sup>I</sup>, David Leandro e Rui Fernandes <sup>II</sup>
- 14h45 **A Coesão Territorial**  
Vitor Campos <sup>I</sup>
- 15h15 **Abordagem LEADER: desenvolvimento rural e coesão territorial**  
Luis Chaves <sup>III</sup>
- 15h45 **A dimensão cultural, natural e paisagística da Paisagem Protegida de Sico**  
Helda Ramalho <sup>IV</sup>
- 16h15 Intervalo
- 16h30 **A Programação da Reabilitação Urbana nas Aldeias de Calcário - Desafios e Propostas num Contexto de Integração Territorial**  
Renato Dias e Vilma Silva <sup>V</sup>
- 17h15 **DEBATE**
- 18h **Encerramento**  
David Leandro e Rui Fernandes

<sup>I</sup> - Universidade de Coimbra: Departamento de Arquitetura / Iniciativa Patrimónios e Desenvolvimento;  
<sup>II</sup> - Terras de Sico  
<sup>III</sup> - Minha Terra - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local  
<sup>IV</sup> - H Land  
<sup>V</sup> - TERRITÓRIO XXI - Gestão Integrada do Território e do Ambiente



O número de residentes nas aldeias da RAC varia entre menos de 10, em Ariques (Alvaiázere), e cerca de 150 em Casmilo (Condeixa-a-Nova). Naturalmente, um número tão baixo de residentes, reflete-se no nível de ocupação do espaço público das aldeias e nas relações interpessoais. O espaço público, tanto são as ruas, os pequenos largos ou os caminhos agroflorestais, porém, a dimensão pública da vida em comunidade também tem lugar em campos agrícolas, onde a conversa é posta em dia, mesmo durante a faina.

Esté é um valor muito importante destes campos. Eles servem, na maior parte das vezes, a produção para consumo próprio e não como fonte de rendimento, mas são também lugares de convívio e merecem ser pensados também como tal.

As relações destes lugares com o território onde se localizam, vêm-se muito condicionadas pela oferta reduzida de transportes públicos, sobretudo no caso das pessoas que não têm a possibilidade de se deslocarem autónomamente. De facto, o serviço de transporte de passageiros ocorre poucas vezes por semana e nem sempre com horário definido, tendo grandes implicações na qualidade de vida e bem estar das pessoas.

Por se tratar de pequenas aldeias, a população conhece-se quase toda e as suas rotinas também se baseiam nesse conhecimento. Assim, várias pessoas sentiam-se legitimadas a falar no plural e por vezes queixavam-se da falta de investimento, nestes locais.

Embora as nossas visitas tenham causado dúvidas e algum desconforto, este foi sempre ultrapassado rapidamente e fomos muito bem recebidos, sobretudo ao saberem da iniciativa académica que nos levou às aldeias e que tem o objetivo de valorizar e preservar o património natural e construído de Sicó e a captação de mais pessoas para as aldeias.

O emprego localiza-se fora das aldeias, nomeadamente nas sedes de concelho e nas cidades mais próximas. Do mesmo modo, os serviços públicos e de interesse coletivo, como saúde, ensino ou apoio social, encontram-se nestes mesmos lugares. Deste modo, os movimentos pendulares, tanto implicam a população ativa e/ou a população jovem, como as crianças, que se veem obrigadas a frequentar escolas que se localizam fora das aldeias. Tudo isto influencia muito o ambiente que se vive nas aldeias, quer durante o dia, quer durante a noite, mostrando assim como é

## Viver em Sicó!

“O vandalismo está a destruir as buracas”  
Sofia

“Quero ver a minha aldeia crescer”  
Adélia

“Casmilo tem 100 pessoas e 25% são jovens”  
Lurdes

A Companhia da Chanca instalou-se aqui na aldeia.

“Não pretendo sair daqui!”  
Catarina, 18 anos

“Faltam atividades para as crianças perto da aldeia”  
Adelaide

“Há aqui três ou quatro famílias”

“Vou ao centro de saúde à Redinha”  
Adelaide

“Fui embora à procura de emprego”  
Salvador

O último bebé a nascer na aldeia foi há 60 anos.

“Destroem o país todo”  
Luis, 63 anos

VIVER EM SICÓ



Sicó é um território rico em biodiversidade e onde é possível encontrar em toda a sua área uma variedade de espécies de flora e fauna que caracterizam a sua paisagem natural. O Carvalho-Cerquinho, por exemplo, tem em Sicó a maior mancha da Europa estendendo-se desde a Serra de Alvaiázere para norte.

Dada a formação cársica deste território, um dos elementos que mais caracteriza a paisagem é o calcário e está presente em várias formações geomorfológicas, como os canhões fluviocársicos, os algares, as buracas ou as lapiás, ou seja, em formações naturais. Porém, o calcário também se encontra presente na moldagem da paisagem pelo Homem em resultado da preparação de terrenos para a agricultura, nomeadamente com a construção de poios ou com a delimitação e proteção de terrenos de cultivo, em ambos os casos com o recurso a muros de pedra seca.

Na flora, além do Carvalho-Cerquinho, estão presentes outras espécies que representam um contributo valioso para a riqueza biológica de Sicó, como a azinheira, o freixo, o sobreiro ou o carvalho-alvarinho. A estas somam-se as que marcam alguns dos produtos endógenos de Sicó, como as oliveiras e as vinhas, onde predominam castas como Alfrocheiro Preto, Baga, Bastardo, Rufete, Tinta Roriz, Trincadeira e Touriga Nacional, Fernão Pires, Rabo de Ovelha, Arinto e Cerceal.

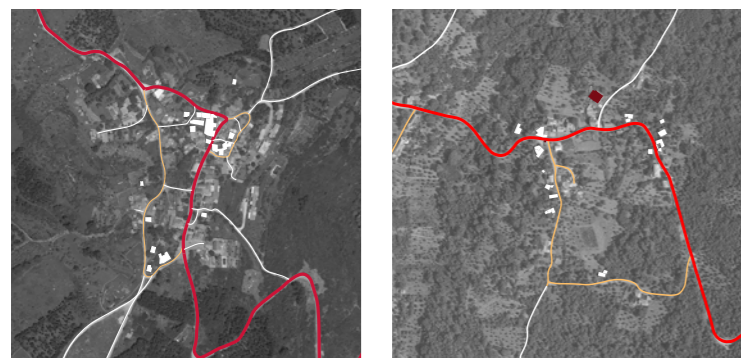


# PAISAGEM NATURAL DE SICÓ



# SICÓ : DO CALCÁRIO

# À FORMA CONSTRUÍDA



CHANCA

ARIQUES



POMBALINHO

A Rede de Aldeias de Calcário (RAC), Plano Integrado de Intervenção de Valorização Turística do Interior dedicado a Sicó criado pela Terras de Sicó, é composta pelas aldeias de Casmiolo, Chanca, Granja, Pombalinho, Poios, Ariques e Rabaçal, uma de cada município parceiro desta Associação de Desenvolvimento. Este território, apesar da sua localização geográfica próxima ao litoral, tem sofrido há décadas de uma evolução demográfica negativa que levou a uma consequente fragilização das dinâmicas socioeconómicas, o inevitável envelhecimento da população e a diminuição de vários serviços, que devem ser reforçados.

Apesar destas fraquezas, o território de Sicó tem também forças únicas, patentes no seu património natural e construído, onde o calcário, como elemento característico da formação cársica deste território, influenciou o modus vivendi em Sicó e a sua arquitetura vernácula.

As Buracas do Casmiolo são um exemplo da forma como o calcário se envolve e desenha o território e o mesmo se pode dizer do canhão fluviocársico de Poios ou das muitas lapíeis que existem em todo o território de Sicó. Por sua vez, o calcário está também presente na forma como o Homem usou a pedra ao longo do tempo para se fixar no território, construindo assim a paisagem cultural de Sicó. De facto, no terreno, somos confrontados com imensos muros de pedra seca, eiras, habitações e outras construções vernaculares com alvenarias de pedra. Estas diversas construções identificam e valorizam estes locais e por isso, apesar de estarem em áreas geograficamente distintas, formam a identidade da Rede de Aldeias de Calcário.

No caso particular dos muros de pedra seca, construídos com o despedramento dos terrenos para viabilizar a agricultura e ao mesmo tempo delimitarem propriedades, trata-se de um bem que a Terras de Sicó e os municípios parceiros pretendem inscrever na Lista de Património da Humanidade. Ainda hoje estes muros ladeiam vias, suportam poios e caracterizam de uma forma muito expressiva muitas colinas. Por outro lado, encontramos também eiras, com as casas de apoio, que seguem os métodos tradicionais de construção e se destacam pela sensibilidade e pragmatismo com que se usam os materiais de construção.

Para responder às necessidades de adaptação às condições do território foram desenvolvidas diversas estratégias e soluções que demonstram o grau de sustentabilidade destas aldeias. De facto, do conjunto das aldeias da RAC, excetuando Granja, todas são aldeias de serra, o que acresce dificuldades no que diz respeito ao acesso à água. Assim, apesar dos recursos hídricos serem limitados e também de difícil captação, a recolha e aproveitamento das águas pluviais é um tema comum na construção vernacular de Sicó e existem soluções que reforçam a marca identitária da RAC. Os sistemas de recolha e condução da água para reservatórios, são elementos importantes e, em vários casos, indissociáveis da própria construção de eiras e habitações.



GRANJA



POIOS



RABAÇAL

**ORGANIZAÇÃO DAS ALDEIAS**

As aldeias da RAC são núcleos pequenos que se organizam basicamente com vias que se dividem em 3 níveis:

- Vias principais – vias estruturantes da organização interna e que estabelecem a ligação com o território
- Vias secundárias – arruamentos que garantem a distribuição interna das aldeias
- Vias agroflorestais – vias que penetram na envolvente próxima das aldeias e têm a função principal de servir as atividades agrícolas e/ou atividades florestais e silvicultura

■ Serviços ■ Edifícios devolutos



CASMILO

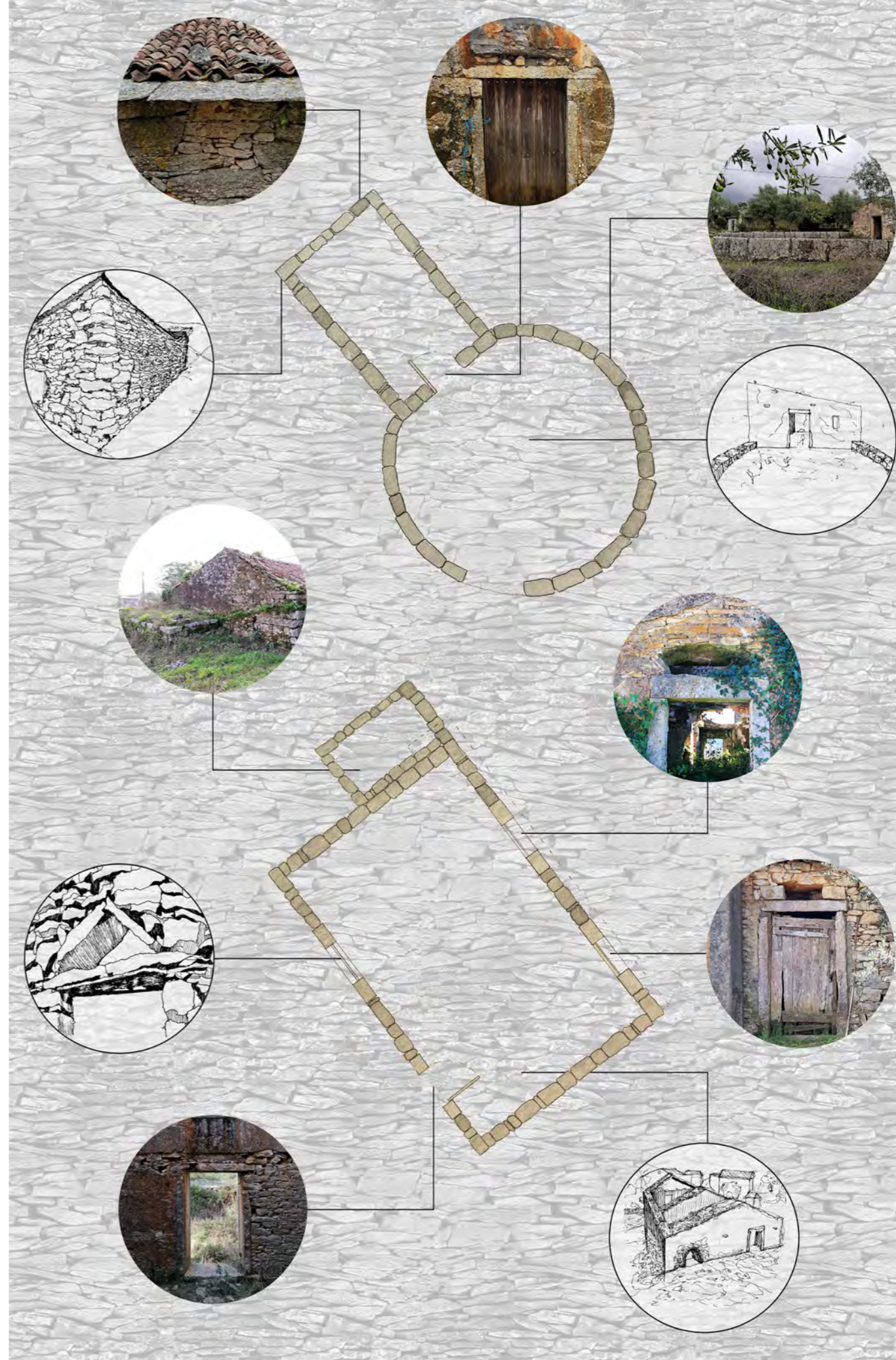
As soluções construtivas demonstram sempre uma grande inteligência, apesar dos poucos recursos e meios que existiram aquando da construção do património construído vernáculo de Sicó. A forma como é pensada a distribuição das cargas nos vãos, nomeadamente nas padieiras, tem diversas e interessantes soluções que encontramos em todas as aldeias, que vão desde um desenho triangular, quadrangular, em arco ou até mesmo à conjugação de padieiras duplas, em pedra e em madeira.

O próprio aparelho da alvenaria dos panos de parede, em alguns casos, os cunhais, tanto de habitações, como de construções de apoio, como currais, apresentam também soluções que refletem o cuidado, inteligência e vontade de desenho, pelo trabalho e escolha criteriosa das pedras para resultar num cruzamento perfeito de dois planos de paredes.

Assim, a arquitetura vernacular deste território responde pragmaticamente à escassez de recursos e estabelece uma relação próxima com as condições específicas do local, definindo assim a base dos valores deste património. Por isso é necessário, antes de qualquer intervenção, o conhecimento e compreensão do património construído de Sicó para a sua valorização e preservação e do mesmo modo que existe arquitetura vernácula digna de nota pelo cultural associado, infelizmente existe também arquitetura que revela uma incompreensão absoluta desses valores e uma insensibilidade extrema por este património.



ALDEIAS DE CALCÁRIO: Polos de Multifuncionalidade, Agregadores Sociais, Centros de Saber e Experiência  
PERCEÇÃO CRÍTICA DE SICÓ  
Atelier de Projeto ID. 2021/2022



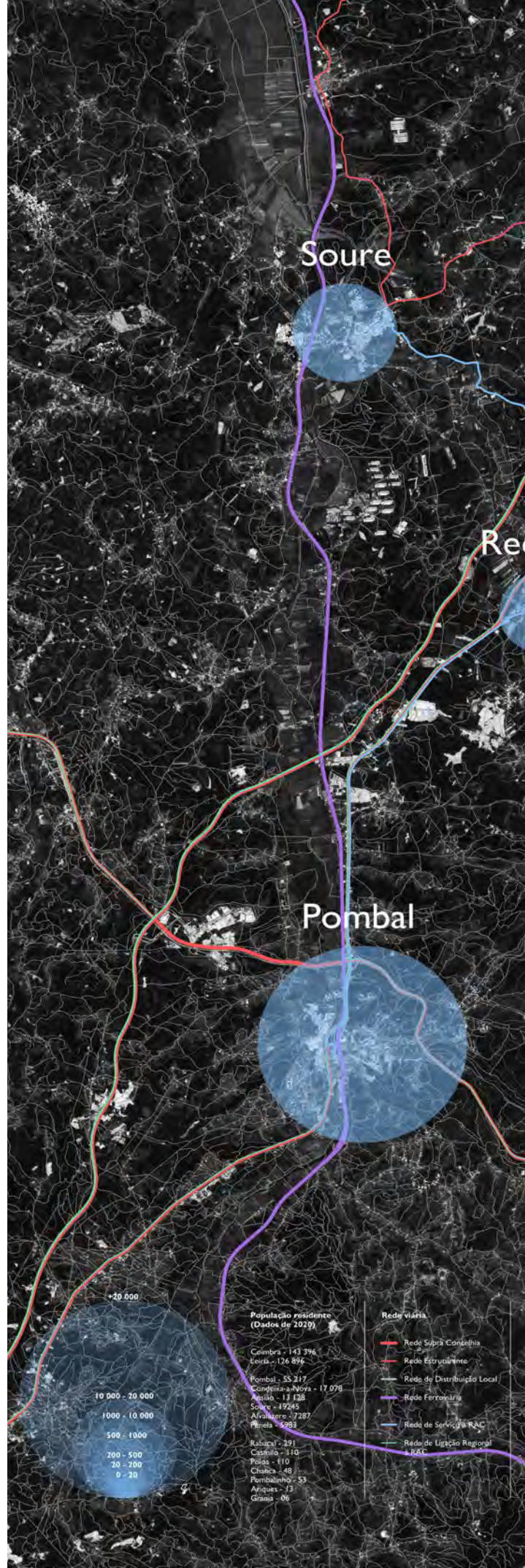
Autoria : Alexandre Pinto, Ana Pereira, Gonçalo Pereira, Guilherme Forte, Joana Ramos, Matthias Voulozuan  
Coordenação: Adelino Gonçalves

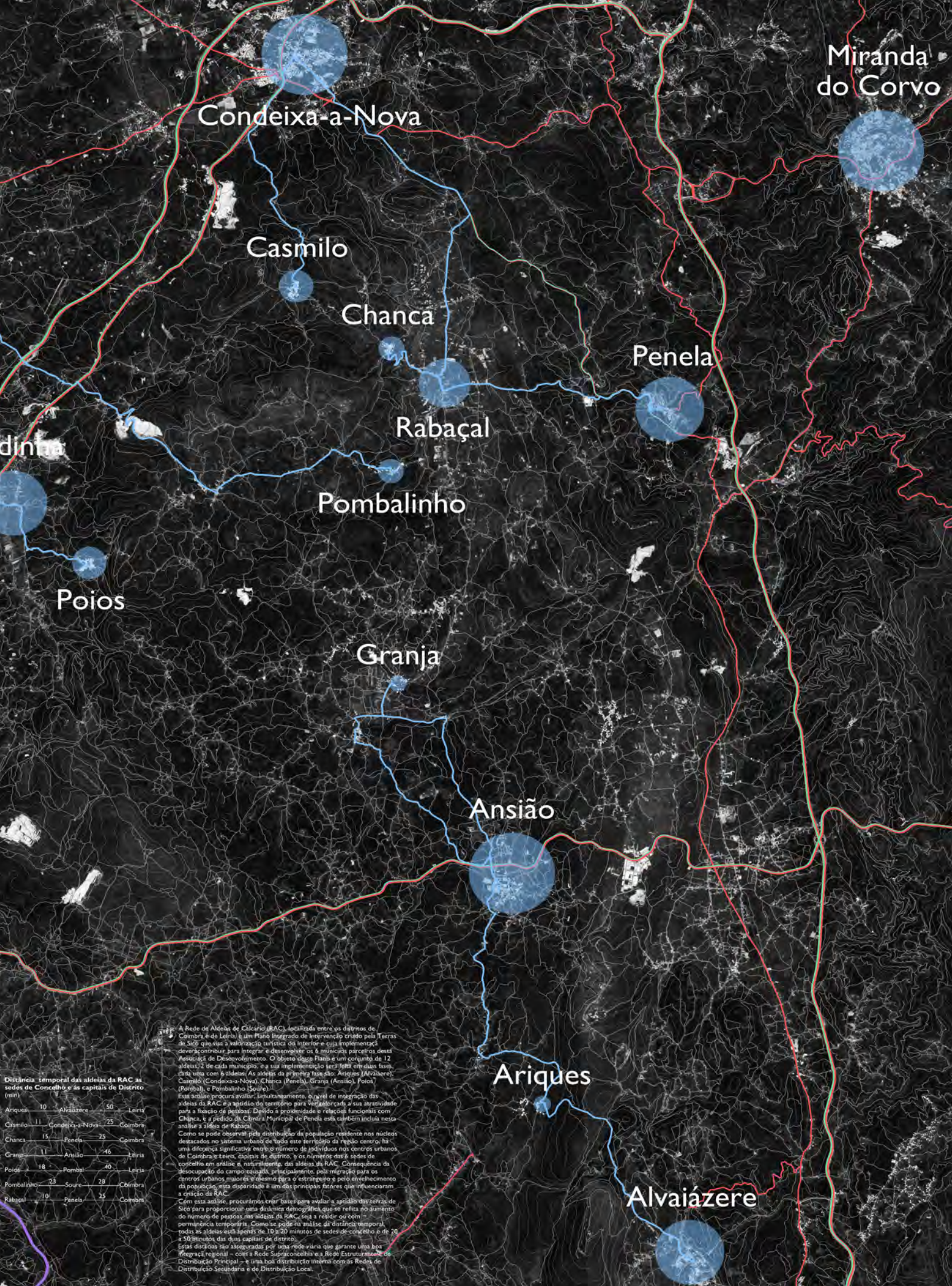
DO CALCÁRIO À FORMA CONSTRUÍDA



# INTEGRAÇÃO DA RAC NO SISTEMA URBANO

Partida	Destino	Distância em tempo	Distância em km
Aniques	Coimbra	48min.	59km
Aniques	Leiria	58min.	53km
Aniques	Alvaiázere ASCRA - Associação Social, Cultural e Recreativa de Almoester	7min	4,1km
Aniques	Hospital Santa Cecília em Alvaiázere	10 min	7,6km
Aniques	Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Ribeiro Ferreira, em Alvaiázere	10 min.	7,5 Km





188 A Rede de Aldeias de Calciário (RAC), localizada entre os distritos de Coimbra e de Leiria, é um Plano Integrado de Intervenção criado pela Terras de Sico que visa a valorização turística do interior e cuja implementação deverá contribuir para integrar e desenvolver os 6 municípios parciais desta região das Terras de Sico. O objectivo desta Rede é criar um conjunto de 12 aldeias, 2 de cada município, e a sua implementação terá lugar em duas fases, cada uma com 6 aldeias. As aldeias da primeira fase são: Ariques (Alvaiázere), Casmilo (Condeixa-a-Nova), Chanca (Penela), Granja (Ansião), Poios (Pombalinho), e Pombalinho (Soure).

Esta iniciativa procura avaliar o aproveitamento, o nível de integração das aldeias da RAC e a apóio do território para ser valorizado a sua atratividade para a fixação de pessoas. Devido à proximidade e relações funcionais com Chanca, e a pedido da Câmara Municipal de Penela, esta também incluiu nesta primeira fase de aldeias.

Esta análise procura avaliar o aproveitamento, o nível de integração das aldeias da RAC e a apóio do território para ser valorizado a sua atratividade para a fixação de pessoas. Devido à proximidade e relações funcionais com Chanca, e a pedido da Câmara Municipal de Penela, esta também incluiu nesta primeira fase de aldeias.

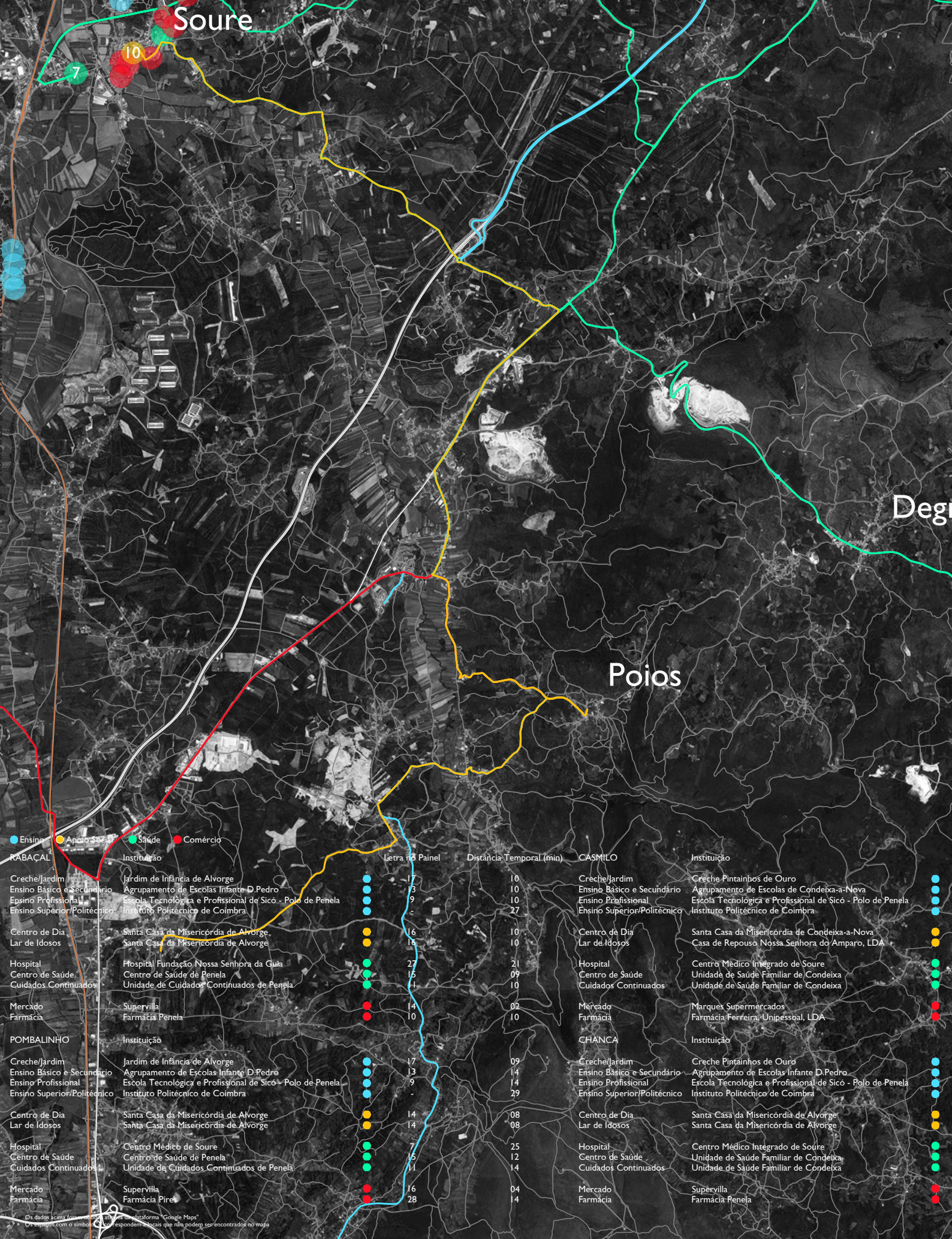
Como se pode observar pela distribuição da população residente nos núcleos destacados no sistema urbano de todo este território da região centro, há uma diferença significativa entre o número de indivíduos nos centros urbanos de Coimbra e Leiria, capitais do distrito, e os números destas sedes de concelho em relação à população residente nas aldeias da RAC. Consequência da desocupação do campo cultural, principalmente, pela migração para os centros urbanos maiores e, mesmo para o estrangeiro e pelo envelhecimento da população, esta disparidade é um dos principais fatores que influenciaram a criação da RAC.

Com esta análise, procuramos criar bases para avaliar a apóio das terras de Sico para proporcionar uma dinâmica demográfica que se reflita no aumento do número de pessoas nas aldeias da RAC, seja a retê-las ou com a permanência temporária. Como se pode ver na análise da distância temporal, todos os aldeias estão dentro de 10-20 minutos de sedes de concelho e de 20 a 50 minutos das suas capitais de distrito.

Estas distâncias são asseguradas por uma rede viária que garante uma boa integração regional – com a Rede Supraconcelhã e a Rede Estruturante de Distribuição Principal – e uma boa distribuição interna com as Redes de Distribuição Secundária e de Distribuição Local.

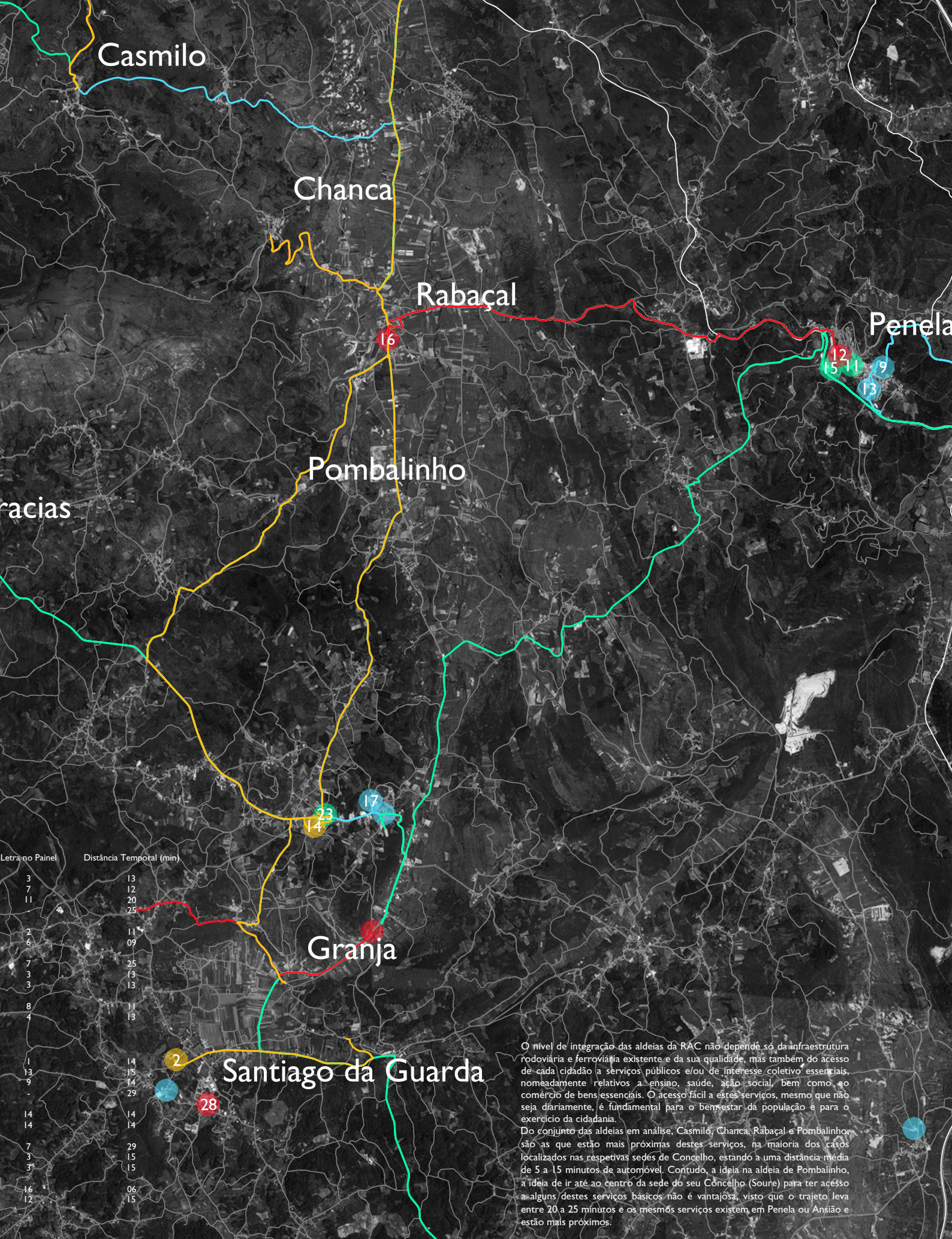
**Distância temporal das aldeias da RAC as sedes de Concelho e as capitais de Distrito (min)**

Ariques	10	Alvaiázere	30	Leiria
Casmilo	11	Condeixa-a-Nova	25	Coimbra
Chanca	15	Penela	25	Coimbra
Granja	11	Ansião	46	Leiria
Poios	18	Pombal	40	Leiria
Pombalinho	23	Soure	28	Coimbra
Rabaçal	10	Penela	25	Coimbra



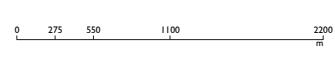
Localidade	Instituição	Letra no Painel	Distância Temporal (min)
RABAÇAL	Creche/Jardim	Jardim de Infância de Alvorge	17
	Ensino Básico e Secundário	Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro	13
	Ensino Profissional	Escola Tecnológica e Profissional de Sísó - Polo de Penela	9
	Ensino Superior/Politécnico	Instituto Politécnico de Coimbra	-
Centro de Dia	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	16	
	Lar de Idosos	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	16
Hospital	Hospital Fundação Nossa Senhora da Guia	27	
	Centro de Saúde	Centro de Saúde de Penela	15
	Cuidados Continuados	Unidade de Cuidados Continuados de Penela	11
Mercado	Supervilla	14	
	Farmácia	Farmácia Penela	10
POMBALINHO	Creche/Jardim	Jardim de Infância de Alvorge	17
	Ensino Básico e Secundário	Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro	13
	Ensino Profissional	Escola Tecnológica e Profissional de Sísó - Polo de Penela	9
	Ensino Superior/Politécnico	Instituto Politécnico de Coimbra	-
Centro de Dia	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	14	
	Lar de Idosos	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	14
Hospital	Centro Médico de Soure	25	
	Centro de Saúde	Centro de Saúde de Penela	15
	Cuidados Continuados	Unidade de Cuidados Continuados de Penela	11
Mercado	Supervilla	16	
	Farmácia	Farmácia Pires	28
CASMILLO	Creche/Jardim	Creche Pintainhos de Ouro	10
	Ensino Básico e Secundário	Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova	10
	Ensino Profissional	Escola Tecnológica e Profissional de Sísó - Polo de Penela	10
	Ensino Superior/Politécnico	Instituto Politécnico de Coimbra	27
Centro de Dia	Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova	10	
	Lar de Idosos	Casa de Repouso Nossa Senhora do Amparo, LDA	10
Hospital	Centro Médico Integrado de Soure	21	
	Centro de Saúde	Unidade de Saúde Familiar de Condeixa	09
	Cuidados Continuados	Unidade de Saúde Familiar de Condeixa	10
Mercado	Marques Supermercados	02	
	Farmácia	Farmácia Ferreira, Unipessoal, LDA	10
CHANCA	Creche/Jardim	Creche Pintainhos de Ouro	09
	Ensino Básico e Secundário	Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro	14
	Ensino Profissional	Escola Tecnológica e Profissional de Sísó - Polo de Penela	14
	Ensino Superior/Politécnico	Instituto Politécnico de Coimbra	29
Centro de Dia	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	08	
	Lar de Idosos	Santa Casa da Misericórdia de Alvorge	08
Hospital	Centro Médico Integrado de Soure	25	
	Centro de Saúde	Unidade de Saúde Familiar de Condeixa	12
	Cuidados Continuados	Unidade de Saúde Familiar de Condeixa	14
Mercado	Supervilla	16	
	Farmácia	Farmácia Penela	14

Os dados acima foram obtidos através da plataforma "Google Maps".  
 Os espaços com o símbolo de ponto verde representam locais que não podem ser encontrados no mapa.



O nível de integração das aldeias da RAC não depende só da infraestrutura rodoviária e ferroviária existente e da sua qualidade, mas também do acesso de cada cidadão a serviços públicos e/ou de interesse coletivo essenciais, nomeadamente relativos a ensino, saúde, ação social, bem como ao comércio de bens essenciais. O acesso fácil a estes serviços, mesmo que não seja diariamente, é fundamental para o bem-estar da população e para o exercício da cidadania.

Do conjunto das aldeias em análise, Casmilo, Chanca, Rabaçal e Pombalinho, são as que estão mais próximas destes serviços, na maioria dos casos localizados nas respetivas sedes de Concelho, estando a uma distância média de 5 a 15 minutos de automóvel. Contudo, a ideia na aldeia de Pombalinho, a ideia de ir até ao centro da sede do seu Concelho (Soure) para ter acesso a alguns destes serviços básicos não é vantajosa, visto que o trajeto leva entre 20 a 25 minutos e os mesmos serviços existem em Penela ou Ansião e estão mais próximos.



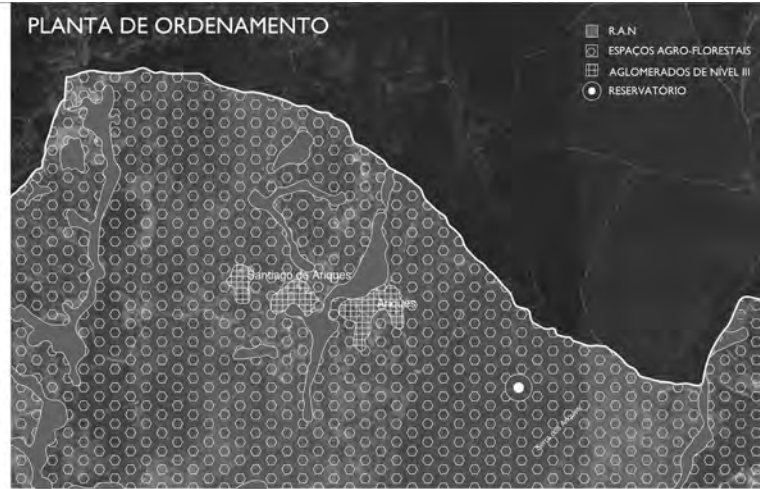


# ANÁLISE DO PDM - ARIQUES

## PLANTA DE CONDICIONANTES



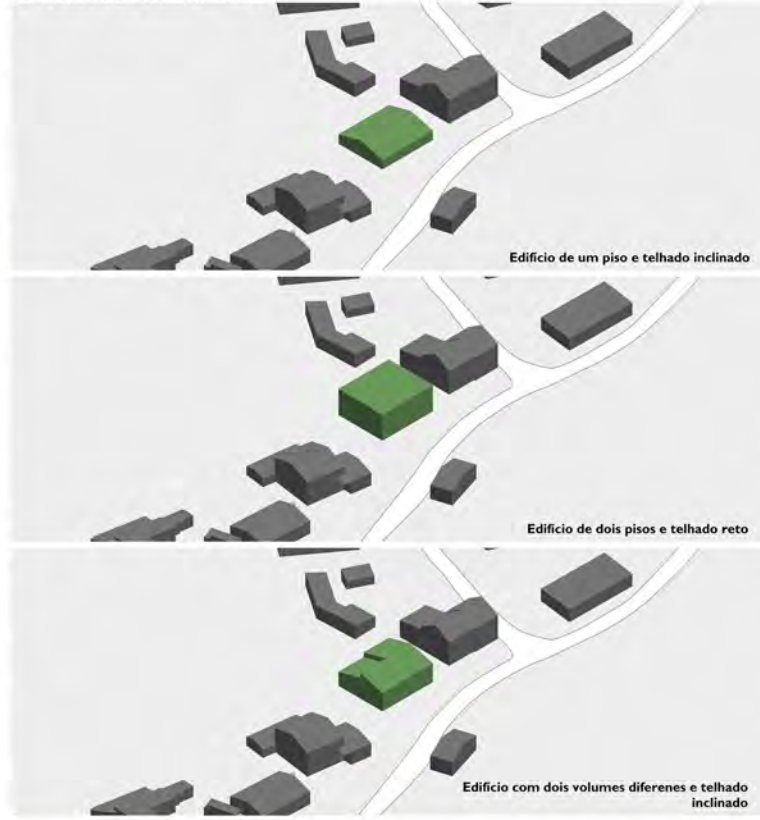
## PLANTA DE ORDENAMENTO



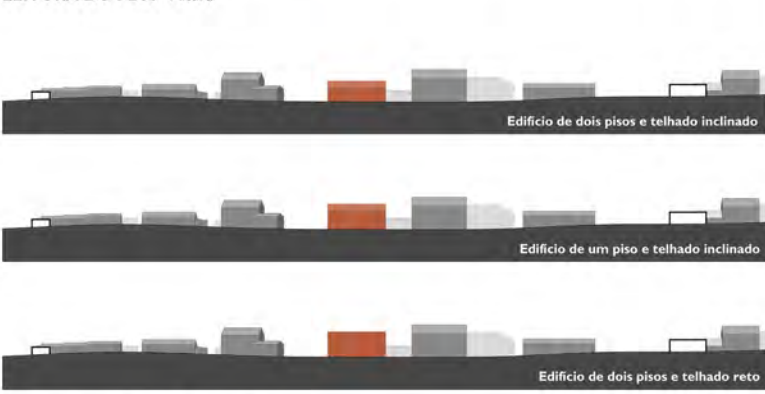
### LEITURA DO PDM - Implantação



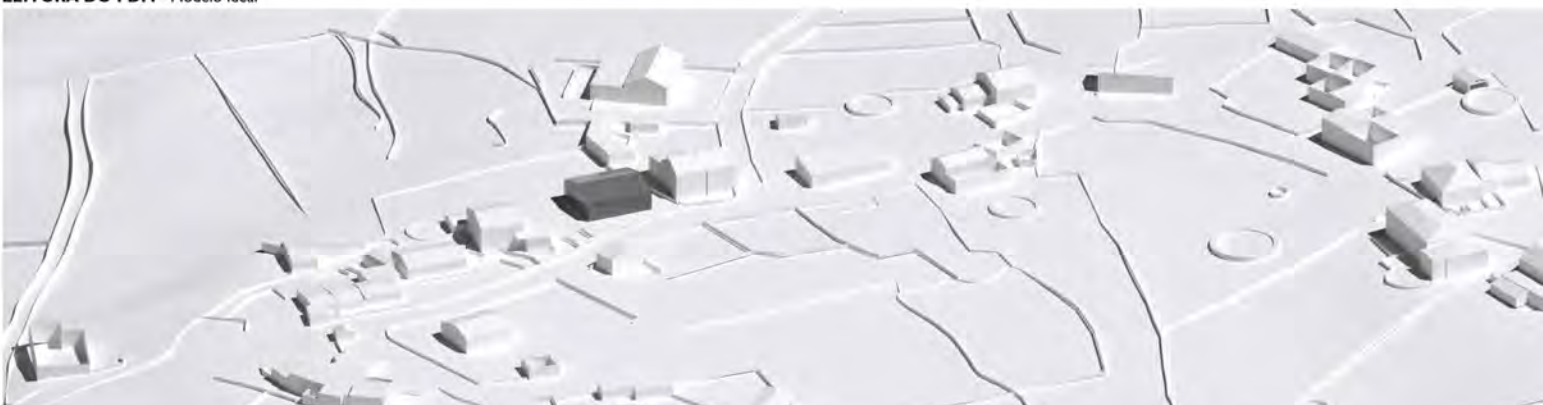
### LEITURA DO PDM - Volumetria



### LEITURA DO PDM - Altura



### LEITURA DO PDM - Modelo ideal





**Conselhos úteis / Useful advices**

- Privilegie a paragem nas zonas de apoio (Z.A.) identificadas pela Rota, pois estas são mais seguras e têm maior oferta de serviços.
- Try to use the support areas shown in the Route, as they are safer and have a wider range of services.
- Identifique, de forma visível, o veículo como viatura de apoio a peregrinos.
- Make sure the vehicle used as a support vehicle for pilgrims is clearly marked as such.
- Sempre que parar fora das Z.A. assinaladamente a paragem e evite estacionar onde já estiverem outras viaturas.
- Whenever you park the support vehicle outside the support areas make sure the area is clearly marked. Avoid stopping where other vehicles are already parked.
- Nunca acompanhe o grupo de peregrinos em marcha lenta.
- Do not follow the pilgrims in low gear.
- Abandone a Z.A. apenas após a partida do último peregrino.
- Do not leave until after the last pilgrim leaves the support area.
- Verifique que a Z.A. fica limpa após a passagem do seu grupo.
- Ensure the Support Area remains clean after your group leaves.

**LEGENDA / SERVICES KEY / SERVICES**

Alojamento / Accommodation	Albergue de Peregrinos / Pilgrims Accommodation	Abrigo / Shelter	Mini / Supermercado / Supermarket
Café / Bar	Restaurante / Restaurant	Posto de Turismo / Tourist Office	Multibanco / ATM
Correios / Post Office	WC	Farmácia / Pharmacy	Telefone público / Public Telephone
Monumento / Monument	Autocarro / Bus	Centro de Saúde / Health Centre	Wi-Fi
Comboio / Train	Táxi / Taxi	Parque de Merendas / Rest Area	Igreja / Capela / Church / Chapel
Polícia (PSP / GNR) / Police	Bombeiros / Fire Brigade		

**ONDE COMER / ONDE DORMIR**  
Where to eat / Where to sleep



[www.caminhosdefatima.com/rotacarmelita](http://www.caminhosdefatima.com/rotacarmelita)

PROMOTORES:



COFINANCIADO POR:



CAMINHOS DE  
**FATIMA**

Rota / Route  
**Carmelita**

**ZONAS DE APOIO A PEREGRINOS / VIATURAS**  
CONTACT POINTS / SUPPORT VEHICLES

**Coimbra >> Fátima**  
Início / Start: Carmelo de Santa Teresa  
Fim / Finish: Santuário de Fátima  
**111 Km**

28	Lunlar	Parque de Merendas	39.769022, -8.435316
27	Alvaizere	Largo da Igreja	39.824771, -8.382040
26	Fátima / Largo	do Salão Parquial	39.617325, -8.651352
25	Alvejar / Largo	da Estrada de Fátima	39.614941, -8.620347
24	São Sebastião	Largo	39.632277, -8.612766
23	Beltrao	Largo do Nicho	39.649044, -8.598213
22	Ourém	Pleães-Trevisé Jardim de Le	39.656911, -8.579022
21	Vale Travesso	Largo da Capela	39.672077, -8.559452
20	Santa / Casa-museu	Junta de Freguesia	39.674308, -8.526194
19	Caxarias	Largo da Feira	39.7082083, -8.526550
18	Rio de Couros	Largo da Igreja	39.733125, -8.490430
17	Freixianda	Largo da Igreja	39.762261, -8.459099
16	Aldela da Serra	Chalanz / Ponte	39.781455, -8.457941
15	Banhosa	Capela	39.801225, -8.457694

14	Bolinho / Esc. Primária	Unidade de Alojamento	39.813675, -8.430666
13	Santiago dos Arques	Capela	39.85830, -8.430561
12	Casal Soeiro	Capela	39.889658, -8.418925
11	Vale Perrim		39.902801, -8.427488
10	Santiago da Guarda	Parque de Merendas	39.948369, -8.478805
9	Ribeiro da Vide		39.907893, -8.437868
8	Alvorge / Parque de Merendas / Fonte Ladeira		39.98235, -8.452358
7	Rabagal / Capela de Nossa Sr.ª da Piedade		40.029430, -8.454958
6	Fonte Coberta	Parque do Peregrino	40.072193, -8.467326
5	Ruínas de Contimbriga	Parque de Merendas	40.098733, -8.491441
4	Condexa-a-Nova	Jardim dos Silvais	40.116852, -8.492886
3	Cernache	Largo da Fonte	40.126963, -8.480763
2	Cernache	Rua da Mesura	40.139719, -8.468363
1	Coimbra / Miradouro do Vale do Inferno		40.190725, -8.433423





CAMINHOS DE  
**FATIMA**

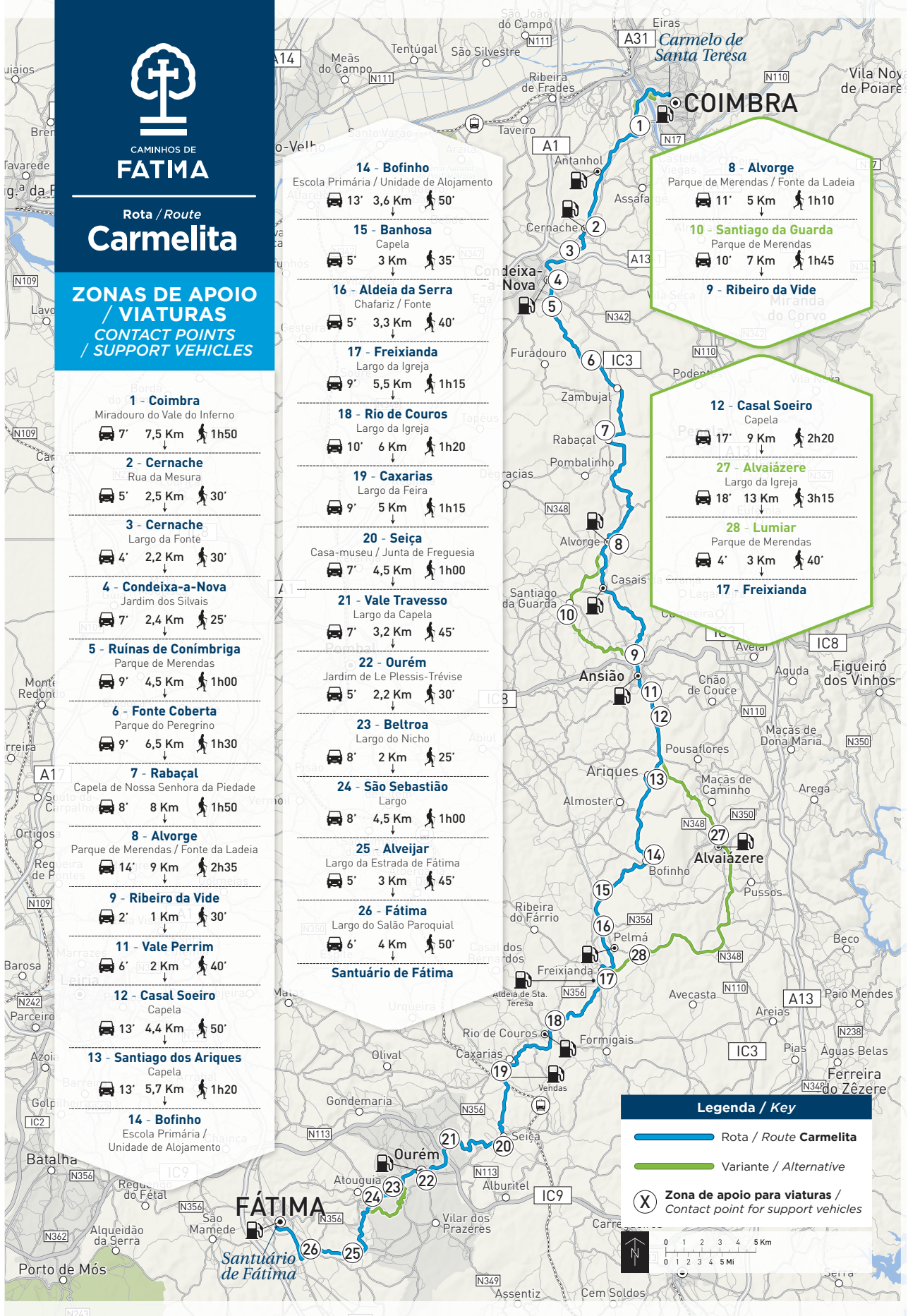
Rota / Route  
**Carmelita**

**ZONAS DE APOIO  
/ VIATURAS**  
CONTACT POINTS  
/ SUPPORT VEHICLES

- 1 - Coimbra**  
Miradouro do Vale do Inferno  
Car: 7', 7,5 Km | Pé: 1h30'
- 2 - Cernache**  
Rua da Mesura  
Car: 5', 2,5 Km | Pé: 30'
- 3 - Cernache**  
Largo da Fonte  
Car: 4', 2,2 Km | Pé: 30'
- 4 - Condeixa-a-Nova**  
Jardim dos Silvais  
Car: 7', 2,4 Km | Pé: 25'
- 5 - Ruínas de Conímbriga**  
Parque de Merendas  
Car: 9', 4,5 Km | Pé: 1h00'
- 6 - Fonte Coberta**  
Parque do Peregrino  
Car: 9', 6,5 Km | Pé: 1h30'
- 7 - Rabaçal**  
Capela de Nossa Senhora da Piedade  
Car: 8', 8 Km | Pé: 1h50'
- 8 - Alvorge**  
Parque de Merendas / Fonte da Ladeia  
Car: 14', 9 Km | Pé: 2h35'
- 9 - Ribeiro da Vide**  
Car: 2', 1 Km | Pé: 30'
- 11 - Vale Perrim**  
Car: 6', 2 Km | Pé: 40'
- 12 - Casal Soeiro**  
Capela  
Car: 13', 4,4 Km | Pé: 50'
- 13 - Santiago dos Ariques**  
Capela  
Car: 13', 5,7 Km | Pé: 1h20'
- 14 - Bofinho**  
Escola Primária / Unidade de Alojamento  
Car: 13', 3,6 Km | Pé: 50'

- 15 - Banhosa**  
Capela  
Car: 5', 3 Km | Pé: 35'
- 16 - Aldeia da Serra**  
Chafariz / Fonte  
Car: 5', 3,3 Km | Pé: 40'
- 17 - Freixianda**  
Largo da Igreja  
Car: 9', 5,5 Km | Pé: 1h15'
- 18 - Rio de Couros**  
Largo da Igreja  
Car: 10', 6 Km | Pé: 1h20'
- 19 - Caxarias**  
Largo da Feira  
Car: 9', 5 Km | Pé: 1h15'
- 20 - Seiça**  
Casa-museu / Junta de Freguesia  
Car: 7', 4,5 Km | Pé: 1h00'
- 21 - Vale Travesso**  
Largo da Capela  
Car: 7', 3,2 Km | Pé: 45'
- 22 - Ourém**  
Jardim de Le Plessis-Trévisé  
Car: 5', 2,2 Km | Pé: 30'
- 23 - Beltroa**  
Largo do Nicho  
Car: 8', 2 Km | Pé: 25'
- 24 - São Sebastião**  
Largo  
Car: 8', 4,5 Km | Pé: 1h00'
- 25 - Alvejar**  
Largo da Estrada de Fátima  
Car: 5', 3 Km | Pé: 45'
- 26 - Fátima**  
Largo do Salão Paroquial  
Car: 6', 4 Km | Pé: 50'

- 8 - Alvorge**  
Parque de Merendas / Fonte da Ladeia  
Car: 11', 5 Km | Pé: 1h10'
- 10 - Santiago da Guarda**  
Parque de Merendas  
Car: 10', 7 Km | Pé: 1h45'
- 9 - Ribeiro da Vide**
- 12 - Casal Soeiro**  
Capela  
Car: 17', 9 Km | Pé: 2h20'
- 27 - Alvaizere**  
Largo da Igreja  
Car: 18', 13 Km | Pé: 3h15'
- 28 - Lumiar**  
Parque de Merendas  
Car: 4', 3 Km | Pé: 40'
- 17 - Freixianda**



**Legenda / Key**

- Rota / Route Carmelita
- Variante / Alternative
- X Zona de apoio para viaturas / Contact point for support vehicles

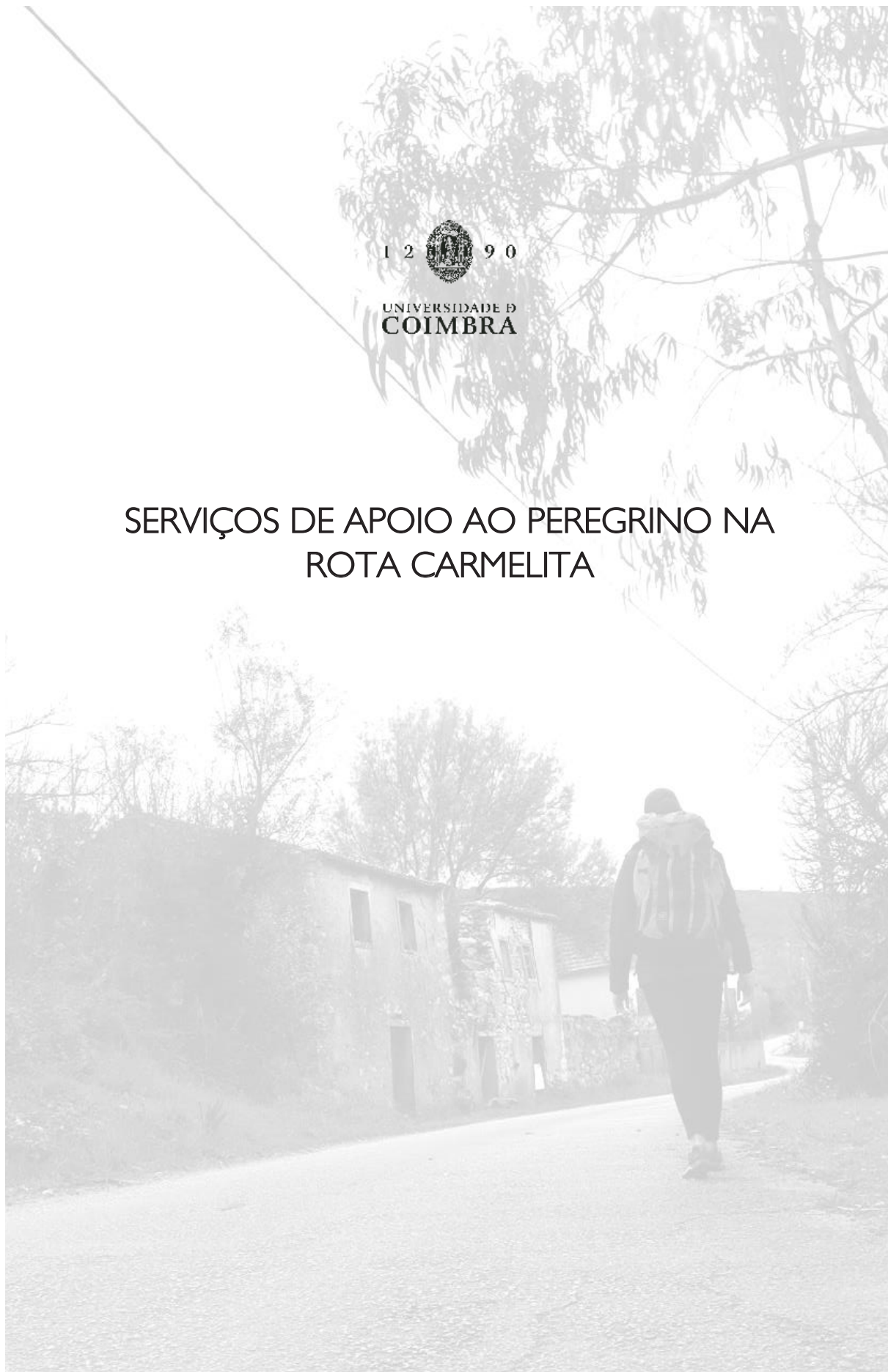
0 1 2 3 4 5 Km  
0 1 2 3 4 5 Mi



1 2 0 1 9 0

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

# SERVIÇOS DE APOIO AO PEREGRINO NA ROTA CARMELITA



## Inquérito por questionário aos serviços de alojamento na região de Sicó

O presente questionário pretende traçar o perfil da/o peregrina/o de Sicó, assim como das atividades em espaço rural procuradas pelos mesmos, e está enquadrado numa investigação em curso para a tese de Mestrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação aplicada intitulado "De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?", proposto pelo Professor Doutor Adelino Gonçalves. Este projeto tem o Maciço de Sicó como território de ação e visa o reforço da sua atratividade através da valorização da Rede de Aldeias de Calcário [RAC] constituída por: Ariques, Granja, Poios, Pombalinho, Chanca e Casmilo.

Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins académicos, garantindo-se a confidencialidade dos mesmos.

Agradeço a colaboração, o tempo e a atenção dispensados no preenchimento do questionário.

Joana Ramos (Estudante de Mestrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra)

### 1. Nome do estabelecimento

---

### 2. Capacidade

---

### 3. Frequência (número de pessoas por período)

---

---

---

### 4. Quanto tempo em média dura a visita a Sicó?

- Umhas horas
- Um dia
- Dois dias
- Uma semana
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

5. Em que alturas do ano recebe maior número de hóspedes?

- Ao longo do ano, aos fins-de-semana
- No Verão
- Na época do Natal
- Na época da Páscoa
- Outros períodos

6. Os visitantes manifestam geralmente com frequência o seu desejo de mais equipamentos e serviços? (assinalar as respostas que achar pertinentes)

- Posto de saúde
  - Comunicações
  - Farmácias
  - Comércio
  - Cafés
  - Restaurantes
  - Alojamentos
  - Outros. Quais? \_\_\_\_\_
- 

7. Que recursos, valores ou atividades são mais procuradas pelos visitantes? (ordene por ordem crescente de procura, (1) maior procura e (8) menor procura ou assinale a última opção)

- Arquitetura tradicional
- Gastronomia local
- Vestígios arqueológicos
- A contemplação das paisagens
- Ambiente rural
- Agricultura
- Desportos
- Estudos relacionados com a fauna e flora
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- Não tenho conhecimento





UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

## O PEREGRINO NA ROTA CARMELITA



## Inquérito por questionário aos Peregrinos na região de Sicó

O presente questionário pretende traçar o perfil da/o peregrina/o de Sicó, assim como das atividades em espaço rural procuradas pelos mesmos, e está enquadrado numa investigação em curso para a tese de Mestrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra, no âmbito do projeto de investigação aplicada intitulado "De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?", proposto pelo Professor Doutor Adelino Gonçalves. Este projeto tem o Maciço de Sicó como território de ação e visa o reforço da sua atratividade através da valorização da Rede de Aldeias de Calcário [RAC] constituída por: Ariques, Granja, Poios, Pombalinho, Chanca e Casmilo.

Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins académicos, garantindo-se a confidencialidade dos mesmos.

Agradeço a colaboração, o tempo e a atenção dispensados no preenchimento do questionário.

Joana Ramos (Estudante de Mestrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra)

### 1. Em que altura do ano realiza/ realizou a peregrinação?

- Ao longo do ano, aos fins-de-semana
- No Verão
- Na época do Natal
- Na época da Páscoa
- Outros períodos

### 2. De acordo com a sua experiência, qual ou quais serviços acha pertinente existir ao longo do percurso? (assinalar as respostas que achar pertinentes)

- Posto de saúde
- Comunicações
- Farmácias
- Comércio
- Restauração e bebidas
- Alojamentos
- Pontos de água
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_



**3. Tem conhecimento da existência de serviços de apoio médico e para alojamento do peregrino entre o Rabaçal e Ariques?** (Se se justificar indique quais.)

- Não
- Sim. Quais?

---

---

---

**4. Se já ficou acomodado em Sicó em peregrinação, que comodidades sente falta no(s) alojamento(s) onde pemoitou?** (assinale todas as corretas)

- Áreas comuns
- Áreas privadas
- Tratamento de roupa
- Área de oração/meditação
- Cuidados médicos
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

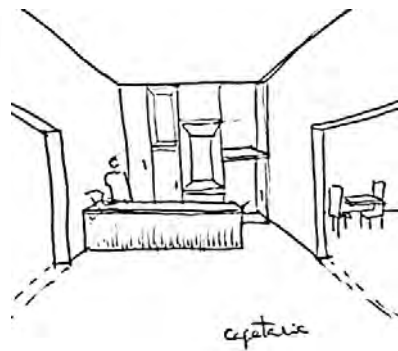
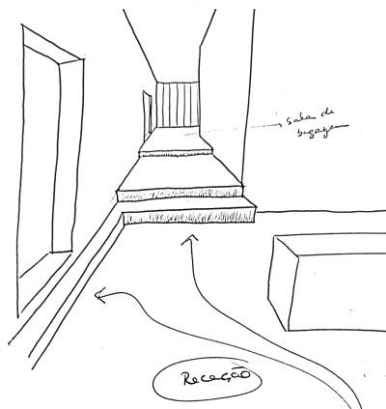
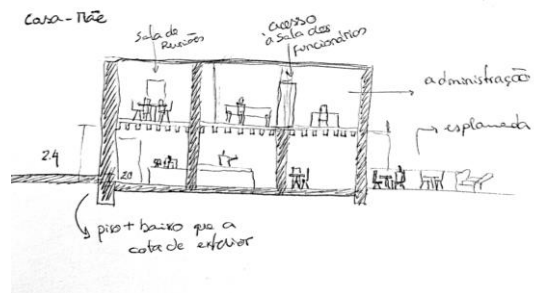
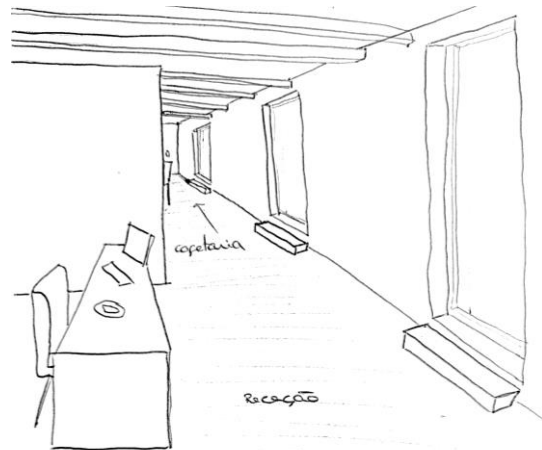
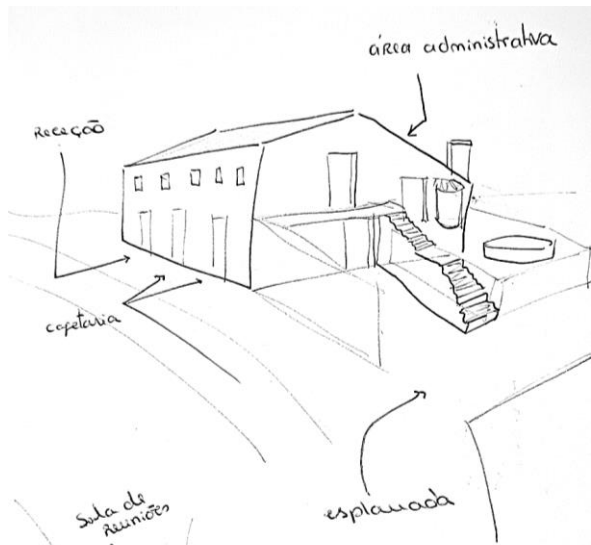
---

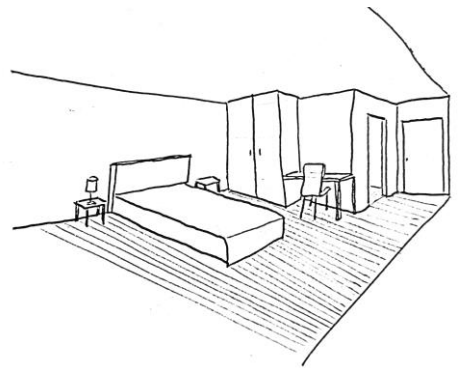
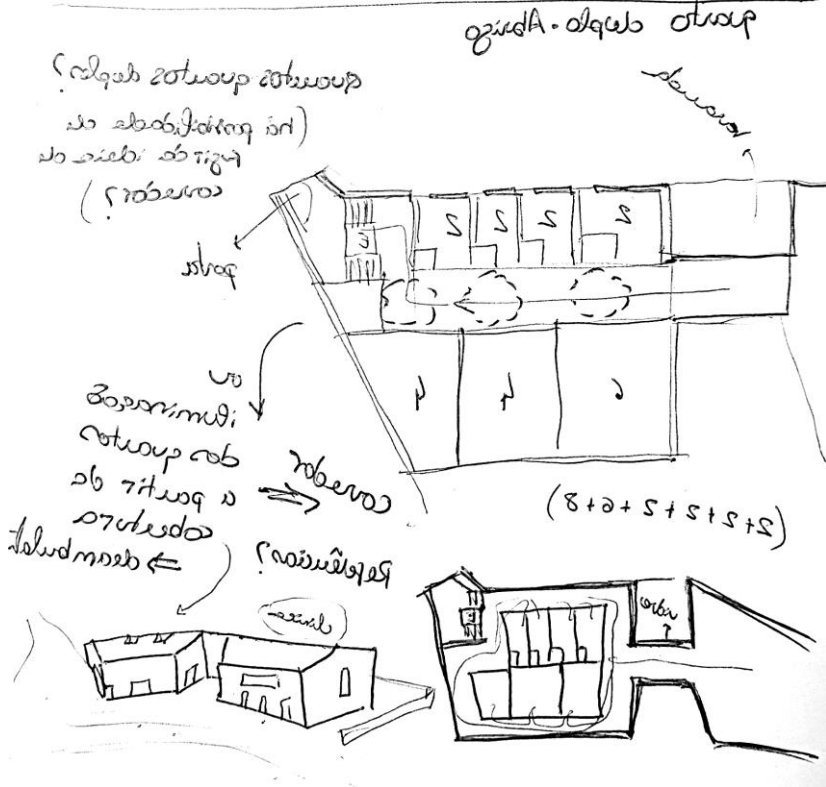
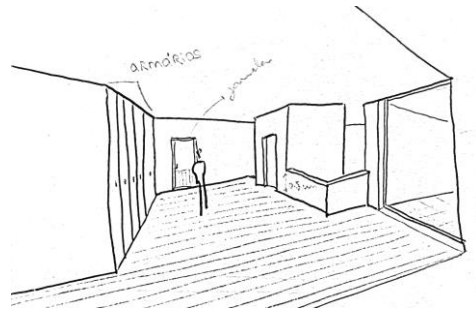
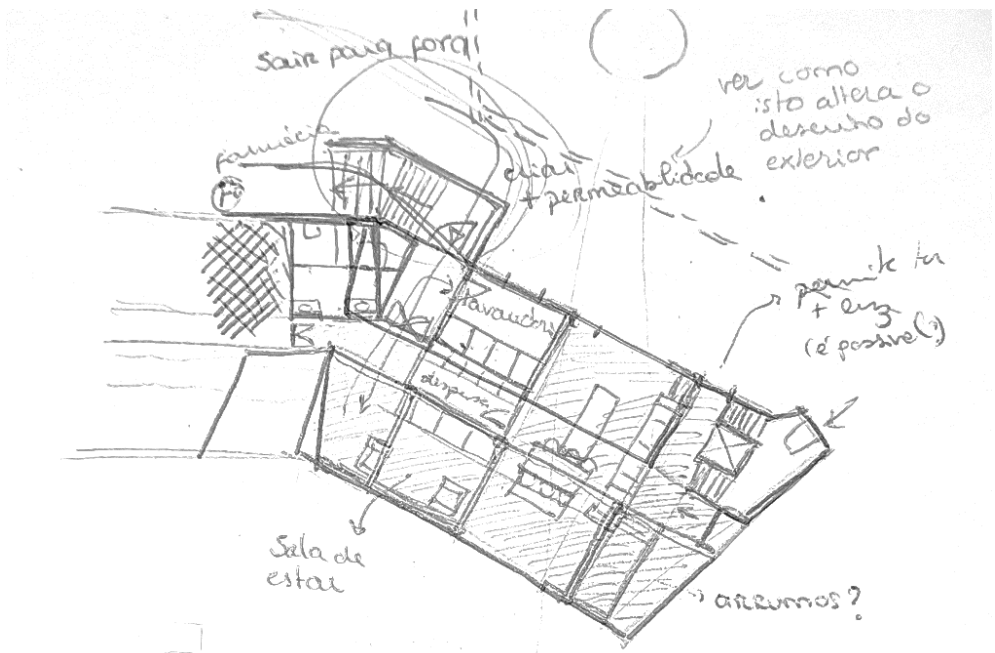


ARIQUES

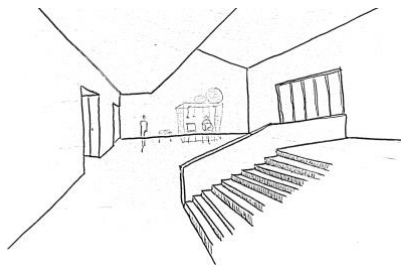


# CASA-MÃE





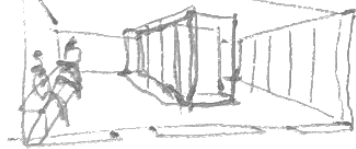




Passagem dos balneários para baixo: (teste)

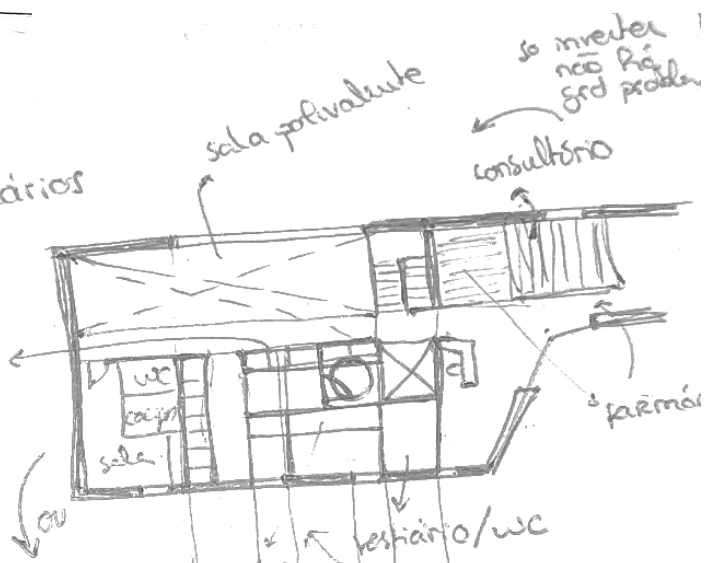
✓ funciona

casas de banho com portas voltadas para o vestiário? (há problema?)



sala polivalente  
consultório  
so inveter não há grd problema

ARRUMOS



ARRUMOS da sala

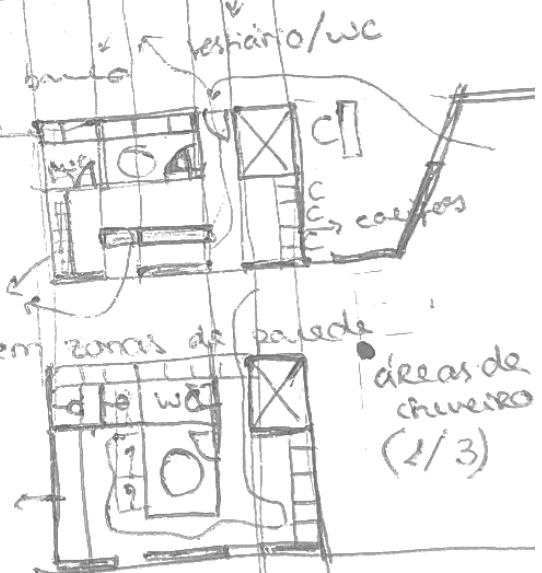
banco

banco

OU

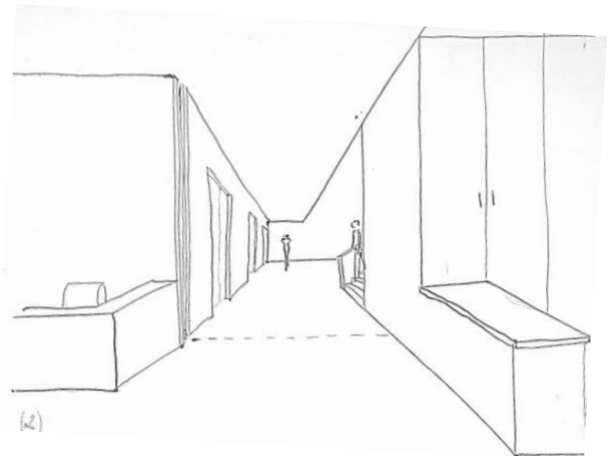
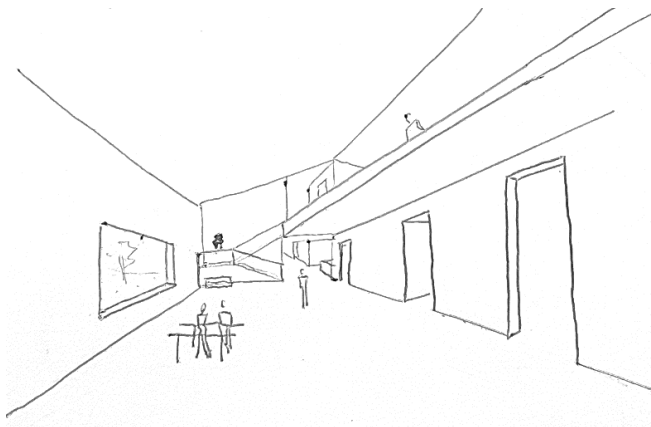
OU

OU



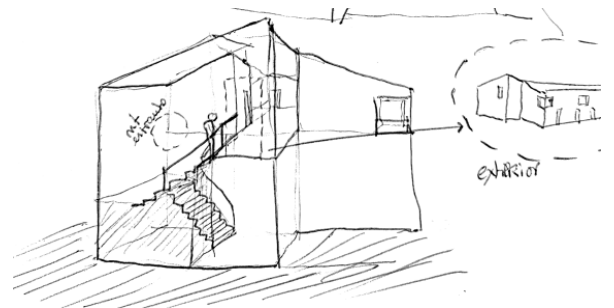
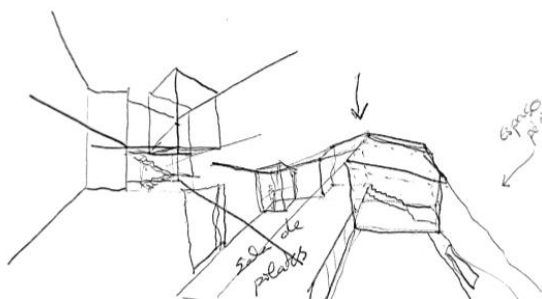
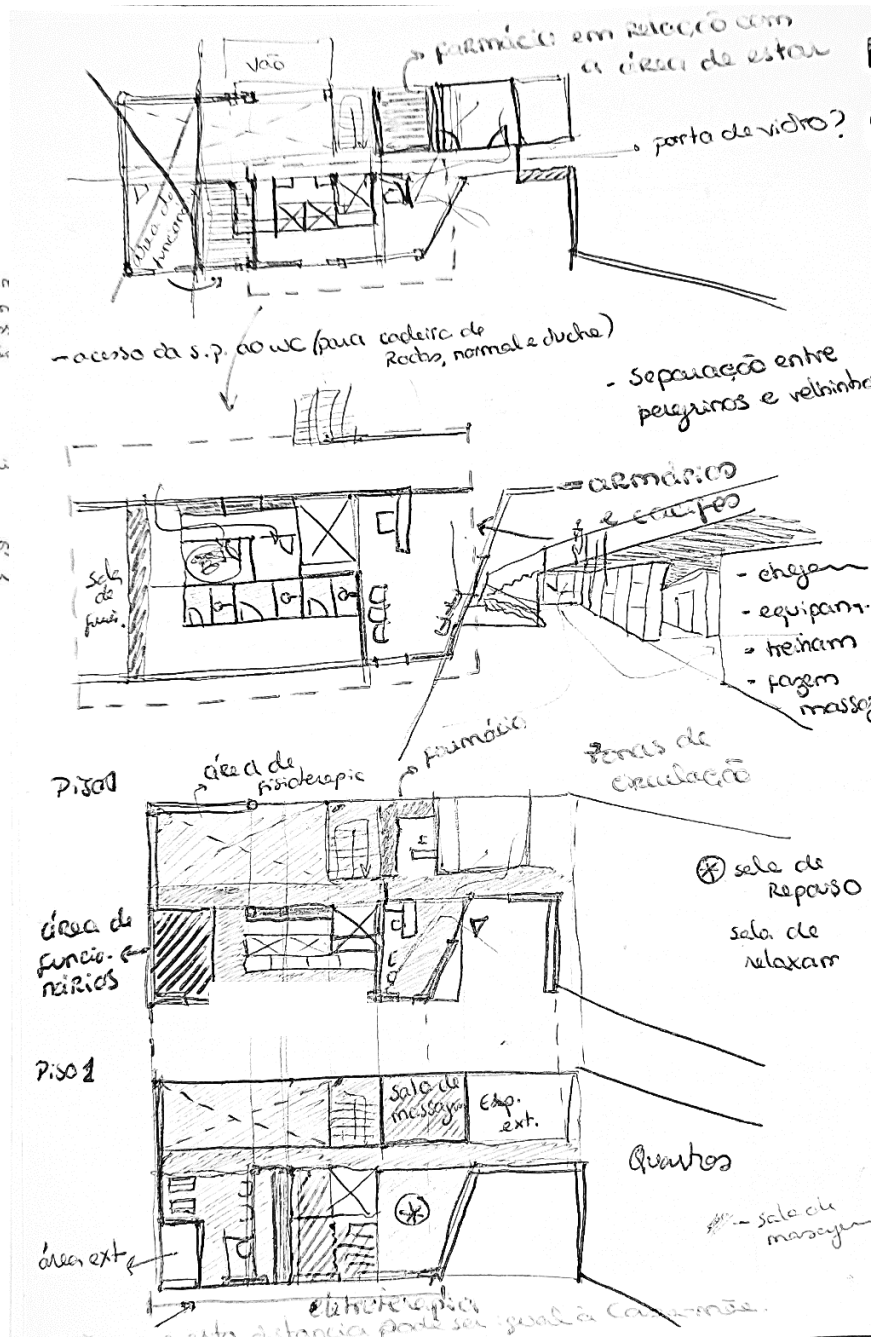
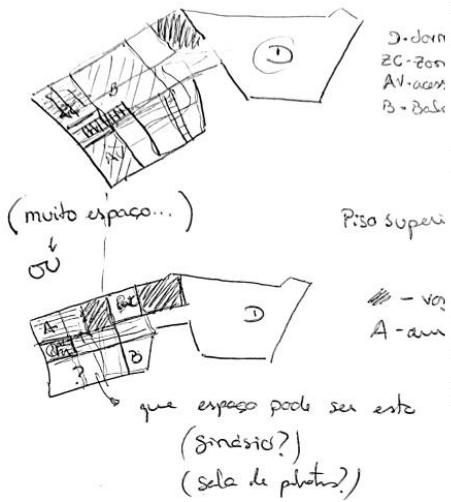
em zonas de parede

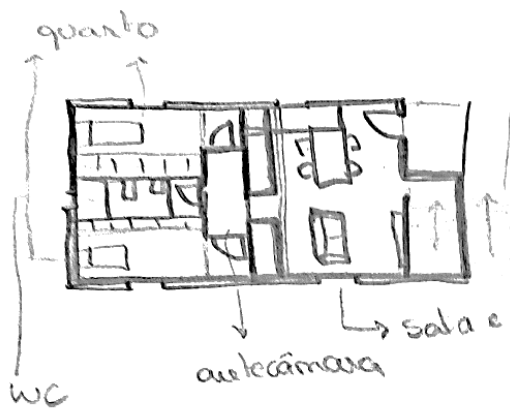
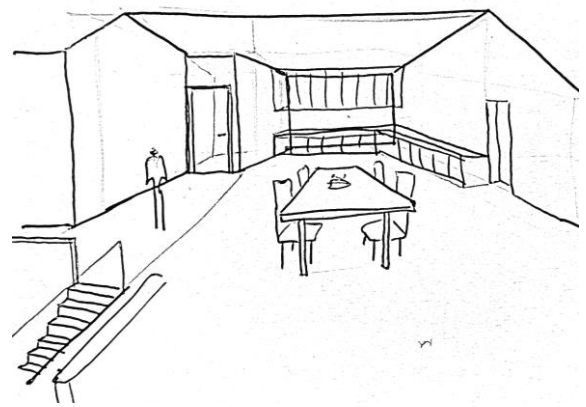
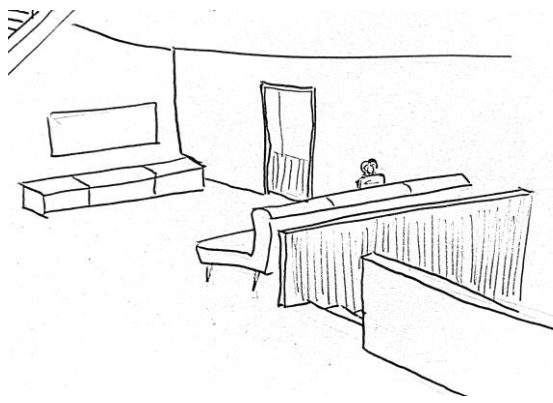
áreas de chuveiro (1/3)



(2)



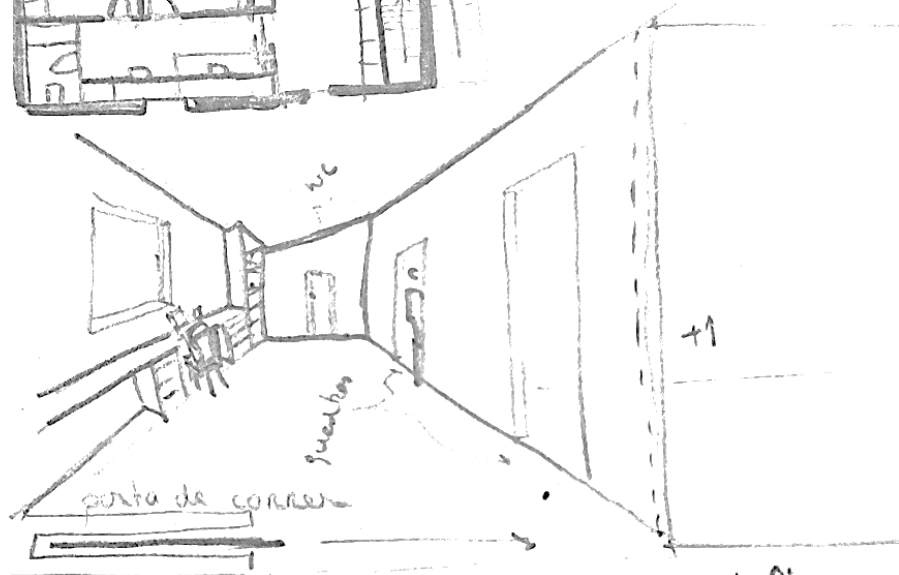
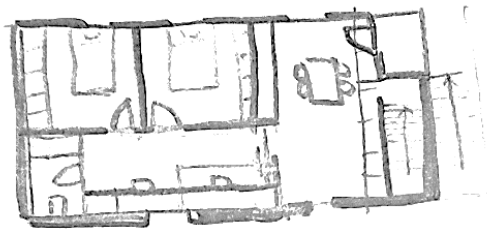




Pts fortes que se relacionam com as casas no rural...

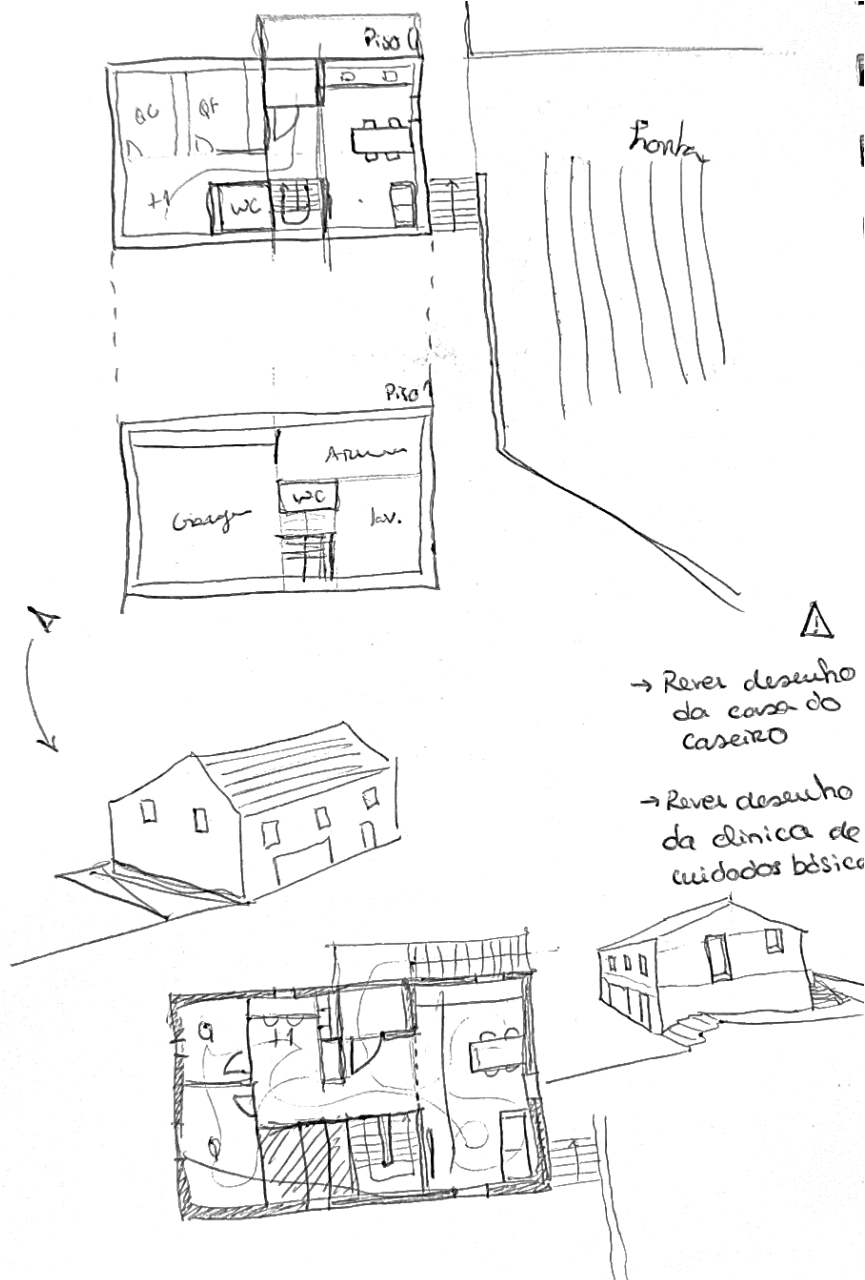
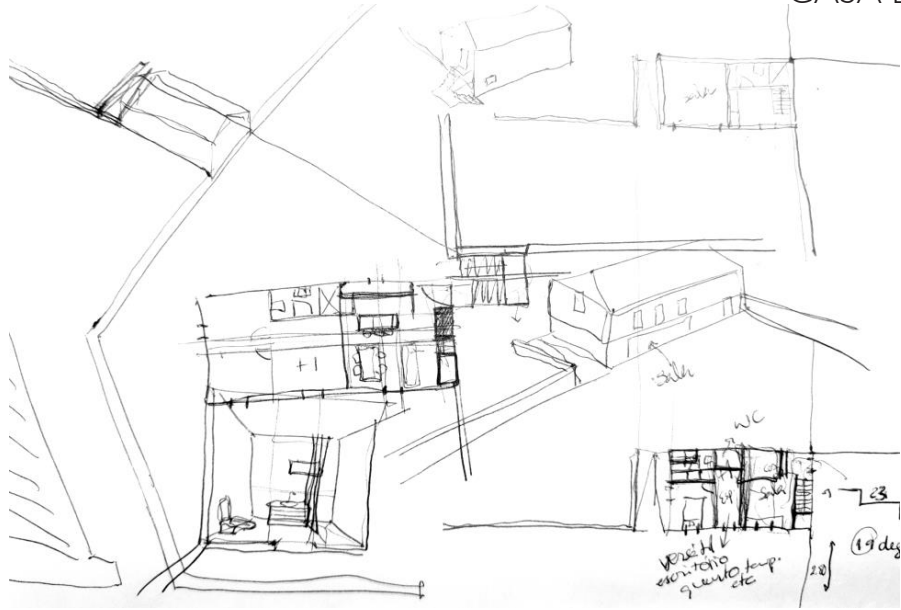
2. Entrada para a cozinha

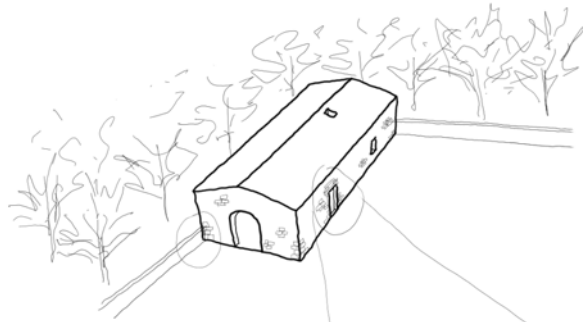
⚠️ tenho espaço para isto? (tenho dúvidas)



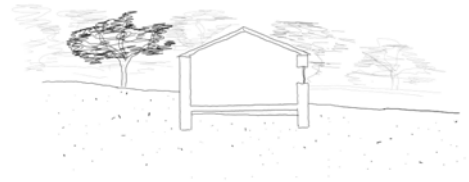
Assume-se como um espaço de trabalho e/ou arrumos... Perdi-se a ligação com a sala mas poderá trocar de posição com o v (nis impedindo a ideia de corredor, mas facilitando a vida das visitas...)

CASA DO CASEIRO

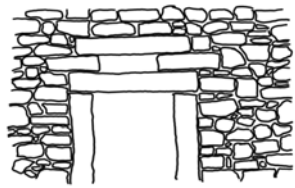




Curral

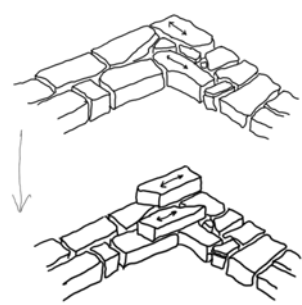
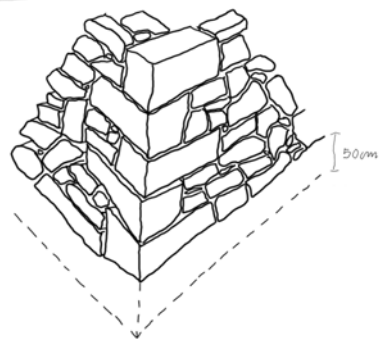


pedreira



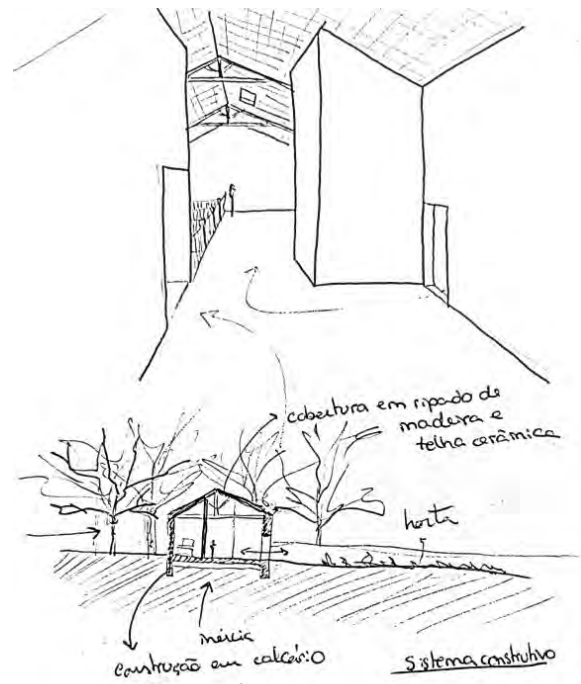
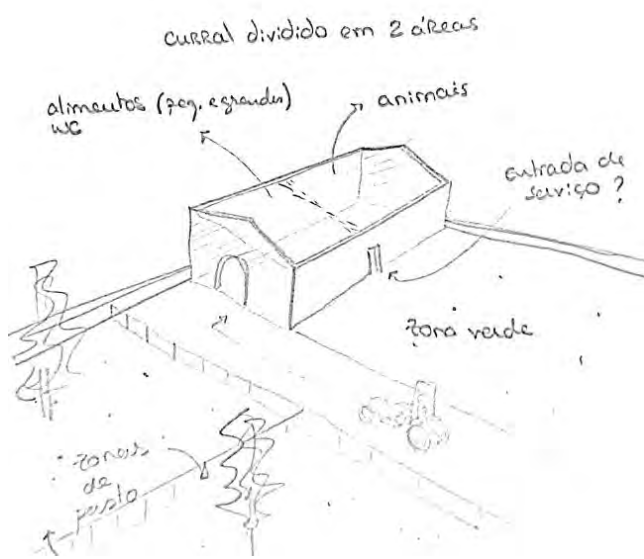
A utilização deste método de construção permite a abertura de vãos de maiores dimensões e a abertura superior por cima destes serve de respiro, elemento importante na ventilação dos currais.

curral

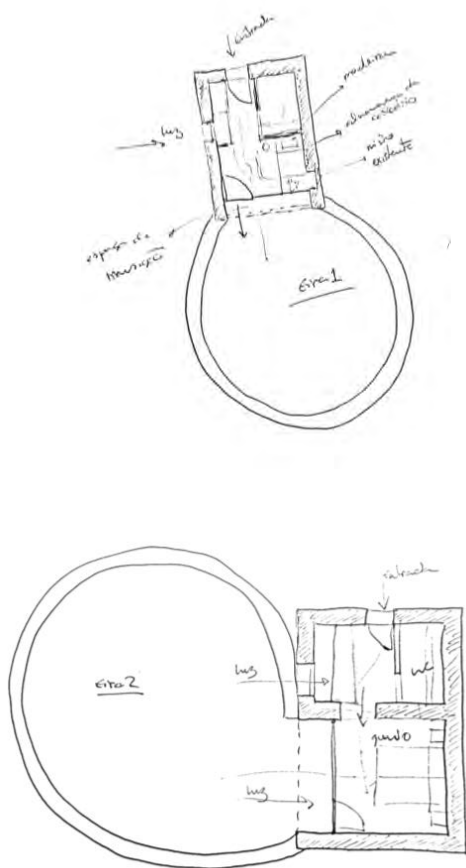


A segunda fachada é executada de forma que a primeira fique bem travada e isto é possível através do encaixe das pedras da fachada inferior com as da fachada superior nos cantos.

# CURRAL



# CASAS DE EIRA



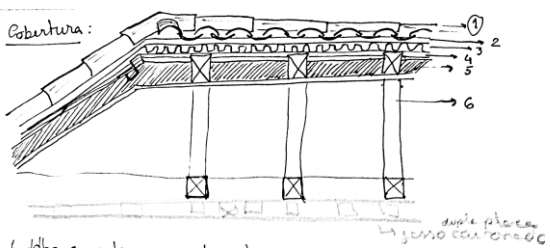
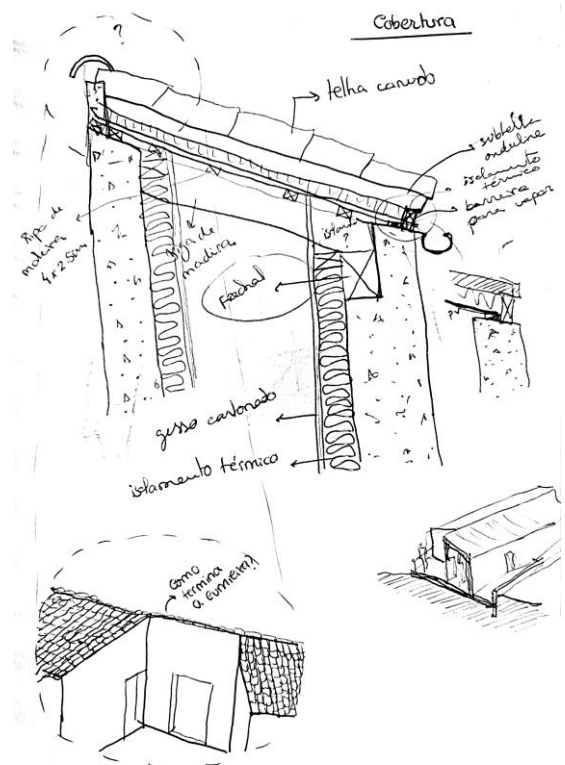


GRANJA

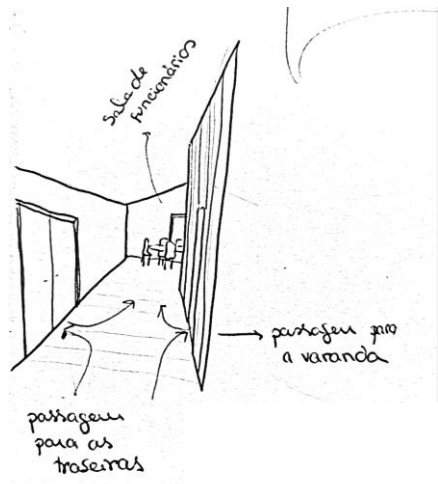
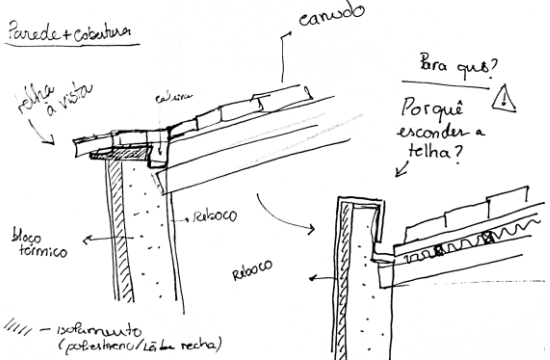
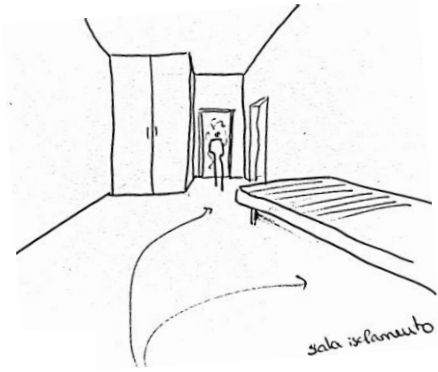




# UNIDADE DE CUIDADOS BÁSICOS



1. telha canudo grampeada sobre ripas
  2. ripas (em PVC?)
  3. subtelha de impermeabilização
  4. ripas (20x40x1mm)
  5. Isolamento térmico (8cm)
  6. Asnas
- paredes ext blocos
  - estrutura int e cobertura- madeira





🕒 Plano de Ação- "Ariques Integra" | Escala 1/2000  
 O Peregrino em Ariques e Granja | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

LEGENDA

- 1. Complexo Multifuncional
- 2. Abrigo Carmelita
- 3. Requalificação da área de apoio à visitação
- 4. Área de apoio automóvel e nova via
- 5. Aldeia Lar
- 6. Requalificação da área envolvente à Capela de Santiago de Ariques

- Rota Carmelita
- Edifício a intervir
- Centro de identidade
- Nova rua



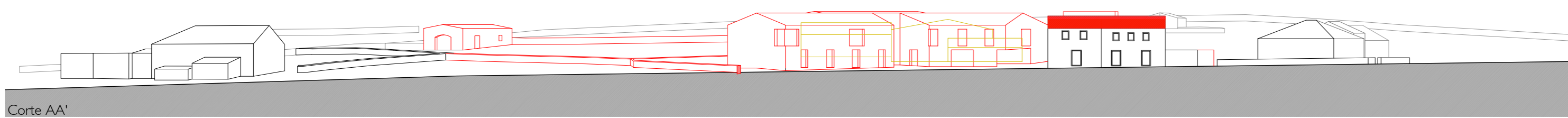
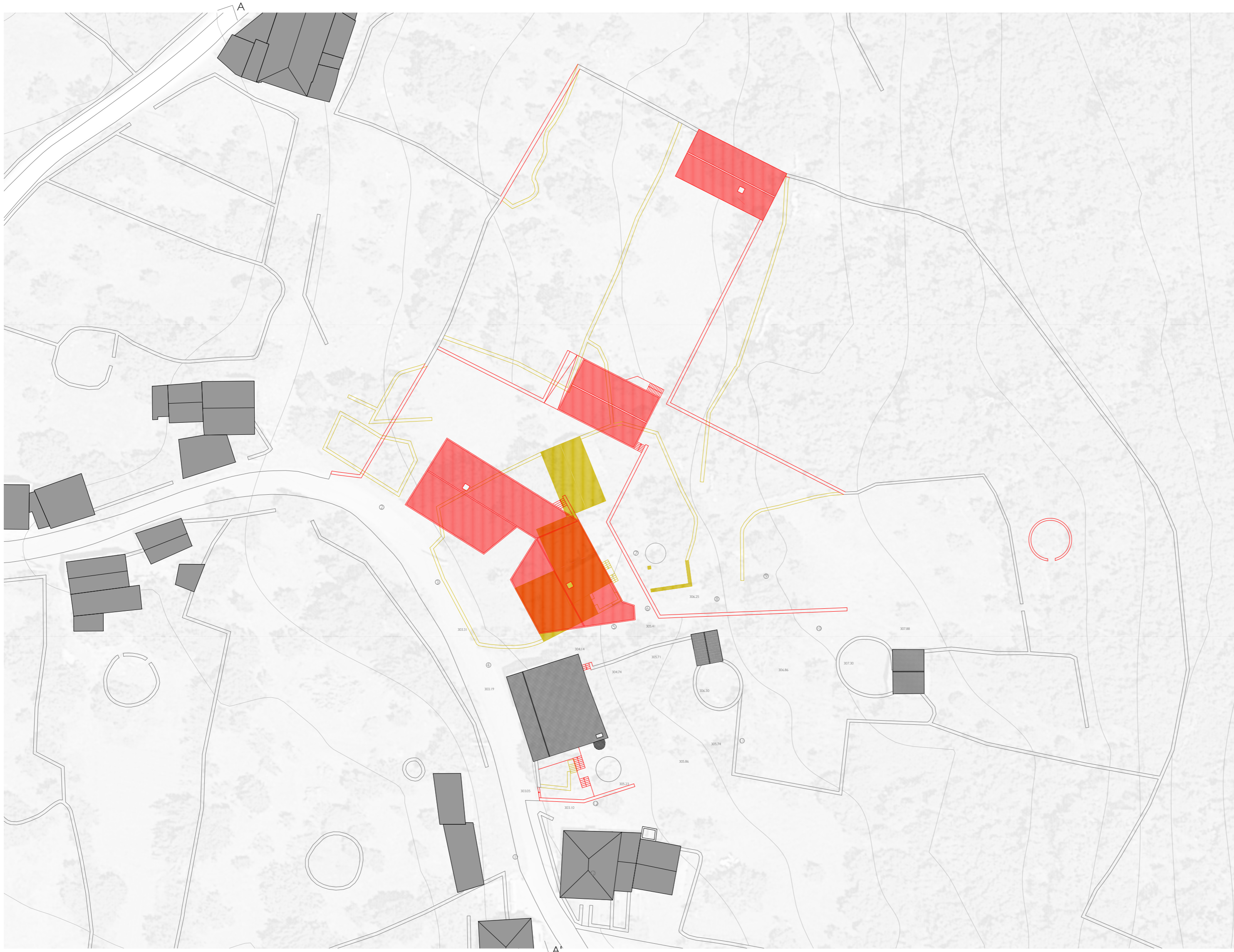
🕒 Planta de proposta - "Ariques Integra" | Escala 1/1000  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- 1. Complexo Multifuncional**
  - Criação de espaços de lazer: piscina exterior, salas de convívio e workshop;
  - Reativação do lagar e fonte comunitária
- 2. Abrigo Carmelita**
  - Criação de um centro de apoio ao peregrino;
  - Reabilitação de um conjunto de ruínas;
- 3. Proposta de uma nova via**

- 4. Aldeia Lar**
  - Criação de um conjunto de equipamentos novos direcionados à população sénior, comunidade e funcionários;
- 5. Área de apoio à visitação**
  - Criação de espaços de lazer e integração da peça escultórica;
- 6. Área envolvente à Capela de Santiago de Ariques**
  - Proposta de um novo espaço de festas

- Área de intervenção
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Edifício existente



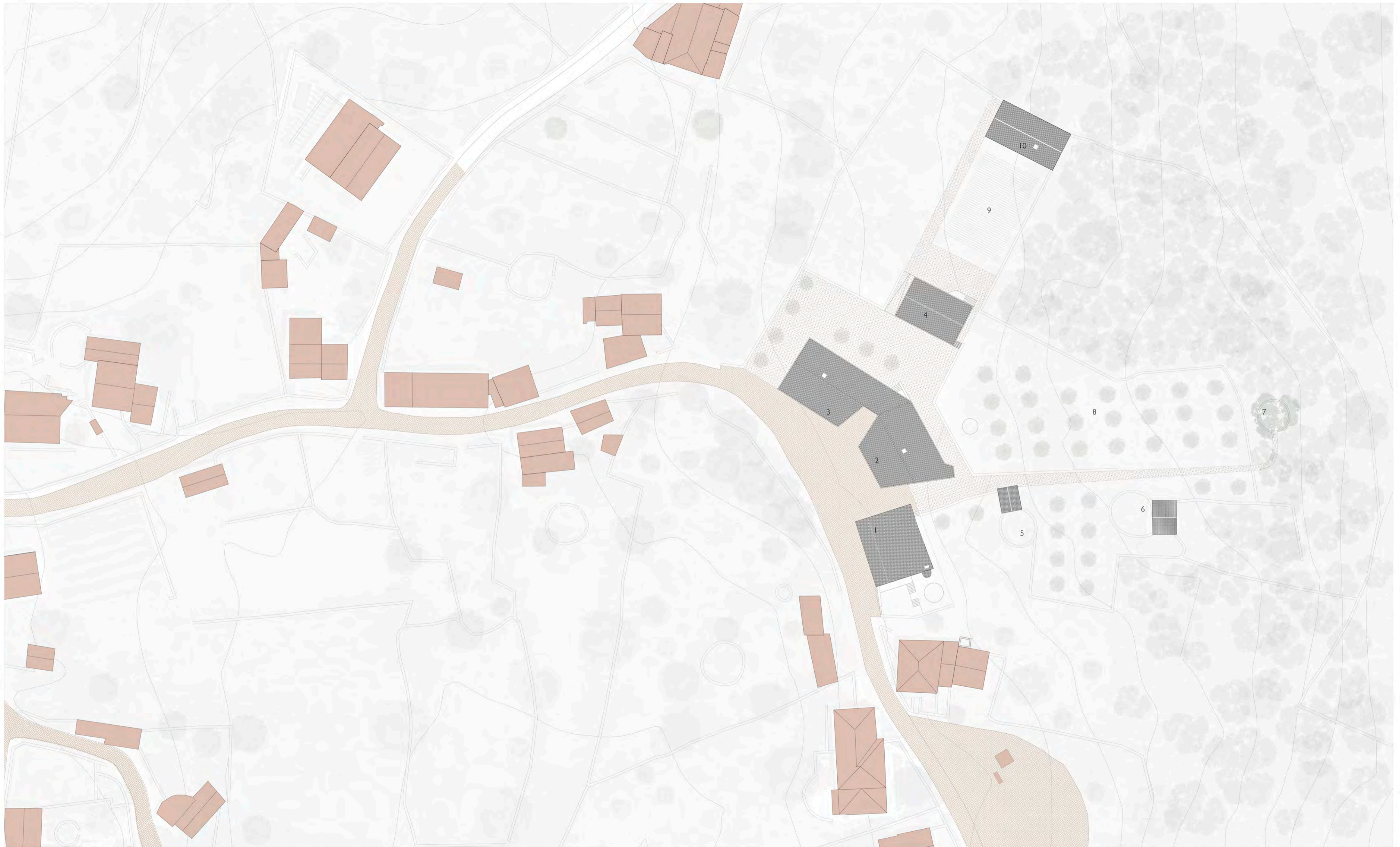
O projeto do Complexo Carmelita, que prevê a construção de um conjunto de edifícios novos e a reabilitação de edifício existente, procura intervir de forma sensível e consciente num local que apresenta uma forte influência de arquitetura tradicional.

O edifício de maiores dimensões, reservado ao alojamento e à clínica, é implantado onde existe, atualmente, uma pequena casa de um piso com muito pouca qualidade arquitetónica e construtiva, cujas características não permitem integrá-la na resposta às necessidades de um albergue para peregrinos com a capacidade do proposto. Opta-se, por isso, pela sua demolição, mas considera-se a sua posição, isto é, o novo edifício é implantado de acordo com os limites da construção. Assim, a posição deste permite a criação de um alargamento da rua, que pode funcionar como espaço de receção e encontro. Além disso, esse espaço é uma "rótula" que articula o novo edifício, a Casa-Mãe e um caminho que termina no Pavilhão do Silêncio, e permite o acesso às Casas de Eira.

⌚ Planta e alçado do impacto da proposta em Ariques | Escala 1:500  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- ⊗ Posição da lente
- ▭ Proposta de demolição
- ▭ Proposta de construção



🕒 Planta de implantação | Escala 1:500  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

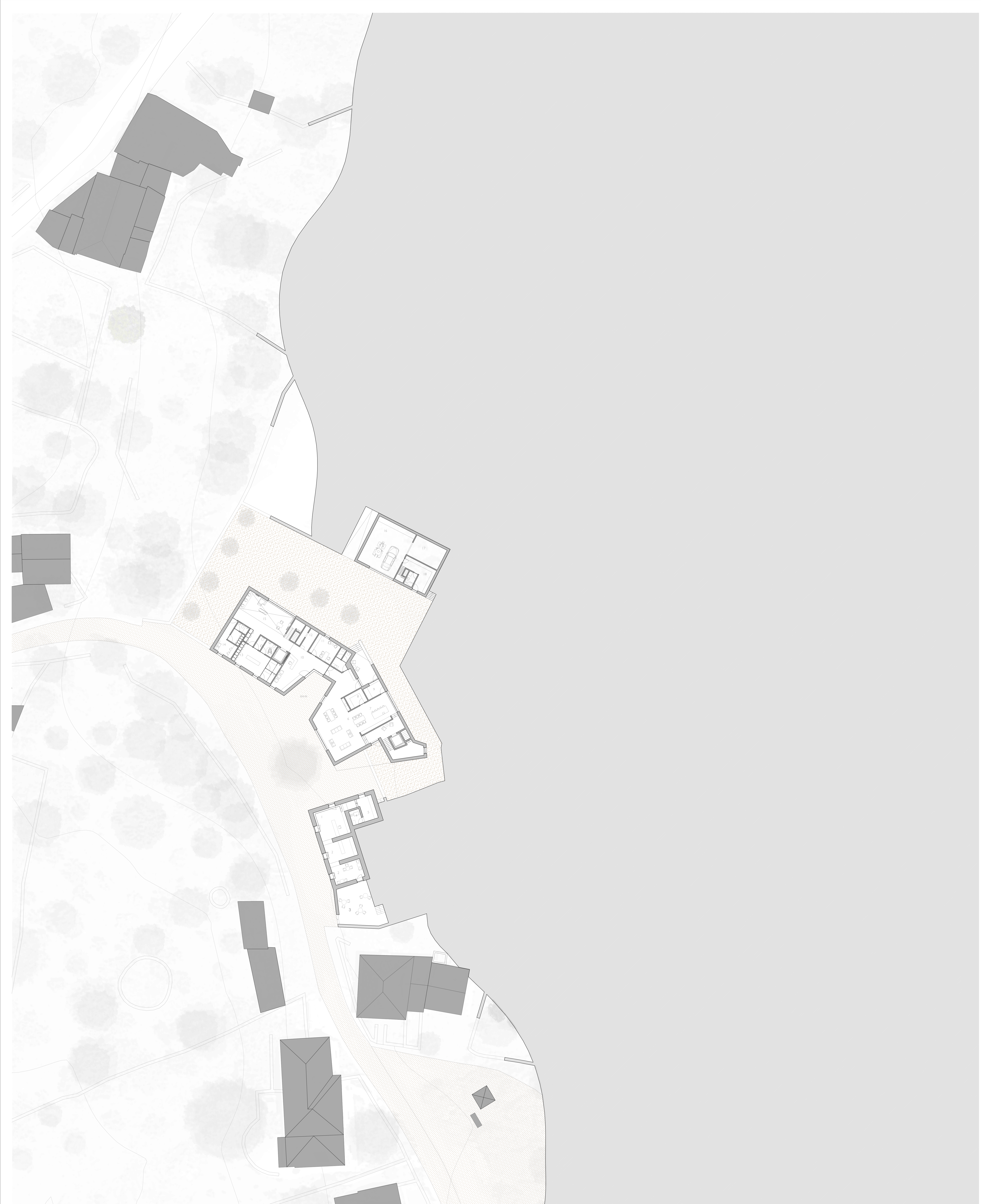
"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

- 1. Casa-Mãe
- 2. Albergue para peregrinos
- 3. Clínica de cuidados básicos e fisioterapia
- 4. Casa do Caseiro

- 5. Casa de eira, quarto individual
- 6. Pavilhão do Silêncio
- 7. Olival
- 8. Horta
- 9. Curral

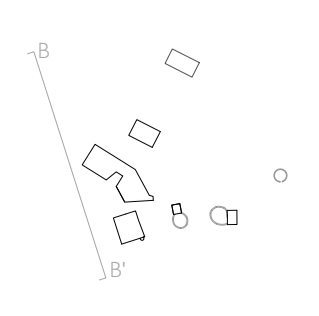
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Saibro



Corte BB'

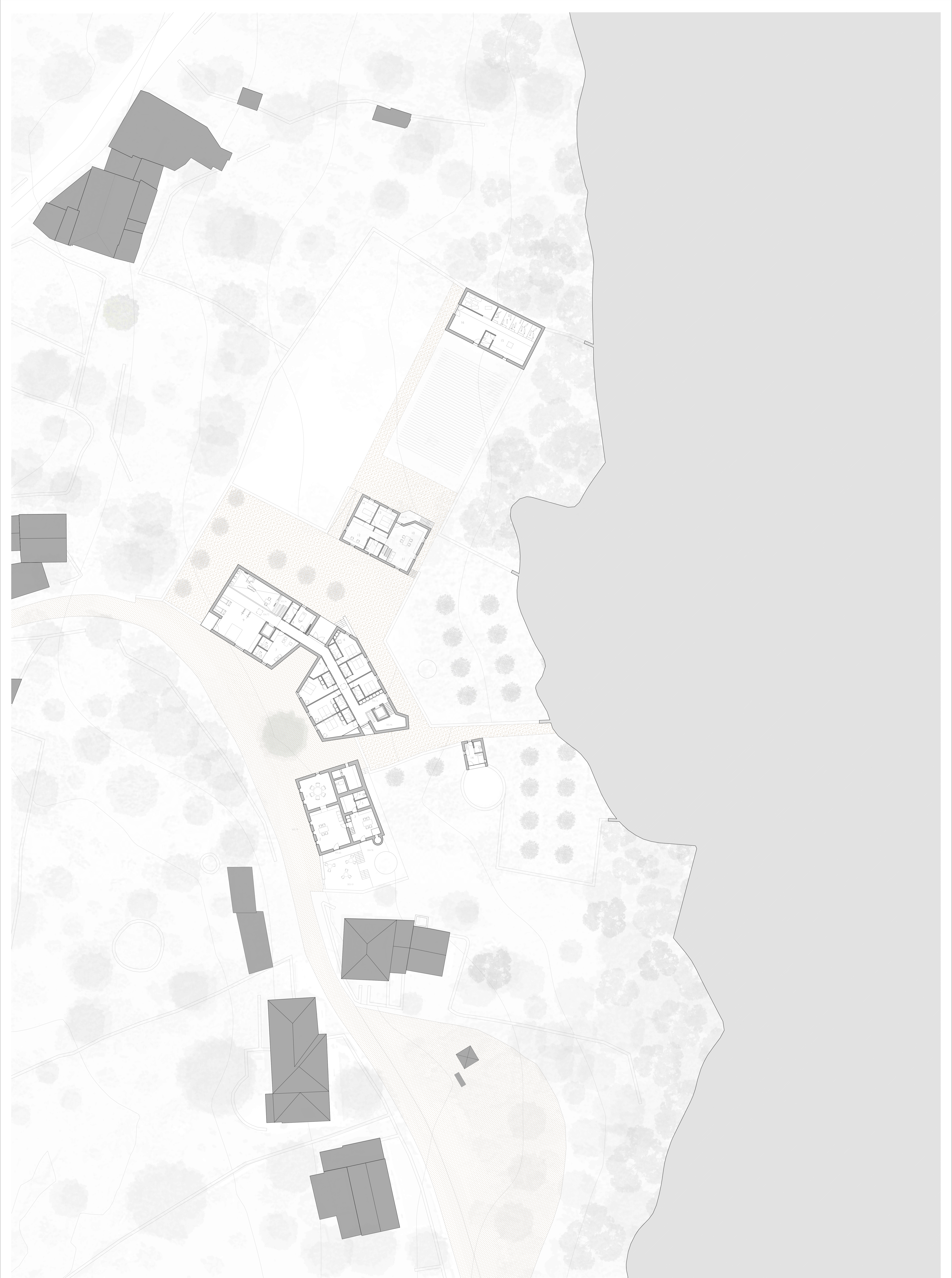
Planta do piso térreo do Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro e Corte BB' | Escala 1/200  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC - Departamento de Arquitetura | 2022/2023



- |                         |                                    |                                 |
|-------------------------|------------------------------------|---------------------------------|
| 1. Recepção             | 7. Cozinha                         | 13. Banheiros                   |
| 2. Cafeteria            | 8. Despensa                        | 14. Sala de funcionários        |
| 3. Esplanada            | 9. Lavandaria                      | 15. Ginásio                     |
| 4. Instalação sanitária | 10. Recepção e sala de espera      | 16. Garagem                     |
| 5. Armazém              | 11. Consultório                    | 17. Armazém de produtos         |
| 6. Sala de estar        | 12. Posto de venda de medicamentos | 18. Área de tratamento de roupa |

- Edifícios envolventes
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Sabro



🕒 Planta do primeiro piso: Abrigo, Casa-Mãe e Casa do Caseiro | Piso térreo: Casa de eira I e Curral | Escala 1/200  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC - Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- |                         |                          |                                  |
|-------------------------|--------------------------|----------------------------------|
| 1. Sala de reuniões     | 7. Sala de eletroterapia | 13. Quarto duplo                 |
| 2. Sala de trabalho     | 8. Sala de massagem      | 14. Quarto individual            |
| 3. Sala de funcionários | 9. Cozinha               | 15. Área livre                   |
| 4. Armários             | 10. Cozinha              | 16. Área de preparação de rações |
| 5. Gabinete             | 11. Sala de estar        |                                  |
| 6. Quarto duplo         | 12. Escritório           |                                  |

- Edifícios envolventes
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Salvo



🕒 Planta da Casa de Eira 2 e do Pavilhão do Silêncio | Escala 1/200  
O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
Joana Rita Pereira Ramos  
Professor Adelino Gonçalves  
FCTUC - Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- 1. Quarto duplo;
- 2. Antecâmara;
- 3. Pavilhão do Silêncio.

- Edifícios envolventes
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Silvo





Corte CC



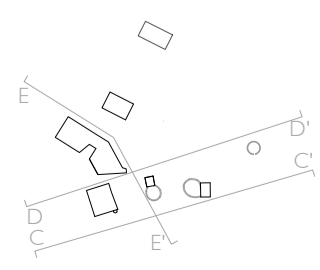
Corte DD



Corte EE

Cortes | Escala 1:200  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

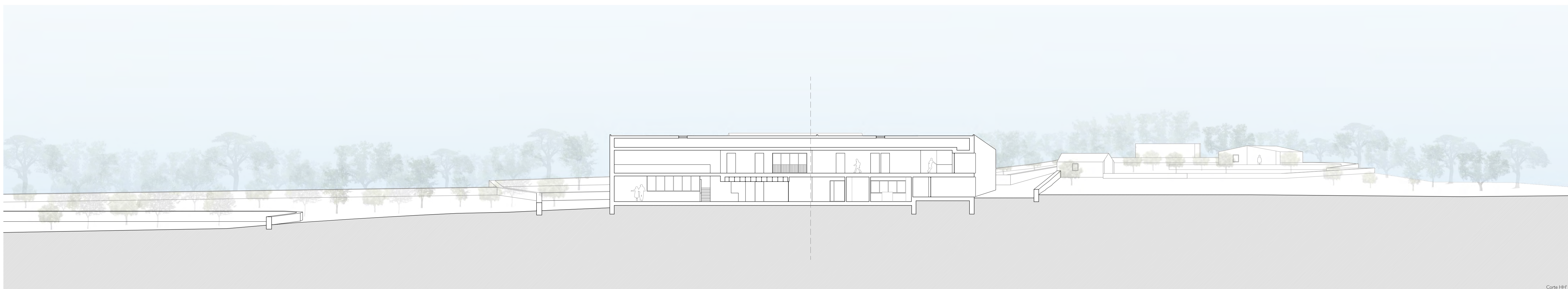




Corte FF



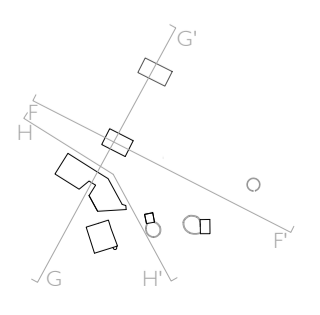
Corte GG

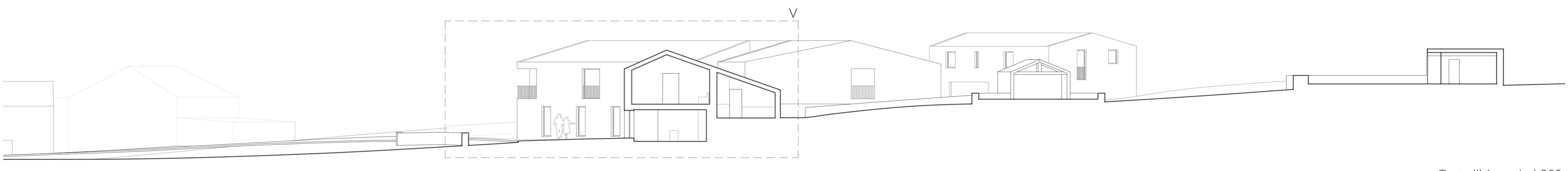


Corte HH

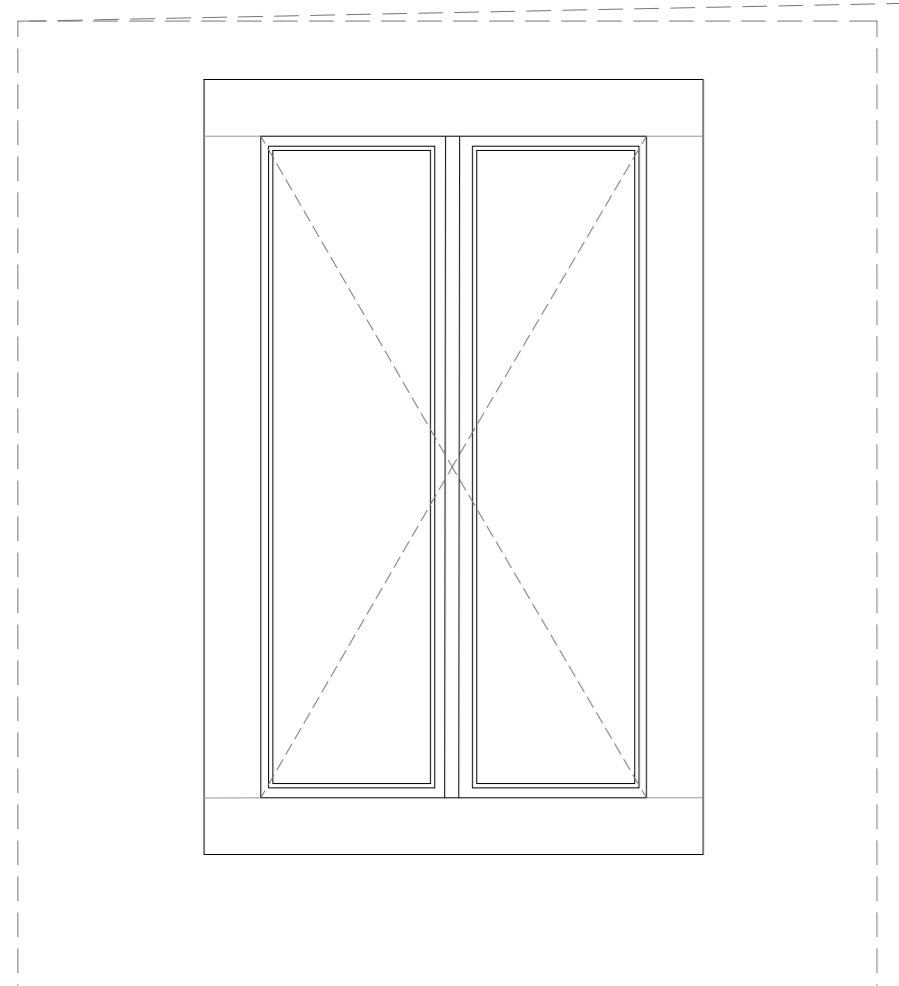
Cortes | Escala 1:200  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

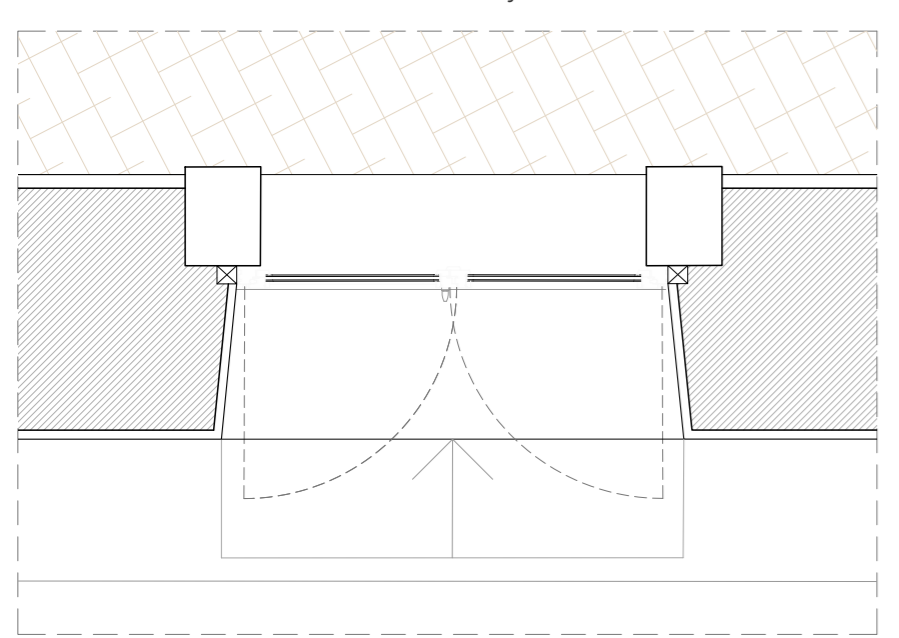




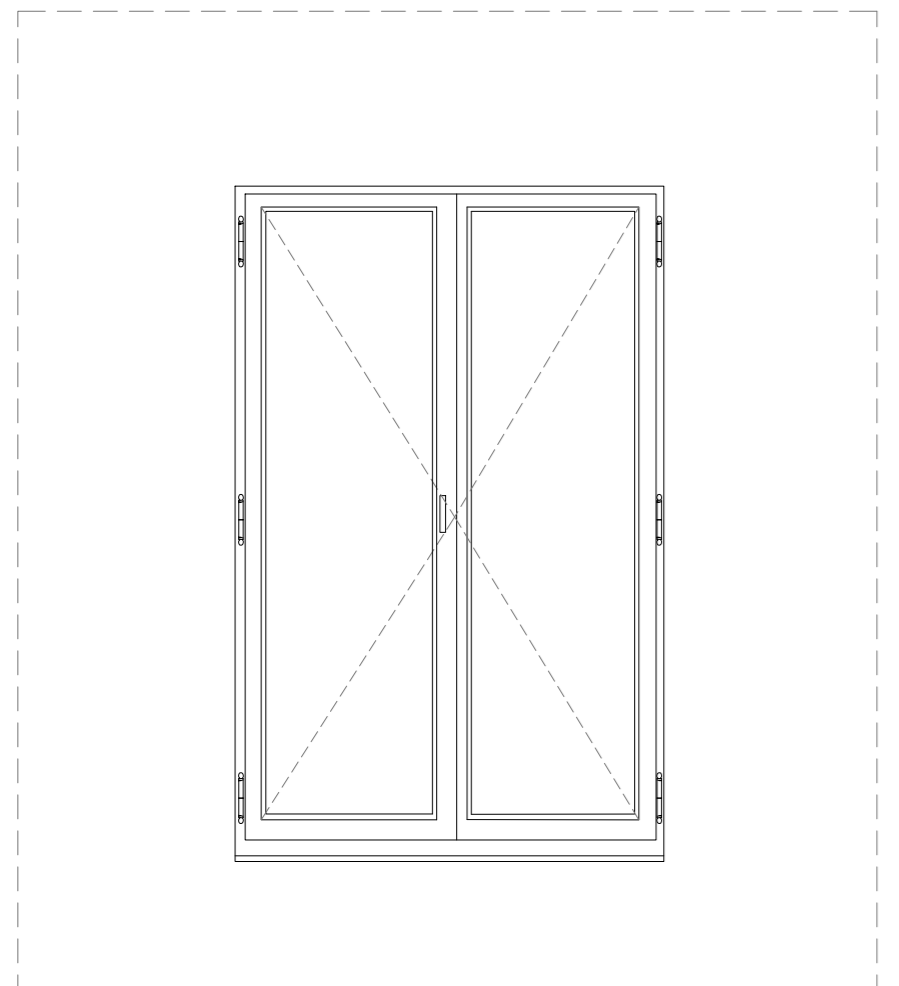
Corte II' à escala 1:200



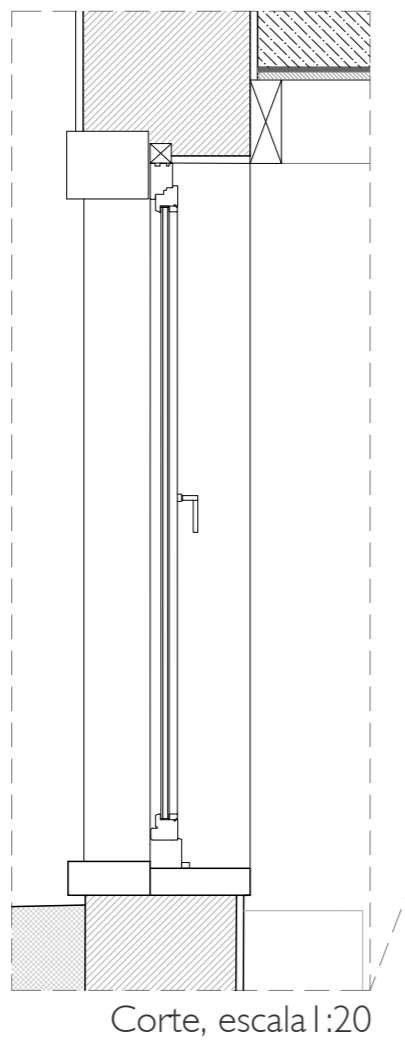
Alçado exterior, escala 1:20



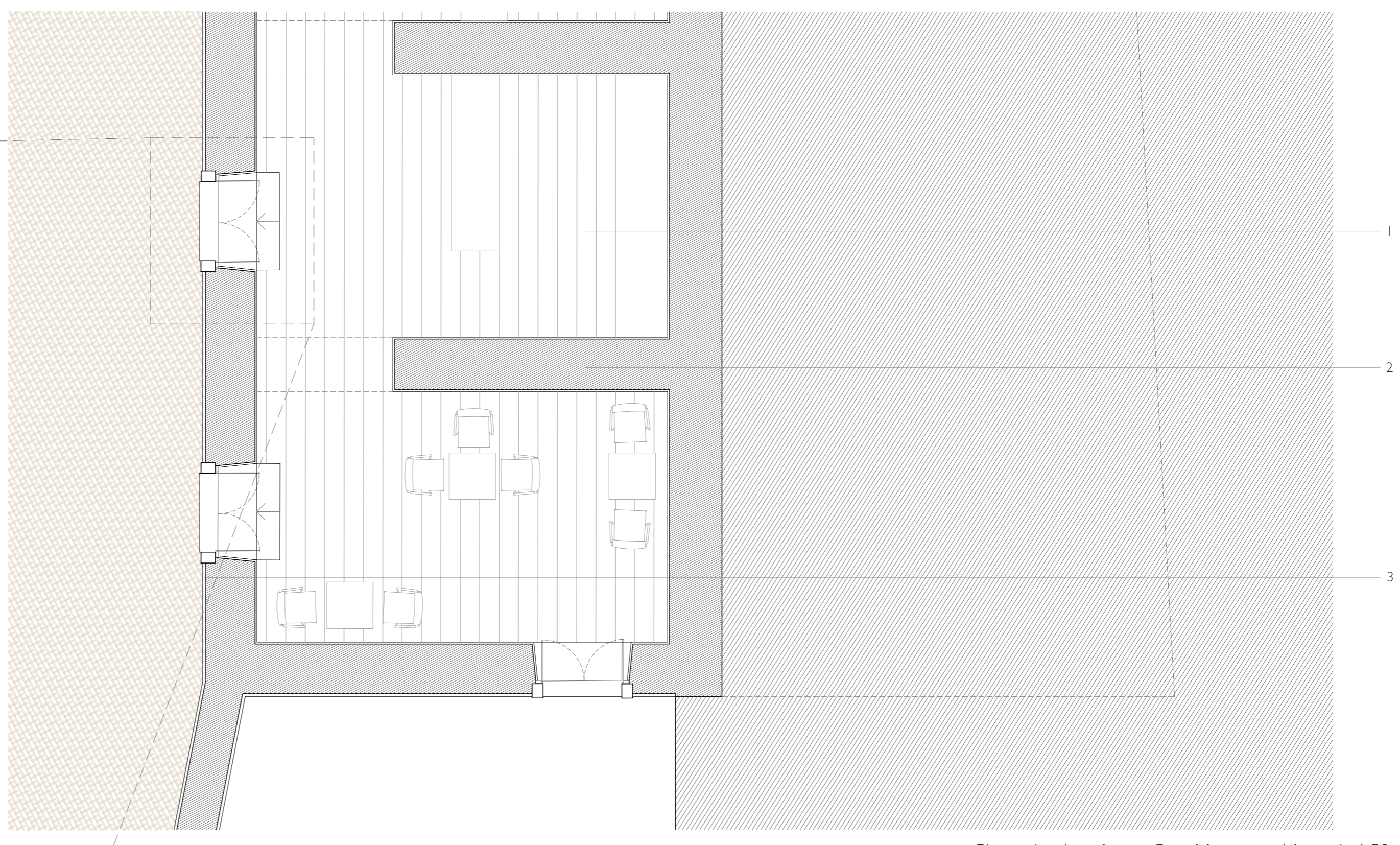
Planta, escala 1:20



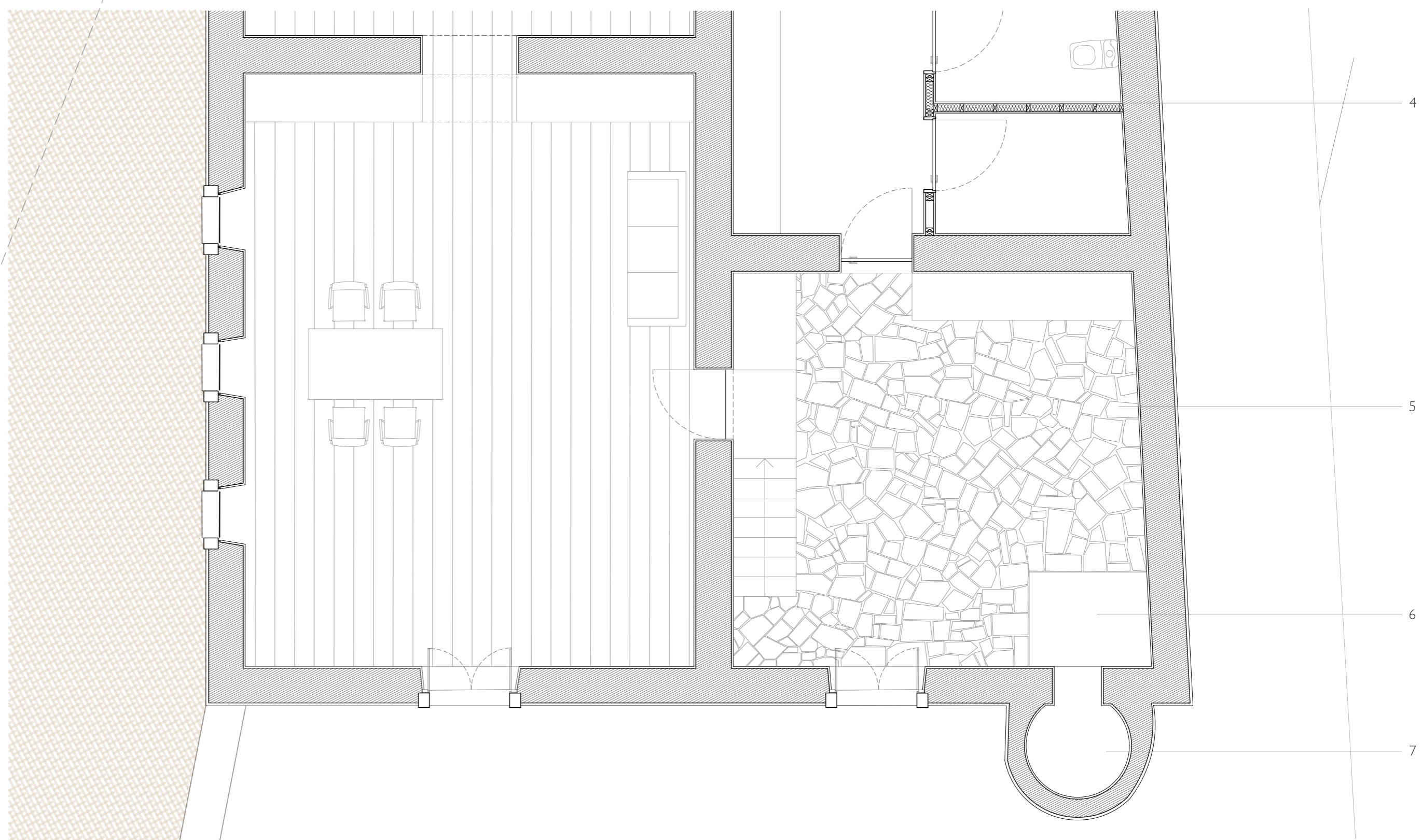
Alçado interior, escala 1:20



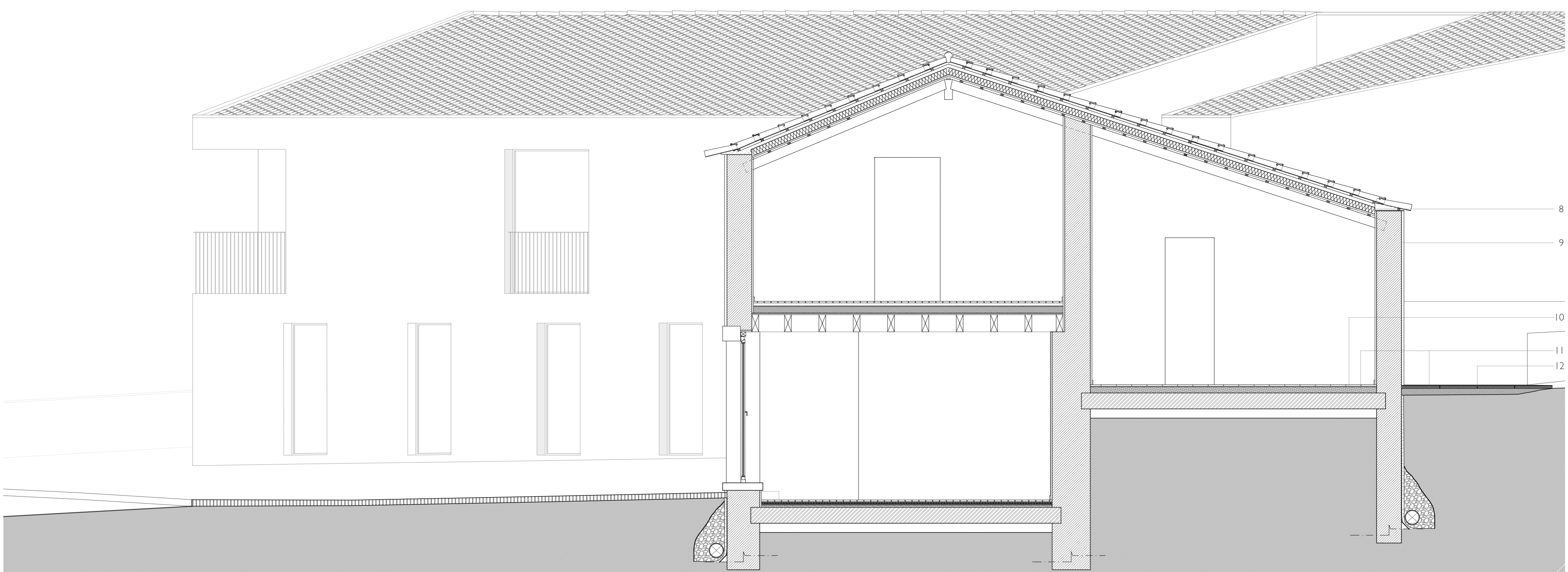
Corte, escala 1:20



Planta do piso térreo- Casa-Mãe, setor I à escala 1:50



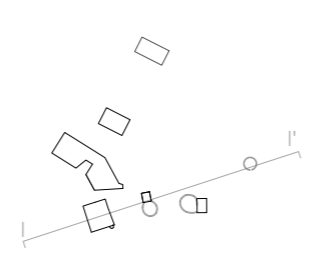
Planta do piso superior- Casa-Mãe, setor I à escala 1:50



Detalhe construtivo: Casa-Mãe, setor V à escala 1:50

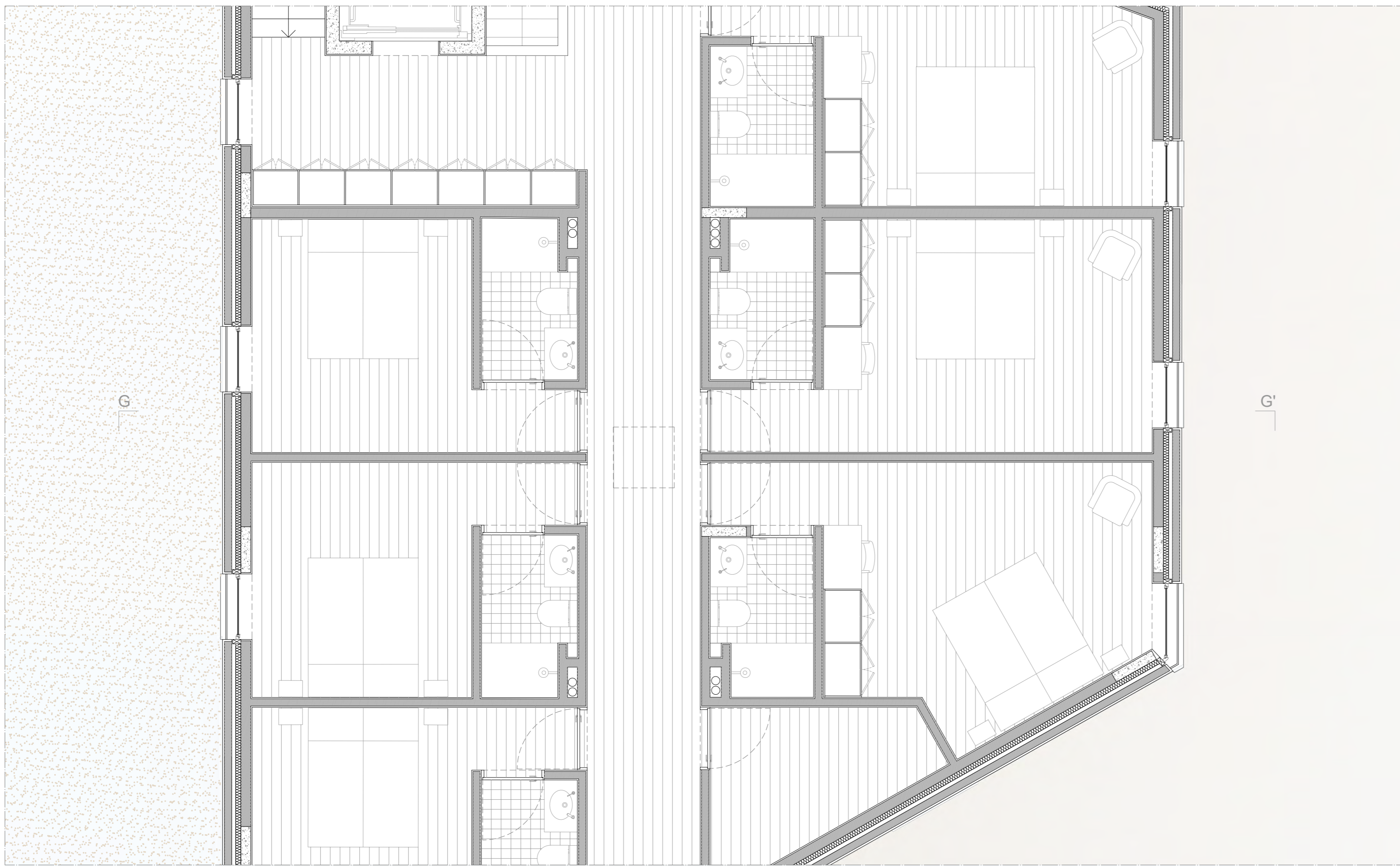
⌚ Detalhes - Casa-Mãe  
 O Peregrino em Ariques e Granja | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

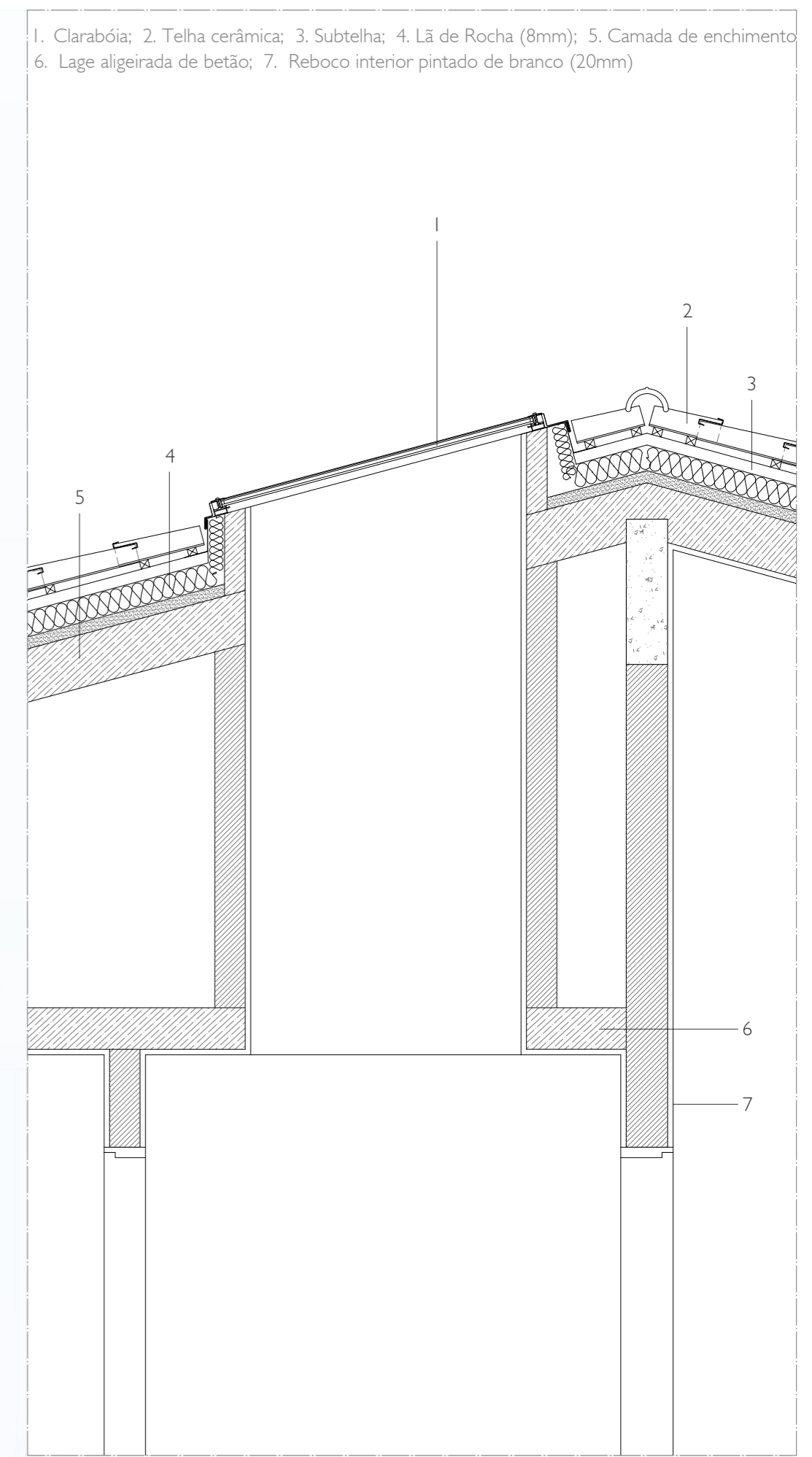


- 1. Soalho de madeira;
- 2. Parede de alvenaria;
- 3. Reboco térmico;
- 4. Gesso cartonado sobre estrutura de madeira;
- 5. Pavimento existente em lajetas irregulares de mármore;
- 6. Borralho;
- 7. Forno;
- 8. Forno de madeira pintado de branco;
- 9. Reboco exterior;
- 10. Camada de regularização;
- 11. Betonilha;
- 12. Lajetas de calcário sobre camada de areia e pó de pedra.

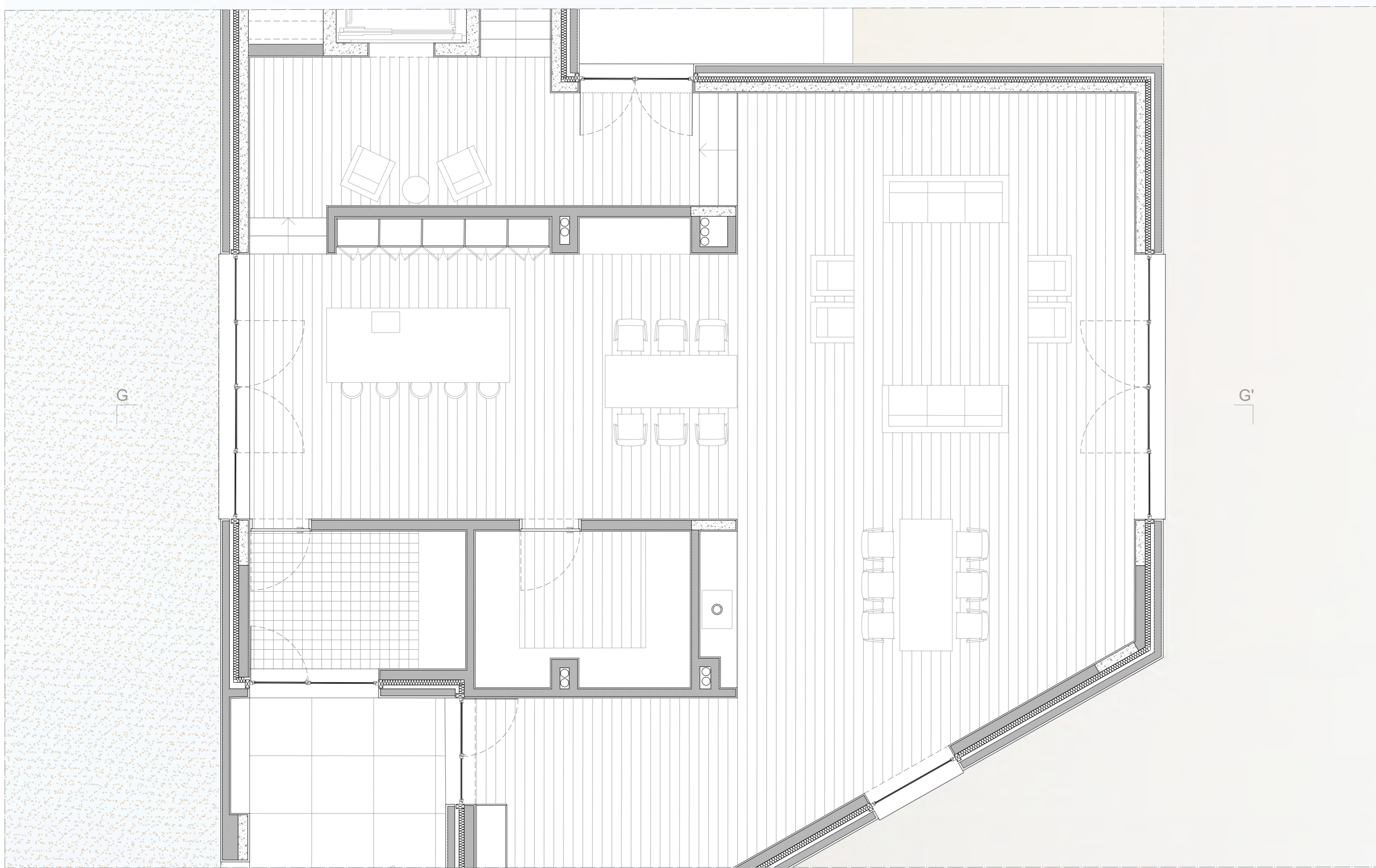
■ Pavimento em calçada de pedra calcária



Planta do piso superior, escala 1:50



Detalhe construtivo IV, escala 1:20

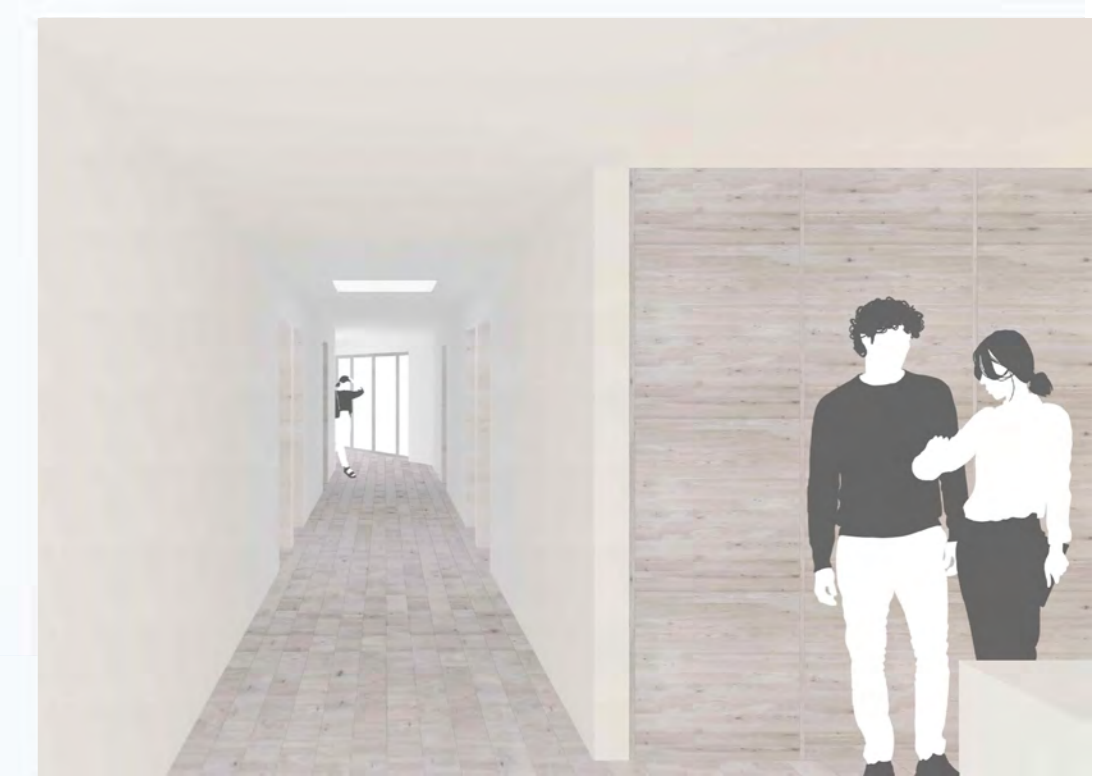


Planta do piso inferior, escala 1:50



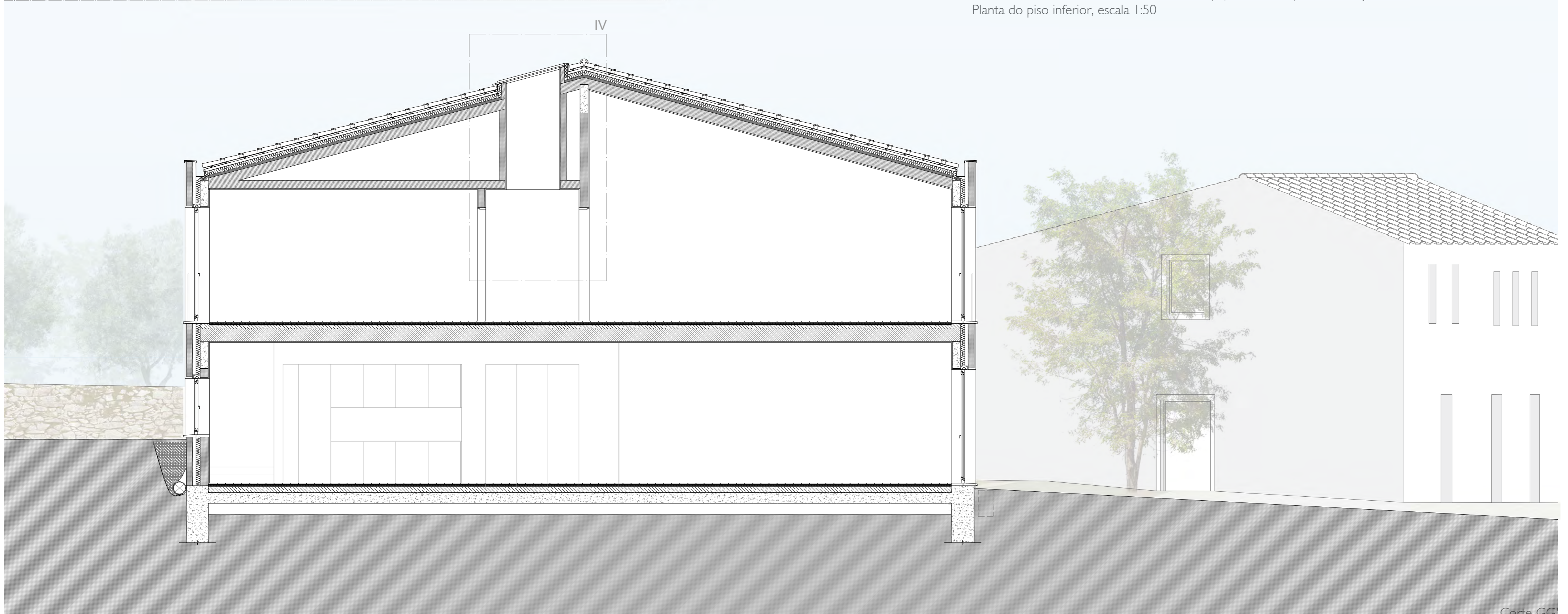
Perspetiva das áreas comuns

O piso térreo é organizado em torno de um dos espaços mais importantes numa casa: a cozinha. Esta é acessível diretamente desde a entrada, espaço a partir do qual também se tem acesso à sala de jantar e convívio, onde existe um espaço de encontro com uma salamandra. Todos estes espaços funcionam em open space, reforçando a possibilidade de convívio e o protagonismo que se pretende dar à cozinha.

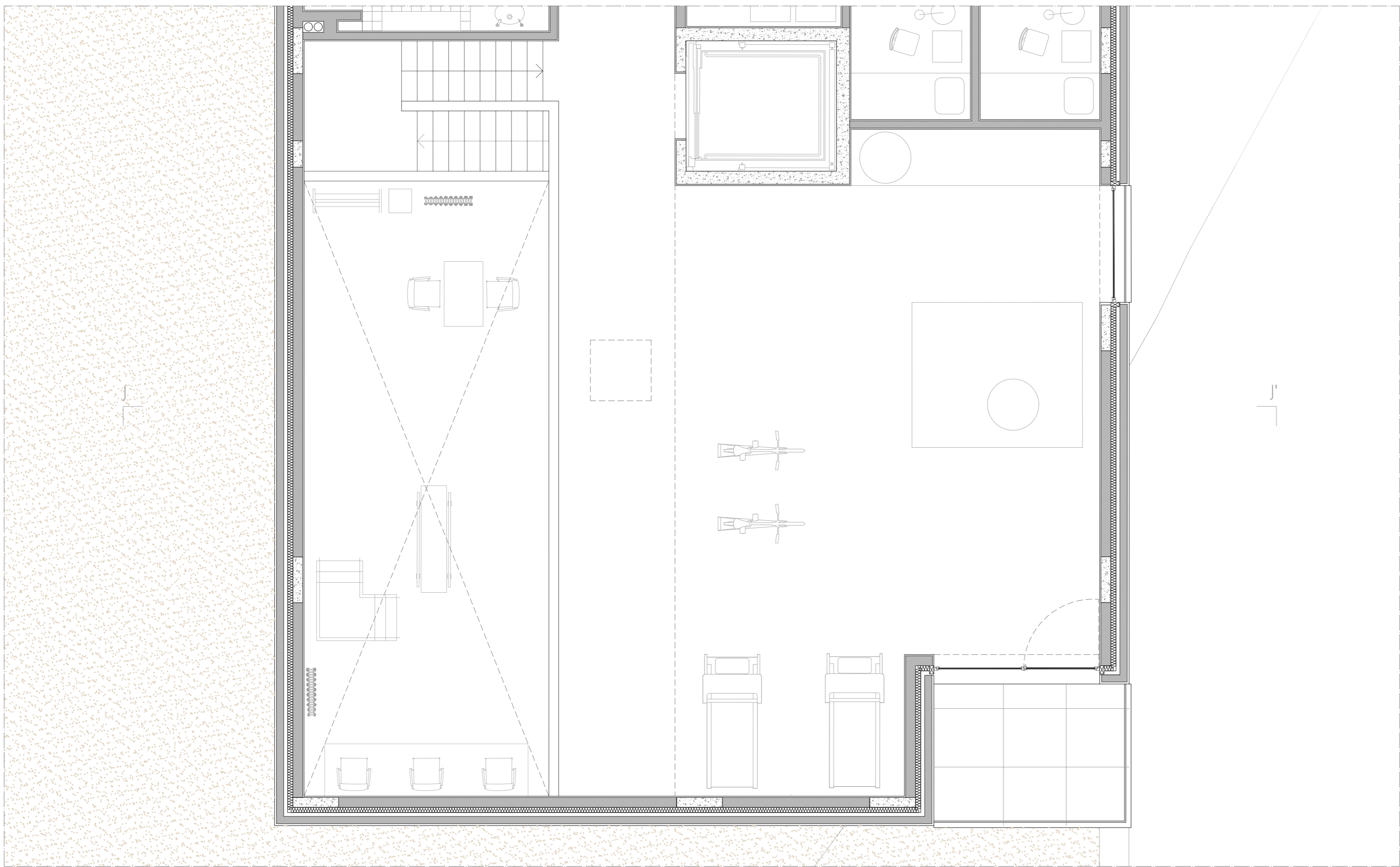


Perspetiva do corredor de acesso aos quartos

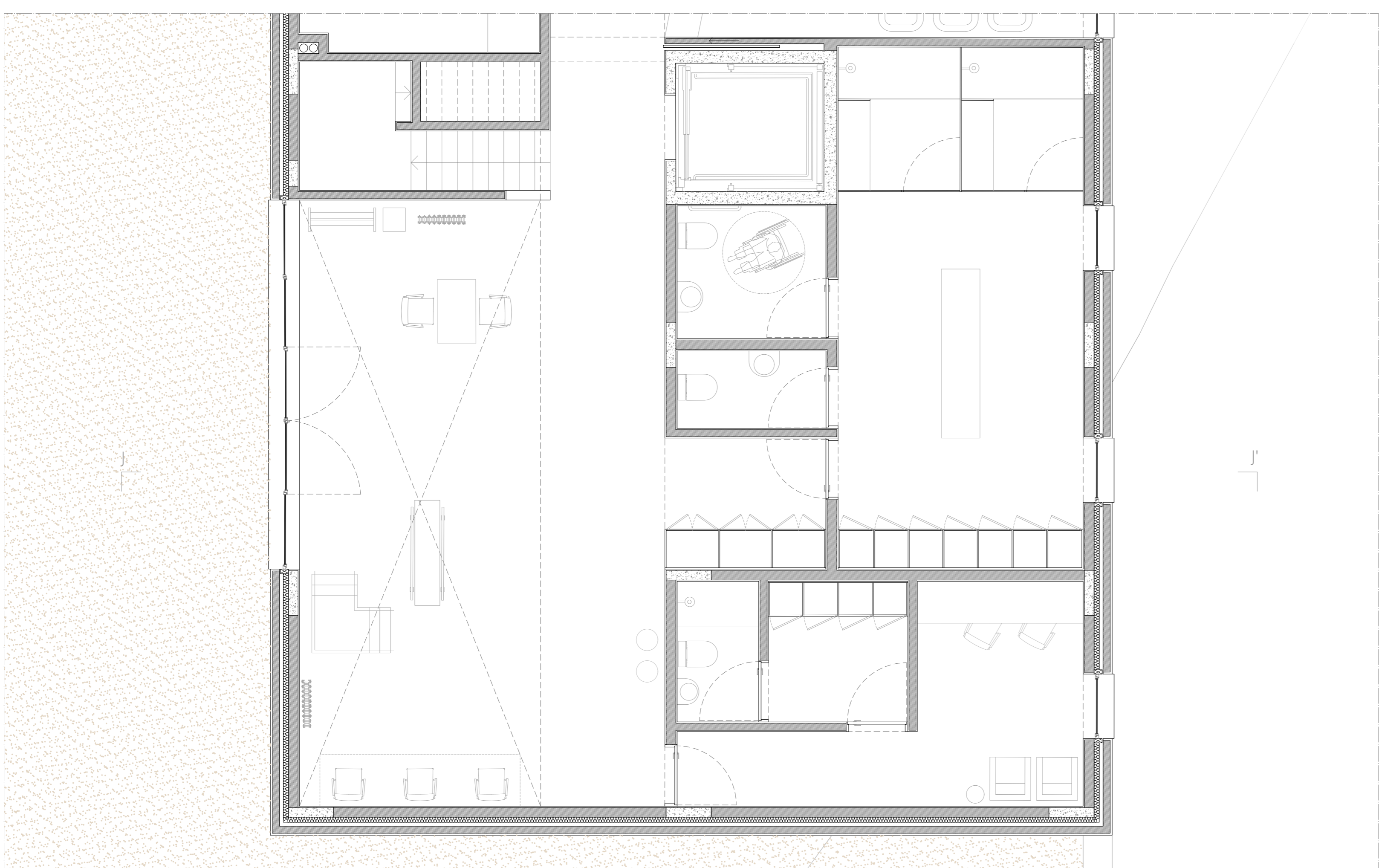
No piso superior, cujo acesso é possível desde a entrada através de uma escada ou um ascensor, o programa procura responder às exigências de um público-alvo que não deixa de ser heterogéneo. Ao longo de um corredor interior iluminado em três pontos, um em cada extremo e outro ao centro por uma claraboia, são propostos seis quartos duplos. Associados a estes estão ainda previstos espaços técnicos, de arrumos de materiais de uso diário e ainda um espaço de arrumos para outros objetos.



Corte GG

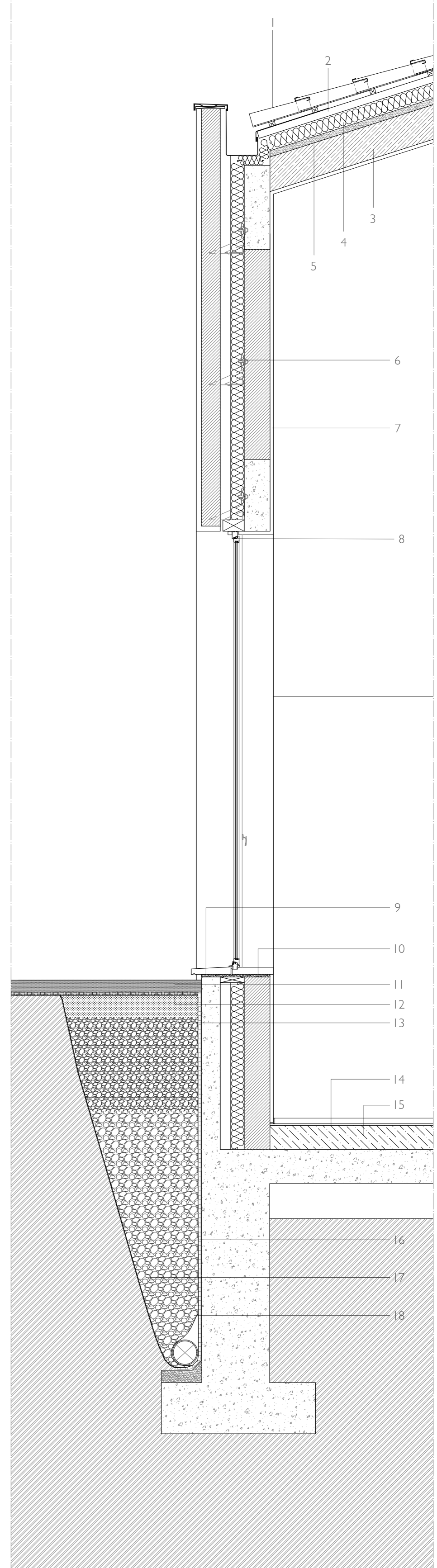


Planta do piso superior, escala 1:50

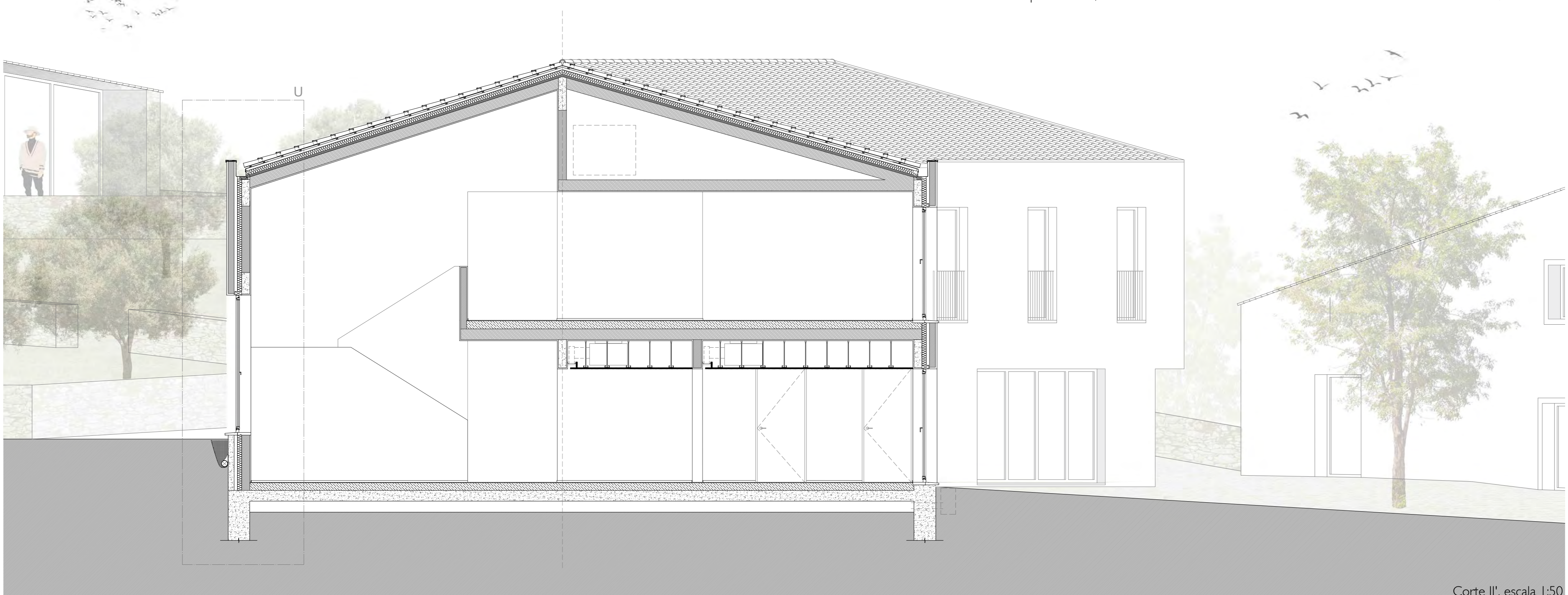


Planta do piso inferior, escala 1:50

- 1. Telha cerâmica; 2. Subtelha; 3. Laje aligerada de betão; 4. Lã de Rocha (8mm);
- 5. Camada de enchimento; 6. Suporte metálico de fixação de parede exterior auxiliado por grampos metálicos;
- 7. Reboco interior pintado de branco (20mm); 8. Caixilho de madeira pintado de branco; 9. Peitoril de pedra calcária; 10. Peitoril de madeira pintado a branco; 11. Saibro (70mm); 12. Pó de pedra (20mm); 13. Tout venant; 14. Vínlico; 15. Betonilha; 16. Tela pitonada; 17. Manta geotéxtil; 18. Tubo de drenagem.



Detalhe construtivo U, escala 1:20

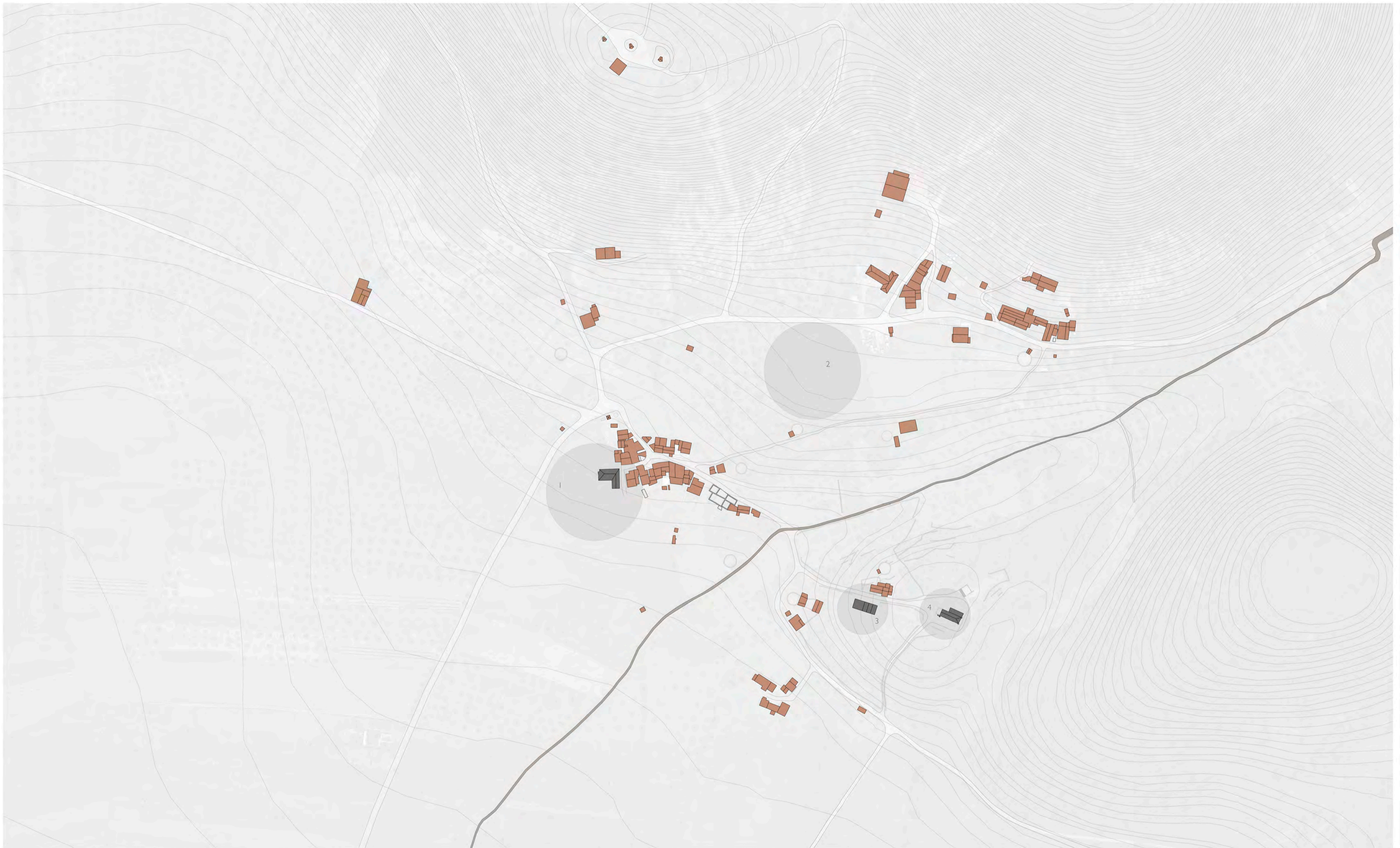


Corte J-J', escala 1:50

⌚ Detalhes construtivos - Clínica de Cuidados Básicos e Fisioterapia  
 O Peregrino em Ariques e Granja | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Saibro



🕒 Planta de síntese da estratégia- "GranjaCohousing & Coworking" | Escala 1:2000  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

1. Centro de Coworking
2. Cooperativa de habitação
3. Clínica de Cuidados Básicos
4. Reabilitação do espaço envolvente à Capela e proposta de alpendre para a mesma

- Rota Carmelita
- Edificado a intervir



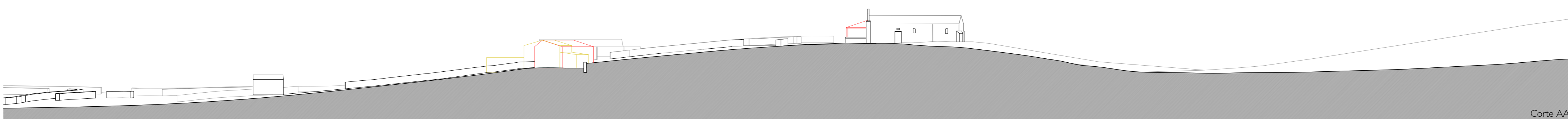
🕒 Planta de implantação Granja | Escala 1:500  
O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
Joana Rita Pereira Ramos  
Professor Adelino Gonçalves  
FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

1. Clínica de Cuidados Básicos
2. Proposta para o alpendre da Capela de Nossa Senhora da Orada
3. Edifício de apoio ao espaço de festas e lazer

- Rota Carmelita
- Pavimento em calçada de pedra calcária
- Saibro

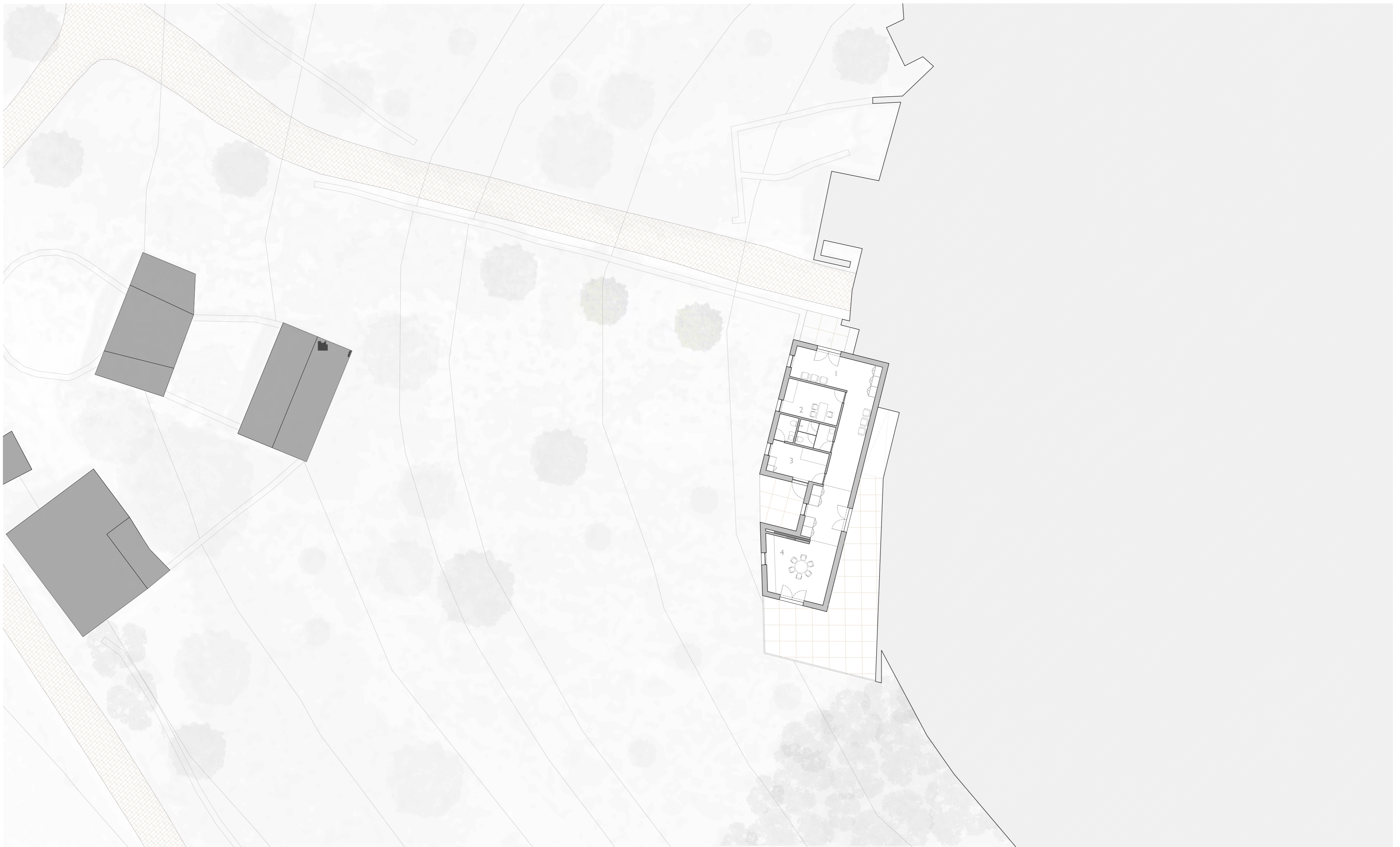


⌚ Planta e alçado do impacto da proposta em Granja | Escala 1:500  
 O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

- ⊗ Posição da lente
- Proposta de demolição
- Proposta de construção





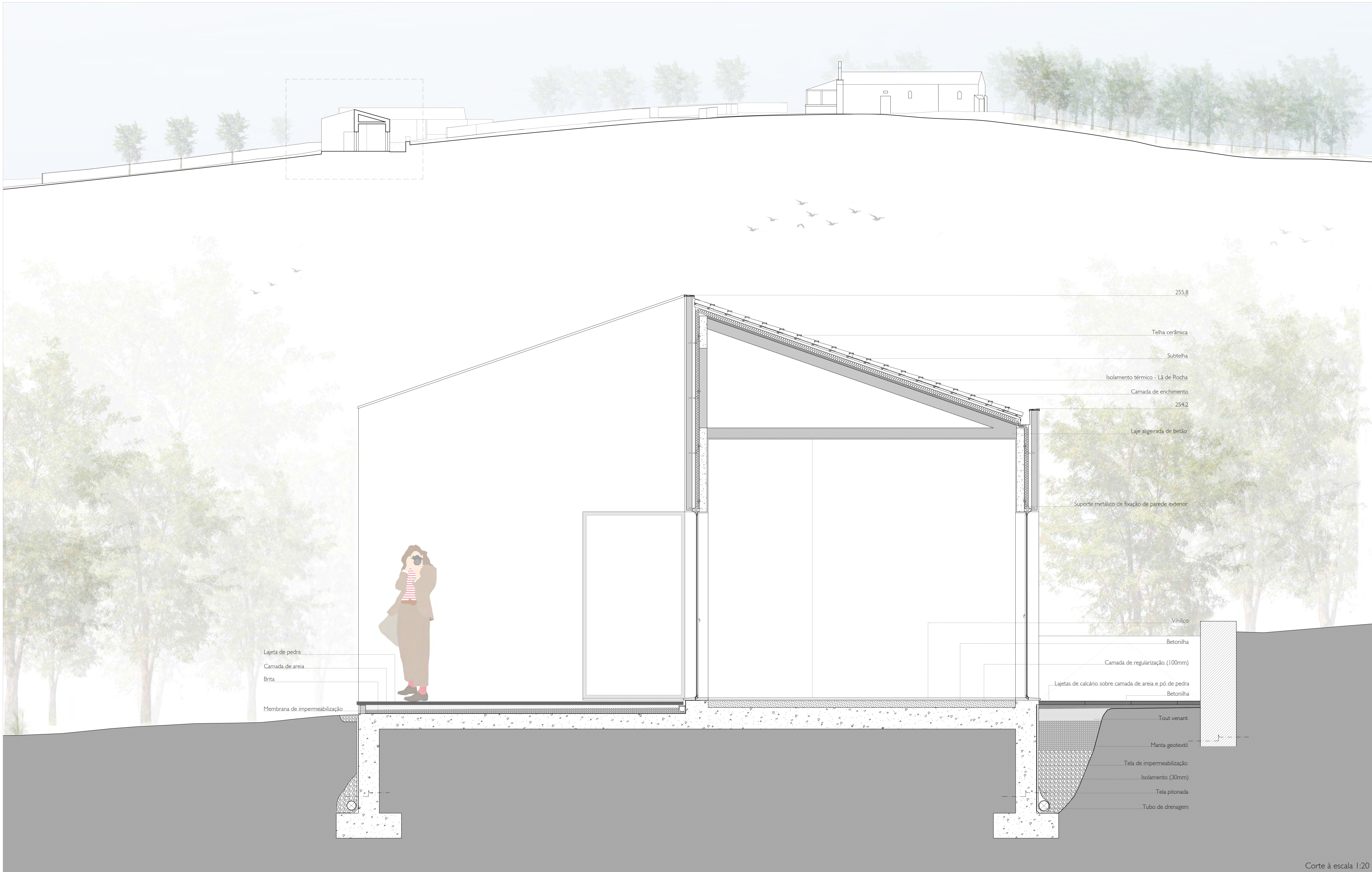
🕒 Planta da Unidade de Cuidados Básicos em Granja | Escala 1:200  
O Peregrino em Sicó | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
Joana Rita Pereira Ramos  
Professor Adelino Gonçalves  
FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023

INTERVENÇÃO NO EDIFICADO

1. Área de receção
2. Consultório
3. Sala de repouso ou de isolamento
4. Sala de funcionários

- 🧱 Pavimento em calçada de pedra calcária
- 🧱 Lagetas de pedra calcária



Corte à escala 1:20

🕒 Detalhe construtivo Unidade de Cuidados Básicos | Escala 1:20  
 O Peregrino em Ariques e Granja | Apoios na Rota Carmelita

"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023



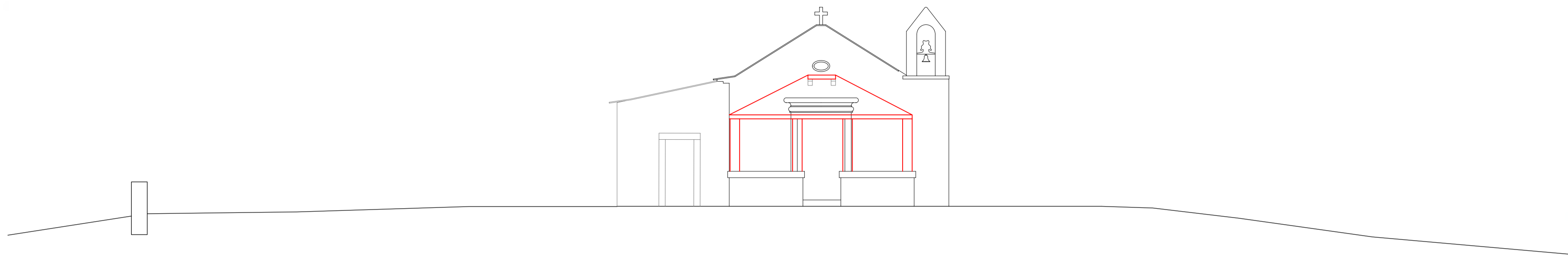
Imagens atuais da Capela de Nossa Senhora da Orada

A Capela da Nossa Senhora da Orada é um edifício setecentista que prima pela simplicidade.

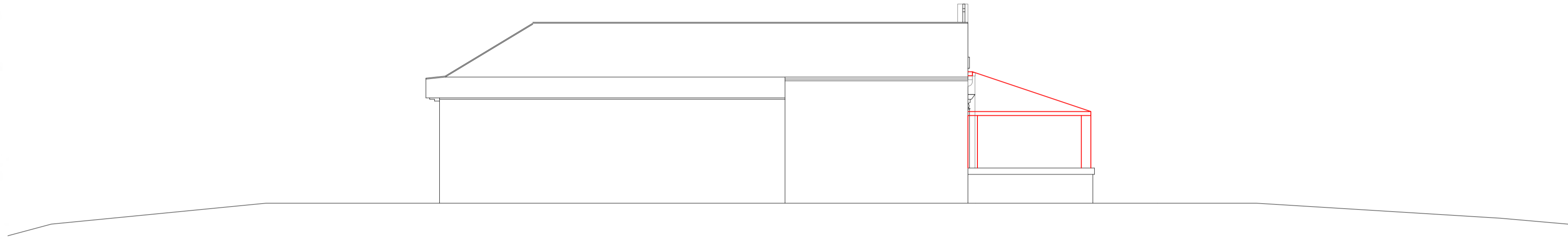
Na maioria dos casos, as capelas nos caminhos de peregrinação ofereciam uma área coberta que servia de abrigo e permitia o descanso dos viajantes que pretendessem parar e orar. Os alpendres, estruturas cobertas na entrada principal das capelas suportadas por colunas ou pilares, normalmente de 3 águas, são um quadro bastante comum nestas capelas. Uma cobertura inclinada acabada com telha, que protege de adversidades climáticas, ventos e chuvas, proporcionam ambientes mais seguros e confortáveis para o peregrino.

🕒 Proposta de alpendre para a Capela da Nossa Senhora da Orada | Escala 1:100  
 O Peregrino em Ariques e Granja | Apoios na Rota Carmelita

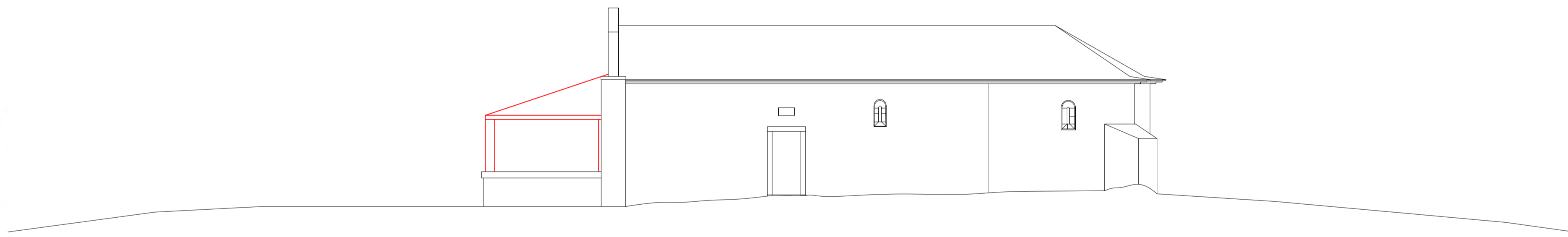
"De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?"  
 Joana Rita Pereira Ramos  
 Professor Adelino Gonçalves  
 FCTUC- Departamento de Arquitetura | 2022/2023



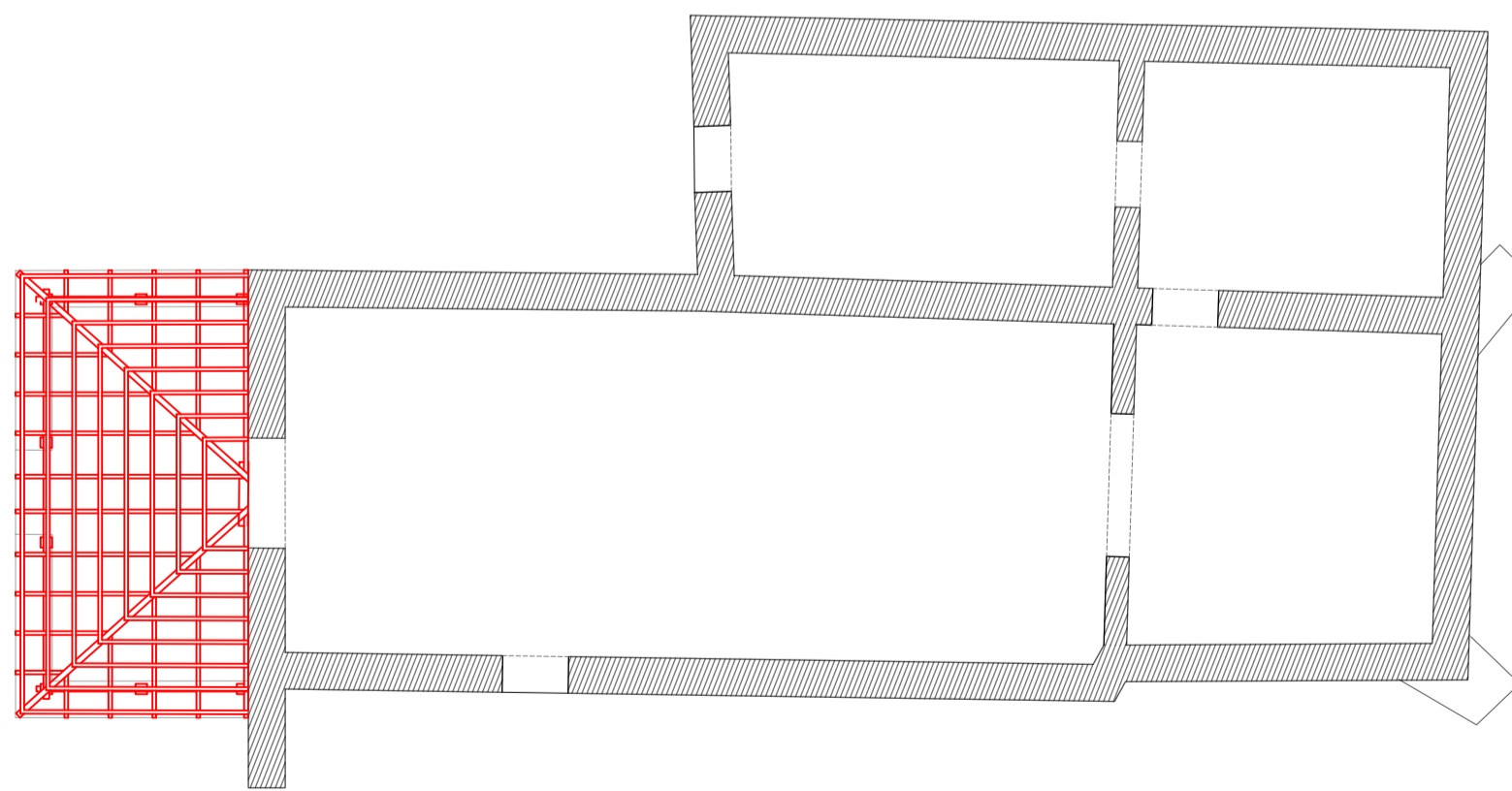
Alçado Poente



Alçado Sudeste



Alçado Sudoeste



Maquete do alpendre proposto para a Capela de Nossa Senhora da Orada

A intervenção proposta, essencialmente, na reabilitação do alpendre da Capela da Nossa Senhora da Orada, seguindo a preocupação de valorização do património arquitetónico religioso de Sicó. Assim, a proposta não pretende indicar que este alpendre terá sido exatamente como se propõe, mas como se acredita que tenha sido, tendo em conta alguns vestígios como os dois cachorros que existem acima da padieira da entrada principal, os muros e o piso lajeado.

Por todos estes vestígios e com a intenção de servir o peregrino, a proposta pretende ser adequada na relação com o existente, permitindo dar continuidade ao significado deste elemento arquitetónico.

Planta